



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DAYANNE DA SILVA SANTOS

NÃO SE PODE ENTRAR EM TERRA DE ENCANTADO SEM PERMISSÃO: um estudo sobre a relação entre pessoas e encantados na luta pelo território quilombola Santa Rosa dos Pretos (Itapecuru-Mirim/MA)

São Luís – MA

2019

DAYANNE DA SILVA SANTOS

NÃO SE PODE ENTRAR EM TERRA DE ENCANTADO SEM PERMISSÃO:
um estudo sobre a relação entre pessoas e encantados na luta pelo território quilombola
Santa Rosa dos Pretos (Itapecuru-Mirim/MA)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Horácio Antunes de Sant'Ana Júnior (UFMA)

Co-orientador: José Carlos Gomes dos Anjos (UFRGS)

São Luís – MA

2019

DAYANNE DA SILVA SANTOS

NÃO SE PODE ENTRAR EM TERRA DE ENCANTADO SEM PERMISSÃO:
um estudo sobre a relação entre pessoas e encantados na luta pelo território quilombola
Santa Rosa dos Pretos (Itapecuru-Mirim/MA)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Horácio Antunes de Sant'Ana Júnior
Doutor em Ciências Humanas (Sociologia)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
(orientador)

Profa. Cíndia Brustolin
Doutora em Sociologia
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
(1ª Avaliadora)

Prof. José Carlos Gomes dos Anjos
Doutor em Antropologia
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
(2º Avaliador e Coorientador)

*Aos encantados, os verdadeiros donos do território.
E aos moradores de Santa Rosa dos Pretos, por me contarem suas histórias,
suas lutas e suas dificuldades. Obrigada por todo carinho e hospitalidade.*

Em especial aos velhos...

Severina Pires Belfort

Em Santa Rosa dos Pretos, temos, Severina mãe de santo e Severina caixeira mais velha.

Severina Pires Belfort, a caixeira, uma negra quilombola hoje com 104 anos de idade ainda tem muita coisa para contar sobre seu quilombo. Durante sua “juventude”, teve várias missões, a começar pela de caixeira do Divino Espírito Santo aos 10 anos de idade, depois foi quebradeira de coco babaçu e trabalhadora rural. No quilombo, ela também ajudou no nascimento de muitas crianças como parteira. É devota de São Benedito (santo preto) e é rezadeira (pessoa que por meio de rezas, plantas medicinais, água, luz cuida de pessoas que sofrem de algum mal, como: sol na cabeça, quebrante, mal olhado, dor no corpo etc.)

Segundo Jacqueline¹, Severina caixeira (Vó Severina), como é conhecida no quilombo,

Nasceu no dia oito de julho de mil novecentos e quatorze (08/07/1914), no quilombo Santa Rosa dos Pretos, Itapecuru- Mirim- MA, filha de Vicência Pires e Júlio Belfort. No seu documento consta somente o nome da mãe. A mesma, foi Casada com José Pires Apelido (Zé Grande), hoje viúva. Adotou quatro filhos: Vicente Pires Belfort; Manoel Pires Belfort; José Domingos Pires Belfort; e Hellen Jacqueline Pires Belfort Pereira; nos dias atuais tem quinze (15) netos, vinte e três (23) bisneto.

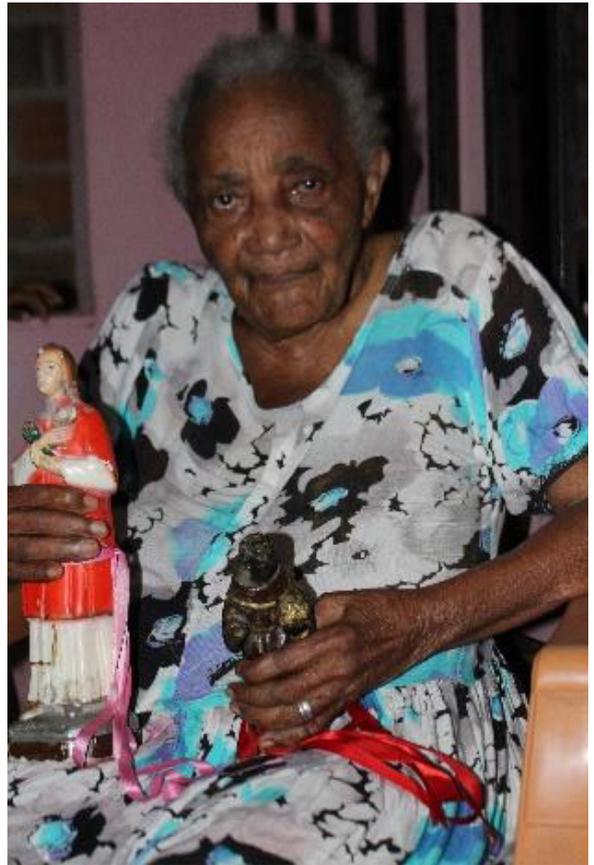


Foto: Severina Caixeira Velha (agosto de 2018)

Fonte: Dayanne Santos

¹ PEREIRA (2017) biografia de Vó Severina.

Libânio Pires



Foto: Seu Libânio Pires

Fonte: Dayanne Santos (janeiro de 2019)

Nascido em 1933 seu Libânio tem 85 anos de idade hoje, é filho de Venância Pires e Clodomiro Pires. Ele teve doze irmãos que são: Teodoro Pires, José Pires, Anastácio Pires, Domingos Pires, Camilo Pires, Maurina do Espírito Santo Pires, Maria da Conceição Pires, João

Pires, Edite Pires (Niaju), Jacinto Pires, sendo que teve o seu pai uma segunda família e dessa família a irmandade é: Paula dos Santos e

Genezío dos Santos.

Seu Libânio teve oito filhos, sendo sete biológico e uma adotiva, com a primeira esposa Adalgisa Pires ele teve Maria Emília Pires, Anacleta Pires da Silva, Valério Pires e Ivonete Pires de Souza. Já com a segunda mulher, Maria do Carmo, ele teve: Antônio José Martins Pires, Marco Antônio Martins Pires, Marciel Martins Pires e adotiva ele tem Tatiane Martins Pires.

Seu Libânio nos contou que ele nasceu e se criou na Santa Rosa dos Pretos, por muito tempo trabalhou na roça com seus pais, indo também pescar nos igarapés e poções que ainda existem hoje no território, mas estão assoreados pelos empreendimentos que se instalaram sobre o território. Depois que constituiu família ele começou a organizar sua própria produção na lavoura chegando a colocar mais de 16 linhas de roças com um mutirão de umas 40 pessoas que juntos iam plantar nas áreas de lavouras. Por algumas épocas ele chegou a fazer suas roças na área onde hoje fica a Estrada de Ferro Carajás, depois dos desmatamentos e mudas provocados pela ferrovia, ele passou a colocar suas linhas de roça do lado que hoje fica os linhões de transmissão de energia. A área rica para a produção do sustento familiar como os plantios da

mandioca, arroz, feijão, quiabo, maxixi, abobora, pepino, melância, melão, amendoim, batata doce, fava dentre outros cheia de árvores frutíferas está nua, com tanta destruição que ocorreu na área primeiro com a chegada das fazendas e depois com a chegada dos linhões.

Seu Libânio nasceu com vários dons tais como: rezador de ladainhas em latim, cantar/tocar e dançar tambor de crioula², Bumba meu boi, bloco afro, festa dançante (baile), Dança do Coco, Terecô de Caixa e tocar Tambor de Mina. Um outro dom foi se iniciar como militante na luta e hoje pela idade dele se tornou um dos guardiões do território quilombola.

Em 1952 eu comecei a lutar pela terra, eu tinha uns 18 anos quando ingressei nela luta e dessa época pra cá eu tô ainda nessa luta com 85 anos. Antes quem respondia pela terra era o IBRA³ depois veio o INCRA⁴... depois teve o ITERMA⁵... O INCRA foi quem ficou no lugar do IBRA e em 1970 passou as primeiras pesquisas no estado para se resolver as questões de terra dos pretos. Hoje nós estamos vivendo somente em uma fatia do nosso território (Libânio Pires, entrevista concedida em 29 de janeiro de 2019).

Sobre viver em uma fatia do território ele nos disse que está faltando a cultivação da natureza, pois ela ainda não morreu mesmo com todos os empreendimentos que se instalaram sobre o território.

Fora as mães de seus filhos, Seu Libânio também foi casado a mais de 18 anos com Dona Georgina, a mãe de santo. Ela morava em um povoado chamado pelo nome de Panela que ficava depois de Fogoso (povoados de Itapecuru-Mirim), eles se conheceram ainda na casa de mãe Maria Pires, mãe de santo, onde seu Libânio ia tocar tambor. Dona Georgina era muito amiga das irmãs de Seu Libânio, Santa e Conceição, que moravam em Santa Rosa dos Pretos e por conta dessa amizade dona Georgina foi morar em Santa Rosa.

² O tambor de crioula é forma de expressão de matriz afro-brasileira que envolve dança circular, canto e percussão de tambores. Seja ao ar livre, nas praças, no interior de terreiros, ou então associado a outros eventos e manifestações, é realizado sem local específico ou calendário pré-fixado e praticado especialmente em louvor a São Benedito. Essa manifestação da cultura popular maranhense não tem uma época fixa de apresentação, mas pode-se observar uma concentração maior nos períodos que correspondem ao carnaval, às festas de São João e a partir do 2º sábado de agosto, quando ocorrem também as rodas de bumba-boi. Tradicionalmente, toda a festividade de bumba-meu-boi é encerrada com um tambor de crioula. Informações disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Tambor%20de%20Crioula.pdf>> Acesso em: 19 de novembro de 2018.

³ Instituto Brasileiro de Reforma Agrária.

⁴ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

⁵ Instituto de Colonização e Terras do Maranhão.

Dona Georgina além de mãe de santo no quilombo era devota do Divino Espírito Santo e caixeira. Seu Libânio na época em que Georgina veio morar no quilombo ainda era casado com Adalgisa Pires, depois eles resolveram se separar e ele foi viver com dona Georgina. Hoje ele vive com seus três filhos da segunda família em uma casa que foi construída na área onde existiu o terreiro de Mãe Georgina.

Sebastião Pires (*in memoria*)

Sebastião Pires, conhecido como Bá ou Sebastiãozinho, foi preparado⁶ com 7 anos de idade pela mãe de santo Maria Pires, que residiu na cidade de Rosário⁷, sendo ela filha da Cidade de Codó.

Bá enquanto vida teve era devoto do Divino Espírito Santo e tinha a responsabilidade de buscar e levantar o mastro do festejo tradicional do Divino. O festejo existe no território quilombola Santa Rosa dos Pretos a mais

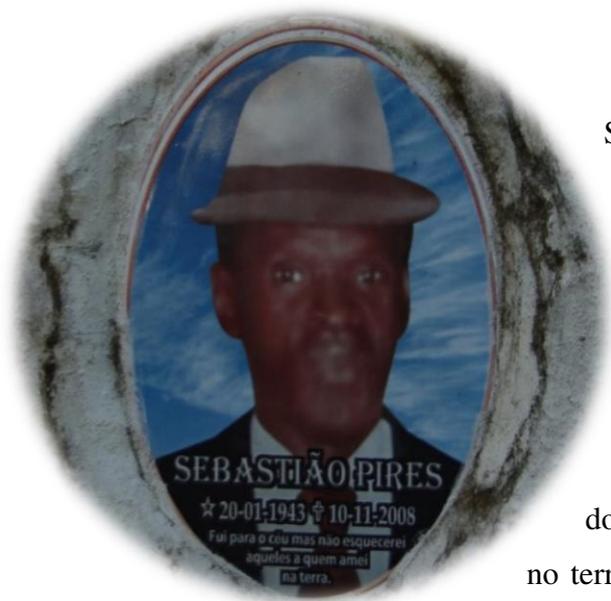


Foto: Foto tirada de dentro do cemitério de 250 anos. da lápide de seu Sebastião.

Fonte: Dayanne Santos (2017)

Vale ressaltar que Sebastião tocava no mundo todo. No sentido de que, ele foi abatazeiro⁸ no terreiro de seu pai biológico, seu Policarto, na Tenda Santa Barbara de mãe Georgina, no terreiro de mãe Luzia em Rosário, no terreiro de mãe Severina e onde mais fosse convidado para tocar, tanto tambor de crioula, Tambor de Mina dentre outros.

Da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes ele foi um dos mais antigos abatazeiros da casa junto com João Pires, Lourival Fonseca, Juvêncio Pires, Libânio Pires e outros abatazeiros do território.

⁶ Ser iniciado na Mina.

⁷ Durante sua juventude até sua morte.

⁸ Os abatazeiros geralmente são homens que tocam os três tambores que se encontram dentro do terreiro de Severina, os meninos (crianças) tocam mais as cabaças, mas, há festas que chegam a tocar os tambores também.

Sebastião era pai de José Ubiratan, Márcia, Jacilene, Irislene e de José Benedito. Hoje grande parte se seus netos, nasceram com o seu dom para o toque do tambor e seguem na tradição seja na Mina, seja no tambor de crioula.

Sebastião morreu atropelado na rodovia/BR 135, em 2008, e deixou muitas saudades nas pessoas e entidades, mas principalmente nos tambores, por meio das suas expressões: batuques, cantos, danças e confecções e afinamentos dos instrumentos.

Famoso Sebastião, era um dos melhores abatazeiros da região, ele tocava os 3 tambores tanto durante as festas de Tambor de Mina como nas festas envolvendo o tambor de crioula. Segundo dona Dalva “com ele tambor começava na hora, e ele tocava mais era o tambor da mata na Mina” (Tenda Nossa Senhora dos Navegantes, anotações do caderno de campo dia 22 setembro de 2018).

Mãe Severina nos relatou que sem os 3 tambores (o tambor guia, o chapanã e o da Mata) não tem Mina. Eles junto com os demais instrumentos chamam os caboclos.

Marcia, filha do finado Sebastião, em uma entrevista concedida no dia 23 de setembro de 2017, nos relatou que: “E não é qualquer pessoa que sabe ou pode tocar esses tambores, não é todo mundo que sabe chamar caboclo. Mas, quando quem sabe toca, chama! Aí é forte, eu saio até de perto nessa hora”.

Das conversas sobre quem foi seu Sebastião os moradores do quilombo nos relataram que “ele sabia chamar caboclo, ele era danado e brincalhão pra tambor”. No sentido de que, ele chegava a tocar nove noites de Tambor de Mina direto. Dona Dalva nos contou que “mesmo quando não tinha ninguém no salão ele começava a tocar, ele começava a tocar sem Severina, depois só sobrava para ela (conversa informal realizada em na casa de dona Dalva com ela em agosto de 2017).

Quando perguntamos para os moradores do quilombo quem ensinou seu Sebastião a tocar tambor, as pessoas dizem que ele apreendeu sozinho, que ele já nasceu sabendo, era o dom dele. Assim, quando fica destacado nas falas das pessoas com as quais conversamos que ele já nasceu sabendo, elas estão nos dizendo que esse era um dos dons naturais que seu Sebastião tinha, ele já nasceu com ele.

Seu Sebastião foi quem ensinou os filhos da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes a tocar tambor na Santa Rosa dos Pretos como Elias, Walison, Cezar, Ribamar e Diquinho. Nessa tradição é que existem mais de 25 abatazeiros na Tenda de mãe Severina atualmente contando com homens e crianças.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos são longos. Mas, tentarei ser no meu limite mais objetiva possível, assim vou agradecer a todas e todos que estiveram comigo nessa caminhada por meio das minhas experiências, por meio do que tenho vivido e apreendido com amigas/os, familiares, professoras/os, militantes sociais, indígenas, quilombolas e uma diversidade de pessoas que por meio de conversas, seminários, salas de aulas, ocupações⁹ na sede do INCRA, mesas de bares me proporcionaram um olhar mais amplo sobre o campo dos conflitos ambientais no Maranhão.

Primeiro, agradeço a Deus pela oportunidade da vida e depois à toda minha família em nome dos meus avôs, Maria de Nazaré e José Lopes da Silva. A minha mãe Marilene Lopes da Silva, uma negra arretada, trabalhadora, que foi a primeira a acreditar e me dar condições para que eu pudesse estudar. Te amo minha mãe, tudo o que faço é pensando em você, na nossa família.

Agradeço, às entidades/encantados/guias/espíritos de luz/caboclos pela oportunidade de experimentar/sentir/ouvir e ver as diversas manifestações da encantaria. Obrigada pelos conselhos e conversas.

Eu quero dizer obrigada falando de escolhas e subjetividades.

Agradeço aos erros, porque eles também fazem parte do processo de entendimento e de produção de conhecimento.

Agradeço na pessoa do Horácio Antunes e da Cíndia Brustolin (meus grandes amig@s e orientador@s) à minha família do GEDMMA pelos caminhos que me possibilitaram trilhar e pelas experiências de vida. Agradeço também ao professor Dos Anjos pela disponibilidade em me orientar, pela confiança, por abri as portas de sua casa, por acreditar que sou capaz de contribuir criticamente para o processo de produção de conhecimento.

⁹ Quando as lideranças de territórios de povos e comunidades tradicionais no Maranhão ocupam um local, geralmente órgãos/instituições responsáveis pela regularização das terras no estado, as pessoas não saem até que suas pautas sejam encaminhadas as autoridades competentes para que possam ser de fato efetivadas, principalmente se tratando da morosidade dos processos de regularização e titulação de territórios historicamente ocupados.

Agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPEMA), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento dos projetos de pesquisa e extensão que são fundamentais para o desenvolvimento das pesquisas no Maranhão e para o amadurecimento dos pesquisadores de diversas áreas.

Agradeço a todas/os minhas amigas/os pelas conversas, conselhos, orientações, brigas e bebedeiras: Clara, Carla, Vinícius, Mateus Adones, Mateus Madeusa, Ecy, Ronyere (Rony), Régia, Hemerson, Neuziane, França, Sislene, Ana Mendes, Sabrina Felipe, Iuri Gagari, Preta, Ivone, Aparecida, Juliana, Elizalda, Welber e muitos outros que peço desde já desculpas por não ter citado aqui e são tão importante como os que citei. A Priscila Aguiar que leu meus agradecimentos antes da dissertação final e reclamou, porque não encontrou seu nome, obrigada amiga pelos tempos de conversas, pela companhia, conselhos e acolhimento em sua casa.

Agradeço a Jeferson Yuri, também importante pesquisador sobre a encantaria em Santa Rosa dos Pretos que vai, eu acredito, produzir um TCC tão intenso quanto ele, obrigada pelas conversas/carinhos e companhia na vida e no campo de pesquisa. A Juliana Loureiro, antropóloga e pesquisadora da encantaria no quilombo, obrigada por compartilhar suas experiências comigo, obrigada pelas conversas.

Lucca Adetokunbo, não sei como dizer obrigada, por tudo, por me fazer sorrir com o coração novamente, por me fazer acreditar que o amor reinventar as formas de amar e que o carinho cicatriza as feridas as mais profundas, as do coração. Obrigada pela paciência, pelos carinhos, pelas vezes em que enxugou as minhas lágrimas e me fez levantar. Com você compartilhei muitas coisas, meu diário vivo, que medo (rsrrs), obrigada amigo. Mateus Adones, por favor sem ciúmes, pois cada pessoa ocupa um lugar de importância nas nossas vidas e te amo tanto quanto ele.

Agradeço a uns amigos de caminhada, de encontros negros e subalternos que estão presentes na minha vida e me ajudaram no processo de maturação desse trabalho, amigos viajantes do mundo como o Ricardo Trujillo e Rulio Itzayán, a esse agradeço as traduções e dicas para montar meus projetos.

Zica (Josicléa), Leleco (Joércio), Josiane e Dália vocês são meus irmãos de alma. Obrigada pelo acolhimento e todo carinho nesses anos em que eu estive presente/morando na casa da nossa mãe Anacleto, sem vocês minha caminhada até aqui não seria possível. Zica minha irmã negra guerrilheira, que a sua rebeldia seja o seu maior suspiro

e que ela seja a resistência para muitos quilombos se rebelarem contra as formas de opressão que ainda aprisionam o povo negro.

Na vida muitas coisas importantes acontecem em instantes, assim foi a presença de um quilombola arretado chamado Euller Pires que muito me ajudou na costura dessa dissertação. Obrigada pela sua amizade e disponibilidade durante o tempo em que passei morando em Santa Rosa. Assim, como a Preta uma quilombola linda que ainda vai encantar o mundo todo com suas músicas e com seu sorriso encantador, amo vocês.

Quero agradecer ao povo de Santa Rosa dos Pretos, aos encantados (seu Pedro Légua, seu Lourenço, dona Joaquina, seu Cearense, dona Tereza Légua, seu Leguinha, Maria Padilha, Mineirinho) pelas encontros, convites e visitas que no começo me assustavam, mas que depois comecei a entender a proteção e o carinho que vocês têm por mim, espero aqui não escrever para além do que me é permitido.

Obrigada minhas mães: Dalva, Anacleta e Severina! Nossa, que honra em ter vocês na minha vida, mulheres que desde cedo estão na lida, trabalhando e superando os desafios que a vida lhes impõe, mulheres de onde emana todo o meu aprendizado sobre ser quilombola, ser do Tambor de Mina, mulheres negras que carregam o peso da tradição com grande doçura, encantamento e devoção. Mulheres que quando vão para a luta pela sua terra seu povo, incorporam a força da natureza e os espíritos de luz/encantados/caboclos/entidades sempre com a proteção de Deus.

Agradeço ao povo de terreiro, aos mineiros que compartilharam suas vidas e experiências comigo Libânio, Elias, Ribamar, Paulo, Edinael, Nélio, Mãe Luzia, Diná, Pombinha, Aparecida, Renata, Raimunda, Francisca, Osmar, Pixita, Maria (cozinheira), Hilário, Walison, mãe de santo Maria Baixinha, mãe de santo dona Marinete, mãe de santo Maria de Felício e muitas outras pessoas do território quilombola Santa Rosa dos Pretos que nos ajudaram a tecer as narrativas desse trabalho e que por algum motivo eu esqueci de citar, mais que são tão importantes quanto as que coloquei o nome aqui....

Axé a todas/os!

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Santos, Dayanne da Silva.

NÃO SE PODE ENTRAR EM TERRA DE ENCANTADO SEM PERMISSÃO:
: um estudo sobre a relação entre pessoas e encantados na
luta pelo território quilombola Santa Rosa dos Pretos
Itapecuru-Mirim/MA / Dayanne da Silva Santos. - 2019.
218 p.

Coorientador(a): José Carlos Gomes dos Anjos.

Orientador(a): Horácio Antunes de SantAna Júnior.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Ciências Sociais/cch, Universidade Federal do Maranhão,
São Luís, 2019.

1. Conflitos ambientais e territoriais. 2.
Encantados. 3. Tambor de Mina. 4. Território quilombola
Santa Rosa dos Pretos. I. dos Anjos, José Carlos Gomes.
II. SantAna Júnior, Horácio Antunes de. III. Título.

Quando Codó era mata
Cabocla eu morava lá (2x)
Codó virou cidade
Cabocla eu mudei de lá (2x)

(Doutrina cantada por cabocla da Ronda no dia 24 de agosto de 2018
Tambor de mina, festa de Cearense em Santa Rosa dos Pretos)

Ô quem escreveu a Mina
A foi Yayá que meu pai mandou
Ô dança Yayá (2x)
Yayá vem dançar tambor

(Doutrina cantada na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes
Tambor de mina em Santa Rosa dos Pretos)

RESUMO

“Eles estão se afastando!”. Nesta dissertação, destacamos que o culto aos encantados é um fator importante para conferir forma aos modos de resistência/enfrentamento tanto aos conflitos ambientais quanto aos problemas da titulação das comunidades quilombolas. Partimos do acompanhamento da luta pela titulação do território quilombola Santa Rosa dos Pretos, localizado no município de Itapecuru-Mirim no estado do Maranhão. Durante a pesquisa fizemos uso de observação direta (*in loco*), de entrevistas semiestruturadas com pessoas e com os encantados da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes. Neste sentido, discutimos a relação entre território, encantados e luta na interação homem/natureza como forma de coproteção e como princípio filosófico das práticas existenciais do território negro. Por esse princípio, se o homem deixar de proteger o território, ele não conseguirá ter proteção cósmica para o seu próprio corpo.

Palavras – Chave: Tambor de Mina. Conflitos ambientais e territoriais. Encantados. Território quilombola Santa Rosa dos Pretos.

RÉSUMÉ

"Ils s'éloignent!" Dans cette thèse, nous soulignons que le culte enchanté est un facteur important pour donner forme aux modes de résistance / confrontation les deux conflits environnementaux liés aux problèmes de titrage des communautés de quilombola. Nous avons commencé par suivre la lutte pour l'obtention du titre du territoire quilombola de Santa Rosa dos Pretos, situé dans la municipalité d'Itapecuru-Mirim, dans l'état du Maranhão. Au cours de la recherche, nous avons utilisé des observations directes (in loco), des entretiens semi-structurés avec des personnes et avec Tenda Nossa Senhora dos Navegantes, une femme enchantée. En ce sens, nous discutons des relations entre territoire, enchantement et lutte dans l'interaction homme / nature en tant que forme de coprotection et principe philosophique des pratiques existentielles du territoire noir. Par ce principe, si l'homme cessera de protéger le territoire, il ne pourra pas avoir de protection cosmique pour son propre corps.

Mots-clés: Tambor de Mina. Conflits environnementaux et territoriaux. Enchanté. Territoire Quilombola Santa Rosa dos Pretos.

LISTA DE ABREVIATURAS

CCN, Centro de Cultura Negra do Maranhão, com destaque para o projeto *Vida de Negro*;

CLA, Centro de Lançamento de Alcântara

CPT, Comissão Pastoral da Terra;

DNIT, Departamento Nacional de Infraestrutura e Transporte

DOU, Diário Oficial da União

EFC, Estrada de Ferro Carajás

FAB, Força Aérea Brasileira

GEDMMA, Grupo de Estudos: Desenvolvimento Modernidade e Meio Ambiente;

IBRA, Instituto Brasileiro de Reforma Agrária

INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

ITERMA, Instituto de Colonização e Terras do Maranhão

JNT, Justiça Nos Trilhos;

MOQUIBOM, Movimento Quilombola do Maranhão

MPF, Ministério Público Federal

MST, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra;

OIT, Organização Internacional do Trabalho .

PAC, Programa de Aceleração do Crescimento

PRONERA, Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

PVN, Projeto Vida de Negro

RTID, Relatório Técnico de Identificação e Delimitação;

S11D, É o maior complexo minerador da história da empresa Vale

SMDH, Sociedade Maranhense de Direitos Humanos

UFMA, Universidade Federal do Maranhão

LISTA DE FIGURAS

- Foto 01:** Mapa do quadro demonstrativo de comunidades quilombolas e empreendimentos que afetam vários quilombolas em 4 municípios do estado do MA - Fonte: UFMA (GEDMMA/NERA) e UEMA (NUPEDD).....46
- Foto 02:** mapa da área do território quilombola Santa Rosa dos Pretos com os efeitos ambientais dentro do território - Fonte: mapa produzido por Zica Pires - Acervo da comunidade quilombola (2017-2018)49
- Foto 03:** Tenda Nossa senhora dos Navegantes (2015) – Altar de dentro da Tenda com imagens de Santos da igreja católica (2017) - Fonte: Dayanne Santos (2015).....56
- Foto 04:** mãe Severina mostrando as suas guias, ao lado o altar – A entrada da tenda Fonte: Dayanne Santos (2015).....57
- Foto 05:** A entrada da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes - Fonte: Dayanne Santos (agosto de 2018).....57
- Foto 06:** manhã da Festa de seu Pedro Légua - Fonte: Dayanne Santos (setembro de 2018).....58
- Foto 07:** visita da mãe de santo dona Luzia na Festa de seu Pedro Légua - Fonte: Dayanne Santos (setembro de 2018).....58
- Foto 08:** Severina abrindo uma festa de tambor - Fonte: Dayanne Santos (28 de dezembro de 2018).....61
- Foto 09:** Severina abrindo o tambor na noite do dia 28 de dezembro de 2018 – na Festa de dona Tereza Légua e o Velho Légua na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes. - Fonte: Dayanne Santos..... 62
- Foto 10:** Roda para mãe d’águas na festa de Dona Tereza Légua – mães d’águas na Tenda. - Fonte: Dayanne Santos (28 de dezembro de 2018).....63

Foto 11: Noite de mães d'águas na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes na festa de Dona Tereza Légua – mães d'águas na Tenda. Fonte: Dayanne Santos (28 de dezembro de 2018).....	64
Foto 12: segunda noite de tambor da festa de dona Tereza Légua - Fonte: Dayanne Santos (29 de dezembro de 2019).....	65
Foto 13: abertura da segunda noite de tambor da festa de dona Tereza Légua, com a presença dos filhos da Tenda e dos mineiros visitantes - Fonte: Dayanne Santos (29 de dezembro de 2018).....	65
Foto 14: segunda noite de tambor da festa de dona Tereza Légua, a chegada de um caboclo na Tenda - Fonte: Dayanne Santos (29 de dezembro de 2018).....	66
Foto 15: Terceira noite da festa de Tereza Légua – Seu Elias, Velho Légua e seu Pedro Légua - Fonte: Dayanne Santos (30/12/2018).....	67
Foto 16: Preparação para uma noite de Tambor – ao fundo mãe Severina se arrumando para entrar na Tenda na festa de Seu Cearense em agosto de 2018 - Fonte: Dayanne Santos (30/12/2018).....	69
Foto 17: Espaço do terreiro Nossa Senhora dos Navegantes - Fonte: Dayanne Santos (novembro de 2018).....	70
Foto 18: altar da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes -Fonte: Dayanne Santos (novembro de 2018).....	71
Foto 19: disposição dos abatazeiros na tenda - festa de seu Cearense em agosto de 2018. Fonte: Dayanne Santos.....	72
Foto 20: disposição dos abatazeiros na tenda - festa de seu Cearense em agosto de 2018. Fonte: Dayanne Santos.....	73
Foto 21: Mãe Severina na noite de obrigação para mãe d'água na festa do dia 28/12/2018, de Dona Tereza Légua - Foto: Dayanne Santos.....	79
Foto 22: mãe d'água bebendo água na bacia na porta da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes - Foto: Dayanne Santos (dia 28 de dezembro de 2018, na festa de dona Tereza Légua).....	80
Foto 23: Cabocla dona Dodô – irmã mais nova de Tereza Légua. Fonte: Dayanne Santos (abril de 2018).....	81
Foto 24: Caldeirão de comida em dia de festa na Tenda - Fonte: Dayanne Santos (2015).....	83

Foto 25: Mulheres no preparo das comidas para a festa - Fonte: Dayanne Santos (2015).....	83
Foto 26: Mulheres no preparo das comidas para a festa Fonte: Dayanne Santos (2015).....	84
Foto 27: Festa de aniversário de 15 anos de Elizalda com a presença de dona Dodô, familiares, amigos e encantados - Fonte: Dayanne (abril de 2015).....	85
Foto 28: Noite de abril de 2015 – festa de dona Dodô: os abatazeiros, os médiuns e os guias/ caboclos - Fonte: Dayanne Santos.....	86
Foto 29: Noite de abril de 2015 – festa de dona Dodô - os médiuns e os guias/ caboclos Fonte: Dayanne Santos.....	87
Foto 30: almoço/mesa de São Lázaro com 7 crianças e 7 cachorros e seu João Guará (entidade) - Fonte: Dayanne Santos (fevereiro de 2018).....	90
Foto 31: seu João Guará (entidade) - Fonte: Dayanne Santos (fevereiro de 2018).....	91
Foto 32: Entrada do Terreiro Boa Fé Neto da Trindade – seu Mineirinho doutrinando na noite de festa no dia 18 de agosto de 2018. Fonte: Dayanne Santos.....	95
Foto 33: seu Mineirinho doutrinando na noite de festa no dia 18 de agosto de 2018 - Fonte: Dayanne Santos.....	95
Foto 34: Libânio Pires e ao fundo antiga área de lavoura hoje ocupada pelos linhões de energia e cercada por uma fazenda (A fazenda Nova) - Fonte: Dayanne Santos (2018).....	102
Foto 35: Seu Cearense indo para a Matinha Fonte: Dayanne Santos (agosto de 2018).....	103
Foto 36: seu Cearense na matinha - Fonte: Dayanne Santos (agosto de 2017 e 2018 – Festa de seu Cearense).....	104
Foto 37: Aniversário de seu Cearense na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes Fonte: Dayanne Santos (agosto de 2017 e 2018 – Festa de seu Cearense).....	105
Foto 38: Pimpin vestido e segurando São Raimundo; Iagor vestido e segurando São Benedito - Fonte: Dayanne Santos (24 de agosto de 2018).....	109

Foto 39: Homens e crianças segurando o mastro na caminhada pela comunidade - Fonte: Dayanne Santos (24 de agosto de 2018).....	109
Foto 40: Luzitano benzendo com cachaça o mastro de seu Cearense - Fonte: Dayanne Santos (24 de agosto de 2018).....	110
Foto 41: Vista dos santos na casa de dona Doninha durante a caminhada do mastro pela comunidade - Fonte: Dayanne Santos (24 de agosto de 2018).....	110
Foto 42: Noite de tambor de crioula de seu Cearense do lado da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes - Fonte: Dayanne Santos (24 de agosto de 2018).....	111
Foto 43: Obrigação para mães d'águas na Matinha. - Fonte: Dayanne Santos (agosto de 2018).....	112
Foto 44: pessoas reunidas para a abertura do poço cacimbão dentro da Matinha de seu Cearense em julho de 2018 - Fonte: Dayanne Santos.....	113
Foto 45: O abatazeiro Diquinho dentro do poço, achando o olho d'água - Fonte: Dayanne Santos.....	113
Foto 46: pessoas saindo da Matinha indo em direção a Tenda – Lagoa dentro da Matinha - Fonte: Dayanne Santos (24 de agosto de 2018).....	117
Foto 47: Lagoa dentro da Matinha - Fonte: Dayanne Santos (24 de agosto de 2018)..	117
Foto 48: Seu Tingir cantando dentro da Tenda de mãe Severina na noite de carnaval. Fonte: Dayanne Santos (fevereiro de 2018).....	123
Foto 49: Poço do mato na comunidade - Fonte: RTID – LUCCHESI – 2008.....	126
Foto 50: Seu Cearense descendo no Caminho da Matinha - Fonte: Dayanne Santos (agosto de 2017).....	137
Foto 51: Dona Dalva, dona Marisinha e outras filhas de santo descendo no Caminho da Matinha - Fonte: Dayanne Santos (agosto de 2017).....	138
Fotos 52: um ponto para uma entidade dentro da Matinha. - Fonte: Dayanne Santos (26 de agosto de 2017).....	140

Foto 53: Seu Elias mostrando o Poço dos “escravos”- Fonte: Dayanne Santos (2015).....	141
Foto 54: Situação Atual do Igarapé Simauma - Fonte: Dayanne Santos (dezembro de 2017).....	148
Foto 55: Estrada de Ferro Carajás sobre o Igarapé Simauma - Fonte: Dayanne Santos (setembro de 2016).....	148
Fotos 56: Manifestação feita sobre a ferrovia Carajás em setembro de 2014- Fonte: Acervo Santa Rosa dos Pretos.....	177
Fotos 57: O tambor de crioula na ocupação da ferrovia Carajás em setembro de 2014 Fonte: Acervo Santa Rosa dos Pretos.....	178
Foto 58: tambor de luta sobre a ferrovia Carajás - Fonte: arquivo de Santa Rosa dos Pretos (2014).....	179
Foto 59: tambor de promessa para São Benedito na Barreira Funda no território quilombola de Santa Rosa dos Pretos - Fonte: Dayanne Santos (20 de novembro de 2017).....	179

Notações

Tecendo informações importantes sobre algumas opções de estilo presentes no processo de escrita desta dissertação bem como a escolha e uso de algumas palavras.

✓ **Santa Rosa dos Pretos** – é um grande território negro/quilombola, com 20 quilombos dentro, sendo que existe um quilombo dentro desse território com o mesmo nome. O território é composto por uma grande e rica rede de parentesco que são marcados pelos casamentos e apadrinhamentos. Também uma categoria de luta fruto do processo de afirmação e valorização de uma identidade negra que tem como fortaleza a luta dos mais velhos (guardiões) e a inspiração das ancestralidades¹⁰. Santa Rosa dos Pretos é também uma categoria que vem se reconfigurando e faz parte do reconhecimento dos negros que foram escravizados pelos Belfort, senhores de engenhos, mas, que continuaram, reexistiram às chibatadas e maus tratos e hoje estão reexistindo à modernidade/ colonialidade. Aquelas famílias que descendem dos escravizados que não tem o sobrenome de “Belfort” é porque se reconheceram enquanto grau familiar, filhos de escravizados, que foram arrancados da África e tinham o sobrenome de Pires e não do Barão, é o caso da família de seu Libânio Pires, importante liderança na comunidade e um dos nossos principais interlocutores na pesquisa.

✓ **Natureza** – segundo seu Libânio: “Quando se fala na natureza nós somos natural, não tem um que não vive da natureza, quando essa natureza se acaba o que nós vamos fazer, se acabar também, a natureza humana, ela tem duas coisas, a natureza divina e a humana, que são duas rédeas que puxam uma da outra. A natureza divina ela está lá em cima e a humana ela está aqui” (entrevista concedida em 22 de setembro de 2018);

¹⁰ Tudo aquilo que se transformou em fortaleza, pois os próprios guardiões se encantaram na luta e se transformaram em fortalezas.

✓ **Sustentabilidade** - no quilombo, seu Libânio diz que ela está: “no peixe, no macaco, no rato, no quatipuru, em nós que estamos aqui, nos professores, nos diretores, nos promotores, natureza da humanidade. Será que essa natureza está sendo da humanidade ou está sendo da perversidade que está sendo tocada por alguém?” (entrevista concedida em 22 de setembro de 2018);

✓ **As falas/entrevistas dos nossos interlocutores** - optamos por usá-las ora na forma como as normas de padronização dos trabalhos científicos/acadêmicos exigem (com recuo) – e ora no texto, de forma direta sem interpretações, como uma conversa costurada com todo o rigor epistemológico exigido para a produção de conhecimentos, pois as falas dos nossos interlocutores por se só já são legítimas, e são elas que nos permitem entender as dimensões sociais, religiosas, políticas e econômicas que circundam a manutenção da vida no quilombo (essa foi a forma que eu escolhi para tencionar as formas de enquadramento exigidos na produção de um trabalho científico);

✓ **Tambor de Mina** – trata-se de uma religião que faz parte de um conjunto de religiões de matriz africana que se apresenta no cotidiano das relações sociais das formas mais variadas possíveis para orientar, cuidar e disciplinar as pessoas. Ela é praticada principalmente em terreiros do Maranhão, na qual o médium/filhas/filhos/pais/mães de santo chegam a incorporar mais de 3 entidades em uma única noite de tambor (noite de prática religiosa dessa religião). Dependendo do lugar, o tambor pode ser tocado dentro de salões/barracões/tendas/terreiros/casas ou no “tempo”, quintais, praias e matas. É uma religião que ainda carrega o estigma do processo colonial de “rituais ligado as coisas do mal, demônio” por ser batuque de preto. Nos últimos anos, essa religião ganhou um relativo respeito na sociedade, por conta da luta e resistência do povo negro para ser aceito em toda sua complexidade em uma sociedade brasileira que ainda carrega nas relações sociais as marcas do sistema escravista, que por muito tempo negou, escravizou, torturou e exterminou os negros e seus território, sua “cidadania”. Nessa perspectiva de tornar legítima as coisas de preto temos especialmente os trabalhos do já falecido antropólogo

Sérgio Ferretti (1995; 2009) e de sua esposa e antropóloga Mundicarmo Ferretti (1988;1991; 1994; 2000; 2008), e do pai de santo Euclides Menezes Ferreira ou Pai Euclides Talabyan da Casa Fanti Ashanti (1997; 2008) que abordam sobre o Tambor de Mina no Maranhão. Assim como a lei contra intolerância religiosa - no Brasil, a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, alterada pela Lei nº 9.459, de 15 de maio de 1997, (fruto da resistência e manifestações do povo negro) que considera crime a prática de discriminação ou preconceito contra religiões.

✓ **Tenda/terreiro/casa/barracão** – local onde se cultua as entidades do Tambor de Mina - Local onde acontece as festa e obrigações; Destacamos que apesar de existirem muitas casas de Mina no Maranhão, cada casa tem seu fundamento e seu axé, nenhuma casa é igual a outra, muito menos no que diz respeito a realização das festas e obrigações e é por isso que a encantaria, os encantados e a Mina são um grande mistério até mesmo para as mães e pais de santo, pois muito do que eles sabem é referente ao que seus guias ensinam/mostram e é na observação, na escuta atenta que conseguimos apreender um pouco das ontologias que permeiam as praticas do Tambor de Mina.

✓ **Terreiro** – pode se referir tanto as tendas como a todo o espaço que circunda a tenda agregando os quintais, os poços, as casas, as matas e os igarapés.

✓ **Salão** – local dentro da tenda onde estão a pedra de centro, o altar, os tambores, cabaças, ferros e onde se dança e se doutrina para as entidades.

✓ **Doutrinar** – é quando o encantado canta ou quando o médiun cantar para chamar seu guia. A doutrina diz quem a entidade é, como e de onde ela vem.

✓ **Baiar** – dançar dentro da Tenda.

✓ **Brincar** – dançar Tambor de Mina.

✓ **Mina** – é a forma reduzida de se referi a uma das religiões de Matriz Africana, Tambor de Mina.

✓ **Mineiro/cavalo/médiun/ filha/filho de santo/aparelho** – é aquela pessoa que nasceu médiun, nasceu com uma missão, e dança/doutrina no Tambor de Mina incorporada por alguma entidade.

Destacamos que existem vários tipos de mediunidade, assim, a Mina vai se manifestar de maneira diferente em cada pessoa.

✓ **Incorporar/Receber** – entrar em transe, quer dizer que uma pessoa está recebendo uma entidade.

✓ **Montar** – quando um encantado está incorporando no médiun.

✓ **Carregar** – estar incorporado por alguma entidade.

✓ **Serventes** – são as pessoas que fazem parte da Mina, porém em muitos casos não dançam e nem doutrinam. São pessoas do quilombo (em sua maioria mulheres) que cuidam do preparo da alimentação para as festas, bem como de servir as comidas e da limpeza dos espaços da tenda em dias de festa. A cozinha, sempre fica na chefia de Dona Dalva, que orienta as outras pessoas como proceder no cuidado com as comidas.

✓ **Abatazeiros** - Geralmente são homens e meninos do quilombo que participam na tenda tocando os tambores, as cabaças e o ferro, bem como do Tambor de Crioula.

✓ **Festas** – são parte das obrigações do médium para com sua guia/entities.

✓ **Encantados/Entidades** – usaremos para nos referi aos Pajés, invisíveis, guias e caboclos do Tambor de Mina. Em Santa Rosa dos Pretos, quando as pessoas falam em Pajés/invisíveis/guias e caboclos estão falando dos encantados.

✓ **Farrista** – entidade que não sendo a/o dona/o da festa – quando monta no médiun bebe, fuma, brinca à vontade no terreiro que foi convidado com outras pessoas e encantados.

✓ **Vela** – alimento para o guia, a luz alimenta o guia. Esse estando forte, o espírito do médiun também estará.

✓ **Sobêjo** – sobra de bebida de outra entidade que fica no copo.

✓ **Água Preta** – Café.

✓ **Bondança** – Água.

✓ **Espumosa** – Cerveja.

✓ **Tatau** – Cachimbo.

- ✓ **Catatau/Pau branco** – Cigarro.
- ✓ **Água rosa** – refrigerante Jesus;
- ✓ **Fuxicador** – Celular.
- ✓ **Pecador** – seres humanos em geral.
- ✓ **Curumim** – Criança.
- ✓ **Açúcar** – Areia.
- ✓ **Quebra bucho** – Comida em geral.
- ✓ **Lafandinga** – roupa usada no Tambor de Mina;
- ✓ **Obrigaçãõ** – atividades diversas realizadas por pessoas

para pagamento de uma dívida (no nosso contexto etnográfico) com alguma entidade ou santo católico; um outro entendimento é de que;

"As 'boas' relações com os encantados dependem de um sistema de prestações e contraprestações feito por intermédio das "obrigações". Rezas realizadas em horários marcados, o acendimento de vela durante o dia e a noite, tabus alimentares, restrições sexuais e a manutenção dos festejos são algumas das possibilidades do que se denomina obrigaçãõ, uma regra fornecida pelo encantado ao pai de santo". (AHLERT, 2013, p.113)

✓ **Ponto** – é feito para transmitir força para os guias, para eles poderem cuidar do médiun. Um *ponto* é uma afirmação daquilo que você acredita e não se pode fazer um em qualquer lugar e nem todo mundo sabe fazer.

✓ **Inspiração** – Está relacionada com a intuição e é algo que move e motiva a pessoa para agir para conseguir algo; geralmente relacionado a proteçãõ do território quilombola e de suas tradições.

✓ **Dom** – uma qualidade que a pessoa não escolhe, mas nasce com ela como, por exemplo, o dom para ser Caixeira do Divino Espírito Santo.

✓ **Disciplina** – “é um requisito que remete a aspectos espirituais e também tem a ver com o cuidado para não tonar uma “corrente” mais sacrificante para uns do que para outros, sejam os médiuns, sejam os próprios guias” (LUCINDA, 2016, p. 182).

✓ **Baiar** – significa dançar incorporado por alguma entidade;

✓ **Apanhar sem saber quem está batendo** – em muitos casos as pessoas sofrem alguma puniçãõ por desrespeitar a Mina. Vários

são as formas de se punir uma pessoa, que independente de ser mineiro ou não, apanha.

✓ **Apanhar no Tempo** – é quando uma entidade aparece nela mesma, na sua forma de encantada/o sem precisar incorporar uma pessoa disciplina a pessoa que desrespeitou a Mina.

✓ **Pulsão** – são áreas/poças de água mais profundas dentro do igarapé, sendo que ele guarda água por mais tempo e em alguns tem peixes e em outros não.

✓ **Desgotar** - Pescar no Igarapé com Tapagem, que é tapar uma extremidade e outra do Igarapé com terra e com um balde tirar água de dentro do Pulsão. Desgotar é também conhecido como pescar de água fora.

✓ **Apanhar arroz de meia** – cortar e dividir entre os donos da lavoura o arroz – se uma roça tem dois ou mais donos se corta o arroz no meio para poder dividir.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	26
Aproximação com o campo	26
A pesquisa.....	35
O lugar enquanto possibilidade de sentidos.....	51
CAPÍTULO I - TERRA DE ENCANTARIA	55
1.1 O TERREIRO: Tenda Nossa Senhora dos Navegantes.....	56
1.2 FESTA DE CABOCLA: aniversário de dona Dodô	81
1.3 A TRADIÇÃO: o terreiro e as festas na manutenção das relações sociais	88
1.4 SER MINEIRO: sonhos e dons como elementos que orientam a ação	97
1.5 A OBRIGAÇÃO NA MATINHA: a festa de seu Cearense em agosto de 2018	103
CAPÍTULO II - COSMOPOLÍTICA QUILOMBOLA	120
2.1 O POÇO E O PONTO	122
2.2 CORPO MEMÓRIA.....	128
2.3 A Mina como disciplina.....	131
2.4 “Lugares que chamam a gente para cuidar deles”: a Matinha, o poço dos “escravos” e a Mata do Simauma	136
2.5 DIMENSÕES DA VIDA QUILOMBOLA	146
CAPÍTULO III - PROBLEMÁTICA AMBIENTAL E FUNDIÁRIA	155
3.1 O TERRITÓRIO: A luta pela terra e projetos desenvolvimentistas.....	155
3.2 ELES ESTÃO SE AFASTANDO! Desenvolvimento econômico e a perda de lugares sagrados	160
3.3 REESCRITAS SUBALTERNIZADAS: o corpo quilombola e o corpo da terra	167
3.4 TERRITÓRIO, ENCANTADOS E LUTA	173
CONSIDERAÇÕES FINAIS	185
REFERÊNCIAS	192
ARQUIVO FOTOGRÁFICO	198

INTRODUÇÃO

Aproximação com o campo

Nessa pesquisa não posso falar sobre religião (Tambor de Mina) dissociada da luta pela permanência no território quilombola Santa Rosa dos Pretos, a saber, os encantados, os quilombolas e o território só existem quando acionados juntos em um sistema de relações simbólicas, sociais e religiosas que tornam Santa Rosa possível.

A maioria dos trabalhos sobre encantaria¹¹ que eu li, começam com as pessoas agradecendo e falando de como por meio de uma/um mediadora (o)/pesquisadora (o) foram sendo inseridos na pesquisa para escrever sobre o vínculo entre pessoas, encantados, orixás, caboclos e voduns. O que trago aqui é minha tentativa de pensar o meu objeto por meio também das experiências e escolhas da/o pesquisadora/o, ou seja, como problematizar por meio das experiências adquiridas em campo e vivenciadas no cotidiano do tear, do rabiscar do questionar a forma na qual se está produzindo conhecimento nas universidades e na forma como eu venho escrevendo e entendendo, junto como o Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA/UFMA) o campo dos conflitos ambientais e das religiões de matriz africana – religiões afro-brasileiras.

É falando de experiências, de não neutralidade científica que podemos entender como foi feita a escolha do campo de pesquisa.

A minha primeira experiência com a Mina se deu ainda na minha infância no processo de produção da minha identidade, por meio do medo, *o medo das religiões africanas*. Este medo é algo que esteve presente comigo desde a infância, principalmente durante a noite, quando eu e minha irmã para dormir precisávamos das rezas da minha avó materna e do sono leve e vigilante da nossa mãe.

Sou neta de parte de mãe de uma codoense (Maria de Nazaré Lopes da Silva, minha avó materna) que descende de índios. As lembranças dela sobre sua infância são poucas e não sabemos muito sobre sua origem, ela não fala muito sobre sua infância e chama a si mesma de menina de rua, pois foi o tempo que ela viveu na rua até ser

¹¹ Conexões entre Tendas de Terecô em Codó (MA) de Coneição Lima; (2000) Desceu na guma: o caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís – a Casa Fanti-Ashanti de Mundicarmo Ferretti; (2003) Os Tambores dos mortos e os tambores dos vivos de Marcio Goldman; (1997) Tambor de Mina em Conserva de Euclides Menezes Ferreira.

adotada. Meu avô, José Lopes da Silva, é um negro pescador e filho de cearense. Já eu, sou uma mulher negra, criada na Zona Rural da cidade de São José de Ribamar, e nas periferias do município de Paço do Lumiar/MA e de São Luís e venho desde 2013 militando junto com os povos e comunidades tradicionais do Estado do Maranhão. Eu nasci e me criei na cidade de São José de Ribamar, localizada no estado Maranhão.

A cidade de São José é marcada pelo festejo e devoção ao santo católico que deu nome à cidade, essa grande festa ocorre todo ano no mês de setembro e reunir mais de mil devotos. A cidade, também é marcada pela imensidão do mar (Baía de São José) que a circunda.

Venho de uma família de pescadores, de católicos e de devotos de São José de Ribamar. Eu cresci e aprendi que somente o catolicismo e o protestantismo carregavam o lado bom da religião. Cresci ouvindo que existia Deus, Jesus e o Demônio e tudo que não era Deus, Jesus ou santos do catolicismo era do mal (religiões de matriz africana). Como romper com essa visão que foi tão forte e problemática na minha infância, família e escola?

Não culpo minha família por isso, nem minha escola por selecionarem o que eu podia ver como “verdade”, pois agora entendo que esse tipo de educação faz parte de um sistema educacional racista, segregacionista, homofóbico e colonialista. Hoje, dependendo do lugar somos escravos do que somos e de onde estamos, no sentido de que ainda estamos reproduzindo em nossos cotidianos ideias racistas e estereotipadas das pessoas, ideias essas que separam os normalmente humanos (minorias brancas) dos corpos que reivindicam cidadania (maioria racializada).

A escola e a mídia nos fazem ver o outro como estranho e é estranhando que acabamos julgando, demonizando e inferiorizando outras pessoas. Somos fruto de um sistema que se alimenta da nossa ignorância, da nossa falta de oportunidade de ser e de ver com outros olhos uma mesma realidade, ou seja, na possibilidade de existência de corpos que não se enquadram naquilo que é normativo verdadeiramente humano ou humano reconhecível.

Nesse sentido, o que está em jogo é repensar novas ontologias que digam quem o sujeito é e não o que ele deveria ser, para que possamos ampliar as reivindicações sobre os direitos sociais e políticos. Assim, segundo Butler (2003, p. 57), “o que está em debate são as condições que tornam a vida possível de ser vivida, sustentável”.

Nos questionamos sobre o que há de perigoso no reconhecimento. Existiria outra forma de existir sem ser reconhecido juridicamente? O que há de violento nos caminhos

para o reconhecimento? Temos refletido muito sobre a necessidade de se reconhecer juridicamente povos e comunidades tradicionais, mas será que temos refletido o suficiente sobre o ato de reconhecer? E se pensarmos o ato de reconhecer como um ato de violência física, simbólica e social na medida em que os sujeitos que buscam ser reconhecidos já existem como tais em suas mais diversas subjetividades? E se pensarmos o reconhecimento como parte daquilo que é normativo, enquadrado, fixo e que faz parte da manutenção do Estado Nação?

É tencionando as formas de enquadramento tanto das pessoas como das ideias que pontuamos aqui, que ainda temos que buscar mecanismo e caminhos outros de aquilombamento dos sujeitos humanos, pois o meu medo das religiões de matriz africanas foi produzido, normatizado e fixado em mim de tal forma nos mais variados espaços sociais nos quais eu transitava. Segundo Chimamanda Adichie no documentário O perigo de uma única história¹², “o problema de você conhecer somente uma mesma história é que ela viola a cidadania das pessoas, ela segrega, hierarquiza, violenta e manipula os caminhos de dizer a verdade”.

Acho que é assim que o estudo das religiões de matriz africana aparecem para mim, como uma única história que por muito tempo violentou o meu modo de ver os outros e hoje por conta das oportunidades que tive de entrar na universidade no Curso de Ciências Sociais, no Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA) e começar a andar, ouvir, ver e sentir o que sentem os povos e comunidades tradicionais do Maranhão, não da mesma forma, mas sentir, é que busco desconstruir dentro do meu eu social essa ideia de demônio que por muito tempo me mostrou uma única história sobre as outras formas de religiões, principalmente as de matriz africana, como o Tambor de Mina.

Assim, apesar de ser católica, sempre fui envolvida por histórias e visões que me eram estranhas, relatos que eu não sabia explicar, mas que aconteciam na minha família, como por exemplo a de que quando minha mãe disse que sempre tinha alguém que puxava o lençol dela e de seus irmãos à noite quando eram menores e estavam dormindo.

Mas, o que isso tudo tem a ver com a minha pesquisa? Tudo. Tudo, porque sinto que preciso escrever sobre a encantaria, sinto que é como se fosse uma angústia que

¹² Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuhW8> > Acesso em: 01/09/2017.

temos sobre algo, mas não sabemos explicar. É minha subjetividade dizendo que não existe neutralidade científica.

A minha segunda experiência ocorreu no ano de 2015, quando eu estava em Santa Rosa dos Pretos, na Tenda de Mãe Severina filmando a festa/aniversário de seu Pedro Légua (encantado). Cheia de medo, e eu nem imaginava em escrever sobre Tambor de Mina, quase nada sabia sobre encantaria, mas, eu estava lá e madruguei. Essa entrada no campo de pesquisa foi bem reveladora o que me fez relatar uma segunda experiência, *falando com encantado*.

Lembro como se fosse hoje, de quando eu entrei no Terreiro. Eram 23 horas e no canto da casa tinha um homem alto negro, todo de branco, de cócoras, no corredor de frente para a porta dos fundos por onde eu entrei. Eu, assim que entrei, gelei e fiquei parada com o olhar firme desse homem sobre mim. E ele disse: “pode entrar”. Eu não pensei mais em nada e entrei (medo? Talvez!). Em um outro momento, às 03h da madrugada, do mesmo dia de festa, dona Dalva (Filha de Santo) já estava dançando Mina, falou com Josiane, filha de dona Anaclética, e disse: quem é essa aí? Ela respondeu é Dayanne de São Luís, ela me olhou e perguntou: tu dança? Eu disse: não! Ela olhou pra Joseane e disse: quer ver eu chamar nela? Ela (Joseane) disse: não precisa não.

No outro dia, em conversa com Josiane, ela me relatou que não foi Dalva que falou com a gente e sim seu Pedro Légua. Dessa vez eu não estava mais só falando de um terreiro desconhecido, eu estava agora falando com encantado. Assim, a ideia de crença, de acreditar ou não nos encantados caiu por terra, porque nós estávamos em uma relação.

Não sei bem como comecei a me envolver com o Tambor de Mina enquanto religião de matriz africana, uns dizem que desde criança porque nasci quase morta com duas voltas do cordão umbilical no pescoço, mas sei que o quilombo mexe comigo e essa festa de mina me marcou muito e desde esse dia eu venho acompanhando várias festas/obrigações de entidades diferentes e nessas festas tanto as pessoas como as entidades me orientam sobre as coisas referentes a Mina.

No total durante esses anos (2016 a 2018) eu fui em 30 festas de Tambor de Mina e Candomblé nos municípios de São Luís, Rosário e Itapecuru-Mirim, todas no Maranhão. Temos que ter em mente que as festas que eu acompanhei acontecem somente uma vez por ano, sendo um dia, dois ou três de festa para algum encantado.

Santa Rosa dos Pretos é como costume dizer uma terra que sangra, mas mesmo ferida consegue fazer cicatrizar feridas das mais profundas, por causa da manutenção de

cosmologias não ocidentais que fazem parte da manutenção do lugar. Mas, sem o território, como mãe Severina nos relatou “eles (os quilombolas) não são nada”, segundo ela: “nem cidadania nós temos” (entrevista realizada em novembro de 2015).

O medo que eu tinha das religiões de matriz africanas foi sendo descolonizado, no momento em que eu pisei firme e com respeito na Tenda de mãe Severina, e a partir do momento em que eu passei a conversar com os encantados fora das festas e da Tenda.

A minha terceira experiência, nesse observar as coisas e pessoas da Mina me fez entender que a *encantaria é cotidiana*, não é só em momentos de festas que ela se apresenta, é na vida.

Assim, na minha ansiedade de fazer logo o recorte da minha pesquisa acabei por descartar uma série de possibilidades de “começar”. Falo começar no sentido de que todas as conversas, todos os encontros são importantes antes do “recorte final” do objeto de análise.

Era uma manhã meio fria do dia 01 de novembro de 2017, caso incomum em São Luís do Maranhão, e eu estava assistindo a aula do professor Horácio Antunes no Mestrado de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, nesse dia estávamos estudando sobre modernidade, colonialidade e poder lendo uma parte do livro *Histórias Locais/Projetos Globais* de Walter D. Mignolo e, no prefácio desse livro, o autor apresenta os métodos que usou para a construção de sua pesquisa. E foi aí que veio o “estalo na mente”, tudo é importante antes do recorte final!

Como não pensei em tomar as conversas como método da minha pesquisa? Eu estava tão interessada em conversar com a mãe de Santo (Dona Severina) e com suas filhas de santo, principalmente dona Dalva e Maria Luiza (conhecida como Pixita) que acabei por negligenciar outras formas de conhecimentos, ou seja, de entender o Tambor de Mina não só como forma de ser (filho ou filha de santo), mas pelas múltiplas experiências associadas a essa religião de matriz africana que nos permitem formas variadas de entender e questionar o real, que se apresenta na forma de Estado Nação.

O conhecimento que estava gritando para mim: “me ouve!” Vinha das experiências dos meus amigos e amigas que de alguma forma estavam envolvidos com o Tambor de Mina, não da mesma forma que um filha/o de santo, mas estavam.

Como costume ouvi no campo de pesquisa, o Tambor de Mina é um mistério, “a Mina é tudo” e ela se apresenta de forma variada para cada pessoa, bem como a mediunidade. As formas de envolvimento estão relacionadas com o sentir/ouvir ou ver

os atos/ações de sujeitos e entidades¹³ criadores dessa religião, é o que chamo inicialmente de fazer parte sem ser iniciado.

Nos momentos de descontrações e brincadeiras das pesquisas de campo sempre que acontecia um “evento”, no sentido de alguém sentir/ouvir ou ver alguma entidade, na maioria das vezes, era durante à noite. Os trabalhos de pesquisa que venho realizando com pesquisadores do GEDMMA estão sendo realizados em territórios de povos e comunidades tradicionais¹⁴ do Maranhão que, como destaca Mignolo (2003, p. 15) envolvem histórias locais que estão inseridos dentro de projetos globais e modernizadores.

Como estabelecer um diálogo com outras formas de conhecer que reconheça a dignidade nessas outras formas de conhecimento não necessariamente o científico e, como sugere Mignolo (2003, p. 42), “o objetivo é apagar a distinção entre o sujeito que conhece e o objeto que é conhecido”. Assim, os meus amigos e amigas que estão inseridos como o “outro” que conhece por meio das vivências cotidianas e de seus engajamentos em diferentes espaços de reivindicação de direitos. Meus amigos e amigas são em sua maioria sujeitos dessas comunidades que citei e que estão com seus lugares sob ameaça, seja por causa de uma empresa privada, pela presença de grileiros¹⁵ ou pelas ações do Estado que vê esses lugares como terras devolutas¹⁶.

Assim, aciono outras formas de conhecimento por meio dos diálogos com os outros (meus amigos – ou com o povo do terreiro com quem venho dialogando). Nessa perspectiva, o “me ouve” apareceu para mim em diversos momentos da pesquisa. Eu ouvia, mas não dava a importância, porque não fazia parte diretamente do meu recorte

¹³ Nos referimos aqui a espíritos, caboclos, orixás, voduns e encantados que fazem parte do Tambor de Mina.

¹⁴ As comunidades que acompanhamos são fruto de dois projetos que estão sendo desenvolvidos junto ao GEDMMA com financiamento da FAPEMA: um projeto de extensão no qual realizamos (GEDMMA) desde novembro de 2014, um curso de formação política itinerante em parceria com a Rede Justiça nos Trilhos, que concluiu sua primeira parte agora em agosto de 2017; e o segundo projeto é de pesquisa sobre os impactos da mineração no Maranhão, que se iniciou em 2016. As comunidades que acompanhamos assim são: do município de São Luís (Cajueiro e Taim); de Santa Rita (Sítio do Meio II e Outeiro dos Pires); de Anajatuba (Retiro São João da Mata, Companhia e Ilha Grande); de Itapecuru-Mirim (o território quilombola Santa Rosa dos Pretos e o de Monge Belo); Igarapé do Meio (Assentamento Vila Diamante); Arari (comunidade de Capim Açú e Mutum); Buriticupu (alunos da Casa Familiar Rural); Bom Jardim/Santa Inês (Terra indígena Rio Pindaré do povo Guajajara) e Açailândia (a comunidade de Piquiá de Baixo)...Totalizando, assim, uma faixa de 40 jovens que acompanhamos, jovens que vão de 14 a 40 anos.

¹⁵ Aquela pessoa que falsifica documentos para, “ilegalmente”, tomar posse de terras.

¹⁶ “Terras devolutas são terras públicas sem destinação pelo Poder Público e que em nenhum momento integraram o patrimônio de um particular, ainda que estejam irregularmente sob sua posse. O termo ‘devoluta’ relaciona-se ao conceito de terra devolvida ou a ser devolvida ao Estado”. Informações disponíveis em: < <https://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/27510-o-que-sao-terras-devolutas/> > Acesso em: 13/02/2019.

de pesquisa, esses diálogos me forneciam várias informações sobre a Mina. Mas eu ainda não estava prepara para ouvi, no sentido de lhes dar a devida importância.

A encantaria se apresentou para mim de diversas formas e eu demorei muito para entender que a Mina, segundo as pessoas e encantados com os quais dialogamos durante esses anos de pesquisa, é tudo. É tudo no sentido de fazer parte do cotidiano da vida das pessoas (principalmente das mineiras/os), todas as trocas, contatos, conversas, acordos, obrigações entre pessoas e pessoas; pessoas e entidades; entidades e entidades.

Uma das formas da encantaria eu conheci em Monge Belo II,¹⁷ na noite de 14 de outubro de 2017, quando estávamos nos preparando para dormir, depois de um dia intenso de pesquisa, na varanda da casa de uma das lideranças, seu Antônio Meireles. Estávamos conversando como tinha sido o dia de pesquisa e como estavam sendo boas as conversas com os moradores do local e, em algum momento, começamos a conversar sobre “sentir” a presença de entidades. Isso começou quando um dos nossos amigos de aproximadamente 35 anos pediu para segurar nossas mãos uma de cada vez (sempre a mão direita) e, em um determinado momento, quando ele segurou na mão de uma de nossas amigas, ela muito rapidamente, soltou a mão dele e começou a chorar. Ela nos relatou muito depois que tinha sentido uma angustia muito grande, uma dor no coração. Ela vem de uma família de ascendência indígena, a avó dela também “sente coisas” que não podem ser facilmente explicadas. Essa mesma menina me relatou que sente quando alguém vai morrer. Logo, em seguida, nessa mesma noite cada uma das pessoas do nosso grupo começou a falar sobre o que sentia e, antes de irmos dormir, seu Antônio nos falou que não era para a gente dormir com os pés para a rua por causa das entidades. Ele disse: “eles (as entidades) gostam de pegar nos dedos das pessoas e dormindo com a cabeça para a rua demora mais eles chegarem, pois até eles terminarem de contar os fios da cabeça já amanheceu”.

Um outro segredo de proteção que usamos quando sentimos a presença e não conseguimos dormir é pegar a chinela ou sapato que você está calçado e encruzar debaixo de onde você está dormindo, mas claro não pode fazer toda vez, porque, segundo os mais velhos chega um dia que não funciona mais.

O não funcionar mais pode estar relacionado com a hora de você cumprir sua obrigação no Tambor de Mina. Na festa de Tambor de mina para seu Pedro Légua, que aconteceu no dia 22 de setembro de 2018 na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes em

¹⁷ Faz parte do território quilombola de Monge Belo que está localizado no município de Itapecuru-Mirim no Maranhão.

Santa Rosa dos Pretos perguntei para Jovelina: você vai baiar¹⁸ hoje? E ela me respondeu sorrindo: eu já baiêi muito hoje. No sentido de ela já ter trabalhado e feito a parte dela no tambor, mais claro que mesmo ela tendo ajudado na organização da festa se seu guia quiser ele vem pra baiar no tambor. Porque como me disse uma vez seu João Cigano (caboclo), “pessoa nenhuma se governa e muito menos governa seu guia, a relação tem que ser sempre de muito respeito, conversas e acordos” (anotações do caderno de campo em agosto de 2017).

Nesse sentido, uns atendem, outros dançam, outros cozinham - várias são as formas de pagamento de obrigações na tenda, algumas são bem penosas. Por isso, ouvimos muito o pessoal do povo de terreiro falando que a mina não é só festa.

Segundo dona Dalva “quem é da Mina não queira sair e quem não é, não queira entrar”, entendemos assim que o Tambor de Mina não é só festa existem várias formas de sanções/restrições/obrigações relacionadas a sua manutenção enquanto religião.

Nesse contexto, a minha quarta experiência me fez entender que sendo a encantaria cotidiana, ela tem que ser permeada principalmente por relações de *respeito*. Em uma noite em Santa Rosa dos Pretos em agosto de 2017, na festa do caboclo Turco, seu Cearense quando se cantava para Rei Sebastião, por volta de 01h00 da madrugada. Um rapaz, morador da comunidade, de aproximadamente 20 anos, chegou e ficou na porta do terreiro de mãe Severina, com o braço encruzado.

Nesse momento, ele não sabia mas estava na passagem da corrente, ou seja, no caminho de entrada dos caboclos e do povo de rua (Pomba Gira, Exu, Zé Pilintra e outros) e não demorou muito começou uma gritaria do lado de fora do terreiro, era o rapaz que estava com manifestação de alguma entidade que o jogava sobre a cerca de madeira e depois no chão de terra batida. Os abatazeiros pararam de tocar, a música parou, os homens correram para segurar o rapaz, eram mais de cinco homens tentando contê-lo, não demorou muito seu Hilário, marido de mãe Severina, chegou para falar com ela e disse: “tem um rapaz com caboclo lá fora”, e ela respondeu: “quem disse que é caboclo?”. E Dalva já incorporada com seu Pedro Légua fala: “bem feito, ele estava com desdém na porta do terreiro, estava duvidando logo na corrente do Rei”. Não querendo muito, Severina incorporada com dona Tereza Légua foi e atendeu o rapaz no seu quarto de segredo, lugar esse de conversar com as entidades, de guardar os

¹⁸ Significa dançar incorporada com alguma entidade.

trabalhos, roupas e de atender as pessoas que buscam orientação espiritual. Demorou bastante para que o tambor voltasse a tocar novamente.

Nesse sentido, o respeito com as coisas da Mina tem que ocorrer não só para quem é filho ou filha de santo, mas para quem visita ou busca entender tanto suas ações como os sujeitos e entidades que dela fazem parte. Assim, tirar a licença/permissão é importante, antes de qualquer coisa, no sentido de que para se escrever/fotografar/registrar sobre alguma Tenda, primeiro a/o pesquisadora/o deve conversar com a mãe/pai de santo, depois com as filhas/filhos da Tenda bem como com os encantados e com as demais pessoas que circulam por meio do terreiro.

Uma das questões que me aparecem dentre outras é que a *Mina é um dom*, porque não é algo que você pede para ter, você nasce com ele. Mais recentemente uma amiga começou seu processo de iniciação, fazer a cabeça no Santo, com uma obrigação para um Orixá. Ela resolveu se iniciar porque em contextos e lugares diferentes, pessoas mandaram recado ou falaram para ela se cuidar porque eles, “as entidades”, queriam levá-la. Ela se iniciou com certo receio e medo, mas, ao mesmo tempo, com o desejo de se “cuidar” para não encantar em qualquer lugar ou até mesmo pelo medo da morte. Vários foram os sentimentos que a influenciaram, várias foram as experiências umas boas e outras ruins. Agora ela parece estar bem e ela me disse: “eu só sentia, agora eu estou começando a ver (os encantados)”. Ela me falou isso com uma certa preocupação.

Essas questões me fizeram pensar e me questionar como ou quais foram as formas de sentir a Mina dos meus interlocutores, como foram construindo uma visão de mundo com forte orientação de seus guias, mas também de suas experiências cotidianas com a família, escola, trabalho, sexualidade e outras experiências que são embaladas por diferentes sentimentos que também fazem parte do sentir as formas que a encantaria tem, no sentido de ser ou pertencer a um lugar ou grupo e que são marcas dinâmicas de múltiplas identidades do que somos.

O Tambor de Mina também existe por causa da união e do compartilhamento de múltiplas experiências que quando se encontram ajudam nesse processo de construção de uma visão de mundo que orienta as ações e escolhas cotidianas das pessoas.

Durante as pesquisas de campo observamos as festas e relações estabelecidas no terreiro, o tambor de crioula, a memória dos mais velhos, o festejo do Divino Espírito Santo, tomar benção para os mais velhos, pagamentos de promessas para São Benedito da casa do forno do município de Santa Rita, as ocupações de ferrovias, rodovias, as

audiências públicas e vários outros eventos, que chamo aqui genericamente de “lugares de encontros”. Esses lugares são também espaços de reivindicações de direitos fundamentais que estão sendo negados e violados em nome de um ideal de desenvolvimento econômico que está exterminando povos e comunidades tradicionais do Brasil inteiro.

Os “lugares de encontros” são os meios nos quais os membros das comunidades reexistem enquanto sujeitos individuais e coletivos, mesmo com a ameaça constante de projetos globalizantes que violentam múltiplas cidadanias quando negam o reconhecimento jurídico de territórios étnicos.

A pesquisa

Esta dissertação é fruto de mais de quatro anos de pesquisa¹⁹ sobre conflitos ambientais e territoriais no Maranhão junto com o grupo de pesquisadores do GEDMMA. Desde novembro de 2014 venho acompanhando sistematicamente o território quilombola Santa Rosa dos Pretos²⁰, localizada as margens do Rio Itapecuru no município de Itapecuru-Mirim no Estado do Maranhão. Este trabalho é um ponto de partida para entender a relação entre política e religião de matriz africana. Mais

¹⁹Sou impulsionada por um trabalho de campo anterior. O campo empírico estudado, deu origem a treze monografias, duas pelo Curso de Ciências Sociais e as demais pelo curso de Pedagogia da Terra, já defendidas, fora uma dissertação defendida em 2017 no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, ambos os cursos de programa de Pós-Graduação vinculados a Universidade Federal do Maranhão. Resultados da pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) através do projeto Reconhecimento de direitos territoriais e conflitos socioambientais no Maranhão iniciada em 2014 com orientação da professora Cíndia Brustolin em parceria com outros pesquisadores e militantes do movimento negro como: Joércio Pires; Anacleto Pires; Josiane Pires; Josiclêa Pires, Libânio Pires; Elias Pires Belfort; Jaqueline Pires Belfort e outras pessoas que moram no quilombo. Desde 2016, o grupo de colaboradores vem se ampliando e hoje estamos em diálogo com Jeferson Yuri Lima; Carla Pinheiro; Mateus Tainor; Eliana Macêdo (estudantes de diferentes áreas de conhecimento), através do projeto de pesquisa Conflitos, territórios e desigualdades ambientais no Brasil: diversidade sociocultural e luta por direitos, coordenado pelo professor Horácio Antunes de Sant’Ana Júnior e também financiado pela FAPEMA. Como resultado dessa empreitada de pesquisa, temos 12 monografias defendidas e vários artigos que já foram apresentados em eventos nacionais e internacionais. Ambos os projetos de pesquisa fazem parte do arcabouço de produção crítica do GEDMMA em diálogo com outras universidades (brasileiras, mexicana e cabo verdiana).

²⁰ Faz limite com outros territórios e quilombos. Ao leste, com o Rio Itapecuru e o quilombo Filipa. A oeste, com o território quilombola Monge-Belo (território este bastante presente junto ao território Santa Rosa, nas mobilizações e enfretamentos, perante o capital, por suas garantias de direitos). Ao norte, com as terras da comunidade de Barro Preto, atualmente conhecida como: assentamento São Francisco. Ao Sul, com o quilombo Oiteiro dos Nogueiras (SILVA, 2017, p. 49).

precisamente, fui levada em campo a pensar a encantaria²¹ como uma modalidade de pensamento e prática cotidiana que conforma a política quilombola.

Não pretendemos revelar os mistérios/segredos referentes ao culto do Tambor de Mina, nem temos a pretensão de criar categorias que fixem ou impossibilitem as diversas formas de sua compreensão. Entretanto, quando tomamos os encantados como os verdadeiros “donos” da terra, abrimos um leque de possibilidades para que percebamos o mundo e as relações sociais através de outras cosmovisões/perspectivas que nos ajudam a entender os sentidos outros para a manutenção do território.

Assim, destacamos que o culto aos encantados é um fator importante para conferir forma aos modos de resistência/enfrentamento aos conflitos ambientais quanto aos problemas da titulação das comunidades quilombolas.

A relação homem/natureza como forma de coproteção é o princípio filosófico que se destaca das práticas existenciais do culto que estamos estudando e que tem como uma de suas expressões o respeito. Por esse princípio, quando o homem deixar de proteger o território, ele não conseguirá ter proteção cósmica para o seu próprio corpo. Nesse sentido, essa dissertação desdobra questionamentos sobre como o corpo quilombola e o corpo da terra estão intrinsecamente vinculados pelos encantados, tendo em vista que o território negro estudado se encontra fatiado e seriamente afetado por muitos empreendimentos, a maioria privado e desde 2005 lideranças quilombolas do território estão pressionando o INCRA e as demais instituições responsáveis pela titulação de terras quilombolas no estado do Maranhão.

Os dados obtidos durante a pesquisa foram coletados a partir da realização de entrevistas semiestruturadas, revisão bibliográfica, pesquisa de campo e análises documentais. Durante o período, foram feitas cerca de vinte entrevistas que envolveram desde mães e filhas de santo, lideranças quilombolas e até entidades espirituais incorporadas.

Nessa situação de violência as “conversas” passam a figurar como “dados” importantes da pesquisa? Nas argumentações sobre o corpo da terra e o corpo quilombola no tempo presente do território negro que acompanhamos foram inúmeras as situações de “conversas” até a elaboração final da dissertação.

²¹ Usaremos a noção de encantaria proposta por Mundicarmo Ferretti (2000, p.108). Segundo a autora, as encantarias geralmente são concebidas como mundos situados no fundo das águas, dentro das árvores, ou abaixo da terra (em outro planeta). O lugar onde habitam as entidades (voduns, gentis, caboclos e outros).

Interlocutores Pessoas	Interlocutores Entidades
✓ Mãe Severina Belfort	✓ Velho Cearense
✓ Maria Dalva Pires	✓ João Guará
✓ Maria Luiza Pires (Pixita)	✓ Pedro Légua
✓ Josicléa Pires(Zica)	✓ Lourenço Légua
✓ Joércio Pires(Leleco)	✓ Tereza Légua
✓ Sabrina Felipe	✓ Dona Dodô
✓ Anacleta Pires	✓ Velha Joaquina
✓ Libânio Pires	✓ Maria Padilha
✓ Elias Belfort	✓ João Cigano
✓ Ribamar Belfort	✓ Mineirinho
✓ Josiane Pires	✓ Dona Rosinha
✓ Edinael	✓ Leguinha
✓ Paulo	✓ Dona Didi
✓ Nélio	✓ Raimundinha
✓ Nonato	✓ Tabajara
✓ Ivone	

Fonte: Organização da autora a partir de pesquisas de campo realizadas durante os anos de (2017-2018).

Todas as entrevistas foram realizadas dentro do território de Santa Rosa dos Pretos ao longo dos últimos dois anos. Consultamos estudos feitos sobre as comunidades quilombolas, conflitos ambientais e sobre a religião afro-brasileira.

Os momentos mais intensos de nossa observação foram durante a festa de caboclo (Aleluinha), aniversário da encantada da família Légua, Dona Dôdo, em abril de 2015 e abril de 2018; a festa para caboclo turco, seu Cearense, em agosto de 2016, agosto de 2017, agosto de 2018; a festa para seu Pedro Légua, em setembro de 2017 em setembro de 2018; a festa para dona Tereza Légua em dezembro de 2017 e, em fevereiro de 2017, a festa de seu João Guará que ocorre junto com a de São Lázaro dentro da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes. Entre janeiro e fevereiro de 2018, fiz um trabalho de campo mais demorado em Santa Rosa dos Pretos; participei do I Encontro das Comunidades Quilombolas de Itapecuru- Mirim/MA em abril de 2015, que aconteceu na escola Elvira Pires em Santa Rosa dos Pretos, e de rodas de conversa informais nos quintais e nas casas de algumas lideranças que aconteceram durante esses anos acompanhando os quilombolas em suas lutas.

Portanto, escolhi as narrativas da Mãe, das filhas/filhos de santo e das entidades (em sua maioria caboclos) do território quilombola Santa Rosa dos Pretos e de mineiros de outros lugares que participam do território por meio das festas e das visitas, como o fio condutor, como ponto de partida. Os relatos, os encontros, as visitas, as festas não apenas me ajudaram na compreensão da luta da comunidade, como foram basilares para o aprofundamento da análise e compreensão sobre a noção de pessoa e natureza quando acionados em contexto de território/territorialidades.

Optei em manter os nomes dos nossos interlocutores para assegurar uma coerente caracterização do nosso campo de pesquisa, bem como, para mostrar a importância de cada pessoa e encantado nesse processo, com a devida permissão de cada pessoa e encantado. E porque acredito que sem seus pensamentos, conhecimentos e conversas essa pesquisa não seria possível. As pessoas e os encantados da nossa pesquisa dão forma ao trabalho como um todo, pois apesar das experiências individuais de aprendizagem durante as pesquisas de campo, trata-se de um trabalho coletivo;

O que aconteceria se começássemos esse texto partindo das “margens” e não do “centro”? O que aconteceria se falássemos que os conceitos em voga em grande parte não servem para explicar a dimensão da vida quilombola, do corpo quilombola e sua relação com a natureza? O que aconteceria se disséssemos que *inspiração, dom e respeito* são conceitos que nos orientam no processo de entendimento das relações sociais e religiosas que são tecidas e estabelecidas no cotidiano do território quilombola que acompanhamos?

Acreditamos que partindo das “margens” outras possibilidades epistemológicas de análise seriam possíveis e os que foram e são violentados para o aparecimento da modernidade/colonialidade seriam não mais vistos como vítimas/atrasados/bárbaros/subdesenvolvidos, mas seriam agora senhores de suas próprias histórias e detentores da prática local de onde emanam quase todas as grandes teorias.

Destacamos que para se conhecer a realidade de cada povo temos que ir além dos conceitos que já estão postos, temos que tomar cada realidade como um universo singular, mas que se complexifica ganha forma e densidade na manutenção e na passagem das coisas/costumes que são considerados importantes para cada grupo.

Em Santa Rosa dos Pretos a força, a ancestralidade e a resistência são marcados pelo saber ouvir os mais velhos, no tocar/cantar o tambor de crioula para salva São Benedito (Santo preto), na relação cotidiana com os encantados/pajés/guias do Tambor

de Mina, no festejar o Divino Espírito Santo por uma graça alcançada, no fazer uma roça e em muitas outras relações cotidianas.

Infelizmente o cotidiano das comunidades negras no Maranhão é marcado também por relações de poder e de dominação, de um tempo passado, que se faz presente na não regularização de territórios de povos e comunidades tradicionais. Nos atrasos dos processos de regularização fundiária, na precarização das escolas públicas e postos de saúde na grilagem das terras que influencia diretamente na diminuição das áreas de lavouras e aumenta a insegurança alimentar de milhares de famílias.

Mendonça (2017, p. 59), em sua crítica sobre a modernidade/colonialidade, com ajuda das leituras decoloniais latino americanas questiona a ideia de humanidade única, de uma história que vem sendo contada de cima para baixo no processo de produção do conhecimento científico e na forma como esse conhecimento é usado na prática das relações de dominação e poder.

Assim, ele se questiona até que ponto os grupos e povos tradicionais precisam se admitir modernos para garantir sua condição de tradicionais? E nos lembra da forma violenta do desenvolvimento realizado pela coligação Capital /Estado no processo de expropriação de terras e recursos sob o uso de códigos, legislações, decretos e leis.

As reflexões de Mignolo (2003) permitiram uma espécie de despertar em mim, despertar para as possibilidades de produzir conhecimento por meio dos diálogos com saberes diferenciados, saberes que existem na prática (que são frutos de nossas experiências cotidianas) e que orientam o real (sujeito em sociedade) concomitantemente com o místico/religioso/sobrenatural.

Antes do resultado final do trabalho dissertativo, tudo é importante. Assim, no campo para além do campo físico de pesquisa (território quilombola Santa Rosa dos Pretos), arisquei-me a dialogar com filosofias/cosmologias que provêm das práticas, ou seja, que estão no âmbito das ações cotidianas, no nosso caso na vida dos mineiros, dos quilombolas, dos filhas/os e mãe de santo.

Nas reuniões semanais do GEDMMA, em reuniões e audiências nas comunidades tradicionais dos municípios de Santa Rita, Itapecuru- Mirim e Anajatuba, em seminários e encontros de povos e comunidades tradicionais, como vem sendo o caso da Teia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão que acontece duas vezes por ano em alguma comunidade, no acompanhamento de reuniões e festas (católicas, tambor de crioula, pagamentos de promessas para o santo negro – São

Benedito, Tambor de Mina e aniversários) no território quilombola Santa Rosa dos Pretos. Todas elas passaram a compor de alguma forma a narrativa desta dissertação (MINGNOLO, 2003).

Optamos em experimentar uma construção coletiva, no qual, cada capítulo da dissertação conta com a dedicada orientação do professor Horácio Antunes e da competência do co-orientador professor José Carlos Gomes Dos Anjos, foi revisado por colegas do GEDMMA e pelas lideranças quilombolas especialmente Dona Dalva, Anacleta Pires, Josicléa Pires e Joércio Pires. Apesar de toda ajuda, quero ressaltar que os erros e incongruências recaem somente sobre a autora e sua teimosia em não ter um material completamente concluído. Por conta dos múltiplos pensamentos e da incorporação de muitas ideias/pensamentos/teorias na escrita, é que escrevo a dissertação quase que integralmente na primeira pessoa do plural, nós.

Acredito que esse texto é *Ubuntu*²². E só foi possível porque eu sou o que sou porque eu sou todos nós. Na difícil tarefa de falar sobre o campo dos conflitos ambientais e das religiões afro-brasileiras é que adianto a minha leitora/leitor que as falhas e faltas desse texto só revelam que as relações aqui estudadas não podem ser entendidas em seu todo, como fixas e acabadas. Elas são dinâmicas tanto quanto a densidade que existem ainda sobre a compreensão do homem na natureza, do homem ambiente como nos disse seu Libânio Pires.

Segundo Dos Anjos na aula inaugural do Mestrado em Ciências Sociais que ocorreu no auditório A do Centro de Ciências Humanas da UFMA em 06 de outubro de 2016, pontuou que,

Nesses tempos de violência resgatar saberes e buscar explicações outras que não sejam somente as acadêmicas...a tentativa é de pensar a violência não pelo prisma dos estudos científicos, mas pelo quadro de análise apresentado pelas minorias para construir novas possibilidades de análise e de entendimento sobre Estado de direito e Estado de exceção.

Sendo assim, me proponho a “pensar o desenvolvimento como uma extensão econômica do terrorismo do Estado que se abate contra as minorias do país e tematizando isso através das violências sobre as religiosidades de matriz africana” (anotações do caderno de campo, aula inaugural, DOS ANJOS, 2016).

A saber,

²² “Uma pessoa com ubuntu tem consciência de que é afetada quando seus semelhantes são diminuídos, oprimidos.” Informações disponíveis em: < <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/ubuntu-filosofia-africana-que-nutre-o-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia> > Acesso em: 13/10/2018.

O tempo do cativo foi o período em que se reproduziam as riquezas do Brasil e se desumanizavam os negros, roubando seu tempo, suas vidas, aprisionando seus sonhos. Infelizmente ainda carregamos as marcas desse tempo em nossa sociedade. A luta incessante contra a reprodução de estruturas assentadas sobre os anos da escravidão permanece (SANTOS, 2017, p. 31).

Nessa perspectiva, quando falamos de reconhecimento étnico temos que ter em mente uma sociedade que carrega as marcas coloniais, relações de poder e de interesse que se assentam ou se acentuam com diferenças racializadas. Como sinalizou seu Libânio Pires, em uma de nossas entrevistas realizada em Santa Rosa dos Pretos: “o que estamos vivendo hoje ainda é fruto da escravidão, ela não acabou só ganhou novos formatos, isso que tão fazendo com a gente, negando uma terra que por direito é nossa, é uma escravidão, a roça já não dá mais como antes e nossos igarapés estão morrendo” (entrevista realizada em 05/09/2016²³).

Nesse sentido, segundo seu Libânio Pires, uma das formas da escravidão está na não titulação das terras dos quilombolas, o que possibilita que elas sejam o tempo todo vendidas, invadidas e cercadas por fazendeiros, Estado e por projetos de desenvolvimento econômico.

A expressão da morte dos igarapés afeta diretamente a continuidade das famílias no território quilombola, na medida em que é dele que provém a vida, “porque água é vida” (conversa informal realizada com Dona Dalva em novembro de 2017). Na relação com os encantados que habitam lugares dentro das matas, das mães águas que cuidam das vertentes de água é que os quilombolas vão tecendo leituras outras sobre os problemas ambientais que só se intensificam dentro de seu território.

A interação com os encantados é um princípio filosófico de coproteção que confere forma ao homem natural que tem seus pés fortes e firmes como as raízes das árvores, seu corpo protegido pela terra, pedras folhas, seus olhos feito dos pássaros da mata e o coração incorporado por todos os espíritos/pajés/encantados. O corpo quilombola e o corpo da terra estão vinculados primeiramente por uma relação de respeito e depois pelo cuidado com a natureza.

Analisando um contexto etnográfico diferente foi que Zhouri & Laschefski, (2010, p. 25) pontuaram que, “o território é entendido como patrimônio necessário para a produção e reprodução que garante a sobrevivência da comunidade como um todo”.

²³ Entrevista semi-estruturada que contou com a participação da professora Cíndia Brustolin, Anacleto Pires, Joércio Pires e Josicléa Pires.

Assim, objetivamos entender em que medida a chegada de grandes empreendimentos dentro do território quilombola Santa Rosa dos Pretos coloca em risco a vida de milhares de famílias, quando afeta diretamente as matas, provoca o assoreamento de Igarapés, poços, satubas e coloca em risco o desaparecimento de lugares sagrados que são importantes no processo de interação e de relação das pessoas com os encantados. Sendo o território fundamental para a manutenção da vida no quilombo.

TERRITÓRIO: conflitos ambientais e Santa Rosa dos Pretos

Nas três últimas décadas, a trajetória dos conflitos socioambientais no Brasil é caracterizada pelo enfrentamento de povos e comunidades tradicionais contra empresas de grande porte e órgãos governamentais que buscam executar projetos desenvolvimentistas em seus territórios, “em função de muitas estarem localizadas em áreas que interessam a particulares, a empresas e, em muitos casos, ao próprio Estado, seja por razões comerciais ou estratégicas, além da agudização de conflitos, de violação de direitos fundamentais” como revela Souza Filho (2008, p.13). Situações de tensões que ultrapassam décadas, como a da construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, no estado do Pará, são emblemáticas na luta de indígenas e ribeirinhos.

No Maranhão, a região que abriga a estrutura logística do Programa Grande Carajás²⁴ é palco para vários conflitos envolvendo principalmente a empresa multinacional Vale S.A, a antiga Companhia Vale do Rio Doce²⁵. A Estrada de Ferro Carajás (EFC) que escoar a produção das minas de ferro²⁶ no Pará, passa, segundo

²⁴ Sant’ Ana Júnior e Cardoso (2016), no apanhado histórico sobre a criação do programa Grande Carajás, destacam que mesmo depois de extinto, no ano de 1991, as ideias e projetos de infraestrutura relacionados ao Projeto Grande Carajás envolvendo a Amazônia Legal, com regiões escolhidas para a execução/instalação de projetos desenvolvimentistas continuaram em andamento. Sendo retomados mais intensamente com a implementação do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) no governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010) e no primeiro mandato da presidenta Dilma Rousseff (2011-2014).

²⁵ A antiga Companhia Vale do Rio Doce, hoje somente Vale S.A. foi instalada no Maranhão na década de 1980 e vinha validada pelo slogan do “desenvolvimento” para o Estado, que atualmente sabemos que beneficia poucos e prejudica muitos, notícias sobre os impactos da ferrovia podem ser encontrados na página eletrônica: <http://www.justicanostrilhos.org/>

²⁶ A mineração é uma das formas de extração das matérias primas encontradas no Brasil e é apresentada por agentes governamentais e privados usada como sendo algo economicamente positivo e que fomenta o desenvolvimento no país, mas as formas que são usadas para acumulação e escoamento de produto deixam um extenso caminho de violência. Comunidades e povos inteiros acabam vivendo “a margem” da sociedade tendo seus direitos lesionados/violados para alimentar um sistema predatório de

dados da Rede Justiça nos Trilhos²⁷, por 27 municípios nos estados do Maranhão e Pará, atingindo mais de 100 comunidades, dentre elas povos quilombolas e indígenas até chegar ao porto em São Luís, gerando tragédias/efeitos ambientais e sociais.

Sant' Ana Júnior e Cardoso (2016), no apanhado histórico sobre a criação do programa Grande Carajás, destacam que mesmo depois de extinto, no ano de 1991, as ideias e projetos de infraestrutura relacionados ao Projeto Grande Carajás envolvendo a Amazônia Legal, com regiões escolhidas para a execução/instalação de projetos desenvolvimentistas continuaram em andamento. Sendo retomados mais intensamente com a implementação do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) no governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010) e no primeiro mandato da presidenta Dilma Rousseff (2011-2014).

Atualmente a Vale vem ampliando sua capacidade de exploração na Jazida de Serra Sul, em Canaã dos Carajás – Pará, com o projeto de uma nova mina, a S11D. Para isso empreendeu a duplicação da Estrada de Ferro Carajás, atingindo com maior intensidade as comunidades já atravessadas pelos trilhos e gerando conflitos por externalidade, ou seja, quando “o desenvolvimento de uma atividade compromete a possibilidade de outras práticas se manterem” (ACSELRAD, 2004, p. 25).

O território quilombola Santa Rosa dos Pretos é um desses lugares que desde a década de 1950 vem sofrendo com a invasão e tomada de áreas de dentro de seu território para a passagem da rodovia/BR135, da Estrada de Ferro Carajás, a estrada de ferro Maranhão-Teresina, de fazendeiros, dos linhões de transmissão de energia e de muitos outros projetos desenvolvimentistas em curso no país.

O município de Itapecuru-Mirim, onde muitos quilombos estão situados como o território quilombola por nós estudado, é circundado por um conjunto de outros municípios vizinhos (Anajatuba, Miranda do Norte, Santa Rita, Rosário, etc) que manifestam uma forte presença do povo negro. Itapecuru-Mirim no período colonial foi um importante centro, que abastecia dentre muitos outros lugares, a cidade de São Luís do Maranhão.

desenvolvimento. Podemos ver tais realidades em diversos documentários tais como: Enquanto o Trem não Passa, produzido pelo Mídia Ninja e da Peleja do Povo Contra o Dragão de Ferro de Murilo Santos.

²⁷ Informações retiradas do: <http://justicanostrilhos.org/2015/10/30/as-margens-dos-trilhos-da-vale-familias-do-para-e-maranhao-sofrem-remocoes-forçadas/>

Desde os anos de 1940 Itapecuru-Mirim vem sendo povoado por empreendimentos privados, que em sua instalação negam a existência dos quilombolas ao negar a existência de seus territórios.

Itapecuru-Mirim é um grande território de negros que conseguiram se aquilombar, constituíram famílias, preservaram os tambores, as festas e reorganizaram a forma e uso da terra. Trabalhando em coletividade por muito tempo viveram em uma terra sem cercas, os limites e a gestão do território em Santa Rosa dos Pertos ficavam a cargo dos mais velhos, que se reuniam para decidir formas de uso e ocupação das terras de preto.

Como muitos empreendimento já estão sobre o território dos quilombolas e a maioria passou sem realizar a *consulta prévia*, que é um direito conquistado, atualmente eu faço parte de uma equipe de pesquisadores da UFMA (GEDMMA/NERA) e da UEMA (NUPEDD) estão trabalhando em parceria com os quilombolas para pontuar o tamanho real da área que está sendo usada para o processo de duplicação da rodovia/BR 135 no estado do Maranhão. Um processo violento, que vem intensificando ainda mais os efeitos ambientais nessas áreas e que sob o prisma do racismo institucional presente em grande parte dos órgãos responsáveis pela elaboração e execução de obras/indústrias de base e de infraestrutura.

Mais abaixo colocamos uma imagem do mapa que traz uma estimativa do número de quilombos e territórios quilombolas que no mapa do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DENIT) responsável pela duplicação da rodovia/BR 135, não aparecem.

Esse mapa toma como área de abrangência direta do empreendimento, ou seja, a distância de 40 km do eixo central da rodovia para ambos os lados, seguindo instruções da Portaria Interministerial 60, de março de 2015, compreendendo que a rodovia está dentro dos limites da Amazônia Legal. O mapa mostra uma projeção somente de 4 (Santa Rita, Itapecuru-Mirim, Anajatuba e Miranda do Norte) dos 13 municípios afetados.

A disposição espacial dos empreendimentos sobre os territórios quilombolas causaram muitos prejuízos às comunidades, conforme relatado em vários documentos e ações judiciais: diminuição de seus territórios, das áreas de roças, entupimento de igarapés, ruídos. Os empreendimentos foram construídos sem observar os impactos sobre esses grupos, chegando a desconsiderá-los nos processos de licenciamento. Tratando-se de um corredor logístico para exportações e uma região aonde as comunidades aparecem invisibilizadas, o projeto de um novo empreendimento (como a duplicação da

BR) deve considerar os graves impactos já existentes sobre as comunidades que ali vivem e sobre os ecossistemas locais. Existem comunidades que já são atravessadas por três empreendimentos distintos (conforme aponta o mapa), perdendo parte de suas terras, suas áreas de roças, seus lugares de pescaria e absorvendo o passivo ambiental provocado²⁸.

O mapa apresentado aqui não está finalizado. Resolvemos colocá-lo, porque achamos importante evidência a existência de muitos quilombos em uma região que está sendo fortemente atravessada por projetos desenvolvimentistas.

²⁸ Ofício entregue no dia 04 de fevereiro de 2019 para o Dr. Yuri Costa Defensor Público da União pela equipe de pesquisadores da UFMA E UEMA.

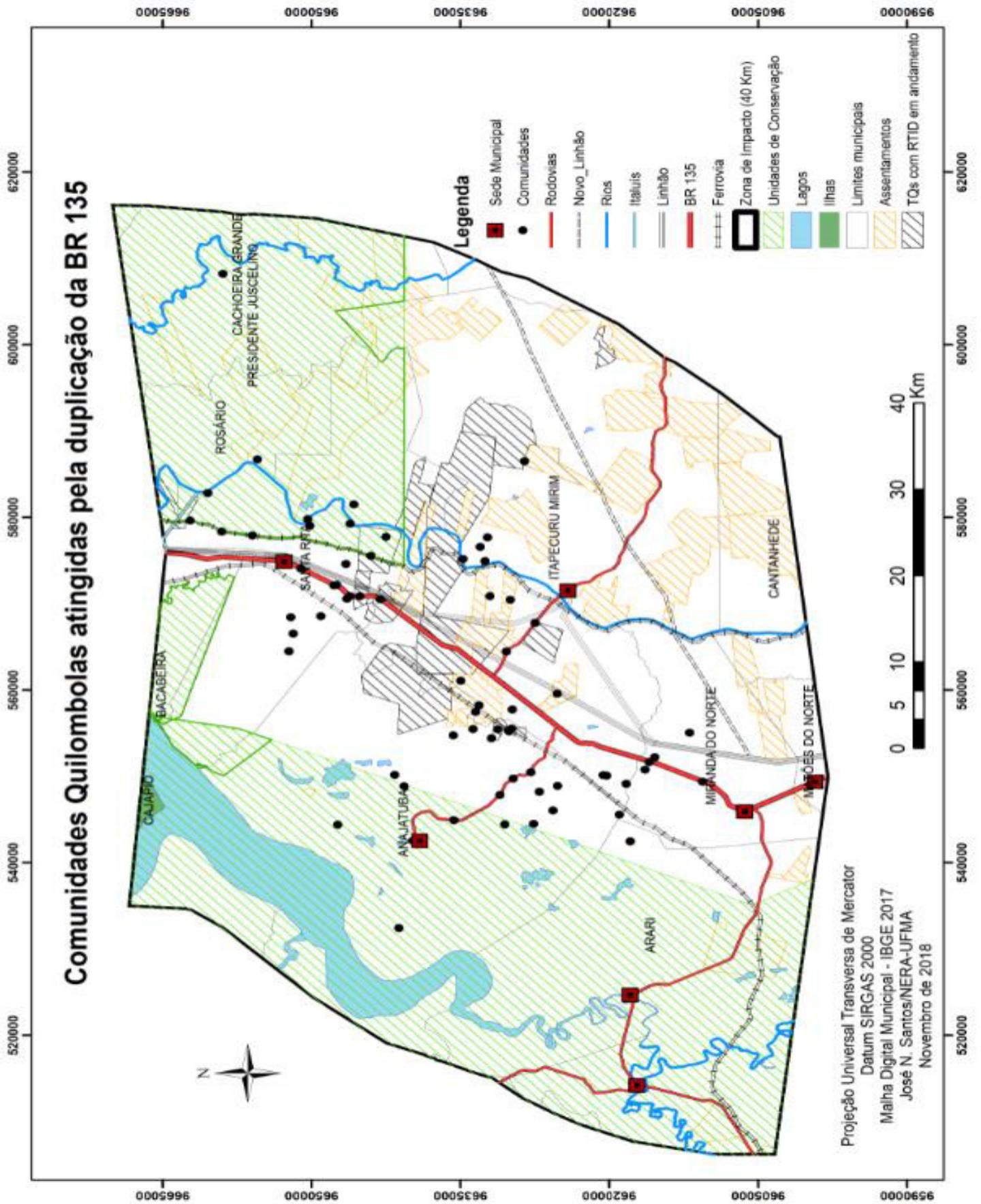


Foto 01: Mapa do quadro demonstrativo de comunidades quilombolas e empreendimentos que afetam vários quilombolas em 4 municípios do estado do MA

Fonte: UFMA (GEDMMA/NERA) e UEMA (NUPEDD)

As terras e a vida em Santa Rosa dos Pretos estão relacionadas à chegada, no século XIX, de sete famílias (originadas de Felipe, Fileti, Judith, Antônia, Olívia Pires, Olímpio e Amância) que foram trazidas do continente africano para o trabalho escravo na lavoura da fazenda Kelru, nas margens esquerda do rio Itapecuru, pertencente à família do Joaquim Raimundo Nunes Belfort, conhecido como Barão de Santa Rosa.

Segundo dona Anacleta, temos que destacar sobre os Belfort que, Joaquim Raimundo Nunes Belfort (o Barão da Santa Rosa) era um dos filhos do Joaquim Raimundo Nunes Belfort, também chamado de “Capitão” e esse era filho do Lourenço Belfort (velho). Assim, o Barão da Santa Rosa, um dos herdeiros da família Belfort foi neto de Lourenço Belfort.

Desde meados do século XIX, famílias negras escravizadas foram incorporadas à produção na fazenda, principalmente, de algodão, arroz e do bicho da seda. As terras onde se concentrava o centro de lavoura da fazenda foram deixadas em testamento aos ex-escravos e seus descendentes que, assim, poderiam viver e roçar sem ônus, mas sem poder vender ou alugar.

O local chamado Santa Rosa foi legado por Joaquim Raimundo Nunes Belfort (Barão da Santa Rosa) tanto para os seus descendentes, como para os escravizados que ali continuavam a trabalhar. Joaquim teve um filho com América Henriques, que trabalhou como escrava na sua fazenda para sua esposa, Maria Madalena Viana Henriques (LUCCHESI 2008, p. 37 e 38).

Com a queda das fazendas, dos engenhos, da produção de arroz, algodão dos “senhores de escravos” no século XIX muitas áreas no Maranhão foram abandonadas pelos fazendeiros, outras por terem sido consideradas improdutivas foram doadas aos escravizados (como é o caso de muitos dos territórios negros do município de Itapecuru-Mirim e de Alcântara).

As terras “improdutivas” passaram a ser cultivadas pelos negros e assim foram se estruturando em setores e povoados, com núcleos familiares extensos e que se estendem, no nosso campo de estudo de uma ponta a outra do município de Itapecuru-Mirim, por meio dos casamentos e apadrinhamento, “somos tudo parente aqui nessa área, tudo uma grande família” (Zica setembro de 2017).

Santa Rosa dos Pretos se constitui como uma área com mais de 750²⁹ famílias. O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)³⁰ reconheceu o

²⁹ Dados atuais da contagem dos moradores do quilombo.

Território Quilombola com uma área de 7.316,5112 hectares das terras de Santa Rosa dos Pretos, com “326 famílias” por meio da Portaria/Incra/Nº 355, de 10.07.2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) de 11.07.2014. Essa estimativa dada sobre o tamanho das terras pelo INCRA é uma porção menor se levarmos em conta que os limites fornecidos pelos quilombolas, que de um total de 10 fatias, hoje vivem somente em uma.

O território quilombola Santa Rosa dos Pretos, localizado no município de Itapecuru-Mirim engloba um conjunto de núcleos comunitários chamados de quilombos: Boa Vista, Pirinã, Barreiras, Leiro, Centro de Águia, Fugido, Barreira Funda, Sítio Velho, Picos I, Picos II, Curva de Santana, Alto de São João, Tingidor do Campo, Colégio, Kelru, Santa Rosa dos Pretos, além de Matões, Fazenda Nova, Pindaíba e Conceição (os quatro últimos são quilombos de dentro do território que foram tomados por fazendeiros).

³⁰ Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/noticias/decretos-de-desapropriacao-atendem-quilombolas-de-charcoe-santa-rosa-dos-pretos-no>> Acesso em: 02/02/2016.

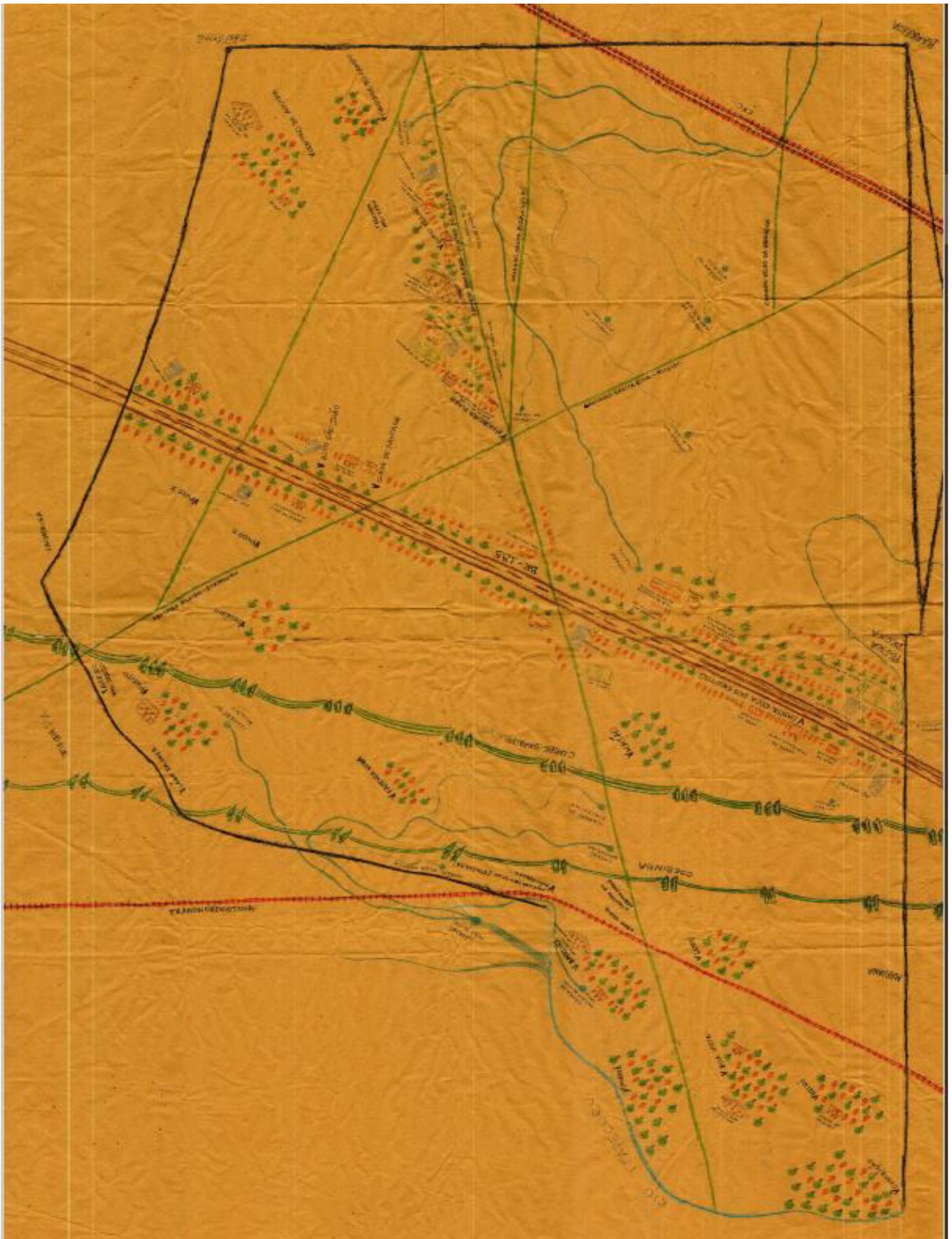


Foto 02: mapa da área do território quilombola Santa Rosa dos Pretos com os efeitos ambientais dentro do território.

Fonte: mapa produzido por Zica Pires - Acervo da comunidade quilombola (2017-2018)

Mesmo o território quilombola sendo extenso em áreas de terra e rico em recursos naturais e nas suas tradições/festas/festejos/tambores e obrigações, na lógica do desenvolvimento, vai ficando empobrecido, porque outros valores são sobrepostos aos valores locais.

Nesse sentido, é que no documentário “Os Guardiões de Santa Rosa³¹”, seu Libânio fala que:

A Santa Rosa tem pobreza mais não é pobre. É que tem história, é que tem a cultura, segundo não desprezou, não largou. Morreram, apanharam como que, mas não largaram, e isso que é a riqueza da Santa Rosa. Porque, se não fosse ela, também, com certeza, nós não estava aqui...e não tem coisa mais importante pra minha vida que não seja essas culturas.

Nesse contexto, destacam-se outros impactos, para além dos que aparecem nos documentos oficiais do que colocam em risco os valores morais, a relação com a natureza e regras importantes que organizam a vida social do grupo.

Os relatos das filhas/os de santo, dos encantados/caboclos/pajés e da mãe de santo chamam atenção para prejuízos sociais, físicos e cosmopolíticos: o assoreamento dos igarapés, a derrubada das palmeiras e das mangueiras, a possível derrubada do pé de pequi, os atropelamentos e mortes na rodovia BR - 135 e na ferrovia, a diminuição das roças para instalação dos linhões e fazendas e a imposição de viver sob um tempo de incertezas e espera.

O tempo de incerteza sobre a titulação das terras negras no Maranhão é acompanhado pela flexibilização das leis, muitos cartórios foram criados/usados para facilitar a grilagem de terras dentro de territórios de povos e comunidades tradicionais. Um exemplo foi a divisão do território quilombola Santa Rosa dos Pretos em sete partes.

No ano de 1952, houve uma divisão das terras do território de Santa Rosa em 7 quinhões. Esse parcelamento das terras servia para atender interesses particulares. A divisão seguiu assim: 1) “Quelru” 154,2040ha para CIA Babaçu LTDA; 2) “Boa Vista” 3.098,0000ha para Marcolina Pires Belfort; 3) “Barreiras” 726,0000ha para José Lopes Macedo; 4) “Frexeiras” 500,0000ha para Maria Anunciação; 5) “Santa Rosa” 2.178,0000ha para Urbano e outros; 6) “Santa Rosa” 1.260,6000ha para Marcolina Pires Belfort; 7) “Picos” 894,8400 para Joaquim Nogueira da Cruz (SILVA, 2017, p. 33).

³¹ Guardiões de Santa Rosa é um filme documentário produzido pelo *Imagina* e exibido no Canal Futura em 2015, retrata a comunidade quilombola de Santa Rosa dos Pretos, no interior do Maranhão, e seus líderes comunitários na luta para preservar as práticas culturais, as religiosidades e os costumes, tradições e memórias de seu povo. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=16n4h9R09fA> > Acesso em: 19 de novembro de 2018.

Nesse contexto, o território a muitos anos vem sendo dividido em alguns momentos “legalmente” e em outros não e é dentro da legalidade que a terra vem sendo fracionada para interesses meramente particulares. Como alternativa a um cenário de violência e de negação do negro na sociedade, foi que fruto de muitas mobilizações se conseguiu colocar na Constituição Federal o Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias de 1988 que trata do reconhecimento de terras de “remanescentes de quilombos”.

Os quilombolas começam a lutar judicialmente pelo direito a regularização de seus territórios. As lideranças de Santa Rosa dos Pretos, na luta pela permanência em suas terras foram foadas a abriram processo no INCRA em 2005 por conta do número de violência e ameaças que vinha acontecendo no território. Em 2008 conseguiram que o Laudo antropológico fosse feito e por meio de uma ocupação que ocorreu no INCRA, que culminou com greve de fome conseguiram que a Presidenta Dilma Vana Rousseff assinasse a Portaria de Reconhecimento do Território em julho 2014 e dos decretos de desapropriação por interesse social dos imóveis tomados por fazendeiros e invadia por empreendimentos públicos e privados que se sobrepuseram ao território, desde a década de 1940.

O lugar enquanto possibilidade de sentidos

As noções de *território*, *memória*, *dom e natureza* permitem compreender a existência de não lugares jurídicos (territórios de povos e comunidades tradicionais) e a afirmação de signos locais e modos de vida distintos daqueles da sociedade capitalista. Essas categorias, quando acionadas em contexto de luta, permitem que sujeitos humanos existam mesmo que não sejam juridicamente reconhecidos em seus territórios.

No Maranhão falar de desenvolvimento é pontuar um cenário constante de assassinatos e violação de direitos, no qual a muito as pessoas de povos e comunidades tradicionais são percebidas por planejadores estatais e privados como não tendo dignidade e são consideradas invasoras dentro de seus próprios territórios.

O termo desenvolvimento econômico apresenta-se como sendo aquele ligado às melhores condições de vida, mas, mascara relações centenárias de poder. Poder este capaz de legitimar determinados grupos sociais e seus modos de vida como sendo superiores, quando estabelece relações hierárquicas de superioridade e inferioridade. Um dos discursos mais emblemáticos na história sobre a afirmação da necessidade do

“desenvolvimento” foi o do Presidente Truman em sua posse no governo dos Estados Unidos da América (EUA) em 20 de janeiro de 1949. Ao tratar sobre o que significa desenvolver, além de garantir a hegemonia dos Estados Unidos trouxe consigo embutido a posição de subdesenvolvido. “Em um sentido muito real, daquele momento em diante muitas pessoas deixaram de ser o que eram antes, em toda a sua diversidade, e foram transformados magicamente em uma imagem inversa da realidade alheia: uma imagem que os diminui e os envia para o fim da fila” (ESTEVA, 2000, p. 60).

A eficácia do “desenvolvimento” e dos projetos de desenvolvimento reside na sua condição de política necessária e parâmetro universal de bem-estar. Acselrad (2004) faz uso das análises feitas por Bourdieu e explica o ambiental como um campo específico de construção de conflitos, no qual as “lutas/conflitos” são lutas por recursos e são também lutas por sentidos culturais. É o poder estatal de classificar, representar, nomear, atestar e legitimar o que está sendo colocado em jogo no cenário social.

A implantação desses projetos cria um campo conflitivo de relações de poder e de espaços de dominação e de resistência, como ocorre em Santa Rosa dos Pretos que é considerada entrave ao projeto de (des)envolvimento do governo do Maranhão. Uma comunidade com valores distintos dos da sociedade capitalista e que se configuram como modernidades alternativas (ESCOBAR, 2005).

Apesar do projeto desenvolvimentista que se instalou no país, percebemos o quanto se fazem necessárias as pesquisas que envolvam uma análise dos diferentes conflitos ambientais que se instauraram em diversos pontos do Brasil, estudos que já foram feitos e outros a serem realizados, a fim de problematizar como direitos históricos e duramente conquistados estão sendo flexibilizados e violados em favor da manutenção do Estado Nação.

Nesse contexto, experimentamos a etnografia como ferramenta metodológica, como método etnográfico e como método sensível que pressupõe a interação entre pesquisador e seus interlocutores e seus diferentes pontos de vistas, bem como a realização de etapas (estranhamento, esquematização, desconstrução, comparação e sistematização) para a produção da pesquisa (FONSECA, 1999; CLIFFORD, 2002; AHLERT, 2014).

Escobar (2005) destaca a importância da noção de “*lugar*” para contraposição do processo homogeneizador de globalização e das políticas desenvolvimentistas dele derivadas. O lugar enquanto experiência de um processo de socialização distinto e específico continua “com algum grau de enraizamento, com conexões com a vida diária,

mesmo que sua identidade seja construída e nunca fixa, continua sendo importante na vida da maioria das pessoas”. Assim, o “lugar” emerge enquanto possibilidade de sentidos, concepções, estratégias que se contrapõem aos projetos de desenvolvimento.

Para Escobar (2014) é interessante se concentrar na análise política das vozes, dos conhecimentos e das estratégias políticas dos movimentos sociais e de povos e comunidades tradicionais, o que chama de uma política ontológica e o que dos Anjos (2006) chama de uma teoria nativa.

A teoria nativa parte dos sentidos e das leituras que os grupos marginalizados fazem de si mesmos, dos conceitos que surgem das relações cotidianas e que orientam as ações das pessoas em diferentes contextos sociais afim de fazer valer direitos, que estão sendo flexibilizados em favor de parcerias e acordos multinacionais.

Dos Anjos (2008) em seus estudos busca uma visão cosmopolítica, segundo a qual o antropólogo não somente interpreta e analisa os significados que os “nativos” dão às coisas e ao mundo/ às suas experiências de vida, mas, na qual se faz uso da fala do “nativo” para escrever com ele novas formas de conhecimento sobre o processo de luta, de resistência, ou seja, como constroem seus discursos políticos e filosóficos em torno de suas problemáticas cotidianas.

Assim, compreender processos de resistência na configuração de um território étnico de uma comunidade quilombola como Santa Rosa dos Pretos requer que se tome a agência dos grupos no decorrer dos processos históricos vividos. Nesse sentido, torna-se importante perceber como esses quilombolas interagem, leem e percebem o Estado para construir suas formas de resistência e estratégias de luta.

Assumindo essa perspectiva é possível dar foco a uma série de ações e reivindicações que buscam fazer com que o Estado adote medidas para garantir às comunidades negras o direito a se desenvolver econômica e socialmente, acionando elementos de sua cultura autônoma, incluindo suas formas de economia. Por exemplo, o Movimento Zapatista³² é um exemplo vivo na construção de uma visão que envolveu a relação entre território e dignidade, a partir do qual é pontuado que “sem as condições

³²“O movimento zapatista tem origem na constituição do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), que se inicia com a geração que participava dos movimentos que marcaram o final da década de 1960. O México estava sob uma forte crise social que unia setores estudantis e a base da sociedade; as repressões políticas aos envolvidos por parte do governo provocam uma rearticulação da esquerda do país, que passa a se organizar em novos partidos, guerrilhas urbanas e movimentos sociais”. Artigo disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/prisciladasilvanascimento.pdf>. Acesso em: 19 de novembro de 2018.

materiais e culturais para a reprodução da vida (o território) não há dignidade”, como destaca Escobar (2014, p. 84).

É objetivo da presente dissertação compreender como se dá a relação entre pessoa e encantados nos domínios concebidos pelos quilombolas como sendo do âmbito do religioso e as esferas de ação concebidas como propriamente políticas; na esteira desse objetivo mais geral, visamos estudar as relações das pessoas com os lugares que compõem o território e são apreciados como espaços importantes/sagrados, mas estão ameaçados pelos grandes empreendimentos; para correlacionar essas dimensões será de fundamental importância entender como as noções de pessoa e de natureza aparecem no território.

O primeiro capítulo visa entender como o pensamento religioso de matriz africana confere formas aos conflitos ambientais e territoriais. Nele analisamos as interpelações de entidades sagradas durante rituais religiosos e que de alguma forma criam perspectivas sobre o conflito ambiental e a demanda por segurança fundiária.

No segundo capítulo penetramos nas especificidades da gramática que emana do Tambor de Mina visando suas dimensões ontológicas fundamentais: a concepção de pessoa, a territorialização dos caboclos, a concepção de natureza e os princípios de hierarquização das relações pessoais e com o sagrado. Essas dimensões interacionadas dão forma às possibilidades locais de pensar os conflitos e serão explorados nessa medida.

No terceiro capítulo nos centraremos nas leituras dos trabalhos de pesquisa de um pedagogo e de duas pedagogas, ambos lideranças quilombolas de Santa Rosa dos Pretos, leituras essas que junto como campo empírico, o estar lá conversando e escrevendo com nossos interlocutores nos ajudam a compreender como os grandes empreendimentos ameaçam os territórios de povos e comunidades tradicionais e suas concepções do que seja boa vida. Fizemos aqui o relatório de um confronto cotidiano cujo clímax são as grandes manifestações quilombolas contra o Estado e os grandes empreendimentos.

CAPÍTULO I - TERRA DE ENCANTARIA



*“A Mina não é A, B, C
Não é uma escola que se apreende a ler.”*

*Doutrina cantada por caboclo Tupinambá, incorporado em
João Batista (pai de santo do quilombo Santa Joana -Itapecuru-Mirim/MA).*

Para a leitura dessa dissertação três pontos são importantes. Primeiro, esse trabalho é fruto das nossas observações de campo, é fruto acima de tudo da observação direta (*in loco*). Segundo as compreensões, definições e os conceitos sobre pessoa, natureza, território e encantaria que norteiam nossa escrita emanam primeiro das concepções e das formas de entendimento das pessoas incorporadas de si mesmas, das pessoas incorporadas por alguma entidade e dos encantados com os quais conversamos. Terceiro, este trabalho não se prende a conceitos e formas de enquadramento, pois como disse caboclo Tupinambá, “a Mina não é A, B, C, não é uma escola que se apreende a ler”, e apesar de todas contribuições etnográficas que nos permitem visualizar as diferentes formas pelas quais a encantaria se apresenta na Pajelança, Terecô e no

Tambor de Mina, queremos pontuar que nem os pais/mães de santo sabem de fato de onde as entidades vêm, e são os mistérios e segredos que tornam a encantaria um território existencial (GOLDMAN, 2003). Assim, a encantaria da casa de mãe Severina, não é a mesma de um outro terreiro, “cada casa tem seu fundamento e seu axé, por isso a Mina é Mina, um grande mistério” (Mineirinho, encantado, em novembro de 2018).

Nesse sentido, tomamos o território quilombola e a encantaria, como mundos que estão em conexão um com o outro e reexistem por meio do compartilhamento de múltiplas experiências, dos acordos e das trocas entre pessoas com pessoas; pessoas e encantados e encantados e encantados.

Assim, buscamos entender todo um modo de ser que é passado de geração a geração através da cultura, dos encantados, dos mais velhos, da memória, da fala, das trocas, das religiões, dos tambores, ou seja, de costumes que vão tecendo uma rede de relações entre pessoas e encantados no processo constante de permanência no território quilombola.

1.1 O TERREIRO: **Tenda Nossa Senhora dos Navegantes**



Foto 03: Tenda Nossa senhora dos Navegantes (2015) – Altar de dentro da Tenda com imagens de Santos da igreja católica (2017)

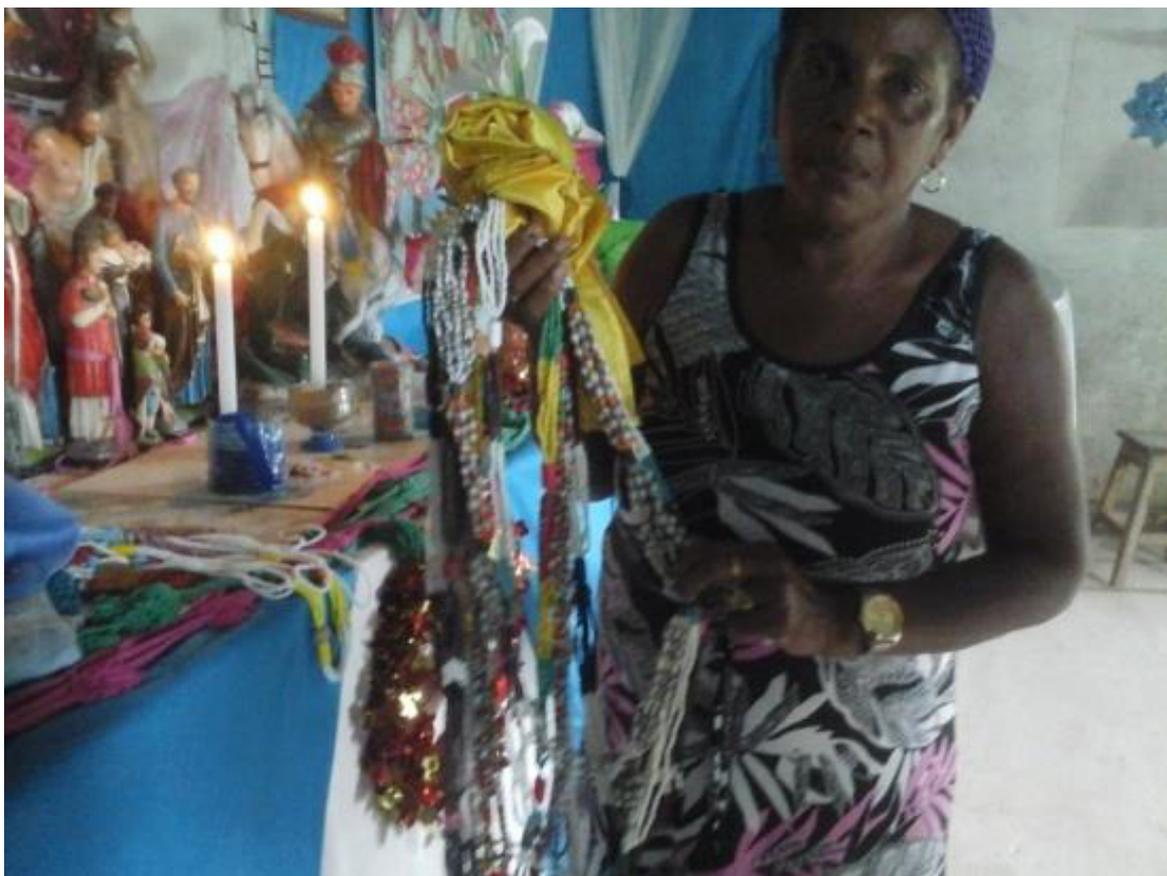


Foto 04: mãe Severina mostrando as suas guias, ao lado o altar – A entrada da tenda
Fonte: Dayanne Santos (2015).



Foto 05: A entrada da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes
Fonte: Dayanne Santos (agosto de 2018)



Foto 06: manhã da Festa de seu Pedro Légua
Fonte: Dayanne Santos (setembro de 2018)



Foto 07: visita da mãe de santo dona Luzia na Festa de seu Pedro Légua
Fonte: Dayanne Santos (setembro de 2018)

A Tenda Nossa Senhora dos Navegantes de mãe Severina existe há mais de 35 anos, sendo chefiada pelas entidades seu Cearense e dona Tereza Légua. Mãe Severina tem 65 anos de idade e há 45 anos dança Mina.

Durante todo o ano, na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes acontece um total de cinco festas. A primeira festa/obrigação ocorre em duas noites de fevereiro e é feita para seu João Guará. A segunda festa ocorre em uma de noite em abril, chamada Aleluinha, para dona Dodô Légua, irmã mais nova de dona Tereza Légua. A terceira, acontece em agosto, para seu Cearense. Dessas festas, somente na festa de seu Cearense se faz obrigação para mães d'águas na Matinha (lugar sagrado). Das três noites de festas para ele, a obrigação na Matinha acontece no primeiro dia.

A quarta festa ocorre em setembro, para o caboclo seu Pedro Légua. Segundo mãe Severina, na festa do velho Pedro não se faz obrigação com tambor para as mães d'águas na Matinha, mas se limpa e coloca luz. Na festa de seu Pedro Légua se festeja São Cosme e Damião, santos católicos. Seu Pedro costuma sempre jogar muitos bombons no chão da Tenda como na parte de fora, esse é um dos momentos bem divertido para a criançada, sendo que ainda tem adultos que caem sobre as crianças (brincando) para também juntar bombom no chão.

O pessoal da comunidade diz que a festa de seu Pedro Légua vale por três noites de festas, apesar de ocorrer apenas em uma noite. Isso por conta da quantidade de pessoas que participam da festa e das extensas atividades, principalmente de preparação da comida, que requer semanas de organização e preparo. Apesar da festa acontecer somente em um dia e uma noite, Dona Dalva se prepara o ano todo para que a festa aconteça, sempre com a ajuda do seu guia e amigos.

A quinta festa da Tenda, aniversário de dona Tereza Légua acontece durante 3 noites em dezembro, agora nos dias 28, 29 e 30. Até em 2017 a festa acontecia nos dias 29, 30 e 31 de dezembro, sendo uma das principais festas no território. Reunia muitas pessoas, principalmente no dia 31/12, na virada de ano. Segundo seu Bugada “antes quase não se tinha festas aqui por perto, hoje é quem mais que tem uma radiola, é quem mais que faz festa aqui”. A festa de dona Tereza Légua ainda reúne muitas pessoas, tanto do território como de outros lugares próximos, mas não como antes, a maioria das pessoas que participam da festa são a convite de dona Severina ou de dona Tereza Légua, bem como aquelas pessoas que têm obrigação com a casa como as/os serventes e os abatazeiros.

Dona Tereza Légua nos contou que teve uma vez que ficou tão zangada com Seu Elias e com o finado Sebastião que foi embora para onde seu pai (velho Légua). Mas, ele não demorou a mandá-la voltar para Santa Rosa para cuidar das suas/seus filhas/filhos. Segundo Dona Tereza Légua, seu pai mandou que ela ajoelhasse perto dele, e, então pensou que ele ia pedir para que rezasse, mas não. O velho Légua estava com uma vara de espinho de tucum nas mãos e quando perguntou se e não iria voltar para a sua casa e ela respondeu que não, bateu nas costas de Dona Tereza que o punhal que prendia seu cabelo caiu e os cabelos dela se soltaram e cobriram todo o seu rosto. Segundo ela, ele batia e dizia, “a mais você volta, porque você enganou o velho Cearense dizendo que ia só passear na croa da menina dele (dona Severina) e resolveu morar, até conseguir parte da casa. A mais você volta, você não queria uma casa lá? Agora você vai cuidar dela e de seus filhos” (anotações do caderno de campo do dia 02/01/2019).

Das entidades que se manifestam nos mineiros³³ em noites de festas na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes temos: os caboclos da família de Légua, encantados da família da Turquia, voduns, caboclos (surrupiras), princesas, entidades crianças, entidades da família de Acóssi, entidades nobres, pretos velhos, mães d’águas e pombas giras, além daquelas que nós não conhecemos por nome e que se manifestam na Tenda em noite de festas.

Na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes, uma família muito importante é a Família do Velho Légua. Segundo mãe Severina,

Eu pra mim, Mina é a mesma Umbanda, o pessoal que lá fora gosta de separar. E a Umbanda é a mesma Mina. E aqui tem muitas pessoas que são da Mina, principalmente da família de Légua, mas não querem se assumir, olha aqui na festa de seu Cearense tem noite que dá só a família de seu Légua, quem mais que carrega eles... é Pedro, Domingas, Antônio, José, Rosa, Maria Assunção, que é a mesma Maria Légua (conversa informal concedida em agosto de 2017).

Em “A família de Légua tá toda na eira: tramas de parentesco nas relações entre pessoas e encantados”, Martina Ahlert (2016) analisa as relações entre pessoas e encantados a partir de dois casos nos quais estes seres se cruzam em tramas de parentesco e toma a encantaria como o espaço de referência dos encantados da mata. Assim, ela vai mostrando isso por meio das suas pesquisas com o povo de terreiro/povo de Codó e da família de Légua Boji Buá.

³³ Aquela ou aquele que faz parte do Tambor de Mina.

Légua Boji Buá comanda uma importante e numerosa família de encantados que, segundo relatos, somam mais de quinhentas entidades... Venho dizendo que a família mais conhecida em Codó é de Légua Boji Buá da Trindade, encantado que tem pai, irmãos, sobrinhos, esposa, além de grande número de filhos e netos. Seu Zé Preto, um pai de santo da cidade, me disse que Légua é filho de Pedro Angaço e casado com Rosa Rainha, hoje não “carregada” por ninguém em Codó. A grande família de Légua compartilha a relação com a mata, o gosto pela bebida alcoólica (poucas vezes vi algum encantado da família de Légua não beber) (AHLERT, 2016, p. 04).

Ainda sobre José Joaquim Boji Légua da Trindade, conhecido como o Velho Légua, rei da encantaria de Codó, sua filha Tereza de Jesus Légua (conhecida como Terezinha Légua) nos disse que,

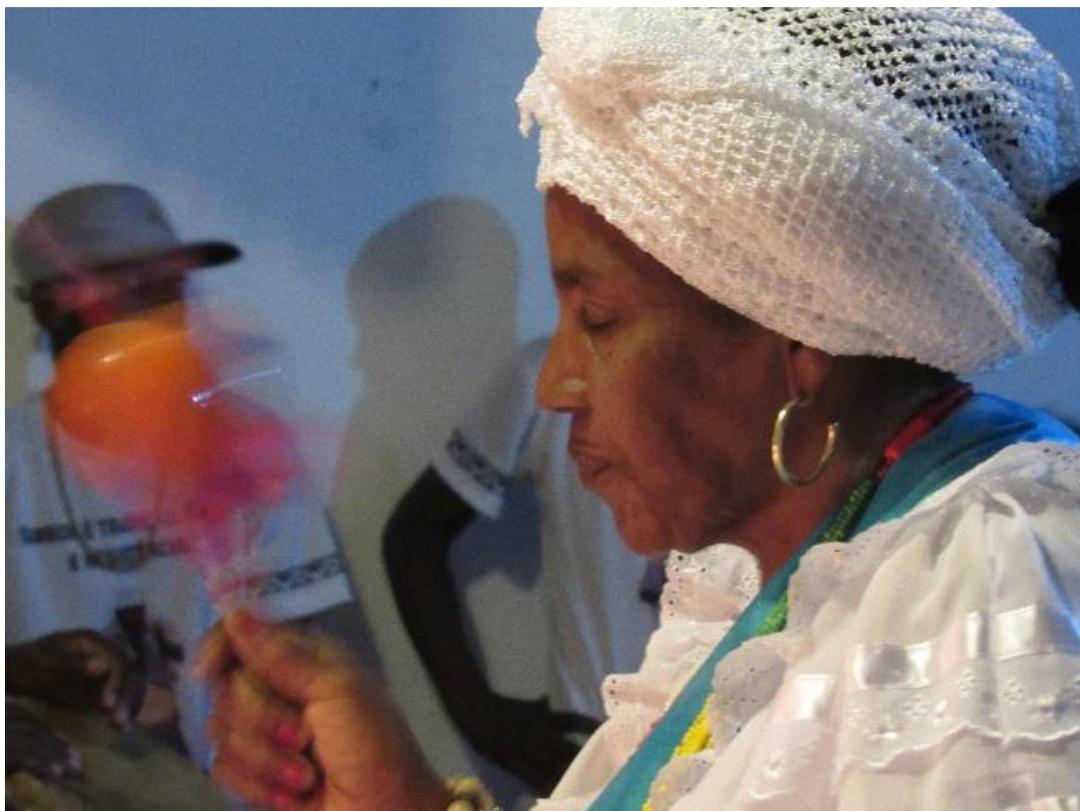


Foto 08: Severina abrindo uma festa de tambor

Fonte: Dayanne Santos (28 de dezembro de 2018)



Foto 09: Severina abrindo o tambor na noite do dia 28 de dezembro de 2018 – na Festa de dona Tereza Légua e o Velho Légua na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes.

Fonte: Dayanne Santos

nome do meu pai é José Joaquim Boji Légua da Trindade, todos nós temos José no nome e Buá é apelido. Tem muita gente que diz que recebi meu pai, diz, mais não recebi. Meu pai é a coisa mais difícil é ele descer em terra, veio agora na minha festa para resolver esse problema com o Pedro sobre a festa dele, porque ele estava muito chateado com a gente – meu pai não anda sozinho, ele vai assim com a gente segurando. Ele, as vezes dá uma volta no salão e até mesmo para cantar nem todo mundo entende o que ele fala. Seu Elias ainda entende, pouco mais entende. Até aqui (na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes) meu pai vai vir aqui só no dia 21 de setembro de 2019 na festa do meu irmão Pedro encima de dona Severina (anotações do caderno de campo do dia 02/01/2019).

Dona Tereza nos relatou isso no dia do fechamento de sua festa. A festa de dona Tereza Légua começou nesse ano no dia 28/12/2018 e foi até o dia 30/12/2018. No dia 28/12/2018 a festa abriu com uma obrigação para as mães d'águas.

O tambor começou cedo por volta das 19h00 muitas pessoas estavam presentes na Tenda tanto para dançar como para assistir, incluindo crianças, jovens, adultos e

idosos. Dona Severina cantou e rezou para abrir sua festa na presença de suas/seus filhas/filhos, abatazeiros, serventes e de seus guias.

Com o maracá na mão, ela iniciou cantando,

Aberei garapé

Aberei mar

Aberei garapé

Aberei mar



Foto 10: Roda para mãe d'águas na festa de Dona Tereza Légua – mães d'águas na Tenda.

Fonte: Dayanne Santos (28 de dezembro de 2018)

Com essa doutrina para mães d'águas ela segue cantando e sai de frente do altar balançando o maracá e vai benzer os abatazeiros, os tambores, a pedra de centro da Tenda. Logo em seguida os mineiros da casa vão dançando em fileira atrás de dona Severina até formar uma roda e continuam dançando e cantando em volta da pedra de

centro. Severina segue cantando e chamando a linha de mães d'águas. A primeira nessa noite veio em Severina e cantou,

Eu corro, corro, corro
Ô mamãe eu vou correr (bis)
Ô mamãe eu vou banhar
Lá no posso de beber (bis)

A segunda noite (dia 29 de dezembro de 2019) foi para os caboclos, a Tenda estava cheia, muitas mineiras e mineiros de outras Tendias se fizeram presentes na festa de dona Tereza Légua, foi uma noite muito bonita, a casa estava cheia de visitantes e as filhas/os da casa quase todas/os estavam presentes. A festa se iniciou com dona Severina doutrinando,

Ajoelha mineiro vamos rezar (2x)
O bendito de Mina, meu pai vamos rezar
Ajoelha mineiro vamos rezar (2x)



Foto 11: Noite de mães d'águas na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes na festa de Dona Tereza Légua – mães d'águas na Tenda.

Fonte: Dayanne Santos (28 de dezembro de 2018)



Foto 12: segunda noite de tambor da festa de dona Tereza Léguas

Fonte: Dayanne Santos (29 de dezembro de 2019)



Foto 13: abertura da segunda noite de tambor da festa de dona Tereza Léguas, com a presença dos filhos da Tenda e dos mineiros visitantes

Fonte: Dayanne Santos (29 de dezembro de 2018)



Foto 14: segunda noite de tambor da festa de dona Tereza Légua, a chegada de um caboclo na Tenda

Fonte: Dayanne Santos (29 de dezembro de 2018)

A terceira noite de tambor encerrou, com os parabéns e corte do bolo por volta das 22h, e não teve um segundo toque de tambor, logo em seguida, como de costume. Assim, o tambor ficou aberto até o dia 02/01/2019. Era por volta das 21h quando dona Tereza desceu para fechar o tambor, somente com o toque o maracá. Com as velas acessas, alguns abatazeiros e um filho e uma filha de santo sentados, assistindo junto com as demais pessoas.

A guia da casa, dona Francisca cuidou de defumar o salão. Dona Tereza doutrinou para fechar o Tambor. Logo em seguida todos que estavam no salão nessa noite de obrigação tomamos uma água em uma grande cuité (bacia) e fomos para o quartinho da tenda tomar 12 cervejas com Dona Tereza. Enquanto nós tomávamos as cervejas eu, Lucca, Renata, Elias, dona Francisca, Otaciro (conhecido como Tatá) e Tamara, Dona Tereza ia nos contando coisas sobre sua vida e a forma como cuida da sua casa e de seus filhos/filhas.



Foto 15: Terceira noite da festa de Tereza Légua – Seu Elias, Velho Légua e seu Pedro Légua.
Fonte: Dayanne Santos (30/12/2018)

Dos filhos de santo que dançam com frequência, atualmente, na Tenda de mãe Severina, a maioria são filhos do quilombo, exceto, Paulo Ricardo que é de Rosário; Osmar que é de Santa Rita; Edinael que é da sede de Itapecuru- Mirim; Nélio que é de uma comunidade chamada Cachoeira, localizada no município de Itapecuru-Mirim; Lucca que é de Chapadinha e Renata que é de um povoado do município de Santa Rita, chamado Areias.

Os abatazeiros que tocam na Tenda de mãe Severina são todos nascidos e criados em Santa Rosa. São mais de 20 homens e meninos que são tocadores de tambor na Tenda. No quilombo são os homens que tocam nas noites de festas dentro da Tenda, mas nos dois últimos anos eu venho presenciando a entrada das meninas no tambor, Fabíola que já tocou o chapanã e cabaças e Rhiana que já tocou cabaças. Elas sentiram vontade de ir tocar e foram e as pessoas do quilombo ficaram surpresas, mas muito felizes.

As/os serventes também são peças fundamentais para que as festas aconteçam, são elas/es que cuidam de todas as coisas do terreiro, deste a limpeza/decoração do

salão até preparar e servir as comidas em dias de festas na Tenda de mãe Severina. O serviço das/os serventes começa dias antes da festa, principalmente na limpeza da carne que será servida no almoço e no jantar. Tem outras pessoas que também ajudam nas festas, seja doando comida, velas, foguetes ou, até mesmo, dinheiro. Para uma festa acontecer se gasta mais de 4 mil reais só com comida. Por isso, que as ajudas de amigos, parentes e convidados são importantes.

A Tenda é dividida em 10 espaços: o corredor, dois quartos; 4 espaços (onde as entidades ficam para beber, conversar/orientar e fumar); um quarto (o quarto de segredos) que só dona Severina, Dalva e dona Francisca entram; um outro, onde se guardam as comidas e bebidas das festas; e o salão, onde são realizadas as festas. Ou seja, depois do salão, tem uma área de fundo onde ficam alguns tambores no canto e onde os encantados se reúnem, logo em seguida temos um corredor com uma porta de saída de fundo, ainda no corredor do lado direito temos uma área com uma outra entrada para a tenda, pois podemos entrar tanto do lado como no fundo como pela frente na tenda. Em um dos quartos onde as filhas e filhos de santo se arrumam, temos uma cama de casal. Seguindo no corredor, temos do lado direito um outro quarto (também usado pelas filhas/filhos de santo) e do lado esquerdo um espaço onde ficam algumas roupas de Mina penduradas nas paredes, uma bacia de água na frente (isso em 2015). Hoje, essa área tem um enorme tecido rosa florido em uma de suas paredes e várias fotografias das festas expostas nas demais paredes que eu tive o cuidado em colocar na tenda com a permissão da mãe de santo. Isso foi uma forma que encontrei para devolver e partilhar o trabalho que eu venho fazendo na tenda.



Foto 16: Preparação para uma noite de Tambor – ao fundo mãe Severina se arrumando para entrar na Tenda na festa de Seu Cearense em agosto de 2018
 Fonte: Dayanne Santos (30/12/2018)

Seguindo, no fundo desse cômodo temos um espaço onde dona Severina e seus guias recebem as pessoas para conversar, nesse ambiente encontramos um espelho grande perto da porta, uma mesa decorada com tecidos vermelho e amarelo. Do outro lado, tem a cadeira de “mãe Severina” decorada com um tecido laranja rendado, outro vermelho e um travesseiro branco para apoiar as costas (em 2015), do lado esquerdo um freezer, no fundo outro altar com algumas imagens de santos, entidades, flores, um quatro de Severina com finado Sebastião.

No fundo da tenda tem a área da cozinha que antes era de taipa (barro molhado, palha e madeira) e hoje é de alvenaria (de tijolos). Dentro dessa área tem um espaço reservado para venda de bebidas durante as festas, no qual seu Budega (marido de Núbia que é filha de Valéria, que é irmã de sangue de mãe Severina) é responsável pela comercialização das cervejas.

A tenda é um espaço de disciplina, troca e aprendizado. Na entrada da tenda logo se vê um cercado feito de madeira que circula toda a área do terreno e que tem somente uma entrada, também feita com madeiras. Do lado direito da tenda tem a casa da mãe de santo (Severina). Já lado esquerdo tem uma árvore centenária, um Pé de

Pequizeiro³⁴ que, segundo dona Severina já saciou a fome de muitas famílias da comunidade.



Foto 17: Espaço do terreiro Nossa Senhora dos Navegantes - Fonte: Dayanne Santos (novembro de 2018).

Hoje, tanto a Tenda como a cozinha da Tenda e a casa da mãe de santo estão pintadas com a cor rosa, que foi a cor da festa do ano de 2018 para seu Cearense. Dentro da tenda, assim que entramos, podemos visualizar ao fundo do salão o altar. Nele estão dispostas imagens de santos católicos, de entidades do Tambor de Mina, velas, um maracá. Mãe Severina geralmente abre as festas da Tenda na cura³⁵, para isso faz uso do maracá que fica disposto no altar, de doutrinas específicas para esse momento em que chama as Mães D'Águas, o povo das águas, e depois vira, e começa a cantar para o povo da mata para os caboclos. Na parede, de dentro do Salão tem um banner de uma fotografia de Severina com uma caixeira da comunidade. Quando as entidades se fazem presente no salão é o altar que elas primeiro “reverenciam”, depois a mãe Severina e em

³⁴ “O pequizeiro botou tanto esse ano que parecia que estava se despedindo...eu ainda não vou nem falar de isso, porque esse pequizeiro esse ano botou tanto pequi, tudo e quanto foi de menino juntou pequi aqui pra comer, merendar, fazer o lanche, tudinho com farinha, porque, pra quem gosta ele enche barriga. Porque pé de pequi dentro desse quilombo aqui, eu dou essa aqui (ela mostra as mãos) à palmatória se tem, um pequi gostoso como esse aqui. Aí, os caras vêm de lá querendo derribar esse pequizeiro, sem mais nem menos. A não é assim não...quando meu avô se entendeu ele já era pequizeiro, ele vem do tempo dos escravos” (entrevista concedida por dona Severina, no dia 20 de abril de 2018). D. Severina, ao dizer que querem derrubar o pequizeiro, se refere ao processo de duplicação da BR-135, que ameaça derrubar casas, comércio, árvores no quilombo Santa Rosa dos Pretos.

³⁵ A linha de cura é mais praticada em rituais da Umbanda nos quais e manifestam entidades caboclas e Pretos velhos.

seguidas as/os demais filhas/filhos que estão presentes, ou entidades, e quando vão doutrinar, saldam os tambores na figura dos abatazeiros.



Foto 18: altar da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes
Fonte: Dayanne Santos (novembro de 2018).

O altar da tenda é composto por várias imagens de santos que foram “presentes”, inclusive eu levei a imagem de São Cosme e Damião³⁶ (Gaga, abatazeiro, me disse que quando nascem gêmeos no quilombo geralmente eles recebem os nomes de Cosme e Damião, ele mesmo recebeu o nome de Damião). O salão é quase sempre decorado por mulheres e meninas da comunidade com balões e TNTs, o teto quase não se vê por causa do vai e vem dos tecidos coloridos. Ainda dentro da tenda podemos encontrar os guias³⁷, a pedra de centro e uma espécie de banco feito de cimento ao redor de todo o salão.

³⁶ Entreguei os santos a dona Severina dizendo que era um presente meu, da professora Cíndia e da Anne Caroline, como agradecimento pelo convite para participarmos da festa de caboclo.

³⁷ São os tambores (os guias) usados pelos tocadores durante toda a festa.

O teto da tenda é todo coberto com TNTs³⁸ coloridos, que são colocados e tirados pelas serventes. Os instrumentos usados durante as festas são: três tambores (guia, chapanã e da mata), ferros e as cabaças. Na tenda esses instrumentos são tocados pelos chamados abatazeiros como podemos visualizar nas fotografias abaixo.



Foto 19: disposição dos abatazeiros na tenda - festa de seu Cearense em agosto de 2018.
Fonte: Dayanne Santos.

³⁸ É um tipo de material classificado como um não tecido. É produzido a partir de fibras desorientadas que são aglomeradas e fixadas e geralmente custa um real o metro.



Foto 20: disposição dos abatazeiros na tenda - festa de seu Cearense em agosto de 2018.
Fonte: Dayanne Santos.

Das filhas e filhos de santo da casa temos:

Filhas e filhos de santo da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes	
<u>MINEIROS</u>	<u>ENTIDADES POR ELAS/ES</u> <u>INCORPORADAS</u>
Mãe Severina	Cearense – Tereza Légua – João Guará – Dona Dodô – Mãe Maria – caboclo - Velho Légua – Moça Bonita – Maria das Graças - Mãe d'água – cabocla da Ronda – Acóssi
Maria Dalva	Seu Pedro Légua - Mãe d'água – caboclo – curupira/surupira
Francisca	<u>Guia da tenda</u> , sendo irmã de Severina e a pessoas que auxilia a mãe de santo antes, durante e depois das obrigações, em alguns casos também incorpora
Fátima	Mãe d'água – Raimundo Légua – caboclo Seu Zezinho – curupira/surupira
Maria Luíza (Pixita)	Seu Lourenço –Mãe d'Água - caboclo – curupira/surupira
Renata	Dona Rosinha ³⁹ – Menina da Gameleira – Menina do Maracujá
Édina (Diná)	Dona Didi - caboclo – curupira/surupira
Lucca	Velha Joaquina - Mãe d'água e outros dois que já dançaram, porém ainda não deram seus nomes
Osmar	Dona Maria Légua
Paulo	João Cigano
Meroça
Dona Santa de Coquinho	Raimundinho Légua – Piquininho e outros
Maria das Dores (Marizinha)	Seu Leguinha -Princesa Jarina – Oscar

³⁹ A encantada Rosa Légua Boji Buá da Trindade que nos disse que tem 12 anos, mas quem vai acreditar vendo-a naquele corpo? Ela nos disse também que é filha do Rei Salomão, o rei da fidalguia, ela é irmã de Tereza, mas de criação (entrevista concedida por dona Rosa Légua em 25 de agosto de 2017)

	Légua - caboclo – curupira/surupira
<u>MINEIROS</u>	<u>ENTIDADES POR ELAS/ES</u> <u>INCORPORADAS</u>
Nélio	Maria Padilha – João da Mata
Edinael	Mineirinho
Seu Manuel	Tingir

Fonte: Organização da autora a partir de pesquisas de campo realizadas durante os anos de (2017-2018).

O quadro que informamos acima com os nomes das filhas e filhos de santo da tenda e suas respectivas entidades, revela com quais entidades tivemos contato e pudemos conversar durante o tempo da pesquisa. Cada filha/filho de santo pode chegar a receber/incorporar em um dia de festa na tenda ou na realização de uma obrigação mais de 3 entidades.

OUTRAS MISSÕES – ABATAZEIROS E SERVENTES DA TENDA	
<u>ABATAZEIROS</u>	<u>SERVENTES</u>
ELIAS	MARIA
RAIMUNDO JOÃO (DIQUINHO)	JACILENE
CEZAR	VALÉRIA
LUZITANO	NÚBIA
RIBAMAR	JOVELINA
ILÁRIO	DAIANE (FILHA DE FÁTIMA E NETA DE MÃE SEVERINA)
OTACÍRIO (TATÁ)	JOSIANE
WASHINGTON	JOSICLÉA (ZICA)
WALDENILSON (NENÊ)	ANACLETA
ELIELSON (LITA)	JOÉRCIO (LELECO)
ELIELTON (VÊIO)	JULIANA LOUREIRO (ANTROPÓLOGA DO RIO DE JANEIRO)

<u>ABATAZEIROS</u>	<u>SERVENTES</u>
ELENILTON (PINPIN)	MAYANE
CLAUBERTH (VÔ)	MARA
JOSÉ ELIELTON (DE MENOR)	IVONETE
HIAGO (NETO DE MÃE SEVERINA)	JOSÉ DA CONCEIÇÃO (BUDEGA)
WALISON	IRISLENE
JOSÉ BENEDITO (BIBI)	ELINETE
JAKSON (DEDÊ)	GLORINHA
VLADENIR	BARBARA
EDINALDO	LUCILENE
DAVID	DALVA
RONALD FILHO DE DIQUINHO (TANTAN)	DINÁ
RONALD NETO DE MARIZINHA	APARECIDA
ROBERT	
JOSIAS (2 anos de idade)	
CLEITON	
FILIFE (FILHO DE NANY)	
RICHARDI (FILHO DE MARCELA)	

Fonte: Organização da autora a partir de pesquisas de campo realizadas durante os anos de (2017-2018).

As informações contidas no quadro sobre os “abatazeiros e serventes” da tenda, apresentam uma parte das pessoas que estavam presentes em quase todas as festas que observamos, mas, muitas outras pessoas aparecem para ajudar tanto como abatazeiros ou como servente.

Mãe Severina nos contou que cada abatazeiro da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes tem uma força da casa, por isso quando eles vão tocar em outras Tendias, ele estão antes de qualquer coisa representando a Tenda de onde são filhos e assim mesmo quando ela não estiver presente em uma festa de outro encantado, mas se suas filhas/filhos estiverem é mesmo como se ela estivesse, sendo ela mãe de santo da casa de onde eles são filhos.

A viabilidade da pesquisa se deu por conta também do laço de amizade e confiança que fui construindo com as pessoas do quilombo há mais de quatro anos,

principalmente com a mãe de santo dona Severina e sua filha de santo dona Dalva que desde crianças manifestam a presença de encantados e foram nossas principais informantes.

Assim, desde abril de 2015 venho acompanhando as festas de Tambor de Mina na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes no território quilombola Santa Rosa dos Pretos, a convite de dona Severina.

Dona Severina é casada com seu Ilário, eles moram em uma casa do lado da Tenda. Seu Ilário, certa noite, nos contou que não é fácil ser casado com uma mãe de santo “a pessoa para se firmar com uma pessoa que é médiun tem que ser quieto” (conversa informal realizada em janeiro de 2019). Ser quieto é ter compromisso com sua parceira e acima de tudo respeito, principalmente, para com os acordos firmados com os guias dela.

Dona Severina se orgulha muito da ajuda de seu Ilário, pois, segundo ela, nas horas em que ela mais precisou, ele estava ali, do lado dela. A relação entre eles é de carinho e respeito para com os guias dela (Severina), que orientam muito do que podem ou não fazer. Dona Severina nos contou que é mais fácil ser filha de santo do que mãe de santo, no sentido de que, para a mãe de santo, o serviço e as obrigações para com as coisas da Mina são dobrados. Por exemplo, em noite de festa/obrigação para algum encantado que recebe, mesmo se não tiver nenhum filho na Tenda, ela tem que cumprir com a obrigação. Tem que doutrinar, rezar e acender as velas, nem que seja só ela, seus guias e o maracá.

Severina Silva é filha de Maria Domingas Silva (falecida) e Paulo Leonel. O pai de dona Severina, seu Paulo Leonel é filho de Benedito Grande (falecido). De família de lavradores, Severina tem duas irmãs, Francisca e Valéria. Ela nasceu e se criou dentro do quilombo, quebrou muito coco babaçu⁴⁰ para ajudar no sustento de casa, fez muito carvão para poder sobreviver, pescou muito no Igarapé Simauma, apanhava arroz de meia com as pessoas do quilombo Barreira Funda, em quase tudo trabalhou. Hoje, é trabalhadora rural aposentada. Seu estudo foi pouco e com 16 anos ela teve um primeiro casamento, aos 17 anos teve uma filha, Maria de Fátima. Seu parto foi feito em casa por uma parteira chamada dona Francisca (conhecia por Chiquinha) e acompanhado por sua madrinha dona Severina Belfort, que hoje tem 104 anos. Maria de Fátima, hoje com 48

⁴⁰ É uma atividade majoritariamente feminina e que garante a renda extra de muitas famílias no meio rural. Mais informações ver em: <https://www.miqcb.org/quem-somos>

anos, trouxe o seu nome no parto por conta de uma promessa que dona Severina fez à Santa.

Quando sua filha completou 3 anos, Severina começou a dançar Mina na casa de Georgina (finada mãe de santo) e de seu Pai João Guará (encantado). No começo seu pai, seu Leonel foi muito contra que ela estivesse na Mina, mas, segundo afirma, nem ele nem ninguém poderiam tirar sua missão, pois foi algo que trouxe de nascença.

Quando sua filha tinha 8 anos de idade (Maria de Fátima), Dona Severina teve um outro marido, seu Ilário Pires, que já tinha uma filha, Cláudia Regina, essa foi filha de criação de mãe Severina. Depois Dona Severina pegou outra criança para criar, Núbia (com 20 dias de nascida). Dona Severina tem como netos: José do Espírito Santo, conhecido por Walison, Lândia de Jesus, Daiane de Jesus, Yasmim de Jesus e Iagor de Jesus. Seu Ilário vive com ela até hoje.

Teve uma época em que dona Severina chegou a morar em Santa Inês, e, estando longe do quilombo, pensou que ia se afastar da Mina. Não precisaria assim mais dançar ou tão pouco incorporar. Porque, por sua vontade, não dançava.

Eu achei, que indo pra lá, eu não ia dançar Mina, só que eu me enganei. Cheguei até a apanhar do meu patrão⁴¹, eu sofri muito e depois a gente se mudou para Itapecuru-Mirim. Aí foi que eu apanhei muito, até enlouquecer, fiquei em uma situação que só vendo para acreditar. Mais lá tinha uma senhora que morava na frente da minha casa, uma pessoa muito querida, ela era mineira só que eu não sabia, até que meu pai Cearense me bateu muito, furou meu nariz com um prego, porque boi bravo se amansava era furando a venta. Ai, ela vendo meu sofrimento falou para meu marido que ela fazia meu trabalho, mas ela nunca tinha feito um trabalho antes, mas os guias dela iam ensinar ela a fazer, e ela fez o meu trabalho de croa⁴² graças a Deus (mãe Severina, entrevista concedida em 20 de abril de 2018).

Foi por conta de dona Damiana (mineira), que fez o trabalho de croa de dona Severina, que ela hoje é mãe de Santo e pode fazer o trabalho de outras filhas/filhos de santo. Ter o trabalho feito significa ter força para conseguir firmar a Tenda e as obrigações. Uma mãe de santo precisa de força de uma conta para poder apoiar seus filhos a se firmarem na Mina. Uma conta é uma força.

⁴¹ Caboclo Cearense.

⁴² Uma mãe ou pai de santo com ajuda dos guias vão preparar a filha ou filho de santo para se firmar com seus guias. No trabalho de croa se usar de rezas, velas e cantos, alguns filhos podem ficar até 9 dias deitados em um quarto reservado na Tenda, podendo ser visitados somente por quem está fazendo seu trabalho, incluindo a figura do padrinho ou madrinha, que são escolhidos pela filha/filho de santo ou pelos guias. Mas tem filha/filho que não precisa deitar e pode ir para sua casa, mas durante o tempo do trabalho precisa respeitar algumas regras que são ditas a ela/ele pela mãe/pai de santo ou pelos guias. Um encantado pode ser ao mesmo tempo irmão/o e mãe/pai de santo de outro encantado. Um exemplo, temos a relação entre Seu Pedro Légua que é irmão de Dona Tereza Légua, mas como mãe Severina com ajuda de dona Tereza e de outros guias foi quem fizeram o trabalho de Dona Dalva, Dona Tereza é tanto irmã como mãe de seu Pedro. Para se fazer um trabalho de croa a pessoa ter conta, ou seja, força.

Depois de fazer o trabalho de Severina, Dona Damiana, por motivos que nem dona Severina nos revelou, sumiu. Segundo Severina, ela disse que depois de fazer o trabalho, elas não poderiam mais estar se encontrando. Assim aconteceu e hoje Severina lembra com saudade e gratidão de dona Damiana. “A gente é mãe de santo é, mas, é assim, morrendo e aprendendo porque nunca a gente sabe das coisas todas”.

Dona Severina afirma que já nasceu diferente das outras crianças, já nasceu médium. Desde pequena, anda acompanhada por seus guias. Um dia, quando estávamos conversando na porta de sua casa sobre sua infância, nos relatou que,

Quando eu era pequena, andava sempre dentro da mata, e eu gostava. Quando meu avô (Benedito Grande) ia pescar, eu ia com ele. Uma vez, nessas idas, eu vi uma sapa muito grande, e meu avô disse: “menina volta pra cá”. Daí eu cai em febre depois. Na verdade, eu vi uma encantada que era dona do igarapé que meu avô estava disgotando, e eu só melhorei quando meu avô fez remédio pra mim (mãe Severina, entrevista concedida em 20 de abril de 2018).



Foto 21: Mãe Severina na noite de obrigação para mãe d'água na festa do dia 28/12/2018, de Dona Tereza Légua

Foto: Dayanne Santos.



Foto 22: mãe d'água bebendo água na bacia na porta da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes
Foto: Dayanne Santos (dia 28 de dezembro de 2018, na festa de dona Tereza Légua).

Dentre as doutrinas para mãe d'águas cantadas na Tenda, temos,

Sou uma Mãe d'água lá do poço de beber (2x)

Lá eu vejo gente

E gente não me vê.

Uma outra doutrina diz que,

Foi Mãe d'água grande foi quem me ensinou rezar (2x)

Beirei beirei garapé

Beirei beirei beira-mar.

Os encantados estão na natureza, são natureza e estão o tempo todo sobre vigilância dentro das matas, águas, folhas e árvores. “Nenhuma pessoa sabe de fato de onde os encantados vêm, mas que eles existem, existem! Eu mesma vi mãe d'água quando era criança em um poço” (Dalva setembro de 2018).

Nem todas as pessoas possuem o dom para ver os encantados. Várias são as narrativas que ouvimos de que, em Santa Rosa, existem lugares que nem quem nasceu e

se criou no quilombo vai sem permissão, como a Matinha, lugar sagrado e morada dos encantados.

Nesse sentido, foi nas narrativas cotidianas das pessoas com as quais dialogamos durante esses anos de pesquisa e nos trânsitos/visitas entre Tendões de Tambor de Mina, acompanhando as filhas/filhos e mãe de santo foi que fomos tecendo uma análise sobre a encantaria e os conflitos ambientais, a partir das ontologias presentes nas narrativas. Assim, quando dona Severina e dona Dalva nos colocam que desde pequenas olham, sentem e são orientadas pelos seus guias, nos permitem afirmar que a encantaria é cotidiana. Existe uma orientação e um saber presente nas falas dos quilombolas, que são estabelecidos por meio dessa relação constante com os encantados.

1.2 FESTA DE CABOCLA: aniversário de dona Dodô

O trabalho monográfico “Encantaria, pajelança e prática de parto: a trajetória de Benedita Cadete”, realizado por Pablo Monteiro⁴³ (2016, p.66) traz à tona a fala de Dona Benedita para dizer que, "festa de santo que tem ponta de dedo de encantado a gente não para nem por morte de sua mãe, mais seu pai". Sobre as *festas* Monteiro (2016, p. 66) pontua que,



Foto 23: Cabocla dona Dodô – irmã mais nova de Tereza Légua. Fonte: Dayanne Santos (abril de 2018)

⁴³ A partir de entrevistas e observação direta, o autor analisa o caso de Benedita Cadete, pajoa natural do município de Cururupu no Maranhão. Benedita interrompeu a prática de parteira nos anos 2000, totalizando 3537 partos. O trabalho problematiza e investiga o entrecruzamento de práticas religiosas e de saúde contidas na Pajelança (religião afro-brasileira) e a sua relação com o processo de partejar, a partir das representações de si e de representações externas. Dá foco à redes de relações que são estabelecidas em volta dela e dos encantados.

A não realização das festas em obrigação aos santos e encantados implica em vários infortúnios, tais como: a morte de outros parentes, dançantes do terreiro ou o risco das próximas festas darem erradas. Portanto, a realização das festas é sempre uma maneira de se evitar o pior, através do sistema de obrigações que incluem aquelas de caráter individuais feitas por Dona Benedita aos santos e encantados e aquelas estabelecidas através de bases coletivas pelas pessoas da irmandade para com a mesma (grifos nossos).

A respeito disso, Dona Dalva nos contou que “as festas são parte das obrigações que temos na Mina, quando se começa a fazer, você não pode mais parar” (conversa registrada no caderno de campo em 22 de setembro de 2017).

Assim, a festa de dona Dodô antes de qualquer coisa é uma obrigação. Ela já acontece há 18 anos na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes. Segundo dona Dodô,

A festa de Aleluinha, em abril, era de dona Tereza Légua. Eu não tinha festa na tenda e eu pedi a ela uma festa, mas ela não concedeu. Então eu ameacei minha irmã, dizendo que ia matar dona Severina caso ela não me desse um dia de festa na casa. E fomos resolver tudo na espada, em uma briga dentro da mata, brigamos foi muito, ela cortava de lá e eu daqui, até que ela perdeu pra mim e hoje a festa de abril é minha e dela eu não abro mão (anotações do meu caderno de campo de abril de 2018).

As cores da festa de dona Dodô são vermelhas e amarelas. Ela tem um vestido vermelho com bordas amarelas que, segundo ela, já tem 4 anos que ela faz festa usando-o, é um vestido que dona Dalva foi quem fez, e Dona Dodô nos disse que não quer outro por enquanto.

Em abril de 2015, ao cair a noite, as mulheres começaram a servir o jantar para os convidados e para quem chegava no local, depois de um dia inteiro repleto de idas e vindas, abaixa e levanta, abana (o fogo) e carrega (as panelas de comidas). Sua obrigação ainda não estava terminada, faltava que elas servissem os visitantes e só depois de todos servidos é que poderiam ir para suas casas.



Foto 24: Caldeirão de comida em dia de festa na Tenda
Fonte: Dayanne Santos (2015).



Foto 25: Mulheres no preparo das comidas para a festa
Fonte: Dayanne Santos (2015).



Foto 26: Mulheres no preparo das comidas para a festa
Fonte: Dayanne Santos (2015).

As mulheres são responsáveis por cuidar da comida e somente foram se banhar e se arrumar depois que não tinha mais ninguém para servir. Eu fui mais cedo, por volta de 19h horas, para a casa de Anacleto tomar banho e me preparar para a festa. Depois de pronta, voltei para casa de mãe Severina, que já se encontrava pronta para a festa de dona Dodô. Nessa noite, se comemoraram duas festas: a de dona Dodô e a de 15 anos de Elizalda, filha de Pixita, que é neta de dona Dalva.

A festa de dona Dodô começou ao som dos batucques dos tambores, ferro e cabaças. A festa deveria ser aberta com uma reza feita por Gagá, mas ele não a fez, pois havia esquecido de trazer a mesma por escrito. Gagá destacou: “não vou fazer a reza falada, pois se eu errar vou pagar caro” (anotações do caderno de campo de abril de 2015). Nesse dia, Gaga não se disponibilizou para rezar na Tenda, porque ele precisava dela escrita, pois em uma festa de obrigação se a pessoa que está rezando erra, ela sofre algumas punições.

O primeiro momento da noite foi marcado pela festa de 15 anos de Elizalda. Muitos jovens estavam presentes na festa. A Tenda foi toda decorada com as cores vermelho e branco, assim como o vestido da aniversariante e de mãe Severina.

Foto 27: Festa de aniversário de 15 anos de Elizalda com a presença de dona Dodô, familiares, amigos e encantados.

Fonte: Dayanne (abril de 2015)



O momento era de muita alegria, pois se comemoravam duas datas importantes na casa. A hora dos parabéns me marcou muito, pois eu ainda não tinha ouvido a melodia dos “parabéns pra você” acompanhada dos tambores, das cabaças e do ferro. Era como se a passagem dos anos fosse um presente embalado com uma melodia que emociona e alegra o coração. Foi simplesmente lindo, só vendo e ouvindo para entender.

Depois dos parabéns, rapidamente começou a se preparar a casa para o segundo momento da festa, que foi a festa de caboclo. Duas jovens foram “iniciadas” nessa noite para fazerem suas obrigações, conforme a Mina exige, sob os cuidados de mãe Severina. Mas, as mesmas não dançam na tenda. Sobre isso Severina nos contou que já cuidou de muita gente, mas são poucos os filhos que hoje dançam em sua Tenda.

Essa situação fez com que nos interrogássemos sobre como se dava a ligação da mãe de santo com a filha/filho de santo que, de fato, vai dançar na sua Tenda. A exemplo, temos a própria mãe Severina que foi preparada por uma mãe de Santo de Itapecuru-Mirim, mas, começou a dançar na tenda da finada mãe Georgina, da qual herdou a obrigação para a entidade João Guará.

Quando assistimos um antigo documentário “Santa Rosa dos Pretos” de 1988 feito pela pesquisadora Glória Moura, podemos ver o quanto mãe Severina e a finada mãe Georgina são parecidas nos cumprimentos das obrigações nas suas tendas, no abrir e no fechar uma festa para as entidades.



Foto 28: Noite de abril de 2015 – festa de dona Dodô: os abatazeiros, os médiuns e os guias/ caboclos
Fonte: Dayanne Santos



Foto 29: Noite de abril de 2015 – festa de dona Dodô - os médiuns e os guias/ caboclos
 Fonte: Dayanne Santos

Na festa do dia 7 de abril de 2018, Dona Dodô estava usando o mesmo vestido que usou na festa de 2015, no pescoço tinha um grande e belo colar de pérolas brancas e nos pés usava uma sandália vermelha. Nesse dia, prendeu os cabelos dando voltas até formar um coque. No rosto, trazia um sorriso tímido, mas andava como uma dama nobre.

O bolo dessa festa foi eu quem dei, 7 kl de bolo – R\$ 25,0 cada quilo confeitado. No total, gastei R\$ 200,00 para pagar o bolo.

Não é por nada não minha filha, mas é porque eu não tenho quem me dê e por isso a senhora vai ficar responsável de me dar esse bolo todo ano. Não precisa se preocupar com a roupa que eu vou usar essa aqui mesmo (ela segura na barra do vestido que Dalva fez para ela). Agora assim, esse ano não teve abertura, mas no próximo ano vai ter e querendo crescer um pouco o bolo é bom, porque quando tem abertura tem mais crianças e o bolo eu quero desse mesmo jeitinho (Dona Dodô, anotações do meu caderno de campo de abril de 2018).

Eu fiquei meio sem saber o que responder e disse: “tá”. Logo em seguida, ela foi fazer a abertura de sua festa, muito sorridente. Que medo, medo de não conseguir cumprir, medo das punições. Esse é um dos registros/memória de uma das suas muitas

festas de caboclos que eu venho acompanhando desde então nos municípios de São Luís, Rosário e Itapecuru-Mirim.

1.3 A TRADIÇÃO: o terreiro e as festas na manutenção das relações sociais

No território quilombola Santa Rosa dos Pretos encontramos cinco terreiros de Tambor de Mina. O central é o de mãe Severina que fica próximo à rodovia/BR 135, mas ainda tem a Tenda São José de mãe Marinete que fica na Barreira Funda e é chefiada por seu Manezinho Légua.

Já na área do Sítio Velho, ainda dentro do território quilombola temos os outros três. A Tenda Nossa Senhora de Fátima da Trindade da mãe de santo Maria Baixinho e chefiado por seu Zezinho Légua (encantado). Temos também a Tenda Boa Esperança sob os cuidados de Antônio Légua, Lorinda e Don Luís que são recebidos por mãe Lourencia; e a Tenda Santa Cruz de dona Maria de Felício, que foi reformada no ano de 2018.

No dia 12 de janeiro de 2019, tivemos a oportunidade de participar de uma festa para o caboclo Reis do Mar na casa de dona Maria de Felício que contou com a presença de mais de 15 brincantes (filhas/os e mães/pais de santo), fora os abatazeiros que vieram de outras tendas para tocar em sua casa. Dona Maria de Felício é esposa de um filho de Santa Rosa, chamado de Felício. Por não ter ainda uma Tenda, começou suas obrigações na Mina dançando junto com mãe Severina na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes.

Antes da Tenda/terreiro Nossa Senhora dos Navegantes da mãe de santo Severina, em Santa Rosa dos Pretos teve o terreiro de Santa Barbara, que era da falecida mãe de santo dona Georgina, que foi esposa de Libânio Pires. Após a morte de dona Georgina, houve a desestruturação do terreiro e passados alguns anos segundo Libânio ele construiu sua casa no local onde era situado o terreiro (conversa informal realizada no dia 24 de agosto de 2018).

Mãe Severina aprendeu boa parte do que sabe sobre o Tambor de Mina com a finada mãe de santo dona Georgina, com seus guias e no cotidiano, até o processo definitivo de aceitação para se tornar filha e depois mãe de Santo.

O terreiro de Santa Barbara durou, segundo Severina, mais de vinte anos. Mas, sua comadre Georgina morreu nova ainda e, antes dela, teve o terreiro do pai de santo

Policarto, que era o pai biológico do finado Sebastião. Sebastião Pires foi abatazeiro do terreiro de mãe Severina, tocava também em outros terreiros de Mina e era mestre do tambor de crioula.

Policarto era filho da velha Tomazia, irmão de Braz, que era curador, Elzébio, Memezia e de Rosalina (todos falecidos). Rosalina é mãe de Luzitano, que é pai de Maria do Carmo e Neilton, que são filhos de Maria José, essa que é irmã de Maria Dalva. Policarto era primo de seu Libânio, o pai de Policarto era irmão da mãe de Libânio.

Segundo Libânio Pires Policarto tinha um irmão por nome de Braz, ele era mais poderoso com relação as coisas da Mina do que Policarto.

Braz, quando menino, falou para um senhor amigo da sua família que seu canavial ia ter uma alta produção se o senhor desse a ele uma camisa e uma calça. Um compromisso foi firmado entre os dois. O senhor foi embora e com algum tempo sua colheita foi muito boa, mas ele se esqueceu de cumprir o combinado que havia feito com Braz, quando o senhor visitou novamente a casa da família de Braz, ele disse para ele que a próxima colheita dele ia secar todinha, e assim aconteceu. O senhor, com raiva do que tinha acontecido, jogou sobre Braz uma tarrafa, e isso quebrou demais as forças dele daquele dia em diante (Libânio Pires, entrevista concedida em 29 de janeiro de 2019).

O terreiro de Policarto era na Barreira Funda e depois ele foi embora para Itapecuru-Mirim, onde reassentou seu terreiro. Ele foi embora da Barreira Funda, porque acreditava que a vida na cidade seria melhor.

A tenda Santa Barbara durou uns quinze anos ou mais, uns vinte anos, por aí. Assim, porque minha cumade morreu nova ainda. Antes do dela, teve o de cumpade Policarpo que era o pai de cumpade Sebastião. A Mina aqui é bem antiga, mas cada casa com seu nome. Policarpo, ele morava na Barreira Funda aqui, aí ele foi embora para Itapecuru sendo filho daqui. Aí, minha cumade (Georgina) ela morava aqui e era mulher de cumpade Libânio, ela faleceu, mas eu continuei sendo filha de Santo dela. Aí, eu sentei esse terreiro aqui, lá era Santa Barbara e aqui é Nossa Senhora dos Navegantes... assim, eu estou com uns trinta e poucos anos de casa, acho que uns 35 anos já (Entrevista concedida por mãe Severina em abril de 2015).

Nessa tradição do Tambor de Mina, em conversa com nossos interlocutores, pontuamos que a Mina é muito antiga e sua passagem e manutenção vem se dando de diversas formas no território quilombola. Nas curas dos benzedores/curadores, com as parteiras e suas rezas e com as obrigações do Tambor de Mina. A encantaria e as entidades vêm se reinventando, se ressignificando entre as muralhas e as marcas da opressão na qual o povo negro sobrevive.

Ainda sobre a Tenda de Santa Barbara, dona Severina pontuou que “lá que era a casa de meu pai, meu pai João Guará, a festa do dia 2 de fevereiro, essa festa a gente faz

aqui agora”. A festa da qual dona Severina se refere vem sendo passada de geração a geração, de mãe a filha de santo, dentro do quilombo e essa festa ocorre em concomitância com a festa de São Lázaro, santo católico, na qual, no salão da Tenda, é formado um enorme círculo em que ficam dispostas sete crianças e sete cachorros que participam de um banquete, um almoço (arroz, farinha, macarrão, salada, frango, carne de gado e torta de carne) e só depois que as crianças e os cachorros terminam de comer que o almoço é servido para as demais pessoas que estão acompanhando a festa.



Foto 30: almoço/mesa de São Lázaro com 7 crianças e 7 cachorros e seu João Guará (entidade)
Fonte: Dayanne Santos (fevereiro de 2018)



Foto 31: seu João Guará (entidade)
 Fonte: Dayanne Santos (fevereiro de 2018)

O caboclo turco seu Cearense e dona Tereza Légua são os donos da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes, e junto com a mãe de Santo dona Severina, são responsáveis pelas organicidade e dinamicidade das trocas, dos pagamentos das obrigações, das festas e das regras de sociabilidade que ocorrem para além do espaço físico da tenda com outros terreiros dentro e fora do território quilombola.

Nesses anos acompanhando as pessoas em festa de encantaria, pontuamos que as Tendras se relacionam por meio das visitas. As visitas acontecem em tempos de festas, nos quais as filhas/filhos, mães/pais de santo são convidadas pelas próprias entidades ou pelo mineiro⁴⁴ para se fazerem presentes em suas festas. A partir do convite feito, as filhas/filhos, mães/pais de santo procuram não marcar outros compromissos para o dia da visita e organizam suas roupas conforme a cor da festa do encantado que vão brincar

⁴⁴ Nesse caso, o médiun que é filho do encantado que está fazendo o convite.

ou conforme a cor de seus guias. É na visita que muitos acordos (organização das festas, compra do de bebidas, qual encantado ou pessoa vai dar o bolo para um encantado no dia de sua festa⁴⁵, os convites para os caboclos se fazerem presentes nas demais festas) e trocas são estabelecidos entres pessoas e pessoas, encantados e encantados e entre pessoas e encantados e os acordos firmados nas festas servem de preparação para a festa seguinte. Um exemplo disso aconteceu na festa de Maria Padilha, no dia 15 de dezembro de 2018, em Cachoeira, no município de Itapecuru-Mirim/MA, quando Maria partiu o bolo de sua festa e deu o primeiro pedaço para seu Pedro Légua e para seu Leguinha Légua. Esse pedaço de bolo recebido trazia implícito que na próxima festa, em dezembro de 2019, serão eles dois que vão dar o bolo da festa.

É por meio das visitas entre Tendas que se consegue ter uma festa bonita. A festa considerada bonita é aquela em que as pessoas e as entidades são tratadas com respeito e cortesia, onde é oferecida a refeição para quem acompanha o médiun, aquela que tem bastantes mineiros e encantados dançando e doutrinando dentro do salão da Tenda, onde os abatazeiros param para descansar poucas vezes e que amanhecem tocando, indo pelo menos até as 6h ao som dos tambores, das cabaças e dos ferros.

Das festas que eu acompanhei durante esses anos de pesquisas, muitas foram aquelas em que o tambor parou por volta das 6h00 da manhã e as entidades ficaram bebendo, fumando, conversando e cantando com outros encantados e pessoas até por volta das 10h ou meio dia. Em outros casos, o encantado, dono da festa, chegou a ficar montado em seu cavalo durante dois dias direto, somente subindo para o cavalo urinar ou tomar um chá.

Sem essa rede de acordos e solidariedade entre Tendas, mãe e filhas/os de santo (da tenda e de outras tendas), mãe – filhas/os de santo e entidades, mãe – filhas/os de santo – entidades e serventes, mãe – filhas/os de santo – entidades – serventes e visitantes as festas não seriam possíveis.

As festas aparecem também como princípios que orientam as relações sociais e religiosas que sustentam o contato, respeito e solidariedade entre pessoas e pessoas, pessoas e entidades e entidades e entidades. As festas são mantidas assim para além da visita (dançar, cozinhar e servir), elas vão se manter ou não com o passar dos anos a partir de uma série de trocas e acordos que se dão para além das festas e reforçam os

⁴⁵ Na festa de Maria Padilha em 15 de dezembro de 2018, ela entregou para seu Pedro Légua e para

laços de amizade e solidariedade entre os filhos de santo e sua mãe; entre os filhos de santo e filhos de santo; entre filhos de santo de seus guias.

No contexto da nossa pesquisa tratamos a encantaria não como um mundo sobrenatural, mas, relacional ao nosso. Relacional no sentido de que ele contribui/influência/orienta, por meio dos encantados as ações das pessoas com as quais conversamos durante esses tempos de pesquisa. As ações das mães/pais e filhas/os de santo interferem diretamente na forma como as entidades irão se manifestar sobre a/o médium, ora orientando-a/o, ora lembrando-a/o de suas obrigações, ora castigando/reprovando seu comportamento. O médium, quando cuida de si mesmo, também cuida do seu guia, e seu guia do seu orixá de cabeça.

Como depositários da força divina, os médiuns devem cuidar para mantê-la intacta, evitando tudo o que possa enfraquecê-la ou quebrá-la. Os seres e mesmo os objetos que a cercam podem ser os vetores, conscientes ou não, de influências eventualmente maléficas. O médium deve, portanto, cuidar para não fazer nada que permita que tais influências se exerçam sobre si. Por isto, deve observar um grande número de preceitos que lhe são ensinados. **Deve aprender, sobretudo por meio da observação.** Tais indicações conformam as regras de conduta das pessoas iniciadas, qualquer que seja seu tempo de iniciação. (COSSARD apud LUCINDA, 2016, p. 177 – grifos nossos).

Assim, “cavalo e guia, cada um deve fazer a sua parte. A disciplina deve ser observada por ambos. Os guias só trabalham porque têm o cavalo que lhes serve de canal” (LUCINDA, 2016, p.177). Nesse sentido, concordamos com Lucinda (2016) quando ela destacou que o médium “deve aprender, sobretudo por meio da observação”, pois nas nossas idas e vindas acompanhando e conversando com o povo de terreiro (mãe, filhas e filhos de santo, entidades e serventes), ouvindo principalmente suas trajetórias de inserção na mina, concluímos que cada médium tem uma experiência bem diferente um do outro, bem como a manifestação de sua mediunidade, todo o processo é importante, os erros, os acertos, as punições. Dalva (filha de santo) fala que “não tem esse que não apanhou do seu guia, minha filha” (anotações de caderno de campo em 01 de janeiro de 2018). Paulo, que recebe seu Cigano, nos falou que aprendeu o que sabe sobre a Mina dentro do barração/tenda e com as orientações do seu guia. É observando que conseguimos tecer considerações a respeito da encantaria em Santa Rosa dos Pretos.

Nessa perspectiva, observamos que a manutenção da Mina se dá por meio de uma série de relações que são estabelecidas nos trânsitos, nas visitas, nos batuques, das festas/obrigações que chamam os guias/entidades/caboclos. A Mina é cotidiana, e ela

está concreta na Mata, na Matinha, nos igarapés, nos poços, nas lagoas de mãe d'águas, nas árvores gameleiras, juremeiras, tucunheiros e em muitos outros “portais” que existem entre o nosso mundo e o das entidades.

A manutenção do tambor de mina também ocorre na passagem da obrigação. Um exemplo disso é a festa do encantado João Guará, que era uma obrigação da finada mãe de santo dona Georgina. As pessoas da comunidade pensavam que essa obrigação ia acabar, já que dona Georgina havia falecido, mas essa obrigação passou a ser realizada por mãe Severina.

No Tambor de Mina, quando um pai ou mãe de santo morre, na maioria das vezes, já deixa preparada uma/um filha ou filho de santo para ocupar seu lugar e continuar suas obrigações, seja no mesmo terreiro seja abrindo sua própria casa. Em outros casos, isso pode não acontecer, e os filhos procuram, conforme orientação de seus guias, outras tendas para continuarem suas obrigações ou abrem sua própria casa, como foi o caso do Terreiro Boa Fé Neto da Trindade, localizado em Itapecuru-Mirim, de seu Edinael que recebe dentre outras entidades, seu Mineirinho.

Neto do Terreiro Boa Fé da Trindade, da finada mãe de santo dona Quelé, Edinael vem mantendo vivas as obrigações que são passadas de geração a geração, mas apesar de ter aprendido muita coisa com sua mãe de santo, muito do que sabe aprendeu com seus guias. Sua tenda de Umbanda e Tambor de Mina, tem suas forças nas entidades e orixás que regem sua casa. Segundo ele, “hoje, a Umbanda é minha vida, é nela que me firmo! Depois que minha mãe morreu, eu fui dançar na casa de Quelé. Mas depois que ela faleceu, eu vi que eu precisava abrir minha própria casa, pois cada casa/tenda tem seus segredos/Axé, e a Mina, é isso, segredo!”



Foto 32: Entrada do Terreiro Boa Fé Neto da Trindade – seu Mineirinho doutrinando na noite de festa no dia 18 de agosto de 2018. Fonte: Dayanne Santos



Foto 33: seu Mineirinho doutrinando na noite de festa no dia 18 de agosto de 2018.

Fonte: Dayanne Santos

No Tambor de Mina existe uma concepção importante sobre a morte, que é vista como um canal para um momento de trânsito entre o nosso mundo e o da encantaria, fazendo parte do processo de manutenção da Mina. A morte é entendida com uma passagem, pois em muitos casos é quando se morre um mineiro que se tem a oportunidade de se experimentar (ver) o mundo dos encantados.

Quando um médium morre, se costuma fazer o tambor de choro, com corpo presente⁴⁶ ou não e depois se faz o despacho⁴⁷, quando se entregam as coisas de quem tem obrigação na Mina desde os abatazeiros até mãe/pai ou de uma filha/filho de santo. A pessoa preparada para entregar o despacho tem contato direto com as entidades e com os que já se foram.

Goldmam (2003, p. 448), quando narra sua participação no acompanhamento de um despacho, mesmo tendo ficado longe do local onde se fez a obrigação, depois de uma conversa com um de seus interlocutores na pesquisa, afirma ter ouvido os tambores dos mortos tocarem na noite do ritual, como destacamos na citação abaixo,

retomei a conversa com Marinho, conversa que logo retornou para os rituais funerários do candomblé. Ele me contou que em 1994, na obrigação dos 21 anos relativos à morte de sua avó (antiga e famosa mãe-de-santo do terreiro), ele levava um despacho exatamente ao mesmo lugar de onde eu acabava de voltar; de repente, disse, começou “a ouvir os atabaques dobrarem”, perguntando então aos demais se havia algum terreiro de candomblé por lá, ao que todos responderam que não. De volta ao terreiro, narrou o ocorrido a sua mãe e a outras pessoas mais velhas, que ficaram muito contentes, já que o fato dos atabaques tocarem é um bom sinal, pois significa que os mortos estão aceitando receber em paz o espírito ou a oferenda em jogo. Senti um leve arrepio e disse a meu amigo que eu também ouvira atabaques dobrarem; ele não fez nenhum comentário e mudou de assunto. Percebi, então, que os tambores que eu ouvira simplesmente não eram deste mundo.

Um outro exemplo, ouvimos de Seu Louro, abatazeiro e uma das lideranças em Santa Rosa dos Pretos. Ele nos contou que uma vez participou de um despacho na Mina e que ficou muito nervoso, porque, segundo ele, a pessoa tem que fazer as coisas todas do jeito que orientam e por nada pode soltar as coisas que vão ser entregues, porque, se não, a pessoa que está entregando pode correr o risco de morrer também.

Olha, eu fui meio apreensivo entregar as coisas dela (mãe Georgina). Entrei na água e fui andando, quanto mais eu andava, mais a água me cobria. Eu a vi distante, dentro de um barco recoberto de ouro, era uma coisa muito linda, eu nem acreditava, mais continuei andando, a água chega batia bem no meu

⁴⁶ É o momento em que o defunto fica no meio do salão, e as demais pessoas presentes vão tocar os tambores e cantar para ele, músicas de Mina específicas para esse momento.

⁴⁷ É o momento quando se vai entregar as coisas de quem já morreu na água. Sendo que as pessoas ficam tocando e cantando músicas específicas da Mina para esse momento, até a volta da pessoa que foi preparada para entregar o despacho. E, de maneira nenhuma o tambor pode parar.

pescoço, eu levantei as mãos para não molhar as coisas e tomei cuidado para nada cair. Eu não podia soltar, até ela pegar das minhas mãos (Anotações do meu caderno de campo de novembro de 2017).

É no momento do despacho que ocorre uma relação de proximidade entre as pessoas envolvidas na realização da obrigação, filhas/filhos e mães/pais de santo, abatazeiros, encantados e aquela/aquela que se foi. Essa é uma das obrigações mais sérias dentro da Mina, porque ela requer os maiores cuidados possíveis enquanto proteção da vida espiritual, tanto de quem faleceu como daquele que é preparado para entregar os pertences da pessoa que mudou de vida.

No mundo preto a morte significa vida, como bem pontou Josicléa, conhecida como Zica, filha de Dona Anacleta. Por isso entendemos a morte aqui como uma passagem, pois a pessoa que morre também se encanta e continua viva nas memórias e nas incorporações dos seus descendentes, seja porque deixou saudade, ensinamento ou lembrança.

O mundo dos encantados está em relação com o nosso, mas poucas pessoas estão preparadas para se relacionar com esse mundo. Aqueles que já o visitaram, sabem que não podem falar muito sobre como ele é, pois, segundo a Mina, esse mundo é tão real quanto o nosso, entretanto estamos ficando cada vez mais cegos para vê-lo e, conseqüentemente, compreender as concepções que o tornam possível.

Nós precisamos buscar formas de reestabelecer essa relação, porque os encantados conseguem sobreviver sem as pessoas, mas as pessoas não conseguem viver sem os cuidados dos encantados, sem a encantaria que é a força da natureza sentida por meio dos dons e inspirações – é igual o vento, você não vê, mas sente (Anacleta, entrevista concedida em 01/02/2019).

1.4 SER MINEIRO: sonhos e dons como elementos que orientam a ação

O Tambor de Mina em Santa Rosa dos Pretos faz parte do processo de manutenção da identidade quilombola, que nas nossas pesquisas aparece com o ser mineiro e vem seguido de uma extensa rede de relações de parentesco e de laços de solidariedade entre pessoas, natureza e encantados, como seu Cearense, seu Pedro Légua, Tereza Légua, seu Lourenço, seu Leguinha e muitos outros caboclos e encantados que, ao estarem no território quando acionados, podem nos ajudar a reescrever e a ler como que o corpo quilombola reexiste sob as marcas de um sistema racista e colonial.

A Mina antes de ser festa é uma obrigação. O corpo daquele que incorpora uma entidade não é mais somente seu e passa a ser compartilhado e, por ser compartilhado, também está sujeito a regras e sanções que estão inscritas na forma de ser mineiro. Aquele que incorpora, passa a compartilhar e a partilhar de experiências que são tecidas e vividas com as entidades. Uma noite, eu estava em minha casa quando uma entidade desceu em um amigo meu e disse: “não é só o meu cavalo que aprende comigo, eu também aprendo com ele, quando ele lê, quando ele reza ou quando ele está simplesmente pensando na vida dele”.

O cotidiano e as entidades do Tambor de Mina na Santa Rosa dos Pretos estão intrinsecamente relacionados. As filhas de santo costumam dizer que é bem difícil você começar falando das suas vidas e não terminar na Mina.

Segundo Pixita (Maria Luiza/Filha de Santo), “a Mina não é só importante para o povo de terreiro, mas para toda a comunidade, pois é com ela que se pode resistir e continuar na luta”.

Os encantados estão junto com as pessoas, lutando pelo território, pelo cuidado com a mãe natureza. Na noite do dia 12 de janeiro de 2019⁴⁸, eu perguntei para dona Tereza Légua se os encantados lutavam junto com os quilombolas. Ela disse que sim. Segundo ela, seus filhos são pretos, a filha dela, dona Severina, é preta, e o território quilombola de Santa Rosa dos Pretos também é morada dos encantados.

Ela nos disse que “lutamos sim, porque aqui é nossa casa também. Ah, minha filha, eu já rezei tanto e já pedi tanto pra Deus dar logo o título dessas terras para meus filhos, porque nós, sem essas matas, nós não somos nada! Já pensou, nós sem essa mata?” (anotações do caderno de campo do dia 12 de janeiro de 2019).

Nesse contexto, os encantados protegem as pessoas e as pessoas procuram os meios legais, os caminhos oficiais para assegurarem sua permanência em seus territórios, mas sempre sob a proteção dos encantados, ocupando prédios públicos, rodovias e a própria Estrada de Ferro Carajás. Muitas são as situações de enfrentamento e manifestação em que lideranças, de comunidades ameaçadas por projetos de desenvolvimento e pela mineração no Maranhão, relatam que se sentem mais fortes e até se sentem grandes quando cantam, tocam seus tambores e balançam seus maracás.

⁴⁸ Nessa noite eu estava com mais dois amigos conversando com dona Tereza Légua. A conversa se deu porque eu e esses dois amigos que estavam visitando o terreiro de Santa Rosa tinham interesse em conversar com ela. Para que a conversa pudesse acontecer, tivemos que combinar com mãe Severina dias antes, para que ela pudesse se preparar, principalmente não jantar, para poder chamar dona Tereza.

A Mina é uma grande irmandade entre pessoas e pessoas; pessoas e encantados. No seio dessa irmandade, está o respeito e depois a disciplina que conduzem as pessoas e as entidades em um processo contínuo de troca e aprendizagem. Pois, a força de um médiun depende do cuidado que esse tem para com as obrigações com seu guia.

A natureza (matas, igarapés, rios, árvores, plantas, folhas, poços, mar etc.) também faz parte da Mina, é morada das pessoas e a casa dos encantados, é dela que provém a vida. Também é entendida como dinâmica e disciplinadora, pois existem lugares no quilombo que nem os filhos de Santo podem entrar sem permissão. “Portanto, a disciplina é um requisito que remete a aspectos espirituais e também tem a ver com o cuidado para não tonar uma “corrente” mais sacrificante para uns do que para outros, sejam os médiuns, sejam os próprios guias” (LUCINDA, 2016, p. 182).

Segundo Sergio Ferretti (2009, p. 11) “o Tambor de Mina é uma obrigação e tem suas dificuldades. Portanto, embora o que apareça seja a beleza das festas, o tambor implica uma série de compromissos, sacrifícios e responsabilidades pesadas, assumidas pelo grupo”.

Casa de Mina, ou Tambor de Mina⁴⁹:

Entre outros aspectos, caracteriza-se como religião de transe ou possessão, em que entidades sobrenaturais são cultuadas e invocadas, incorporando-se em participantes, principalmente mulheres, sobretudo por ocasião de festas, com cânticos e danças executadas ao som de tambores e outros instrumentos. Daí o termo tambor, pelo qual também são designados tais cultos (FERRETTI, 2009, p.09).

Ao passo que vamos entendendo cada parte que compõe o nosso campo empírico de pesquisa, vamos formando um entendimento sobre o contexto social ao qual seus agentes sociais fazem parte e com isso suas singularidades e seus segredos, que aparecem, mas não podem ser ditos por aqueles que os conhecem e os praticam. Os segredos sobre a encantaria compõem um quadro de ontologias que dá sentido aos encantados e tornam possíveis as múltiplas relações entre pessoas e encantados.

Nesse sentido, respeito e obrigação são elementos importantes para a manutenção dos segredos. Nas falas de nossos interlocutores depreendemos que o Tambor de Mina é um segredo, é um espaço complexo que só aqueles que dele fazem

⁴⁹ No Estado do Maranhão e em São Luís existem uma gama diversificada de religiões afro-brasileiras conhecidas como Terreiro de Mina; Candomblé; Terecô; Umbanda com tambor de cura ou pajelança e cada casa/terreiro possui a sua especificidade. Por isso, ao estudar as religiões do Estado do Maranhão deve-se procurar ver em que elas se diferem e o que há de mais singular a cada uma.

parte podem conhecer, porém, nunca em seu todo. Assim, vamos observando como se dão as experiências, falas, sonhos, incorporações com o desejo de produzir um entendimento coerente sobre Santa Rosa dos Pretos como terra de encantaria, morada de encantados.

Assim, leva-se em consideração a relação que ocorre entre pessoas e encantados no território quilombola Santa Rosa dos Pretos, a diversidade e a subjetividade de cada pessoa e de cada encantado, bem como os sonhos e os dons como elementos importantes desse processo de interação seja em contexto de festas, manifestações, ocupações ou no cotidiano.

Em contexto de interação social, tanto as pessoas se legitimam enquanto sujeitos étnicos para reivindicar seu lugar de direito em um contexto sócio-histórico no qual ser quilombola está para além de viver no espaço delimitado pelo Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID)⁵⁰, emitido pelo INCRA. Está nas relações subjetivas que são tecidas na dinâmica do cotidiano das comunidades negras, relações essas, em sua maioria, de parentesco seja com os parentes vivos, seja com os espíritos de luz (os encantados).

A Mina, é primeiro, uma condição (diz quem a pessoa é socialmente) na qual a pessoa nasce com “um dom para ser mineiro, não se escolhe”, como costumamos ouvir dona Dalva e mãe Severina falando. Elas dizem que a Mina está com elas em tudo que fazem, não é só dentro da Tenda, é para vida, é na vida que a Mina se manifesta.

A Mina é uma obrigação porque se tem uma série de etapas e ações que devem ser mantidas entre o filho ou filha de santo e a mãe de santo e se a pessoa não cumpre suas obrigações, como destaca Dona Dalva, sofre alguma punição. Ela diz que “tem uns que levam a sério logo e assumem o que são, já outros têm que sofrer para depois entender que isso não é uma escolha” (conversa informal realizada em 22 de setembro de 2018).

⁵⁰ O RTID é uma peça administrativa importante para o reconhecimento e regularização de um território quilombola no Brasil. Segundo informação do próprio órgão público responsável por esse tipo de regularização fundiária, “Para que o Incra inicie os trabalhos em determinada comunidade, ela deve apresentar a Certidão de Registro no Cadastro Geral de Remanescentes de Comunidades de Quilombos, emitida pela Fundação Cultural Palmares. A primeira parte dos trabalhos do Incra consiste na elaboração de um estudo da área, destinado à confecção do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) do território. Uma segunda etapa é a de recepção, análise e julgamento de eventuais contestações. Aprovado em definitivo esse relatório, o Incra publica uma portaria de reconhecimento que declara os limites do território quilombola”. Informações disponíveis em: < <http://www.incra.gov.br/estrutura-fundiaria/quilombolas> > Acesso em: 19 de novembro de 2018.

O Tambor de Mina está relacionado com as coisas sagradas porque, como nos relatou Mãe Severina (anotações de caderno de campo de novembro de 2015) “primeiro tem Deus e depois os guias (encantados), os espíritos de luz, e, sempre que precisamos de alguma coisa, dobramos os joelhos, acendemos uma vela e levantamos as mãos pro céu”. Tanto as coisas morais como as coisas “sobrenaturais” fazem parte da sociedade, ou seja, da interação das pessoas com outras pessoas ou das pessoas com os encantados.

E, na medida que essas relações vão sendo estabelecidas o mundo natural/real se comunica com o mundo dos encantados e as pessoas são orientadas a agir em conformidade com as orientações dos seus guias, que são concebidos na Mina como sendo “os olhos de Deus”, no sentido de que revelam em sonho coisas que podem ou não acontecer na vida real.

Segundo Lévy-Bruhl (2008, p. 91) “o sonho, portanto, proporciona aos primitivos⁵¹ dados que, a seus olhos, valem tanto, ou talvez mais, quanto as percepções adquiridas durante a vigília”. Um exemplo disso que está sendo dito é o caso de seu Libânio (liderança mais velha) que tem sonhado com os encantados mostrando para ele como era a comunidade antes da chegada dos empreendimentos. No sonho, os encantados levam-no no igarapé Simauma, que está morrendo devido a passagem da Estrada de Ferro Carajás, e nos caminhos que o igarapé fazia para alimentar a terra e depois, ainda no sonho, os encantados mostram como está hoje.

Olha aqui, hoje a gente tá vendo umas curiquinha passar aqui, cantando “querequere”. Meu amigo, quando era uma hora dessa, aqui você ficava quase surdo de tanto ver pássaro cantar para tudo quanto era lado, mas que maravilha naquela época. E a gente, naquela época, como eu ia dizendo a vocês, só bastava o que se tinha aqui, você entrava no mato, na minha juventude, você podia andar por dentro do mato todinho, quando era de tarde você chegava com o bucho cheio de tanta fruta que se tinha aqui, a fruta nativa não sabe? Começava do “ingá, ia para o cajá e ia levando, ia levando e ia levando não tinha necessidade disso. Chegava numa cabeceira dessas aí, tava juçara caindo, caindo lá de cima pra baixo dentro da água. As cabeceiras não secavam...**hoje, tá tudo seco aí, tudo seco e nós estamos o quê? Sufocados por falta de água...** Foram embora. Acabaram com as matas ...com os matos que tinham. Chegavam dentro desses matos aí tinha lugar que não dava nem vontade de você vim em casa (entrevista concedida por Libânio Pires em 2015, grifos nossos).”

⁵¹ Primitivo em antropologia é um termo obsoleto apesar de consagrado e amplamente utilizado no Séc. XIX, quando o paradigma era o evolucionismo, ou seja, a perspectiva teórica segundo a qual os fenômenos sociais e culturais da vida humana estão sujeitos a leis gerais de transformação, análogas e complementares às da evolução biológica. Opõe, portanto, os povos da pré-história à civilização geralmente, por força das concepções vigentes na época e interesses colonialistas, excluindo do conceito de civilização, os povos não ocidentais. Informações disponíveis em: < <https://educalingo.com/pt/dic-pt/primitivo> > Acesso em: 19 de novembro de 2018.

Seu Libânio fala com saudade de uma época em que Santa Rosa dos Pretos tinha vida em abundância, era recoberta de riquezas naturais, de frutas, água, animais, plantas, que ainda existem. Porém, não da forma e quantidade como descreve acima. Hoje, seu Libânio se encontra praticamente cego, mas vê em sonho a situação atual do seu quilombo que, com o passar dos anos, vem sendo invadido, vendido, assoreado, desmatado, envenenado em nome de um ideal de desenvolvimento econômico, que traz para o Maranhão cada vez mais projetos de morte.

Interpretamos esse sonho de seu Libânio como uma espécie de memória dos outros que também somos nós (as pessoas em relação com os encantados). Os sonhos alertam/orientam as ações das pessoas da comunidade nos mais diversos momentos e contextos, seja envolvendo fé, luta ou obrigação.

Outras concepções são sobrepostas aos valores locais e o meio rural, onde estão grande parte dos povos e comunidades tradicionais no Maranhão, vai ficando empobrecido, socialmente e fisicamente, com a exploração e exportação em massa das riquezas naturais presentes nos territórios historicamente ocupados.

Uma das riquezas, do quilombo está na terra, no saber plantar, no fazer uma roça, no alimento que você pega sem precisa de um dinheiro para poder ter. Mas, com a chegada das coisas da modernidade, a vida no quilombo foi mudando, em uns momentos para bom e em outros para ruim, pois muitas famílias não plantam mais hoje, porque elas não têm mais uma área adequada para se colocar uma linha de roça. Hoje, uma das grandes áreas de roça que se tinha na comunidade foi desmatada para a passagem dos linhões de energia da ELETRONORTE, outra parte está dentro de fazendas e outra foi drasticamente impactada pela passagem, ainda na década de 1980, da Estrada de Ferro Carajás (fala de seu Budega, anotações do caderno de campo no dia 08/01/2019).



Foto 34: Libânio Pires e ao fundo antiga área de lavoura hoje ocupada pelos linhões de energia e cercada por uma fazenda (A fazenda Nova)

Fonte: Dayanne Santos (2018)

No contexto de pobreza trazidos pela chegada da modernidade no território quilombola, primeiro com a passagem da rodovia BR-135 ainda nos anos 1950 e depois nos anos de 1980 com a Estrada de Ferro Carajás, as cabeceiras dos igarapés começaram a secar, e por isso que seu Libânio denuncia que o território hoje está “sufocado pela falta de água”. Essa é atualmente a situação de muitos outros povos e comunidades. Dialogando com o que diz seu Libânio, é que seu Budega chama a atenção para o fato de

Muitos dos jovens de hoje, de dentro do quilombo, não querem ir para a roça, uns porque a família não tem área de plantio, outros por falta de interesse e outros porque acham vergonhoso, mas a nossa dignidade, a nossa riqueza está na roça, em ter o que comer sem precisar comprar (fala de seu Budega, anotações do caderno de campo no dia 08/01/2019).

1.5 A OBRIGAÇÃO NA MATINHA: a festa de seu Cearense em agosto de 2018



Foto 35: Seu Cearense indo para a Matinha
Fonte: Dayanne Santos (agosto de 2018).

Antes de escrever qualquer coisa sobre a entidade chamada de Cearense, fomos fazer o estado da arte para saber o que já havia sido publicado a respeito dele. Os poucos trabalhos que encontramos; Mundicarmo Ferretti (1988, 1989); Ferreira (1989); Boyer (1999); Carvalho (1999) somados com as pesquisas de campo que realizamos

(janeiro de 2017 a outubro de 2018) e com as conversas que tivemos com ele em contextos de visita, festa e organização das festas foram fundamentais para entendermos que tipo de ontologias são possíveis quando uma entidade incorporada fala.

Aqui faço uso de estudos já realizados sobre seu Cearense, mas principalmente de conversas e de doutrinas para entender e caracterizar quem vem a ser um Cearense em contexto de encantaria bem como sua relação com as outras entidades/caboclos.



Foto 36: seu Cearense na matinha

Fonte: Dayanne Santos (agosto de 2017 e 2018 – Festa de seu Cearense).



Foto 37: Aniversário de seu Cearense na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes
 Fonte: Dayanne Santos (agosto de 2017 e 2018 – Festa de seu Cearense).

Do pouco que convivi com seu Cearense, quando estive em Santa Rosa dos Pretos, posso dizer que ele não se apresenta como farrista na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes e tão pouco anda visitando muito as outras tendas, pelo menos não quando se manifesta em mãe Severina. Quem faz mais a visita é dona Tereza Légua. Seu Cearense como ouvi dos moradores do quilombo e dele mesmo, é um caboclo turco que vem da família da Turquia, é um nobre.

No final do século passado, quando Anastácia Lúcia dos Santos entrou em transe em São Luís com o rei da Turquia (para uns o conhecido almirante Balão, e para outros o seu filho, Ferrabrás, do romance de Carlos Magno e os doze pares de França, traduzido em língua portuguesa por Jerônimo Moreira de Carvalho), já havia turco no tambor de Mina. Conforme registrou Rosário Santos, naquela época já baixavam várias princesas turcas no terreiro de Manoel Teus Santo, onde Anastácia recebeu aquela entidade, e conta-se que o pai veio ali à procura das filhas (FERRETTI, 1988, p. 60).

Em “Repensando o Turco no Tambor de Mina”, Mundicarmo Ferretti (1988) tece considerações que nos ajudam a entender a história da presença da Família da Turquia no Tambor de Mina e também como as relações entre pessoas e encantados vão se dando, sendo que ela pontua que ao refletir sobre o turco no Tambor de Mina, pretende “abrir uma discussão sobre o caboclo na religião afro-brasileira, a partir do caso da família da Turquia no Tambor de Mina”.

Em contexto de encantaria no Maranhão, queremos pontuar que sabemos da importância da família de Légua para a manutenção do Tambor de Mina no Maranhão, porém nessa parte do trabalho teceremos reflexões sobre a família da Turquia, mais precisamente sobre o velho Cearense, dono da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes junto com Tereza Légua.

Sobre os Turcos⁵², Ferretti (1988, p. 68) pontuou que,

No Maranhão explica-se a relação dos turcos com índios brasileiros fazendo-se referência à entrada deles na aldeia de Caboclo Velho, o índio Sapequara do Baixo Amazonas, o que justificaria sua vinda na Mina como caboclos e não como fidalgos. Segundo conta Euclides, o rei da Turquia chegou ao Brasil no navio de Dom João e perdendo-se daquele que era seu primo, ficou morando no outeiro da Cruz (região onde sempre foi sediado o terreiro da Turquia e onde existe o marco da batalha que expulsou os holandeses do Maranhão)⁵³. O reencontro com Dom João só ocorreu muitos anos depois quando, misturados aos índios, muitos turcos adotavam nomes indígenas, como: Juracema, Irajá, Ubirajara e Ubiratã, que foram criados por Caboclo Velho.

Assim, Ferretti (1988, p. 57), em um contexto etnográfico diferente, destacou que “os turcos geralmente usam seu rosário (colar) atravessado e preferem enrolar a toalha na mão, colocá-la sobre os ombros ou substituí-la por uma pana (lenço de seda muito usado por caboclo), em vez de amarrá-la na cintura”.

Um dos nomes relacionados à origem da família da Turquia é de Anastácia, fundadora do terreiro da Turquia em São Luís. Ela tinha como guia espiritual segundo Ferretti (1988, p. 63),

o chefe da família de turco, rei da Turquia, o Ferrabrás, conhecido nas danças de batalha de mouros e cristãos, como a chegada, realizada antigamente na Turquia durante o carnaval. Até 1945 a chegada foi muito difundida em São Luís, conforme nos informou Dona Celeste, da casa das Minas, filha de um fervoroso brincante de chegada.

Em suas pesquisas, Ferretti (1988, p. 65) pontuou que,

O terreiro da Turquia define-se como "taipa" e os tapas são conhecidos como maometanos, portanto... Conforme Euclides, Anastácia era católica e os voduns do Maranhão são devotos dos santos, a Turquia sempre procurou fazer com que os mouros que chegaram ali como encantados se tornassem cristãos. Mas, apesar do rei da Turquia ter aceito São João (homenageado na festa de inauguração do terreiro), seu filho Jaguarema e vários outros

⁵² “No Maranhão os turcos são também muito relacionados com a família de Légua Buji-Buá, filho de Pedro Anção que chefia a linha da mata de Codó. Não sabemos se esse entrosamento vem da amizade de Seu Turquia com Pedro Anção (que segundo os Leacock foi designado representante daquele em Codó, após uma luta onde estiveram juntos), ou se na história dos turcos há um episódio especial que explique aquela ligação. Como se pode ver as ligações de Seu Turquia com outras famílias de encantados são tão numerosas que um levantamento completo delas exigiria um estudo de toda a mitologia da Mina, não só das partes referentes aos caboclos e fidalgos, mas também, das que tratam de suas ligações com voduns e orixás” (MUNDICARNO FERRETTI, 1988, p. 69).

⁵³ Localizado em São Luís, capital do Maranhão.

continuam rejeitando o cristianismo e são conhecidas as críticas que aquele faz aos santos e a quem neles deposita sua fé.

Assim, “apesar de conhecidos como entidades espirituais ‘taipas’ e como nobres, os Turcos não foram integrados na Mina nem como voduns nem como fidalgos, categorias mais prestigiadas. Entraram na Mina como caboclos, na corrente de Caboclo Velho” (FERRETTI, 1988, p. 70)

É como um nobre/turco que seu Cearense se apresenta no Tambor de Mina na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes como podemos ver na doutrina cantada por ele,

*Seu Cearense, seu Zé Maria (2x)
Cearense é um moço todo cheio de fidalguia
Vou mexer minhas correntes com Deus e a Virgem Maria.*

As doutrinas fazem parte das ontologias do culto aos encantados. Fazem parte do princípio filosófico das práticas existenciais da Mina e estão presentes no cotidiano dos mineiros, fazem parte da resistência e da insurgência do povo negro, presente no Tambor de Mina em meio a processo de demonização das religiões de matriz africanas. As doutrinas comunicam como e de onde as entidades estão vindo, anunciam quem elas/eles são. Na medida em que chamam os encantados para baiar na Tenda, elas realizam tarefas, comunicam e produzem resultados.

Na doutrina cantada por seu Cearense, ele nos diz que é um moço cheio de fidalguia e assim, como as outras entidades do Tambor de Mina age conforme orientação de Deus. Um “homem” nobre e turco.

Dona Rosa Légua (conhecida como dona Rosinha), filha do rei Salomão nos disse que “seu Cearense é Turco/da família da Turquia. Mas dizem que ele é do Ceará, isso para mim é só mistiço, porque ele pegava sereno era na porta da Turquia” (entrevista informal realizada dentro da Tenda, no intervalo de uma noite de Tambor em 25 de agosto de 2018). Dessa fala de dona Rosinha, nos indagamos sobre qual seria a relação de seu Cearense com o rei Salomão – rei da fidalguia?

Cearense fala que,

A Mina não é para quem sabe, nem para quem sabe baiar. A Mina é para quem sabe trabalhar. Porque veja, você pega uma saia dessa aqui cheia de marca e diz: “eu vou sair chique, melhor do que mãe Severina”. Isso pra nós não importa, pra mim não importa. O importante é o respeito e a sinceridade, porque se você carrega um guia, você tem que respeitar ele e não é porque você é meretriz, ou gosta de outro companheiro, isso não tem problema, mas tem que respeitar (anotações do caderno de campo do dia 24 de setembro de 2018).

Seu Cearense destaca que na Mina, o importante não é vestir roupas caras, nem querer ser mineiro sem ter o dom para ser, pois para com as coisas da Mina se exige tanto do mineiro como de seu guia uma relação de respeito e sinceridade. Quando o guia diz como o mineiro deve se comportar e agir, significa que ele está ensinando o que a Mina exige para que a relação entre os dois seja harmoniosa, livrando o mineiro de muitos infortúnios e punições. Como o “apanhar sem saber quem está batendo”, que se refere às surras que os encantados dão nas pessoas para ensinar a ele/ela que apanhou e as demais pessoas que não se pode brincar e nem zombar com as coisas da Mina.

O mineiro pode se relacionar com pessoas do mesmo sexo (ter companheiras/os), mas essa relação não pode atrapalhar a relação com o guia e deve seguir uma série de preceitos que são ditos pelos encantados, a começar em manter o corpo limpo em noite de tambor. Manter o corpo limpo significa não ter relações sexuais um dia antes, durante e no dia depois das festas. O mineiro também deve evitar beber e fumar, já que seus guias já fazem muito isso em noite de festas.

A festa de seu Cearense é uma obrigação. Ela acontece durante três dias no mês de agosto na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes. A festa abre com uma obrigação para mães d’aguas em uma área de mata que é considerada importante/sagrada para as pessoas do quilombo. Essa área fica no fundo da Tenda e lá se tem poços, pontos de luz para algumas entidades, muitas árvores e o Satuba (uma poça de água específica). Na segunda noite de festa, tem o bolo e se canta parabéns para seu Cearense, já na terceira noite se toca para caboclos. Todo ano, as roupas da festa têm uma cor diferente. Essa cor, na maioria das vezes é seu cearense mesmo quem escolhe.

Em agosto de 2018, a festa de seu Cearense abriu com a obrigação na Matinha (pela Manhã) e com a caminhada do mastro e tambor de crioula (tarde e noite). Junto com o mastro teve dois meninos (Iagor e Pimpin) que foram caminhando na comunidade vestidos de santos, São Benedito e São Raimundo. O mastro de seu Cearense, passou de casa em casa abençoando as pessoas e recolhendo bebidas (vinhos, cachaça e refrigerantes) e dinheiro, que foram usados durante a festa.



Foto 38: Pimpin vestido e segurando São Raimundo; Iagor vestido e segurando São Benedito.
Fonte: Dayanne Santos (24 de agosto de 2018)



Foto 39: Homens e crianças segurando o mastro na caminhada pela comunidade.
Fonte: Dayanne Santos (24 de agosto de 2018)



Foto 40: Luzitano benzendo com cachaça o mastro de seu Cearense
Fonte: Dayanne Santos (24 de agosto de 2018)



Foto 41: Vista dos santos na casa de dona Doninha durante a caminhada do mastro pela comunidade.
Fonte: Dayanne Santos (24 de agosto de 2018)



Foto 42: Noite de tambor de crioula de seu Cearense do lado da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes.
Fonte: Dayanne Santos (24 de agosto de 2018)

fica estendido no chão, enquanto os abatazeiros ficam dispostos do lado direito de seu Cearense, atrás das filhas/filhos de santo. Dona Francisca fica defumando e segurando mãe Severina quando seu Cearense dá passagem para outros encantados participarem desse momento. As entidades vão chegando conforme se vai doutrinando, quem chega canta sentado/a. Na hora de doutrinar um encantado de cada vez canta suas músicas.

No primeiro momento o encantado da vez canta e só depois os demais acompanham. Um outro momento é a partilha da “comida” da obrigação, pão e vinho para os médiuns, abatazeiros e quem mais quiser e uma colher de dendê para os guias. Se doutrina novamente, até chegar o momento de subir para a Tenda.

Uma obrigação é parte da missão com a Mina, nela se demarcam espaços de troca, aprendizagem e disciplina com os encantados. Era por volta das 11h do dia 24/08/2018 quando, junto com seu Cearense e as filhas/filhos de santo, descemos para a Matinha para o tambor de obrigação para as mães d’águas. Nesse dia, todas/os filhas/os da casa estavam usando roupas brancas e verdes, como de costume. Ao chegarmos na Matinha, as/os filhas/os de santo se sentaram no chão de terra batida formando um círculo em volta de seu Cearense, que estava sentado em um banco que o deixava em uma altura um pouco mais alta que seus filhos. O chão estava coberto por um grande

pano branco bordado e sobre o pano além das filhas/os de santo encontravam-se pratos brancos, pirex, um vidro com azeite de dendê, uma vela branca acesa, que permaneceu até o fim da obrigação, um saco com mais velas brancas, uma bacia de vidro com pão molhado no vinho e dendê (a comida da obrigação) e, do lado dessa bacia, havia dobrada, a manta de seu João Guará (entidade).



Foto 43: Obrigação para mães d'águas na Matinha.
Fonte: Dayanne Santos (agosto de 2018).

Nas mãos de seu Cearense havia um maracá laranja com penas rosas. Do lado direito do encantado estavam 12 abatazeiros e os três tambores usados na tenda, já do lado esquerdo estava um grupo de pessoa que foi assistir a obrigação (10 pessoas no total: moradores da comunidade, visitantes, e pesquisadores), atrás dele tinha uma grande esteira de palha que estava disposta a formar uma parede, também estava dona Valéria com o defumador nas mãos, (ela foi substituir dona Francisca nessa obrigação que não pôde está presente), e ainda havia um balde com água que foi tirado do poço que seu Cearense mandou fazer para se tirar água tanto para as obrigações na Tenda na

época da sua festa, como para se usar nos banhos e na feitura de remédios de pessoas e de filhas/filhos de santo.

Fotos do poço de seu Cearense logo abaixo,

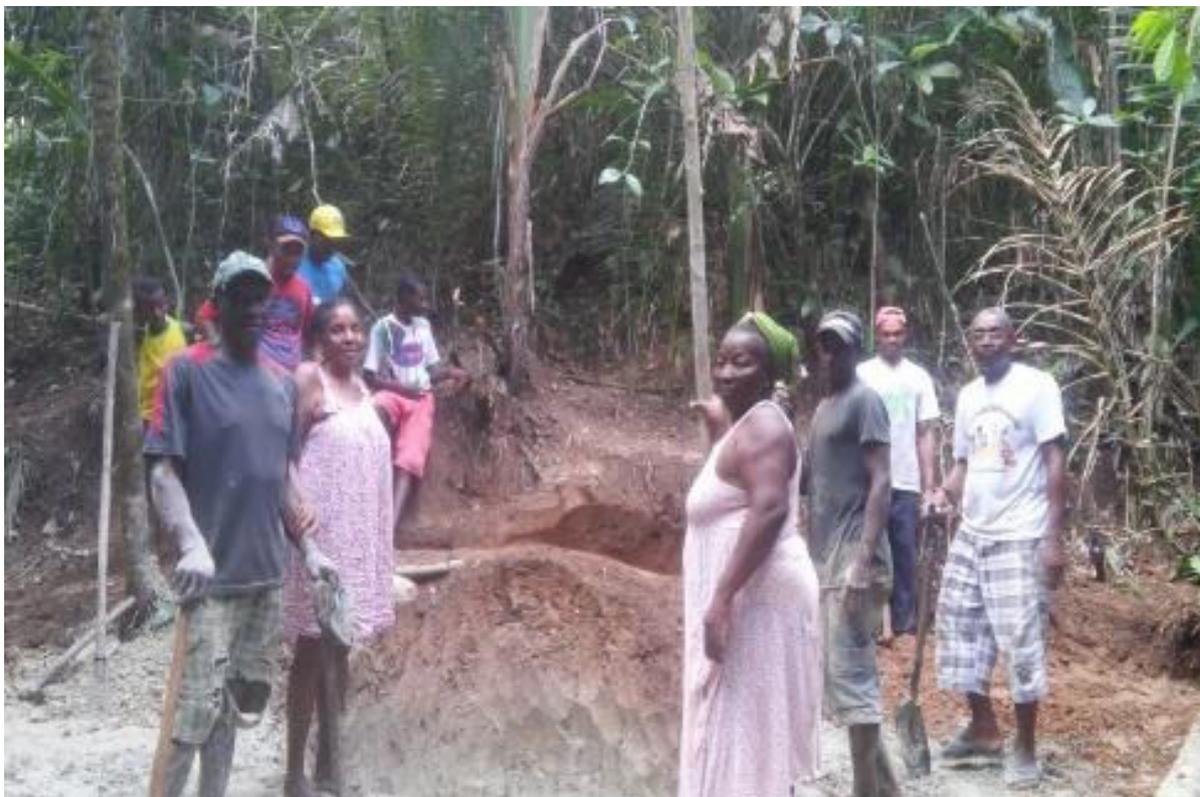


Foto 44: pessoas reunidas para a abertura do poço cacimbão dentro da Matinha de seu Cearense em julho de 2018.

Fonte: Dayanne Santos.



Foto 45: O abatazeiro Diquinho dentro do poço, achando o olho d'água.

Fonte: Dayanne Santos.

Durante a obrigação na Matinha seu Cearense seguiu falando que,

Eu nunca tinha descido pra cá onze horas⁵⁴, mas são coisas que acontecem e Deus disse assim: “meu filho você vai pra lá mode suas filhas não carambolarem de lá pra cá e quebrar o pescoço, não é? Porque pra Deus não tem nada impossível e hoje ele deu essa oportunidade. Então, vamos aproveitar. Mas, vamos continuar no nosso costume pra pessoa nenhuma fazer que nem hoje, que eu disse pra pessoa nenhuma sair da casa e foi eu sair e vocês foram embora (anotações do caderno de campo do dia 24 de setembro de 2018).

Depois do sermão, seu Cearense toca o maracá e começa a cantar,

Seu Cearense, seu Zé Maria (2x)
Cearense é um moço todo cheio de fidalguia
Vou mexer minhas correntes com Deus e a Virgem Maria.

Já ao som das cabaças, do ferro e dos tambores, as filhas/os ajudam o pai a doutrinar e dona Valéria começa a defumar o lugar. O defumador ajuda na limpeza do ambiente e dos corpos dos médiuns.

Cearense segue doutrinando,

Três estrondos eu dei na eira
A eira do mar faltou (2x)
Eu sou caboclo Cearense de meu pai
Ai ai oiô (2x).

Com essa música os caboclos começam a chegar, primeiro seu Lourenço Légua (entidade) em seguida seu Leguinha Légua (entidade) e Cearense puxa outra doutrina,

Eu cheguei na Mata estou na Matinha (2x)
Eu tô na Mata, eu tô na Matinha (2x).

Nesse momento, chega dona Raimundinha (entidade) e dona Valéria, que estava de pé e tinha ido só para defumar, não aguenta a força das doutrinas, porque elas chamam os guias a se manifestarem nas filhas/os de santo. Logo, é colocada de joelhos na roda junto com os demais filhos, por Paulo, que passou a defumar no lugar dela.

As músicas continuam,

Embara bô senhor (2x) Meu pai embara bô
Aqui na mata, siô, meu pai embara bô.

⁵⁴ Esse episódio que está sendo narrado por seu Cearense aconteceu no dia 24 de agosto pela manhã na Matinha, na hora da obrigação para mães d'águas.

E assim segue a obrigação quase sempre com seu Cearense puxando as doutrinas, as filhas/os e abatazeiros cantando logo em seguida, exceto quando um caboclo se manifesta para doutrinar,

*Seu Cearense na mata tem sariema (2x)
Me solta que tô preso, eu sou caboclo da Jurema (2x)*

Logo em seguida, a Menina da Gameleira se manifesta. Sabemos quando é ela porque sempre dança com os cabelos soltos cobrindo todo o seu rosto, seus olhos ficam virados para cima e sempre chega parecendo vir de longe e com muita sede. Não demorou seu Cearense subiu e mãe Severina incorporou a cabocla da Ronda, que se apresentou cantando,

*E quem sou eu
Sou cabocla da Ronda
O nome que Deus me deu
Não bambeia (2x)
Sou cabocla da Ronda não bambeia (2x)
Essa Mata não tem dono
Dono dela sou eu
Sou cabocla da Ronda
O nome que Deus me deu
Não bambeia (3x).*

Cabocla da Ronda chega e se ajoelha, passa uma pana branca sobre a cintura, segura com as duas mãos as pontas da pana e embala cantando,

*Ô senhor, meu pai
Eu quero saber
Se aqui se baia, até amanhecer
Ô dono da Mata,
Eu quero saber
Se aqui se baia até amanhecer.*

Sempre com a vela acesa as filhas/os vão cantando todas/os sentadas/os no chão sobre o pano branco, que sempre muda conforme a festa. Depois que seu Cearense subiu, a cabocla da Ronda tomou conta da eira e ela diz, “Eu estou aqui porque fui convidada, eu não entro em mata sem ser convidada, principalmente mata alheia”. Ela se senta no chão, se reclama um pouco de tanta roupa que mãe Severina estava usando e começa a dividir a comida da obrigação (pão molhado ao vinho), serve as filhas/os que não estão com guia, os abatazeiros e depois as demais pessoas que quiserem comer.

Enquanto ela ia colocando o comer da obrigação, perguntou a seu Leguinha como ele vai e ele respondeu “bem mal, porque tem lugar que você chega e é bem recebido e outros não, que dá vontade de sair furando tambor que nem espírito ruim”.

A cabocla da Ronda olha pra ele e diz “mais faz que nem a doutrina da Tereza que diz assim”,

Quando Codó era mata, cabocla eu morava lá (2x)
Ei, Codó virou cidade, cabocla eu mudei de lá (2x)

Cabocla da Ronda diz que “o guia que quiser comer (ela vai abrindo um vidro) tá bem aqui o dendê, que é comer de guia e eu até vou beber um pouco”. Ela depois começa a falar da vida sofrida das mulheres da Santa Rosa quando quebravam coco babaçu, tirando pau, palhas para sobreviver e comer e, por conta desse trabalho, muitas estão adoentadas, principalmente da coluna.

Logo em seguida, ela diz que não veio com pressa e diz, “podem doutrinar”. Logo em seguida Paulo doutrina,

Caboclo não tem caminho para caminhar, euá (2x)
Ele anda por cima da folha por baixo da folha em todo lugar, euá (2x)

Paulo continua,

Foi eu (2x)
Quem mandou tocar foi eu (2x)

E uma/um por uma/um as/os filhas/os vão doutrinando, a começar das/os filhas/os que estão do lado direito da cabocla da Ronda. As músicas vão mostrando que a mata é um lugar sagrado, onde nada, nenhuma folha pode ser retirada sem permissão, até mesmo os/as outros/as caboclos/as devem ter uma espécie de permissão para transitar nela e essa permissão, na mata da Matinha é concedida pelo velho Cearense ou pela mãe Severina, que é quem o recebe na Tenda e é responsável pelo cuidado e manutenção do lugar junto com os encantados.

O médium, quando entra na Mata chora, se emociona, sente o chão tremer, vê/ouve/sente a presença do seu guia, se arrepia, pois sabe que está pisando em terra de encantaria.

As doutrinas revelam como são os lugares por onde os guias transitam e como as relações se dão. A doutrina, assim, informa, anuncia e chama o guia, além de descrever os lugares de onde eles vêm, bem como reforça a ligação do médium com seu guia e revela o respeito do guia para com a dona/o da festa.

As/os filhas/os se levantam e começam a doutrinar, agora todas/os de pé e uma/um por um vão tomando uma água que é servida, primeiro para as/os filhas/os de

santo, depois para os abatazeiros e demais convidadas/os. A água é servida em uma grande bacia branca, de onde uma pessoa de cada vez vai tomando um pouco, essa bacia é segurada pela cabocla responsável por aquele momento da obrigação, que vai cantando uma doutrina de despedida,

Vamos embora companheiros (2x)

Que na nossa hora já chegou (2x)

Todas/os as/os filhas/os começam a recolher as coisas/objetos que foram usados na obrigação e estão no chão, inclusive o pano no qual estavam sentados. E uma/um por uma/um vão saindo da Mata em direção à Tenda e lá colocam os objetos que foram usados na Matinha.



Foto 46: pessoas saindo da Matinha indo em direção a Tenda – Lagoa dentro da Matinha.
Fonte: Dayanne Santos (24 de agosto de 2018).

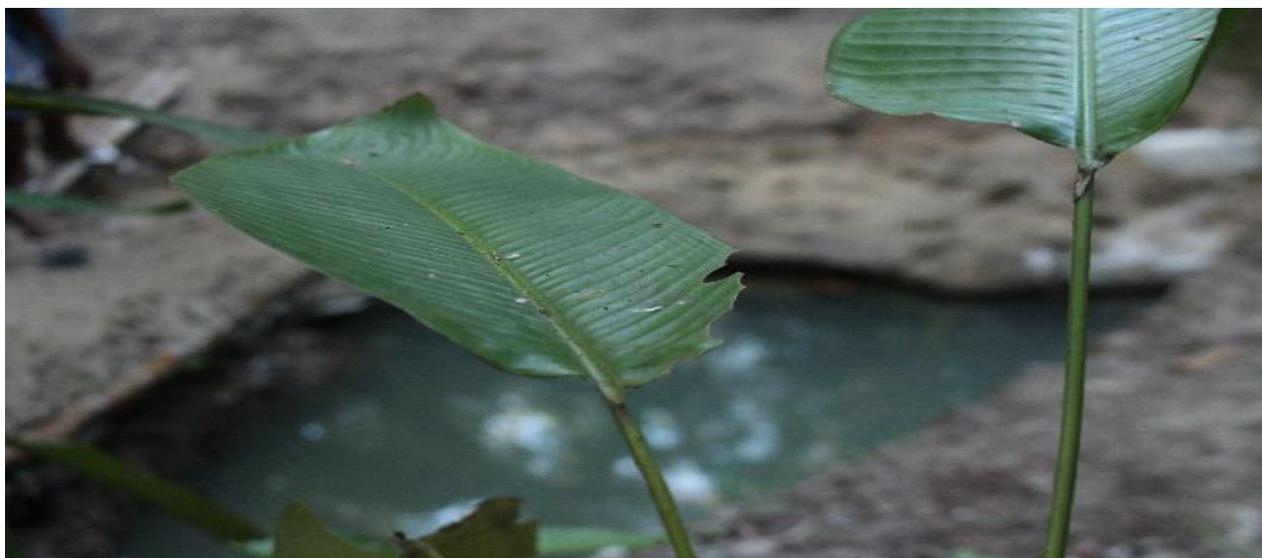


Foto 47: Lagoa dentro da Matinha.
Fonte: Dayanne Santos (24 de agosto de 2018).

Várias são as formas que seu Cearense pode usar para se expressar, como: as doutrinas, a forma como ele incorpora em uma pessoa, seu olhar, as conversas, as cores e o formato com os quais ele mesmo organiza suas festas, a obrigação que ele fez para São Benedito com a presença das caixeiras, do mastro e do tambor de crioula no primeiro dia de sua festa em agosto de 2018, em sonho ou castigando, como fez com mãe Severina quando furou com um prego o seu nariz (para discipliná-la).

Seu Cearense, quando se expressa, disciplina e orienta como seus filhos devem agir dentro da tenda e na vida, para não sofrerem mais do que precisam. Quando fala, ele diz como as coisas devem ser feitas dentro e fora do salão, a começar pelas coisas da tenda. Ele mesmo registra em um caderno o que está precisando na tenda e ele mesmo faz a cobrança das/os filhas/os e das/os serventes.

No início de 2018, presenciamos quando ele estava fazendo uma cobrança. Ele estava sentado no quartinho dos fundos, segurando uma caneta e escrevendo em um caderno a lista dos materiais que estavam faltando para se arrumar a cozinha da tenda, antes da sua festa em agosto. Orientou também sobre a abertura do seu poço dentro da Matinha. Ele mesmo mostrou onde e como deveria ser feito, e lembrou Zica⁵⁵, filha de Anacleto, sobre o cuidado e a limpeza da Matinha, pois ele tinha lhe entregue a responsabilidade de cuidar de lá. Mãe Maria (encantada) disse em um dia de tambor, que a Matinha tem uma parte que é de Cearense, outra de Tereza e outra de Zica.

Seu Cearense, quando fala, nos diz que os encantados moram na natureza, (nas matas, águas, árvores, folhas, rios) e precisam dela para continuar existindo sendo a encantaria um lugar de morada deles é por meio da natureza que se comunicam, se fazem presentes. Não a natureza comercial, mas a natureza humana, o homem natural de seu Libânio, que explicaremos melhor ao longo do texto.

Como podemos vê na doutrina abaixo,

Rolei mãe, rolei

Eu estava na mata onde eu cheguei primeiro (bis)

Mas essa mata

É mata de Cearense

⁵⁵ Zica, assim como mãe Severina, sempre gostou de estar dentro da Mata, sempre foi muito teimosa. Foram duas meninas, que no falar dos moradores, não eram como as outras crianças, eram especiais, no sentido de se relacionarem com os encantados e de andarem sobre a proteção desses.

Eita caboclo verdadeiro (bis)

O respeito é uma das categorias fundamentais para seu Cearense. O respeito é o elemento primordial para uma relação saudável entre filhas/filhos de santo e seus guias. Sem ele, tanto o filho quanto o guia ficam enfraquecidos. E nos arriscamos a dizer que seu Cearense é um sábio que transita entre os dois mundos (o nosso e o da encantaria), que comunica como as pessoas devem agir para continuarem sob a proteção das entidades.

Mesmo com tudo que foi dito, falar de seu Cearense ainda continua sendo um grande mistério.

CAPÍTULO II - COSMOPOLÍTICA QUILOMBOLA



Tomamos o Tambor de Mina como uma forma de *ser, pensar e de reescrever* o mundo pela qual sujeitos que são colocados à margem da sociedade dominante continuam existindo e resistindo com a ajuda da encantaria. O Tambor de Mina é assim, um instrumento político e um elemento identificador de uma identidade étnica para os grupos negros e comunidades quilombolas cotidianamente excluídos.

Nesse sentido é que,

A religião relaciona-se com o modo de pensar e agir das pessoas, com o seu modo de conhecer e compreender o mundo e de se comportar diante de outras pessoas. Dada a relação entre religião e valores sociais, a análise do comportamento religioso pode fornecer elementos para melhor compreensão daqueles valores vigentes entre a população que adota uma determinada religião, servindo para identificar até que ponto esses valores refletem ou se opõem aos da classe dominante (FERRETTI, 2009, p.10).

É entendendo a religião como um modo de pensar e agir das pessoas para conhecer e compreender o mundo que objetivamos pensar a relação entre *território, encantados e luta* a partir do entendimento de que a questão do território quilombola

não pode ser reduzida a expressão escrita, porque é no dia-a-dia e na relação com os encantados que se consegue, então, entender a expressividade do lugar, da luta e do ser/corpo quilombola.

Assim, o que está em jogo é compreender que *o corpo quilombola* (as pessoas que reivindicam uma identidade) e o corpo da terra (*território*) somente podem existir quando acionados juntos na expressividade do chão/lugar e do corpo que, em contexto de reivindicações criam formas outras para que os subalternos possam falar (SPIVAK, 2010).

Quando falamos do território de Santa Rosa dos Pretos temos que ter em mente que, para nossos interlocutores nas pesquisas, ele só existe enquanto tal porque é fruto das relações sociais que as pessoas mantêm umas em relações com as outras (pessoas, comunidades e encantados/caboclos). A ideia de “*Eu quilombola*” é marcada pela historicidade da escravidão dos antepassados do grupo, mas que vem sendo ressignificada e modifica-se quando colocada em ação.

O lugar, a relação com os guias, os dons, os tambores e as obrigações fazem parte da criação de territórios existenciais, que como destaca Goldman (2003, p. 452), permitem às pessoas discriminadas produzir sua própria dignidade e vontade de viver.

Destacamos que as pessoas da comunidade priorizam o respeito, seja para com outras pessoas, seja para com os dons, que estão quase sempre relacionados com a ação. Por exemplo, costuma-se dizer que a pessoa nasce com um dom, mas também tem a *inspiração*.

A *inspiração* está relacionada com a intuição e é algo que move e motiva a pessoa para agir. Segundo Anacleta Pires, liderança quilombola, “por exemplo, você está na BR fazendo uma manifestação, reivindicando seus direitos e algo lhe diz para pegar o tambor e começar a tocar. Aí você vai lá, dá força para os companheiros que já estavam meio que desanimado” (anotações do caderno de campo de novembro de 2017). Mas, sempre, segundo dona Severina, com os joelhos no chão e com a ajuda de Deus, dos santos e dos encantados.

As percepções dos quilombolas sobre as religiosidades da comunidade não estão desvinculadas dos conflitos ambientais, pois, na medida em que os projetos desenvolvimentistas chegam com uma suposta ideia de melhoria, esses grupos são obrigados, em muitos casos, a migrarem para outros lugares ou a alterarem seus modos de vida. Nesse processo de expulsão e de desterritorialização de povos e comunidades

tradicionais, se nega a subjetividade desses grupos, se desconsidera o direito de cidadania dessas pessoas, ao lhe negar o título da terra (ALMEIDA, 2004).

2.1 O POÇO E O PONTO⁵⁶

Depois de um dia intenso de atividades, conversas e organização de uma cartografia social que estamos produzindo com ajuda de seu Libânio para mapear os igarapés que existem no território, eu, Cíndia Brustolin (professora), Sabrina Felipe e Josicléa Pires (Zica) voltamos para a casa de Anacleta Pires.

Uma movimentação diferente estava acontecendo na casa, um homem que eu não conhecia levava vários equipamentos para o fundo do quintal de Anacleta e perguntei o que estava acontecendo. Sabrina respondeu que estavam perfurando um poço no quintal. Eu fiquei surpresa em saber que um poço estava sendo feito no fundo da casa, mais achei bom por que a casa recebe várias pessoas (alunos, pesquisadores, visitantes) durante todo o ano e a falta da água era um problema, principalmente quando a bomba da escola estragava, local de onde a água vem e, vira e mexe, ela dá defeito.

Em Santa Rosa, o problema de água ainda impacta muitas famílias. Isso é mais perceptível para os visitantes em tempo de festas na comunidade, mas ainda existem alguns poços cacimbão na comunidade que alimentam muitas residências. Poços como o da casa de Dalva, o poço da Escola e o poço de Anacleta agora são compartilhados com as famílias vizinhas e, assim, existe toda uma rede de solidariedade entre as pessoas com relação aos poços que faz com que todas as famílias do território tenham acesso a água.

A história do poço de Anacleta é narrada a partir de um menino encantado que teria aparecido no seu quintal. Segundo Zica, ele é filho de mãe d'água. No primeiro dia, não se conseguiu furar nenhum metro na terra, porque ele não deixou e, no segundo dia (16/04/2018), já tinha se conseguido furar 8 metros, isso depois de se dar cachaça para o menino do poço. O poço da casa de Anacleta tem 30 metros e depois de se

⁵⁶ O ponto pode ser feito sobre uma pedra, lajota, cerâmica ou o pedaço de madeira. É colocado no chão em um lugar em que não tenha muita circulação de pessoas, o quarto onde o mineiro dorme, por exemplo não é um bom lugar para se colocar um, um ponto é também força e segredo, por isso nem todo mundo pode saber dele. No ponto se colocam velas, imagens de santos católicos e de entidades de matriz africana, terço, incenso e outras coisas, o que vai depender muito do que as entidades orientam a colocar. Tem ponto em que se coloca um copo com água e um outro copo com cachaça. Mas, quando se começa a fazer um ponto, se começa a acender vela tem que fazê-lo para o resto da vida e mesmo se a pessoa se mudar de casa tem que levar seu ponto junto, pois um ponto não é algo que se começa e para quando quiser, ou se mantém como quiser. Um ponto é também uma obrigação.

acertarem com o encantado, no segundo dia de trabalho já se tinha conseguido furar 14 metros.

Anacleta nos falou que a água traz força para tudo, para limpeza corporal e espiritual. Segundo ela,

Esse poço aqui na minha casa é uma obrigação que eu tinha que fazer. A água é força porque vem dos donos das águas. O poço aqui da minha casa é complemento do ponto que eu tenho aqui em casa e ele para ser feito tanto o ponto como o poço foram todos orientados pelas entidades que nos orientam no fazer as coisas (entrevista realizada com dona Anacleta na cozinha de sua casa em 04 de junho de 2018).

Quando Anacleta nos relata que “o poço aqui da minha casa é complemento do *ponto* que eu tenho aqui em casa”, ela nos permite visualizar a forma como a relação entre pessoas e encantados vem se dando na comunidade por meio do cuidado com a natureza/lugar. Assim, o que está em jogo não é simplesmente mandar fazer o poço para se ter água e sim pedir permissão, ter a permissão para que o poço seja feito para que se possa ter água boa e não salobra, porque já teve casos de se furar poço e a água dele não servir.

Ainda sobre o poço da sua casa Anacleta nos contou que foi,

Seu Manuel que fez o poço daqui. Ele também faz parte da matriz africana, ele mora em São Luís, mas faz parte e a questão não é só fazer o poço, mas o cuidado que tinha que se ter para mandar fazer (entrevista realizada com dona Anacleta na cozinha de sua casa em 04 de junho de 2018).



Foto 48: Seu Tingir cantando dentro da Tenda de mãe Severina na noite de carnaval. Fonte: Dayanne Santos (fevereiro de 2018).

Seu Manuel é um amigo do quilombo, um senhor de mais de 50 anos, mineiro, ele recebe dentre outras entidades, seu Tingir (encantado), por isso dona Anacleta faz questão de falar que ele faz parte da matriz africana. Seu Tingir mesmo nos falou que ajuda seu Manuel no serviço dos poços.

Seu Tingir é um encantado que se apresenta como um filho que foi abandonado, por sua mãe na beira do mar, apesar do abandono ele foi bem-criado pelos encantados. Hoje, por conta da Maresia, sabe orientar e disciplinar seus cavalos. Na noite de carnaval de fevereiro de 2018, dentro da Tenda, nos relatou que é muito triste uma mãe abandonar seu filho e agradeceu os ensinamentos que vieram do mar, com a força da maresia.

Seu Tingir sobre sua história cantou que,

*Minha mãe quando me teve debaixo do Maizar
Para não ser descoberto, lançou-me no fundo do mar (2x)
A maresia se encarregou
E como soube me criar*

*Fui um filho bem-criado (2x)
E hoje sei disciplinar.*

Nos sistema de trocas permanente, as pessoas, ao cuidarem das matas, dos igarapés/córregos/lagoas, dos poços, das árvores gameleiras, estão cuidando dos encantados e eles cuidam das pessoas fornecendo proteção, saúde, terra boa para se fazer uma roça, água boa para beber, árvores frutíferas, plantas medicinais, além de virem em sonhos e incorporados em algum filho/filha ou mãe de santo para orientar, aconselhar e dizer o que está errado na comunidade.

Dona Dalva nos relatou em uma conversa que seu Manuel que estava fazendo o poço de Anacleta já trabalha na comunidade furando poços faz um bom tempo. Em uma conversa à noite na sua cozinha, enquanto tomávamos café, ela nos contou que já mandou recado até pelos encantados para poder falar com seu Manuel.

Minha filha uma vez eu precisei muito falar com seu Manuel, porque eu queria fazer um poço aqui e eu não tinha o número dele. Aí, eu fiquei sem saber o que fazer, até que eu pensei e resolvi mandar recado pra ele pelos encantados, dizendo para eles trazerem ele aqui. E eu consegui, porque quando você tem fé neles, eles fazem (entrevista realizada no dia 16 de abril de 2018).

A creditar nos encantados é respeitar os lugares que são suas moradas/casas, é saber que eles podem agir sobre o médium e sobre as pessoas mesmo quando elas estão dormindo, seja para comunicar algo em sonho ou para protegê-las.

Segundo dona Dalva para andar “para andar sob a proteção dos encantados a pessoa não precisa ter trabalho feito na Mina, pois essa proteção vem junto com o dom para ser mineiro, ela é dada quando a pessoa nasce” (anotações do caderno de campo de janeiro de 2019). Em vários contextos, as pessoas podem pedir essa proteção para os encantados. A pessoa quando pede proteção, ela firma um compromisso com um encantado e esse pode lhe dar uma guia (cordão) de proteção para que use durante todo o tempo, tirando apenas para se banhar. Essa proteção está sujeita a algumas obrigações que a pessoa protegida deve ao encantado, que dizem respeito a comprar velas de 21 dias, cachaça, cervejas, cigarros e até mesmo a roupa desses, seja dando o dinheiro ou comprando os tecidos. Muitos são os acordos que são firmados entre pessoas e encantados como são variadas as formas de “pagamento”.

O poço para ser feito também precisou de um acordo entre pessoa e entidade, sujeita a manutenção de um ponto no quintal próximo de onde o poço foi feito.

Hoje, o poço da casa de Anacleto é uma das fontes de vida do quilombo, entendendo aqui que água é vida.

Da narrativa de dona Anacleto podemos afirmar que em alguns casos um poço é uma obrigação. No sentido de que sua feitura ou não, assim como a qualidade da água, dependem de como os encantados orientam as pessoas a fazer, tudo é indicado por eles. Segundo Dona Dalva “tem lugar que você pode cavar metros e metros e não dar água, porque você não pediu licença” (anotações do caderno de campo de fevereiro de 2018). Costumamos ouvir de dona Dalva e mãe Severina que os poços, assim como as lagoas e os rios têm ligação com as mães d’águas, são elas que são as donas das vertentes de águas. Sem permissão delas as pessoas não podem pegar água, pescar ou se aproximar das nascentes de água.

Dona Dalva, em uma madrugada de conversa, depois de tomarmos café na cozinha de sua casa, nos relatou que viu quando criança, uma mãe d’água na beira de um poço de beber. Segundo ela a mãe d’água era metade mulher metade peixe. No momento em que se danifica/impacta esses lugares de água, se coloca em risco a manutenção da vida no território quilombola, seja para as pessoas seja para os encantados.

Um exemplo foi o poço do mato...

Aqui nós tivemos um poço, fica aqui, pra banda daqui, chama poço do mato, nós chamava poço do mato. Tirava água dia e noite, era pra tapar casa, todo mundo lavava roupa, todo mundo tomava banho, tempo de festejo. Aí, chegou um rapaz aqui pra entijolar o poço. Com muita luta, ele botou os tijolos no poço, mas nunca mais a água prestou. Ficou lá entijolado, a água não prestou mais (entrevista realizada em 11 de março de 2017 com dona Dalva).



Foto 49: Poço do mato na comunidade

Fonte: RTID – LUCCHESI - 2008

Agora, se o simples ato de entijolar um poço impacta diretamente a vida de algumas famílias dentro do quilombo, fazendo com que essas não tenham mais água para atividades básicas (beber, banhar), imaginemos os danos provocados pela perda/assoreamento/ a morte de um igarapé, como foi caso de um dos principais igarapés do quilombo, o Simauma.

Sobre o poço do mato, dona Dalva lembra que,

Lá era o seguinte, nesse poço aqui do mato, se chegasse gente de fora, nós ia com aquela pessoa, doze horas quando nós ia, que ia chegar pessoa de fora, nós ia junto com ele. Quando ia chegar uma mulher, ia mulher, quando era homem, ia homem, pra aquela pessoa banhar com essa água. Até os daqui mesmo tinha vez que ia pra lá, não se dava bem vinha embora. Lá, tinha uma sapa que mudava de cor, tinha dia que ela tava bem aberta, tinha dia que ela

tava bem fechada e a sapa tinha peito (entrevista realizada em 11 de março de 2017 com dona Dalva).

O poço do mato tinha dono, bem como outros lugares dentro do quilombo e os donos cuidavam dele. Como ouvimos na comunidade, nem toda pessoa podia ir pegar água, ou banhar nele sozinha. Há relatos de pessoas que deram febre indo certas horas do dia lá. “Lá, as mães d’águas também vigiavam. Agora, depois que se entijolou, quase ninguém vai mais lá, o homem mexeu e a água mudou, não prestou mais” (entrevista realizada com Dona Dalva em 11 de março de 2017).

O poço do mato também era um dos lugares de sociabilidade, nele se ia em grupo pegar água ou banhar. As mulheres iam com o grupo de mulheres e os homens iam em grupo de homens, os jovens as vezes se misturavam e iam todos juntos, sempre se respeitando os horários das mães d’águas.

Mexer em um lugar sagrado sem permissão traz consequências tanto para quem mexe como para quem depende dele.

Assim, apesar de todas as leis ambientais que asseguram a preservação da natureza, “quem manda nas vertentes são as mães d’águas e os reis das águas, não o Estado” (entrevista realizada com Dona Dalva em 11 de março de 2017).

Acreditando que os encantados habitam e protegem determinados territórios, que os Tupinambá da Serra do Padeiro afirmam que “os encantados” são os ‘donos da terra’, essa terra que foi transformada em um ‘território de sangue’ e que é preciso agora ‘curar’, transformando-a em uma ‘Terra sem Males’” (GOLDMAN, 2015, p. 656)

Goldman (2015, p. 656) aciona a fala dos Tupinambá da Serra do Padeiro para pontuar por meio de diálogo com o trabalho de Isabelle Stengers, que os encantados precisam ser levados em conta, porque as pessoas tiram entendimentos a respeito da existência deles e isso implica na forma como vão se posicionar também politicamente na luta pela permanência em seus territórios. E a retomada das terras, nesse contexto etnográfico, está em “recuperar e conquistar ao mesmo tempo, "tornar-se capaz de habitar de novo as zonas de experiência devastadas”.

No território quilombola estudado, apesar das diversas zonas que foram afetadas ainda existem lugares pontuais, sagrados e importantes para a manutenção da relação das pessoas com os encantados.

O poço e o ponto estão em conexão com as pessoas e com os encantados, na medida em que o poço da casa de dona Anacleto depende do ponto, ou seja, da licença dos encantados para ser feito.

Assim, o *ponto* é feito para transmitir força para os verdadeiros donos, para eles poderem cuidar da gente. Nessa narrativa, o poço e o ponto estão muito relacionados e o poço só foi possível por conta das mediações e acordos feitos com a entidade que cuida dele.

A casa de Dona Anacleta é um dos locais de passagem dos encantados. Dona Dalva fala que na casa dela, os encantados sempre estão por lá. Um episódio que aconteceu nas primeiras semanas de junho de 2018 foi a chegada de 3 pessoas, que acompanham as lutas dos povos e comunidades tradicionais no Maranhão, pela manhã, na casa de Anacleta.

Uma mulher e um rapaz desceram do carro para falar com Anacleta, tomar uma água e descansar um pouco porque estavam vindo de uma viagem longa de uma comunidade na Baixada Maranhense, e a outra mulher ficou dentro do carro dormindo. Conversa ia e vinha, quando, de repente, a mulher que tinha ficado dentro do carro entrou meio assustada dizendo que tinham ouvido alguém andando ao redor do carro e depois bateram dizendo “te levanta e vai cumprimentar a dona da casa”, quando ela acordou meio assustada não viu ninguém. Era a primeira vez que a mulher vinha na Santa Rosa.

Dalva nos disse que “a casa de Anacleta tem o tempo todo gente vigiando, por isso se tem que tomar cuidado com o que se diz e faz dentro da casa dela, porque eles estão ouvindo”. Muitas são as casas dentro do quilombo nas quais os encantados tomam de conta/vigiam bem como os lugares que são suas moradas. E o encantado só cuidada de determinadas pessoas porque elas acreditam neles, elas têm fé na força que deles.

2.2 CORPO MEMÓRIA

O território de Santa Rosa dos Pretos, hoje, tem 20 quilombos e 15 cabeceiras de igarapés que compõem o Simauma. E saber disso, ou seja, da memória do lugar é importante para que os jovens possam andar no território com mais propriedade, porque sabem contar o que significa cada coisa ou costume. O *saber andar* na comunidade também faz parte do processo de territorialização de uma identidade étnica.

Libânio nos contou que existem só de um lado do território, 12 igarapés⁵⁷ que correm para o Rio Itapecuru (muitos desses igarapés estão hoje assoreados). Eles são:

- Igarapé Istirão Grande;
- Grota de Hermínio;
- Raimundo Santana;
- Benedito Grande (que é de Paulo, avô de Severina mãe de santo);
- Grota de André (passava atrás da casa de Binidito do Sítio Velho);
- Grota do Campestre (é porque tinha uma lagoa, na frente da casa de Zé Alberto);
- Zé Moreno (grota), fica em Alto São João;
- Grota da Bacabeira (fica dentro da fazenda de Lesbão);
- Igarapé Fugido, conhecido como igarapé de Jânio ou Bueiro de Jânio (Bueiras são os tubos de cimento das empresas);
- Igarapé Leréu, fica em Picos I onde morava um Cearense que tinha em engenho;
- Genipapeiro, fica bem no limite de Santa Rosa com Oiteiro.

Fugido, Bananeira, Carema são os igarapés maiores que recebem os igarapés menores.

Um dos caminhos que nos possibilitam incorporar o que está sendo dito no território tem sido as conversas, as narrativas orais dos mais velhos e de pessoas de referências na comunidade.

Um transe que conecta o passado ao presente, um passado colonizador e modernizador que, ao violentar a terra, faz sangrar comunidades inteiras. Lugares que ganham visibilidade quando acionados no processo de manutenção do território e que tornam o passado tão presente como as coisas do presente.

Nas conversas com algumas pessoas mais velhas do quilombo, podemos perceber que, com o passar dos anos, as coisas, as relações, o lugar foram mudando,

⁵⁷ Conhecer os lugares dos igarapés que, em sua maioria, recebem nomes de antigos moradores da comunidade foi possível graças ao trabalho que eu, a professora Cíndia Brustolin, Mateus Tainor, Josicléa Pires (Zica), Emílio do Jornal Vias de Fato e Sabrina Felipe estamos realizando por meio do projeto “Vale Quanto Pesa”, financiado pelo Fundo Brasil de Direitos Humanos que se iniciou em março de 2018 e tem prazo de conclusão para março de 2019.

como, por exemplo, o andar mais de légua até chegar em um outro povoado. O andar mais de légua está também relacionado com o *acordar o dia*⁵⁸.

Hoje em dia, poucas são as pessoas que ainda vão acordar o dia, isso porque os caminhos antigos estão desaparecendo, muito por conta de tanta destruição, desmatamento e assoreamento dos igarapés ou por conta da passagem de ferrovias e rodovias. Segundo seu Libânio, “antes as pessoas andavam muito de pé, hoje pra ir bem aí em Monge Belo as pessoas só vão se for de moto ou de carro, quase ninguém anda tanto, como a gente andava”. Monge Belo é um território quilombola vizinho de Santa Rosa dos Pretos, de carro demora-se cerca de uns 20 minutos para chegar.

Todavia, o lugar afetado/danificado pelos grandes empreendimentos continua vivo, não mais como antes, mas está lá. Alguns dos lugares e momentos que seu Libânio aciona em suas memórias não voltam mais, mas ainda podem ser revividos de outras formas se os igarapés, a cultura do tambor, as matas, o respeito para com os mais velhos não for invalidado em nome da modernidade, de verdades eurocêntricas.

O lugar, quando rememorado, possibilita às pessoas atingidas reivindicar uma cidadania que o tempo todo vem sendo negada e violada por parte principalmente dos acordos do Estado com empresas nacionais e multinacionais, que estão se instalando no Maranhão através de políticas modernizadoras que, além de exportarem recursos naturais para fora do Estado, exportam vidas humanas.

Seu Libânio, quando fala, grita por liberdade para todas as comunidades quilombolas, expressa tudo aquilo que acredita e já vivenciou durante esse tempo de luta, de luta contra a escravidão e pela permanência no quilombo, pois quando fala todo o seu corpo fala com ele.

A memória só é possível porque foi o corpo que estava lá. Estava lá presente na hora de resistir, de manifestar, na hora da bala, das formações com outros movimentos sociais e comunidades, na hora do tambor, no fazer a roça, na pesca.

A memória e o corpo são elementos indissociáveis do processo de construção das identidades étnicas, que não são fixas. Não falamos das comunidades como corpos heteronormativos e sim de corpos que são dinâmicos. Segundo dos Anjos (2017), o ser, a identidade e a relação com o outro são construídos não apenas de modo simbólico, mas também de modo ontológico aberto, no qual os seres não existem em estados fixos, mas em variações contínuas e no qual só podem existir aparecendo de diferentes

⁵⁸ Sair de casa antes mesmo do sol nascer.

maneiras. Um exemplo são os caboclos que só existem em suas modulações, porque os campos, os lugares, os grupos são diferentes.

Segundo dos Anjos (2017) “a possibilidade de existir das comunidades, dos subalternos anda atrelada ao desejo de desfazer o jogo colonial”. O operar por meio de cosmologias e ontologias afro-brasileiras como o Tambor de Mina é a possibilidade de encontrar, na prática, uma forma que, para além de explicar, dê visibilidade para a fala do quilombola, mesmo diante de constantes rótulos e estereótipos que ainda aprisionam o corpo negro e determinam seu lugar nas relações sociais. O desfazer o jogo colonial que por muito tempo nos mostrou uma única história, uma história vinda de cima para baixo (a colonização) é assegurar geometrias e potências outras que estão no tom de voz, no corpo e na terra.

Assim,

A ideia potente é a de que há uma filosofia prática operando para produzir distinções, diferenças, portanto que está constantemente a desfazer o jogo colonial de um continuum híbrido. Isso me permite justamente pensar que os brasileiros etiquetados como mestiços não são impotentes diante do rótulo. Esses geômetras da diferença têm uma potência, uma filosofia, uma contra feitiçaria que está operando o tempo todo. Eles estão fazendo outras experimentações que não aquelas da reinscrição contínua das suas agências prementes na ordem dos discursos nacionais. E talvez seja importante (DOS ANJOS, 2017, p. 215).

2.3 A Mina como disciplina

Durante esses anos de pesquisa, realizamos uma série de coletas de dados e informações sobre Santa Rosa dos Pretos e foi em um de nossos momentos de ida e volta, ou seja, foi em um de nossos momentos de análise desses materiais coletados, de reflexividade, que começamos a nos questionar sobre impactos que não eram tidos como legítimos, ou seja, não apareciam nos documentos oficiais relacionados com a comunidade e que só foram possíveis quando passamos a reconhecer, como sugere Fonseca (1998, p. 64), nossas incompetências para compreender os significados do que estava sendo dito. Assim, somente quando é obrigado a “reconhecer dinâmicas sociais que não domina bem, que o antropólogo sente que está chegando a algum lugar”.

Foi reconhecendo a relação entre território, encantados e luta que começamos a entender e a tecer uma análise sobre as relações que em primeiro momento parecem não ter muita importância, como as visitas dos encantados fora de contextos de festas, fora

da Tenda, mas que carregam uma densidade que ajuda a entender o que é a vida quilombola.

No dia 11 de março de 2017, realizamos uma entrevista aberta com duas filhas de Santo do Terreiro Nossa Senhora dos Navegantes de mãe Severina, na casa de Dona Dalva, na comunidade quilombola de Santa Rosa dos Pretos. A primeira foi Maria Dalva, mais conhecida como Dona Dalva e a segunda Maria Luiza, mais conhecida como Pixita. A conversa foi em um momento de casa cheia, pois no dia que fomos conversar com elas recebiam visitas de pessoas de fora da comunidade além dos parentes que hora ou outra ali chegavam.

Com a casa cheia, iniciamos uma conversa com as filhas de santo, perguntando sobre a vida e a relação das pessoas com os invisíveis no território. Sobre isso, dona Dalva nos falou que a maioria das pessoas fazem parte da Mina, muitas pessoas não se assumem, mas fazem parte. Ela mesma nos contou que caiu⁵⁹ aos 5 anos de idade e tem muita gente na Santa Rosa que é da Mina, que é mineiro.

Tem muita gente aqui dentro da Santa Rosa, que ele é mineiro, ele faz parte da matriz africana. Tem vez que tem gente daqui de dentro do quilombo, quando ele não se cuida aqui, ele vai se cuidar lá fora, mas tá fazendo parte do terreiro, faz parte da matriz africana. Tem muita gente que não vai ou começa tarde, já era pra ter começado, mais faltou aquele que reclamou por via do horário (Dalva, entrevista concedida em 11 de março de 2017).

Mas, dentro do terreiro tem gente que não se assume como sendo da Mina e sobre esse não se assumir dona Dalva destaca que:

não assumem porque na Mina tem uma grande diferença...uma coisa principal, o respeito pela Mina, você tem que ter respeito. Pra quem dança Mina ele sabe, ele tem que respeitar a Mina. Ele respeitando a Mina pra quem tá dentro do terreiro, pra quem tá fora, mais tem gente aqui que acha que não existe a Mina. Ela existe! Aqui dentro de Santa Rosa ela é forte! (Entrevista realizada em 11 de março de 2017).

No entendimento de dona Dalva, a Mina é forte porque ela sente. “Eu sinto em mim e sinto nas coisas que aconteceu e vem acontecendo e a Mina manda na nossa família, nem que nós não queira, mas ela manda, (Entrevista realizada em 11 de março de 2017 com dona Dalva).

Existem várias formas de uma pessoa fazer parte da Mina, pois mineiro não é só aquele que dança ou incorpora, mineiro são todos aqueles que nascem médiuns, com um dom. Fazer parte pode ser tocar um ferro, uma cabaça, dar ou fazer um bolo, “se ele varre o barracão, também se está fazendo parte. E quando o povo do quilombo não se

⁵⁹ Significa receber uma entidade.

cura dentro do quilombo vai se criar lá fora, aqui é das crianças aos velhos que fazem parte” (Dalva, entrevista concedida em 11 de março de 2017).

A partir daquele momento que a mulher tem um filho, que vai criar uma criança, já é uma liderança, já é uma liderança, e aqui dentro da Santa Rosa, do quilombo, a maioria faz parte da mina, eles não fazem é se assumirem, é se assumirem, tá faltando eles se assumirem. Mas, aqui dentro da Santa Rosa quem não dança Mina, se mexe! (Dalva, entrevista concedida em 11 de março de 2017).

Nesse contexto, segundo os depoimentos, pode se deprender que, dentro do quilombo, desde as crianças até os velhos, todos são lideranças e a maioria fazem parte da matriz africana, da Mina.

“Mas, aqui dentro da Santa Rosa quem não dança Mina, se mexe!” Significa dizer que desde as lideranças, todas as pessoas do quilombo possuem algum tipo de relação com os encantados, seja para receber um, seja para ajudar na compra das coisas da obrigação ou ser protegido por um.

Nesse sentido, o significado de fazer parte da mina é amplo e não se limita somente à incorporação, pois fazer parte é também dentre muitas coisas, ter uma relação, um compromisso com os encantados.

“O ponto essencial aqui é que essas pessoas não apenas se pensam... como desenvolvem uma série de complexas reflexões sobre essa expressão e sobre a sua própria situação no mundo” (GOLDMAN, 2015, p. 652).

Desse modo, procuramos saber o que significa ser mineiro a partir do “que eles efetivamente dizem, fazem e, sobretudo, pensam a respeito de si mesmos, dos outros e do mundo” (GOLDMAN, 2017, p. 01).

E fazer como fez em seu trabalho desde 2003, em Caravelas, Cecília Campello do Amaral Mello⁶⁰ orientanda de Marcio Goldman, investigando a noção de afroindígena. Goldman (2015), fazendo referência ao trabalho dela ratifica que é importante analisar “o que efetivamente dizem, fazem e pensam a respeito de si mesmos, dos outros e dos mundos que participam”.

Dalva destaca que na Mina é tão sério que:

se eu chegar no barracão de mina, eu acho esse copo e eu areio⁶¹ esse copo e boto ele bem aqui. Véspera do tambor ou, aliás, no dia do tambor não aparece um pra tirar esse copo, usa esse copo, mas pode botar lá, é muito certo, quando eu chego é que eu vou pegar esse copo, ariar de novo e botar lá, mas

60 MELLO, Cecília Campello do Amaral. 2003. Obras de Arte e Conceitos: Cultura e Antropologia do Ponto de Vista de um Grupo Afro-Indígena do Sul da Bahia. Dissertação de Mestrado. . Tese de Doutorado. PPGAS-Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁶¹ Lavar/limpar.

todo mundo usou esse copo, mas não ariou ele, ou não pode botar ele lá onde ele tava. Por exemplo, aqui, ele fica esperando as pessoa que tão dentro do terreiro ficar despercebido que tem que tirar aquele copo e ele tá lá, ó, esperando!

A força da Mina pode ser encontrada na disciplina, pois “a Mina ela é tão séria, tem uma parte que é disciplina, ela é disciplina, porque quando eu não quero escutar o conselho de mamãe ou não quero escutar o conselho de papai ou não quero escutar o conselho do mais velho, a Mina vem-me disciplinar” (Severina, entrevista concedida em 11 de março de 2017). E assim, ouvimos que as pessoas costumam apanhar sem saber quem está batendo.

Ouvimos vários exemplos de como “a Mina vem e disciplina”, um desses exemplos que podemos contar nos foi contato por Seu Lourenço na noite do dia 10 de fevereiro de 2019, quando eu estava na casa de dona Dalva. Seu Lourenço disse que uma vez seu Jorge, marido de Anacleto, tomou gosto com dona Maria Légua (encantada) e se esqueceu. Mas, quando ele estava dentro do mato, dona Maria veio no tempo⁶² e bateu nele, e ele com uma catana/fação nas mãos tentava se defender, mas nada via. Seu Jorge apanhou tanto que ficou com a costa toda vermelha.

Ainda sobre o “apanhar sem saber quem está batendo” dona Dalva nos relatou que ela mesma apanhou várias vezes, como podemos ler na citação abaixo:

Uma vez, quando eu sai do terreiro uma vez, da tenda dos Nossa Senhora dos Navegantes, tava com três dias que eu dançava ali, Mina. Aí a minha mãe de santo pediu pra mim não fazer força: “durante três dias, minha filha, tu não vai pra lugar nenhum, nem hoje, deixa pra tu ir depois de amanhã em diante com três dias”. Eu achei que não, eu tinha uma roça aqui atrás e fui carregar uma lenha pra fazer carvão. Quando deu de tarde, eu tava escarrando sangue, escarrando sangue. Uma vez, eu disse uns palavrões numa roça e, antes de cinco minutos, senti. Aí, eu vim, disse umas palavras que ela não poderia ser gravada, o que eu disse eu ia fazer e eu me aleijei. Do jeito que eu disse que ia fazer, desse jeito eu fiquei e eu num tava dentro do terreiro, eu tava numa roça, tava eu, Elias, Diquinho e Ilário. E eu disse que ia fazer e fiquei do jeito que eu disse antes de cinco minutos. Minha valença foi que eu pude arrastar as pernas até em casa. Mas, me deu uma quentura, um vapor nas minhas partes íntimas. No outro dia, desse jeito que eu disse que ia fazer desse jeito eu fiquei (ela solta uns sorrisos)...Severina, quando me viu, saiu numa bicicleta, desceu lá na Barreira Funda para avisar o pessoal que eu tava morrendo. Mas eu não podia revelar pra ela o que eu tinha dito, só fui dizer, depois...a minha perna não podia encostar uma na outra... e não foi dentro do barracão da Mina, foi longe. Então, a Mina é disciplina, é disciplina! (Entrevista realizada em 11 de março de 2017 com dona Dalva).

Assim, segundo seus seguidores, Mina é disciplina, porque é por meio dos encantados que ela orienta, cuida e pune as pessoas. Mas, a Mina também é força porque ela é cotidiana e está em tudo que as pessoas fazem.

⁶² Significa aparecer nela mesma, na sua forma de entidade sem precisar incorporar uma pessoa.

O respeito e a disciplina são elementos fundamentais na Mina, na relação entre quem encanta e encantado. “E as pessoas que brincam, zombam da mina, fazem isso porque não sabem do que ela é capaz” (conversa realizada com dona Dalva em abril de 2018). A Mina não está em uma pessoa somente quando ela está dentro do terreiro, a Mina nasce com a pessoa e se a pessoa não se cuida, não respeita seu dom, a Mina possui formas de punições que estão para além das explicações científicas.

O respeito aparece assim nas relações sociais e religiosas que foram estabelecidas durante o processo de interação social e significa respeitar o irmão de santo, respeitar o pai de santo ou mãe de santo, respeitar os amigos, pois segundo dona Dalva esse respeito está ligado à força que a Mina têm, pois ela sempre foi e sempre será uma irmandade na qual tem pessoas que são encostadas em um terreiro, o que significa na linguagem do mineiros, que são aqueles que não dançam, e aquele que está no terreiro dançando acaba dançando também por aquele que não dançou.

O respeito é um elemento que circunda todas as relações dentro do território quilombola e se estende ao povo do mato, o surrupira, o povo das águas, pois até mesmo quando o encantado está na croa de uma criança, os outros filhos têm que respeitar, e os encantados tratam todas as pessoas independentes da idade, de senhor e de senhora.

Até para uma pessoa acender uma vela dentro da Tenda, ela tem que ter respeito, e permissão da mãe de santo ou dos guias da Tenda. A força da Mina está nos seus mistérios e na disciplina, por exemplo, o não cumprimento das obrigações implica em sérias penalidades e algumas delas levam até a morte.

Nesse sentido, é que Pixita nos relatou que,

A palavra Mina é uma coisa muito importante pra mim, a Mina tem o nome Mina, mas a Mina é tudo, porque da forma que você chegar em um lugar e ser bem recebido. A matriz africana é uma ótima coisa, **porque sem a matriz africana nós não somos ninguém, sem a matriz africana a gente não resiste!** Em primeiro lugar a matriz africana e depois as outras coisas (entrevista realizada em 11 de março de 2017 – grifos nossos).

Quando Pixita diz que “sem a matriz africana nós não somos ninguém, sem a matriz africana a gente não resiste”, ela dialoga com o que Joércio Pires da Silva (2017, p. 54) registrou de uma entrevista realizada com Justo Evangelista, quilombola, grande liderança sindical de Itapecuru-Mirim e do movimento negro. O entrevistado enfatiza a relação entre um “tambor forte e um povo forte”, na qual o tambor permite a abertura de espaços de falas em processos políticos e de construção/reivindicação de uma identidade étnica.

Dá de ver que onde existe um tambor de crioula forte existe um povo forte, onde há uma Mina (religião de matriz africana) forte existe um povo forte, onde a cultura resiste o povo resiste. Então nossa cultura é nossa resistência é nossa força é nosso alimento, **onde ela prevaleceu o povo prevaleceu e se sobressaiu, não foge da luta e sempre que é preciso tá junto para lutar e briga por nossos direitos**, por isso Santa Rosa é referência (Justo Evangelista, entrevista concedida, a Joércio Pires da Silva em janeiro de 2017 – grifos nossos).

Nesse contexto, entendemos que os quilombolas falam em decorrência dos problemas que estão sobre seu território e nós enquanto estudiosos precisamos levar em conta a falar dos quilombolas, porque nós precisamos entender e apreender com eles, nos tornar melhores pesquisadores com eles e não sobre eles.

As dimensões sociais e políticas que circundam as falas dos quilombolas nos permitem leituras outras sobre a continuidade do racismo e do colonialismo nas relações sociais cotidianas. A potência delas falas é o que precisa ser levado em consideração nos espaços públicos e nas relações de poder.

2.4 “Lugares que chamam a gente para cuidar deles”: a Matinha, o poço dos “escravos” e a Mata do Simauma

Dentro do território quilombola de Santa Rosa dos Pretos existem muitos lugares que são importantes e que carregam um pouco da história desse quilombo, quando são lembrados, visitados por meio de idas aos locais ou por meio de uma simples conversa com os moradores. Nessa parte do trabalho, destacamos a história sobre o “poço dos escravos” que está localizado dentro do território, no quilombo Sítio Velho, local onde a maioria das pessoas carregam o sobrenome Belfort, pertencente ao senhor de escravos, o Barão da Santa Rosa e antigo centro do território. Ainda nessa parte, iremos falar da Matinha, um espaço sagrado dentro da Mata, no qual acontecem boa parte das obrigações das festas do Tambor de Mina da casa de mãe Severina e é também morada dos encantados. Teceremos considerações a respeito da Mata do Simauma, importante área de sustento das famílias quilombolas e de produção de alimentos.

Segundo Maria Luíza, filha de Dona Dalva, mais conhecida como Pixita:

A Matinha é dentro do mato, é onde a gente faz os trabalhos, lá é uma coisa tão boa, quando tu tá lá tu esquece de tudo. Lá você tem uma paz muito grande, não se incomoda com nada, lá você aprende a ser feliz, você aprende tudo lá porque lá é muito bom. E temos também o terreiro com o salão que nós não pode largar por nada nessa vida porque lá que está nossa felicidade

(ela fala com muito orgulho e emoção), (entrevista realizada em 11 de março de 2017).

A Matinha é um dos lugares que permite que incorporemos o que dizem os quilombolas. É um lugar que, como Pixita disse, fica dentro do mato. É lugar de obrigação para mães d'águas no primeiro dia da festa de seu Cearense. Uma grande área com plantas nativas, que fica atrás da Tenda de mãe Severina. Para se chegar lá, temos que ir por um caminho estreito de terra batida, em alguns momentos se faz necessário o uso da catana (fação), temos que caminhar um pedaço de chão, sempre com a permissão de mãe Severina e na presença de alguém da comunidade, porque já teve casos de pessoas se perderem, como uma menina que veio de fora e ficou 3 dias perdida na mata.

Até um determinado ponto da Matinha podemos ir calçados, mas depois temos que tirar os sapatos, porque estamos pisando em terra sagrada, como fica exposto nas fotos abaixo:



Foto 50: Seu Cearense descendo no Caminho da Matinha
Fonte: Dayanne Santos (agosto de 2017).



Foto 51: Dona Dalva, dona Marisinha e outras filhas de santo descendo no Caminho da Matinha
Fonte: Dayanne Santos (agosto de 2017).

Logo na parte de cima, tem um ponto que é marcado por uma grande cruz branca. Já na parte de baixo temos mais dois pontos que são marcados por velas vermelhas e imagens de cobras que foram feitas por mãe Severina. São os pontos guardiões da Matinha e cada ponto está relacionado a uma entidade que faz parte da Tenda.

Ainda sobre a descrição da Matinha, destacamos que na parte do fundo dela temos as marcas do Satuba (uma poça d'água que fica perto de uma nascente) que está secando, por conta da passagem da Estrada de Ferro Carajás sobre os igarapés do território, principalmente o igarapé Simauma. A ferrovia, ao afetar o igarapé, coloca em risco a manutenção de todo o território, pois na comunidade entende-se que água é vida.

Nas palavras de Anacleto “água é vida, porque é dele (do igarapé Simauma) que vem grande parte da água que alimenta as roças, os córregos, outros igarapés, abastece as casas e fecunda o terreiro”. Assim, a água permite dentre outras coisas, a existência dos poços, Satuba e de duas poças d'águas que são moradas de mães d'águas. Se costuma dizer que ninguém desce às 12h da tarde nem às 18h no Satuba, porque é

horário que as mães d'águas estão banhando e, quem já desceu, voltou queimando de febre e ficou vários dias de cama, melhorando só depois de tomar remédio preparado pelas filhas de santo ou pela mãe de santo.

Dona Dalva nos relatou que teve uma vez que ela mais um grupo de pessoas foram limpar a Matinha e viram na lagoa muitos cascudos (um tipo de peixe da água doce). Era tanto que as pessoas que foram limpar ficaram maravilhadas. Mas, dona Dalva olhando aquela quantidade de peixes, se perguntou: “como vocês chegaram aí?”. E ficou pensativa tentando entender o ocorrido.

Enquanto ela se interrogava sobre como os peixes tinham ido parar ali, o pessoal ia enchendo os cestos com os peixes. Mas, ela disse: “criança, eu acho que esses peixes não são daqui!”. E o pessoal respondeu: “claro que são, eles desceram com a chuva”. E continuaram pegando os peixes (sorrindo de alegria, pois iam comer bem). Assim, que os cestos estavam cheios se deslocaram para a casa de mãe Severina e cozinham os peixes. Severina ficou feliz, porque ainda não tinha colocado nada no fogo. Todos comeram, menos Dalva.

Minha filha depois que esse povo comeu esses peixes, era mais quem passava mal, suavam frio e foram ficar tudo de barriga pra cima, deitados no chão da tenda. Severina, essa se via de dor, mas eu avisei, não avisei? Eles comeram peixes de encantados. Eu tive que ir fazer remédio para todos eles. Agora, imagina eu sozinha para cuidar desse povo todo, o jeito foi mandar depois pegar a mesma quantidade de peixes que eles comeram para colocar no lugar de volta. Hoje, a gente sorri disso, mas no dia era quem mais que chorava (anotações do caderno de campo de uma conversa com dona Dalva em fevereiro de 2018).

Nas cosmologias do Tambor de Mina, os encantados estão e são a natureza, por isso que quando dona Dalva nos relatou que as pessoas tinham ficado doentes porque tinham comido “peixes de encantados”. Ela nos mostra que as entidades assumem várias roupagens, vários nomes, para continuarem existindo diante da maldade dos homens. Comer peixes de encantados é como entrar em territórios sagrados sem permissão, no qual a pessoa entra, mas sofre sérias punições, que podem incidir em doenças, tacas ou até na morte.

Dentro da Matinha não se entra sem permissão, não se apanha uma folha sem permissão e não se pode gritar ou chamar palavrões.

Segundo Dona Dalva, “a Matinha é lugar sagrado, então não se pode entrar errado, de qualquer jeito pensando que você pode fazer o que quiser lá, é lugar onde a gente entra para tomar banho, se defumar, limpar nosso corpo antes de ir para a Tenda dançar” (anotações do caderno de campo de fevereiro de 2018).



Fotos 52: um ponto para uma entidade dentro da Matinha.

Fonte: Dayanne Santos (26 de agosto de 2017)

Segundo Anacleta “a Matinha é um lugar sagrado, igual a um poço que a gente tem aqui é um pedaço da gente ou o corpo da gente, porque eles chamam a gente pra cuidar deles e o poço quem fez foi nossos antepassados” (entrevista realizada em 04 de junho de 2018).

O *Poço dos “escravos”*, como assim é chamado na comunidade, fica no quilombo Sítio Velho, dentro do território quilombola Santa Rosa dos Pretos, local de antiga moradia do Barão da Santa Rosa. Esse poço, segundo relatos dos moradores, foi construído pelos pretos que foram escravizados pelo Barão (Joaquim Raimundo Nunes Belfort) e também era usado como lugar de resistência e de fuga contra os maus tratos do Barão. Lugar de resistência porque os poços também foram usados no período da escravidão como lugar de retorno à terra de origem (África) e como lugar de recusa ao sistema escravocrata por meio do suicídio.



Foto 53: Seu Elias mostrando o Poço dos “escravos”.

Fonte: Dayanne Santos (2015)

Sobre a Mata do Simauma, mãe Severina relembrando de como era o território antes de tanta destruição, nos falou que essa mata era um dos lugares importantes para as famílias do quilombo, um lugar de onde se tirava o sustento por meio da quebra do coco babaçu, da pesca e da caça, era um lugar de onde “as famílias daqui sobreviviam. De lá também a gente aqui pegava plantas para a feitura de remédios/banhos na Tenda, um lugar que não existe mais (ela fala meio triste)” (anotações do caderno de campo de 20 de abril de 2018).

Severina continua dizendo que,

Olha, dentro da Mata do Simauma tinha pé de pau que eu não me abarcava de tão grande. Tinha pé de amécia que você achava, hoje, eu compro, e, se ainda tivesse, eu não compraria – amécia é pra se fazer defumador para os invisíveis, debaixo das árvores chega cheirava aquelas pedras de amécia. Tinha sapucaia, maçaranduba, hoje acabou tudo (entrevista concedida em 20 de abril de 2018).

Assim, como o pé de amécia várias são as plantas, folhas, raízes que são usadas nos trabalho/obrigações do Tambor de Mina. Segundo mãe Severina, “os igarapés também são importantes porque tem muitos guias que vivem dos igarapés, que é as mães d’águas, né? Esses vivem dos igarapés...isso tudo é força pros guias, e pra nós também e pro salão também⁶³”.

Em noite de obrigação para caboclos, o pé de tucum é uma das árvores muito importantes para a realização da obrigação na Tenda, pois, se tira esteiras de folhas com espinhos para se colocar no chão da Tenda para que esses, os caboclos, possam se rolar neles (espinhos).

Um exemplo disso eu presenciei na noite do dia 20 de janeiro, no terreiro de mãe Marinete, que está localizado no quilombo Barreira Funda⁶⁴, durante a festa de Rei Sebastião. Muitos terreiros no Maranhão tocam tambor nesse dia. Nessa mesma noite, a lua estava passando por um eclipse e ficou toda vermelha durante mais de duas horas.

Era por volta de uma hora da madrugada quando Gagá, mineiro e filho de Santa Rosa que estava tocando tambor durante a festa do Rei Sebastião, saiu da Tenda correndo e foi derrubando cerca até chegar no tucum eiró (essa cena as mulheres me relataram depois). Eu estava dentro da Tenda assistindo a festa, no momento os caboclos que estavam baiando no salão eram bem bravos e tentavam o tempo todo sair da Tenda, seja pela porta ou pelas janelas, mas, as serventes da casa estavam de pé e com panos vermelhos esticados nas portas da Tenda, esse gesto evitou que eles fugissem para ir para a mata ou para subir em espinhos. Eu perguntei para uma senhora que estava do meu lado: porque eles querem sair? Ela me respondeu: porque eles são bravos! Diferente dos outros caboclos (família de Légua, da Turquia, Pretos Velhos, Pombas Giras, etc.) esses andavam de costas, pulavam, dançavam de cabelo solto, uns amarram a pana sobre a testa, não doutrinavam. Mas, quando Gaga entrou no salão, não era mais ele era agora Surupira, segundo as pessoas do salão. Eu mesma tomei um susto, foi a primeira vez que eu assistia um tambor assim, sempre ouvia falar, mas,

⁶³ Fala retirada do documentário “O mundo Preto tem mais Vida”.

⁶⁴ Esse quilombo fica dentro do território quilombola Santa Rosa dos Pretos.

ainda não tinha presenciado nenhum. Porém, sei que essa parte do tambor não pode ser filmada ou fotografada e não são todas as pessoas que podem dele participar.

Surupira entrou cheio de folhas e espinhos enrolados sobre o corpo, com os olhos bem abertos, e o rosto expressando um ar de sério e zangado, cantou umas 4 doutrinas, cumprimentou todos que estavam no salão, sem falar nada, só apertando as mãos, e em algumas pessoas encostava a sua testa na testa da outra pessoa. Depois se rolou nas folhas de espinhos que estavam no chão da tenda, se despediu e foi embora.

Sendo a natureza morada dos encantados, é nela que eles querem estar, apesar de incorporarem nas pessoas. A natureza é dinâmica e disciplinadora e os encantados fazendo parte dessa natureza ajudam na proteção do território como um todo. Segundo Pixita “a Mina não é só importante para o povo de terreiro, mas para toda a comunidade, pois é com ela que se pode resistir e continuar na luta” (entrevista realizada em 11 de março de 2017).

Assim, entendemos a irmandade falada por dona Dalva como essa relação de respeito, disciplina, troca e aprendizagem entre pessoas, natureza e encantados. No qual, os lugares descritos até agora são parte dos quilombolas, seja porque chamam os encantados para cuidar dos quilombolas, ou seja, porque estão dentro na natureza.

Os lugares descritos aqui por nós fazem parte das cosmologias não ocidentais (DOS ANJOS, 2008) que demarcam o lugar social do grupo e somente existem por conta da ancestralidade, dinamicidade, das formas de reexistências acionadas pelo grupo e do culto aos encantados.

A proteção e o cuidado para com esses lugares estão relacionados dentre outras coisas com o “medo dos encantados mudarem”. Pois eles mudam, como nos contou dona Dalva e como ouvimos cabocla da Ronda falar quando cantou a doutrina de Tereza Légua, em dia de obrigação na Matinha, na festa de seu Cearense:

Quando Codó era mata, cabocla eu morava lá (2x)

Ei, Codó virou cidade, cabocla eu mudei de lá (2x)

Quando a cidade de Codó, localizada no Maranhão começa a se transformar em cidade, muitas áreas são desmatadas, nascentes de água assoreadas, a natureza mudar, fica nua, e os encantados se mudam para áreas onde ainda existe mata, pois ela é a morada deles. Os encantados também buscam formas/locais para continuarem existindo dentro do contexto modernizado da sociedade.

Seu Libânio se questiona para onde os invisíveis⁶⁵ estão indo, “pois a nossa raça é evidente, ela está aí”. Ele destaca que dentro do território todo lugar é pontual, é importante.

Depois que o território foi fatiado se começou a desarticulação da lavoura e acabou a gente aqui ficando sem nada para a manutenção. Antes para se desgotar um poço era no mês de outubro, como por exemplo o **Pulsão da Moça**, ele era grande, a **Lavadeira** era um outro pulsão importante, ele era redondo com água tão azul que parecia que tinham colocado anil dentro dele, lá era onde as pessoas gostavam de ir lava roupa e arriba dele tinha a **Ponte de Deus** no qual tinha uma raiz que atravessava o igarapé, na Rua do Fundo, lá era tudo moradia, em cima da raiz tinha o rastro de uma pessoa certinho, porque diziam que foi Deus que atravessou lá. A Ponte de Deus era uma raiz grossa. E assim, hoje estamos aqui vivendo em uma fatia, é pouco, mas ainda temos e estamos lutando pelo nosso território (Libânio Pires, entrevista concedida em 29 de janeiro de 2019).

Anacleto (conversa informal em 30/01/2019) sobre o Pulsão da Lavadeira nos contou que lá era também ponto onde as Mães d’águas também utilizavam. E quando as pessoas iam para lá elas ouviam as Mães d’águas batendo. “Antes de chegar no Pulsão, as pessoas, por ouvir elas batendo chamavam em grito: Ei ou UU? E as Mães d’águas respondiam: UU, e quando se descia não tinha ninguém no Pulsão”.

No Pulsão da Lavadeira, tinha uma gia muito bonita, conhecida pelo nome de Mariana, era uma sapa, quando ela aparecia subindo o igarapé as pessoas podiam pescar que pegava peixe, mas quando ela aparecia nadando e se divertindo podia nem tentar que não se conseguia pescar nada.

É no cuidar da natureza, águas, matas, animais, rios, poços, pulsões, satubas que encontramos uma coproteção entre pessoas e encantados, e é ela que fornece elementos para a existência tanto das pessoas como das entidades.

Um exemplo desse cuidado mútuo são os tanques⁶⁶ de peixes. Os tanques hoje fazem parte da economia de algumas famílias. Mesmo com vários igarapés aterrados e o Simauma quase sem vida por conta da passagem da Estrada de Ferro Carajás (que quando passou na década de 1980 assoreou e desmatou muitas áreas) os tanques estão cheios de peixes. Segundo dona Dalva, os peixes que estão dentro dos 5 tanques, quando se perguntou de onde vieram os peixes, ela disse: “foi Deus que deu! Porque o mar não tem fim”,

Lá dentro dos tanques na barragem nós não botemos camarão, não botemos piaba, porque não teve como ela entrar pra lá, mas, se tu vê o tanto de piaba e camarão que tem lá, diz que é o arco íris que bebe e joga lá e quando a chuva

⁶⁵ São os encantados.

⁶⁶ Ficam localizados na Barragem dentro do quilombo.

chove o peixe cai...Minha filha, nós não fizemos nada, Deus que é dono de tudo e esses peixes vêm do mar, porque o mar não tem fim minha filha. (Fala tirada do documentário “O mundo preto tem mais vida⁶⁷”).

O mundo preto tem mais vida porque se consegue ver a beleza da natureza, a luz que emana dela por meio da ligação dos antepassados e dos encantados que continuam presentes no cotidiano das relações sociais. No filme documentário “O mundo preto tem mais vida⁶⁸”, mãe Severina confirma o que pontuamos acima quando ela diz, “o quilombo tem muita força, por causa dos invisíveis de luz, que esses que trazem força para dentro do quilombo, porque eles gostam de estar na Mata, nos matos. Mas, aí o povo vem e desmata e nós fica sem força, porque eles vão se embora pra outro lugar”.

Nesse contexto, seu Libânio, no mesmo documentário, se interroga sobre quem é a mãe d’água? Perguntando, “quando você vai cavar um poço, você cava aonde? Ah, é na terra que vocês cavam o poço, e o mar está aonde? Na terra! E isso é a natureza humana, a outra, a divina está lá emriba, e só existe a natureza humana porque tem a divina”.

Nesse sentido, nos interrogamos como construir outras perspectivas sobre as minorias que emanam das religiosidades afro-brasileiras (DOS ANJOS, 2008), cosmovisões que estão presentes por exemplo, na obrigação para mães d’águas, que conectam *múltiplas dimensões de identidades e de natureza*, “não se trata de um retorno do sujeito com a sua essência ou com alguma originalidade perdida, trata-se na verdade de subjetivação em que a alienação encontra o seu ápice e começa a se degradar”, porque os encantados falam e essas falas orientam o mundo.

⁶⁷ Disponível em: < <https://www.facebook.com/paviojor/videos/o-mundo-preto-tem-mais-vida-document%C3%A1rio-completo/970011629865425/> > Acesso em: 30/01/2019.

⁶⁸ “A série “O mundo preto tem mais vida” apresenta em 4 episódios as violações cometidas por DNIT e Vale S.A. contra quilombolas de Santa Rosa dos Pretos de Itapecuru-Mirim, no Maranhão, por meio da Estrada de Ferro Carajás, da BR 135 e da ampliação dessas infraestruturas. O documentário mostra também que a vida preta dos quilombolas de Santa Rosa ainda resiste e luta, à revelia do buraco branco que tudo devora sem se dar por satisfeito. Os quatro episódios da série foram produzidos por Andressa Zumpano, Ingrid Barros e Sabrina Duran, com o apoio do Fundo Brasil de Direitos Humanos”. Disponível em:< <https://www.facebook.com/paviojor/videos/333012330838594/> > Acesso em: 21 de novembro de 2018.

2.5 DIMENSÕES DA VIDA QUILOMBOLA

Era dia onze de março de 2017, por volta das 15h quando eu, Joseane Pires e a professora Cíndia Brustolin resolvemos ir até a casa de dona Dalva para realizar uma entrevista com ela sobre como o Tambor de Mina se manifesta no cotidiano das pessoas que fazem parte da Mina. Entrevista essa que serviu de base para o artigo “Mais do que Deus não tem e abaixo de Deus os Guias: o terreiro de Mina Nossa Senhora dos Navegantes e a luta pela afirmação territorial em Santa Rosa dos Pretos”, que apresentamos, em 2017, no “I Colóquio Internacional: religiões ontem e hoje abordagens antropológicas e psicanalíticas”, que aconteceu na UFMA. E vem nos dando, junto com outras entrevistas/conversas e as idas a campo, a possibilidades de entender a gramática da vida no território quilombola Santa Rosa dos Pretos.

Uma entrevista importante para essa parte do trabalho foi realizada em 22 de setembro de 2018, com seu Libânio Pires, no fundo do quintal da casa de Dona Anacleta Pires em que se encontravam presentes eu, professora Cíndia Brustolin (UFMA), professor Dos Anjos (UFRGS), Joécio Pires, Anacleta Pires, Elias Belfort (moradores e lideranças do quilombo), Dr. Yuri (Defensor Público da União - DPU) e um rapaz responsável pela filmagem da entrevista, também da DPU. Seu Libânio Pires, nessa entrevista, afirmou:

Eu acho que quando se fala em meio ambiente está mexendo em mim. Hoje, eu já sou meio ambiente, não sou mais ambiente inteiro porque já tô velho, já tô quase cego e, aí, hoje eu tô meio ambiente. Mas quando se fala em meio ambiente eu fico me procurando cadê o resto do ambiente? Acabou. Isso é triste quando se fala no meio ambiente, porque o próprio Jesus Cristo, ele não fez meio ambiente. Não! Ele fez ambiente inteiro (entrevista concedida em 22 de setembro de 2018).

Sobre o tempo da fartura no quilombo antes de começarem a dividir o ambiente em meio, ele nos disse que,

Tinha peixe a vontade no campo, tudo aqui tinha. Tinha muitas frutas nativas, a começar de maracujá, pitomba, amejú, esporão de galo, sapucaia, buriti, jabotá, tuturubá, goiaba. E com todas essas árvores que tinha aqui ninguém tinha necessidade porque era rico em frutas... Outra coisa bonita aqui era caça. Rapaz (Libânio balança o rosto como quem embala uma criança e lembra com grandes saudades de um tempo de fartura, quando não existia fome no quilombo) (Libânio Pires, entrevista realizada em 22 de setembro de 2018).

A riqueza das comunidades negras estava em não depender do Estado para nada. Principalmente no que diz respeito a alimentação, as famílias negras sempre foram ricas em saúde e alimentos. Uma única família chegava a colocar mais de 10 linhas de roças,

as matas eram bem verdes e nelas, quando se entrava a pessoa saía como diz seu Libânio “de bucho cheio” de tantas frutas que se tinha para comer, sem contar dos inúmeros pés de babaquais que existiam. Por isso, para seu Libânio até a década de 1980 o Brasil era conhecido como terra das Palmeiras, “de Itapecuru-Mirim até São Luís você ia e não pegava sol na cabeça de tantas Palmeiras e pé de árvores que se tinha” (anotações do caderno de campo do dia 18 de dezembro de 2018).

Sobre as riquezas do Brasil, em 1847, Gonçalves Dias retratou em Canção do exílio que,

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.*

*Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.*

*Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

*Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar sozinho, à noite
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

*Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que disfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*



Foto 54: Situação Atual do Igarapé Simauma

Fonte: Dayanne Santos (dezembro de 2017)



Foto 55: Estrada de Ferro Carajás sobre o Igarapé Simauma

Fonte: Dayanne Santos (setembro de 2016)



Foto: Dona Dalva dentro da cabeceira do igarapé Simauma, que nem no inverno dá mais água, segundo “ela secou por via da Estrada de Ferro Carajás que chegou matando tudo”.

Fonte: Dayanne Santos (2018)

Das narrativas de seu Libânio, vamos vendo uma Santa Rosa sem impactos, rica das suas questões naturais. Sobre a caça, ele disse que se começava de maracanã, papagaio, jandaia, catitú, paca, cutia, tatu, preá, jabuti, coelho...aqui tinha muita riqueza e hoje, com essas estradas, acabou.

Quando perguntamos a ele porque acabou, ele nos disse que,

Porque a caça que ficou depois dessas estradas, ficou ilhada e fácil de se pegar. Os igarapés, essas fazendas acabaram com os igarapés. Tem a Fazenda Nova aqui e outras fazendas que com essas estradas entupiram os nossos igarapés, derrubaram as árvores. Agora mesmo, podem ir lá que está tudo seco e com poeira... (entrevista realizada em 22 de setembro de 2018).

Antes do assoreamento do Simauma se tinha muita fartura de peixe nas mesas das famílias quilombolas e tinha casos de mulheres que chegavam a pegar peixes com a barra de suas saias⁶⁹.

⁶⁹ Como foi o caso de Severina velha que está com 104 anos.

Aqui dava para pescar nos igarapés, aqui tem um igarapé que quando era mês de julho, agosto setembro era usado pra você ir buscar seu comer até o inverno chegar e não era preciso estar pedindo esmolas não, comprando coisas aí na mão dos outros (conversa realizada com Seu Libânio em 18 de dezembro de 2018).

As terras e a vida em Santa Rosa era permeada pela riquezas naturais, de tudo um pouco se plantava e se colhia, as famílias viviam do que a natureza lhes oferecia, seja nas matas ou nos igarapés. Hoje, muitas famílias dependem de programas do governo Federal para complementar as renda familiar, mas o alimento sempre falta.

Em 22 de setembro de 2018, seu Libânio nos relatou que com a passagem das estradas a insegurança alimentar dentro dos quilombos aumentou, as áreas de lavouras em sua maioria estão enterradas pelas estradas. “É mais sucessivamente tem outra estrada lá pra colá que era onde eu plantava meu milho, arroz, macaxeira, feijão. Plantava tudo isso e hoje eu não posso plantar nada lá e quem está nos matando são essas estradas que estão acabando com a natureza”.

As mudanças mais drásticas no território começaram nos anos de 1950 em diante, quando a rodovia começou a passar,

Até 1952, a Santa Rosa vivia a critério dela e, de 1952 pra cá, quando começaram a vender as terras, começou o sofrimento e o sofrimento veio através dessa BR, dessa estrada aí, porque a BR aqui, foi que puxou todas essas outras estradas. Tem uma estrada de ferro aqui que ela passa na beira do Rio Itapecuru, porque naquela época a estrada de ferro tinha que ser perto do rio que era por onde vinha as mercadorias para as comunidades negras, interiores, para os territórios. Então, lá aquela estrada de ferro era o balancete das cidades (Libânio Pires, entrevista concedida em 22 de setembro de 2018).

Por muito tempo, os rios e o próprio mar eram as principais portas de entradas de mercadorias e de pessoas, a circulação das embarcações era tanta que temos relatos de que foi pelo Porto da Gambara, hoje extinto, mas antes localizado no município de Anajatuba, que muitos escravizados chegaram no Maranhão. Com a chegada das rodovias e dos carros, as pessoas vão aos poucos abandonando os caminhos⁷⁰ e também vão perdendo áreas principalmente de lavouras para fazendeiros, empresas e para o próprio Estado. Nesse cenário começa os cercamentos das terras livres, a grilagem de terra.

Em Santa Rosa dos Pretos, foi em 1945 que passou o primeiro pico da rodovia BR-135 e nela os negros ainda tiveram que trabalhar praticamente como escravos, sem o mínimo de condições de trabalho adequadas. Sob a falsa ilusão do progresso, a

⁷⁰ Locais por onde se ia por dentro da Mata até se chegar em um outro povoado/comunidade mais próxima, seja para se visitar um parente/amigo, ir participar das festas/festejos ou para tratar de negócios.

rodovia passou sobre o território quilombola e os impactos começaram a chegar. Para seu Libânio, com ela,

Já começou o sofrimento aqui da gente e as pessoas trabalharam em cima dela como escravos. Eles ainda diziam uma coisa que ela era pra melhorar a vida da gente, e essa fala deles de melhorar é uma vantagem que eles trazem pra enganar a gente, porque vai principalmente melhorar a quem? A eles...Eles vêm dizendo que vai fazer tanta coisa e eu fico me perguntando aonde é que está sendo beneficiado? Quem é que está sendo beneficiado? Porque puxaram esses linhões, a Carajás que era pra trazer minério de não sei o quê, mas quem é que está sendo beneficiado mesmo? (entrevista concedida em 22 de setembro de 2018).

Ainda segundo seu Libânio, muito das riquezas naturais do Brasil são exportadas cotidianamente para enriquecer países já desenvolvidos.

Eles pegam o nosso minério que é do Brasil levam não sei pra onde e, quando vem de lá pra cá, nós negros não podemos comprar nada. As estradas de energia é pra iluminar as estradas, cidades, mais pra quem é mesmo? Porque nós pra pagar uma conta de luz é uma dificuldade, tem vez que eles cortam a nossa conta de luz, quem eles estão beneficiando? Agora eu acho que os negros foi quem veio fazer todo o trabalho no Brasil, dando sua mão de obra como escravo, mostrando sua potência e hoje os governantes que estão no poder e não querem mais os negros aqui, E, então, nos devolvam para o nosso continente, nos indenizem. (entrevista concedida em 22 de setembro de 2018).

Os grupos desses lugares que são explorados denunciam aos órgãos competentes os inúmeros casos de violações de direitos nesse processo. Mas muitas vezes, até alguma coisa ser feita, árvores já foram derrubadas, animais mortos, rios/igarapés/nascentes assoreados e pessoas assassinadas. E as indenizações que as empresas pagam para as comunidades/povos afetados quando chegam nas mãos desses grupos de fato, são irrisórias, não servem para pagar nada, pois como se vai mitigar a morte de um igarapé, de um pé de manga ou de uma liderança.

Libânio nos perguntou: como que os negros que ajudaram a construir o Brasil, não podem morar nele? “É mesmo que quando você faz uma casa e não poder mais morar nela...trabalhemos e fizemos o Brasil, os índios não foram se embora não, eles expulsaram os índios daqui e trouxeram os negros para fazer o trabalho que os índios não aceitou” (Libânio Pires, entrevista concedida em 22 de setembro de 2018).

As dimensões da vida quilombola estão para além das leis/normas que sancionam e limitam as possibilidades dos grupos existirem e de seus componentes se identificarem enquanto pessoas de direito.

Para seu Libânio, quando se fala de natureza, somos todos natural, para ele não tem um que não vive da natureza. Por isso, assim como as demais pessoas que conversamos durante esses anos de pesquisa e estão citados aqui neste trabalho, se

preocupa principalmente com as crianças e sobre o que ficará para elas, nesse contexto desenfreado de exploração dos recursos naturais.

Para seu Libânio existem dois tipos de natureza, a divina e a humana, mas uma existindo por meio da outra. A natureza divina, ela está lá em cima (é Deus e os encantados) e a natureza humana (as pessoas e a natureza) está aqui.

É por meio da natureza divina e da natureza humana que seu Libânio nos fornece elementos para tensionar o ideal de sustentabilidade imposto pelos empreendimentos privados e estatais. Uma sustentabilidade que mascara os reais danos de muitos projetos de morte que estão postos sobre territórios tradicionalmente ocupados, uma sustentabilidade que contribui para tornar a natureza em meio, meio ambiente que pode ser, por meio de caminhos oficiais, assassinada, exportada/traficada.

A natureza é sustentável porque a sua sustentabilidade está “no peixe, no macaco, no rato, no quati, no quati, em nós que estamos aqui. Na natureza da humanidade, quem é humano? Será que essa natureza está sendo da humanidade ou está sendo da perversidade que está sendo tocada por alguém? (Libânio Pires, entrevista concedida em 22 de setembro de 2018).

Junto com seu Libânio, nos questionamos sobre quem é humano de verdade, que tipo de humanidade está sendo levada em consideração nas instâncias de poder, quando para a passagem de uma rodovia dentro de áreas quilombolas mais de 300 famílias são ameaçadas de ter que abandonar suas casas, porque o Departamento Nacional de Infraestrutura e Transporte (DNIT) se diz dono de áreas dentro do território quilombola.

É na roupa, no tom de voz, nos lugares marcados para as realizações das audiências, nas linguagens usadas, na dificuldade que se tem para se chegar nos espaços públicos que o racismo institucional aparece de forma sutil nos espaços de mediação de conflitos das comunidades com esses empreendimentos. É na negação do corpo negro, como sujeito de direito que esse mesmo corpo apareceu e por isso a modernidade é vista como uma segunda escravidão, a silenciada.

Segundo Anacleto, a modernidade entendida como parte de um processo de colonialidade é entendida como formas de escravidão silenciadas, porque vem matando as pessoas de dentro para fora. Para ela, essa é a segunda escravidão que os negros estão vivendo (entrevista concedida em 21 de janeiro de 2019). Libânio Pires afirma que:

Eu acho que sim, eles acham que podem passar aqui de qualquer jeito. Porque, pra eles, nós aqui não valemos nada. As coisas não era pra ser assim, mas só que eles estão fazendo desse jeito e para eles não atropelarem a gente, a gente coloca pau no meio da estrada e, daí a gente espera eles virem, pra não passar de qualquer jeito. E, daí a gente diz que vamos enfrentar eles. E

agora? Estão fazendo o quê? Expulsando os negros do nosso país. Vocês já pensaram? É verdade ou não é? Depois de tanto trabalho que nós já fizemos estamos sendo expulsos daqui sem direito a nada... (entrevista concedida em 22 de setembro de 2018).

Uma forma desses empreendimentos demonstrarem respeito para com as comunidades que já foram afetadas, segundo Libânio Pires, seria se eles pagassem o arrendamento pelos danos que provocaram e pelo uso das terras, pois quando se danifica a terra se afeta diretamente a mesa, a segurança alimentar de milhares de famílias e as expõem em situações de fome e pobreza.

Para ter o respeito tem que acabar com elas, se acabar com elas têm o respeito. Agora se não acabar, não teremos o respeito, porque dela nós não ganhamos nada, nós não temos indenização e nem queremos porque o que nós queremos e tivesse um jeito é pegar o arrendamento dela, porque daí todo tempo ela fica funcionando e pagando a renda. Não queremos indenização porque acaba o dinheiro e a estrada fica, e ainda tem outra coisa, eles, para passar aqui, eles não consultaram ninguém não. Quando pensar que não, eles já tinham passando, dizendo que ia trazer melhoria. Eles trouxeram melhoria de morte e de fome (entrevista realizada em 22 de setembro de 2018).

A potência das falas dos quilombolas está na sua ancestralidade, na memória da luta pela terra que se ressignifica quando os mais velhos falam, quando se toca um tambor, quando se culta os encantados, quando se reivindica melhores condições de vida para o quilombo. Essas potências só podem ser entendidas quando se escreve com os próprios quilombolas, no chão da terra, suas histórias.

No caso aqui estudado, os problemas ambientais só podem ser entendidos quando se tensiona por meio das ontologias presentes nas falas dos quilombolas a forma como a titulação dos grupos negros vem ocorrendo no Brasil.

Para entender a constituição do território quilombola Santa Rosa dos Pretos para além da superfície, temos que tomar as práticas cotidianas presentes na vida quilombola em todas as suas dimensões e possibilidades de existência.

Dessas falas depreendemos que a manutenção da vida depende de uma série de acordos (entre pessoas e pessoas – pessoas e encantados – encantados e encantados) e de um cuidado mútuo. E desse cuidado mútuo entendemos que o homem/ a mulher se fortalece por meio da sua cultura, pois o homem é natural, filho da natureza.

Para seu Libânio Pires, com a chegada da velhice, o homem vai se tornando meio ambiente, mas quando se fala de natureza, temos que falar dela inteira, porque para ele não existe um meio ambiente (esse que é repartido pelo Estado ou pelos empreendimentos privados) e sim uma natureza que está sendo danificada pela maldade dos homens (projetos de desenvolvimento). “Mas, hoje eu não sei nem se nós tamos no

meio ambiente ou se tamos no quarto, ou em uma terça metade pra lá, em um tantinho de ambiente, porque quando se fala em ambiente estamos falando da natureza, que é onde está a sustentabilidade de todos os seres humanos (entrevista concedida em 22 de setembro de 2018).

Quando seu Libânio nos coloca que a natureza é a sustentabilidade de todos os seres humanos, ele está dizendo que a forma como os quilombolas se relaciona com a terra é diferente desta que o Estado e as empresas privadas usam. Pela fala seu Libânio podemos afirmar que é no cuidar da natureza que o homem cuida de si mesmo.

É da fala de seu Libânio que extraímos leituras outras tanto sobre os problemas ambientais quanto aos problemas da titulação das comunidades quilombolas. É dela que nos interrogamos sobre como a forma pela qual estamos produzindo o conhecimento pode vir a se reinventar por meio da fala daqueles que usam do seu corpo, das marcas de um sistema escravista de uma modernidade/colonialidade para reinventar a si mesmo e aos seus territórios de viver bem. Quais as possibilidades epistemológicas que ainda não foram experimentadas sem tomar a Europa como centro do mundo, de onde tudo teria começado com as grandes navegações? O que aconteceria se olhássemos e escrevêssemos partindo da ideia de “centro” como sendo as comunidades, os povos, os grupos que vivem nas “margens” e são marginalizados, pela sua condição/posição social, porque muito antes das grandes descobertas, os grupos já existiam com todas as suas subjetividades, como parte da corporaneidade para produzir o conhecimento?

CAPÍTULO III - PROBLEMÁTICA AMBIENTAL E FUNDIÁRIA



3.1 O TERRITÓRIO: A luta pela terra e projetos desenvolvimentistas

No Brasil, ainda são muitos os casos de violência e assassinatos no que tange à negociação e reconhecimento jurídico de territórios tradicionalmente ocupados. Segundo dados dos relatórios de conflitos da Comissão Pastoral da Terra (CPT)⁷¹ as

⁷¹“Em 1985, como forma de denunciar esta realidade, os dados começaram a ser sistematizados e publicados. Desde então, todos os anos, a entidade publica o livro *Conflitos no Campo Brasil*, onde se registra os conflitos por terra, violências como despejos e expulsões - e os números da violência contra pessoa, como assassinatos, ameaças de morte, prisões. Há, ainda, os dados do trabalho escravo, conflitos pela seca e as manifestações envolvendo os temas citados, entre outras informações. Em 2002, a CPT incluiu em sua documentação os conflitos gerados pelo uso da água. Ainda neste mesmo ano, a obra *Conflitos no Campo* foi reconhecida como publicação científica pelo Instituto Brasileiro de Informação e Ciência e Tecnologia (IBICT). A CPT, com este trabalho, tornou-se a única entidade a realizar tão ampla pesquisa da questão agrária em escala nacional, e os seus dados são utilizados por várias instituições de ensino, pesquisadores, instâncias governamentais e pela imprensa”. Informações disponíveis em: <

pessoas que são assassinadas são em sua grande maioria lideranças de povos e comunidades tradicionais, como podemos ver na citação abaixo.

Em 35 dias, foram três massacres concretizados e uma tentativa, quase um por semana, com 22 trabalhadores em luta pela terra mortos. O primeiro foi em Colniza – MT, em 20 de abril, com 09 torturados e mortos por jagunços encapuzados, sendo o líder dos posseiros degolado. **Em Vilhena – RO, no dia 29 de abril, foram encontrados 03 corpos carbonizados dentro de um carro, na mesma fazenda em que 05 trabalhadores foram mortos e três dos quais queimados ainda vivos em 2015,** um crime impune. O ataque aos índios Gamela aconteceu no dia 30 de abril, em Viana – MA, com 22 feridos, 02 com mãos decepadas, por populares insuflados por ruralistas e políticos, com envolvimento da Polícia Militar, conforme registro de uma viatura na ação. (PORANTIM, maio de 2017 - grifos nossos)

Quando destacamos na citação acima que “em 35 dias, foram três massacres concretizados e uma tentativa, quase um por semana, com 22 trabalhadores em luta pela terra mortos”, queremos chamar atenção para o fato de que, segundo Butler (2015, p. 94), “mesmo quando o corpo não sobrevive as palavras sobrevivem para dizê-lo”, no sentido de que, por exemplo, durante as pesquisas de campo costumamos ouvir que da “morte de Margarida⁷², nascem várias Margaridas”, ou seja, mesmo que os assassinatos no campo persistam em meio às formas de regulação da sociedade e do corpo, existe o sujeito de direito ou em vias de reconhecimento que reexiste ao modo como essas opressões estruturam a sociedade.

O que está posto é uma luta constante por caminhos que visem desatrelar valores democráticos de valores capitalistas. No contexto dos problemas/conflitos referentes a titulação das comunidades quilombolas os sujeitos que reivindicam uma identidade étnica estão envolvidos em relações de poder, fronteiras em um campo político de constante disputa, pelo direito de dizer a verdade (FOUCAULT, 1996).

Desta forma, os assassinatos no campo ainda são silenciados pela grande mídia no Maranhão e do Brasil e envolvem a morte de lideranças que muitas das vezes acabam sendo criminalizadas por manifestar, por lutar pelo direito de existir enquanto

<https://www.cptnacional.org.br/index.php/publicacoes-2/conflitos-no-campo-brasil> > Acesso em 21 de novembro.

⁷² “Margarida Alves, que inspira a Marcha das Margaridas - líder sindical paraibana foi assassinada na porta de casa, em 1983, por um matador de aluguel. Três meses antes de ser assassinada na porta de casa, na frente do marido e do filho pequeno, a líder sindical paraibana Margarida Maria Alves disse, em um discurso de comemoração pelo 1º de maio (Dia do Trabalhador), que era melhor morrer na luta do que morrer de fome. Trinta e dois anos depois de sua morte, as palavras de Margarida ainda ecoam entre as mulheres trabalhadoras rurais e dão força para a luta diária por representatividade e melhores condições de trabalho e de vida no campo”. Informações disponível em: < <https://www.revistaforum.com.br/conheca-a-historia-de-margarida-alves-que-inspira-a-marcha-das-margaridas/>> Acesso em: 19 de novembro de 2018.

grupo étnico. A luta pela terra é também uma forma de ter condição de viver na e da terra como costumamos ouvir quando estamos em campo.

Assim, mesmo que se consiga a titulação definitiva do território, como foi o caso histórico do quilombo de Frechal⁷³, a luta ainda persiste, pois, a possibilidade de viver na terra está associada ao direito a saúde, educação, infraestrutura. Afirmamos isso, pois, as terras em vias de reintegração, de Santa Rosa dos Pretos, foram em muitos casos seriamente impactadas e suas condições de uso alteradas.

As Terras de Preto no Maranhão estão em grande medida seriamente danificadas. Muitas árvores foram derrubadas para o plantio de eucalipto, de pastagem de gado, soja; os rios e igarapés secaram por conta da passagem de rodovias (BR), ferrovias, linhas de transmissão de energia; terras foram inundadas para construção de hidrelétricas. Na era da exportação multinacional, o clima muda, os recursos naturais se tornam cada vez mais escassos, a terra se torna infértil e a chuva ácida contamina assim nossos alimentos e diminui nossos dias de vida, pois novas doenças aparecem e a precarização do Sistema Único de Saúde (SUS)⁷⁴ se torna cada vez mais intensa. Nesse sentido, os assassinatos no campo ganham novas configurações e se intensificam.

Uma fala que ratifica isso que acabamos de dizer foi de dona Dorinete Serejo (mais conhecida como Neta) do quilombo de Canelatiua⁷⁵, localizado no município de Alcântara. Ela disse⁷⁶ que: “o povo que mais morre em São Luís, no presídio de Pedrinhas⁷⁷ é o nosso povo”.

⁷³ Comunidade reconhecida como Reserva Extrativista Quilombo Frechal, localizada no Maranhão na baixada ocidental no município de Mirinzal. Mais informações < <http://pororoca.red/pt/2016/03/25/historia-frechal/> > Acesso em: 03/03/2018.

⁷⁴ “O Sistema Único de Saúde (SUS) é um dos maiores e mais complexos sistemas de saúde pública do mundo, abrangendo desde o simples atendimento para avaliação da pressão arterial, por meio da Atenção Básica, até o transplante de órgãos, garantindo acesso integral, universal e gratuito para toda a população do país. Com a sua criação, o SUS proporcionou o acesso universal ao sistema público de saúde, sem discriminação”. Informações disponíveis em: < <http://portals.saude.gov.br/sistema-unico-de-saude> > Acesso em: 21 de novembro de 2018.

⁷⁵ Há mais de 30 anos as comunidades quilombolas estão envolvidas na luta por 62 mil dos 85 mil hectares identificados como pertencentes ao território tradicional. Essas terras foram desapropriadas pelo Governo do Estado do Maranhão para a construção do Centro de Lançamento de Alcântara (CLA) da Força Aérea Brasileira (FAB), onde o governo federal desenvolve o programa aeroespacial com foguetes. Para implantar o CLA em 1983, o governo deslocou 312 famílias quilombolas de suas terras sem consultá-las, sem pagar indenizações ou reparar os danos sociais, culturais, políticos e econômicos a elas. Mais informações em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/01/05/a-luta-dos-remanescentes-de-quilombos-em-alcantara/> > Acesso em: 03/03/2018.

⁷⁶ Recorte tirado do meu caderno de campo, segundo o qual participei no dia 14/12/2017, no auditório setorial do Centro de Ciências Humanas (CCH) da UFMA às 14h30 de uma roda de debate que foi mediada pelo Prof. Dr. Horácio Antunes de Sant’Ana Júnior e foi composta pelas falas de lideranças de comunidades que estão com seus territórios sob ameaça como: Dorinete Serejo do quilombo Calelatiua de

Dona Neta chama nossa atenção para o extermínio do povo negro que vem sendo mascarado em um ideal de Estado-nação que desterritorializa e assassina as lideranças locais em nome da manutenção de países hegemônicos e de relações racializadas. A exemplo, temos a ampliação da base de lançamento de foguetes em Alcântara que vem ocorrendo em parceria com os Estados Unidos e, para tanto está previsto um número grande de desapropriação e de deslocamentos compulsórios. A saber,

Este projeto de desenvolvimento, pensado verticalmente para o Maranhão, ameaça por meio da construção de um retroporto privado objetivando desterritorializar famílias camponesas, anteriormente já deslocadas compulsoriamente de Alcântara. Lutar contra a construção desse empreendimento significa resistir contra uma nova expropriação que no passado não gerou “desenvolvimento” para o Maranhão. (Recorte tirado do Relatório 2013-2016. **Teia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão**).

Um exemplo de caso de deslocamento compulsório foi a construção na cidade, São Luís do Maranhão, de uma Termelétrica que deslocou 85 famílias da antiga comunidade de Vila Madureira para uma área que fica em Paço do Lumiar, município vizinho de São Luís. As famílias que não foram deslocadas e que continuam morando no entorno da termelétrica sofrem cotidianamente com os impactos gerados pela mesma.

Tivemos a oportunidade de nos dias 25 e 26 de novembro de 2017, por conta da produção de um filme documentário⁷⁸ sobre “deslocamento compulsório”, de ir até a comunidade de Camboa Velha para conversarmos com os moradores de lá sobre a atual situação depois da construção da Termelétrica.

Nas conversas com ex-moradores da antiga Camboa Velha e que hoje moram na parte de cima da comunidade, chamada de Camboa Nova. Descobrimos que aqueles

Alcântara; Clovis, da Comunidade do Cajueiro, e Benedito, da comunidade do Engenho, de São José de Ribamar. Essa roda de conversa aconteceu na XII Semana de Geografia que ocorreu na UFMA, de 11 a 16 de dezembro de 2017.

⁷⁷ Referência ao Presídio Estadual de Pedrinhas, localizado na periferia de São Luís, onde ocorreu inúmeros assassinatos de presidiários, divulgados nacionalmente, nos anos de 2013 e 2014. Muitos jovens oriundos de famílias deslocadas de comunidades de Alcântara para construção do CLA migraram para bairros periféricos de São Luís, inserindo-se em grupos de traficantes de drogas ou envolvidos com assaltos e outros delitos. Muitos desses jovens tornaram-se presidiários, estando vulneráveis aos assassinatos em Pedrinhas.

⁷⁸ Esse filme foi exibido durante o I Seminário Internacional Povos e Comunidades Tradicionais Frente a Projetos de Desenvolvimento e o V Seminário: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente realizado entre os dias 20 a 23/03/2018, na cidade universitária Dom Delgado, no Centro de Ciências Humanas (CCH) da UFMA, em São Luís - MA. Está disponível em: < <https://doity.com.br/v-sedmma/certificados> > Acesso em: 19/06/2018.

que ficaram, ou seja, não foram deslocados compulsoriamente, são tão impactados quando os que foram.

Segundo uma moradora antiga do lugar, eles tiveram que mudar suas casas e se afastar um pouco da área de mangue, porque tinha uma empresa nova querendo se instalar na área de passagem da comunidade. Ela diz: “eles queriam ferir o nosso direito de ir e de vir. Aí, tivemos que reagir, porque já sofremos com essa poluição do nosso ar e da nossa água toda dia...ou a gente fazia alguma coisa ou íamos ficar isolados, esquecidos pelo Estado”.

Quando a moradora de Camboa Nova destaca que “ou a gente fazia alguma coisa ou íamos ficar isolados, esquecidos pelo Estado” chama nossa atenção para os casos em que, mesmo quando o deslocamento compulsório ocorre, a área que será impactada pela chegada de alguma empresa em muitos casos privada, é muito maior do que a área que costuma aparecer nos cálculos oficiais dos estudos como, por exemplo, Estudo de Impacto Ambiental (EIA) ⁷⁹ e Relatório de Impacto Ambiental (RIMA)⁸⁰.

Com o aumento dos conflitos ambientais se tem concomitantemente o aumento da violência que fica evidente quando o Estado, empresas privadas ou fazendeiros se dizem donos de determinada porção de terra, como é o caso da comunidade de pescadores do Cajueiro⁸¹, localizada em São Luís (MA) e do território quilombola Santa Rosa dos Pretos, agora ameaçada pelo projeto de duplicação da rodovia/BR 135.

Como o Brasil continua sendo um país que pratica sérios atos de racismo contra as minorias marginalizadas (indígena, quilombola, camponês, negro, mulher, homossexual etc.)? Como que um país multicultural continua segregando, normatizando, enquadrando e até exterminando sua nação miscigenada? Segundo Sales JR (2006, p. 230) “a associação entre cordialidade, clientelismo e patrimonialismo parece ser parte da explicação da manutenção de um racismo

⁷⁹ O Estudo de Impacto Ambiental é realizado antes da implantação do empreendimento, sendo item necessário para a obtenção do licenciamento ambiental para o referido empreendimento.

⁸⁰ O Resumo ou Relatório de Impacto Ambiental, é o documento utilizado para demonstrar os resultados do EIA de forma resumida e simplificada, com uma linguagem acessível, que será entregue ao órgão ambiental juntamente com o EIA, sendo mostrado também para a sociedade interessada no empreendimento e nos resultados do estudo, assim como nos possíveis impactos causados pelo empreendimento.

⁸¹ Atualmente essa comunidade tradicional de pescadores está ameaçada pela construção de um novo Porto privado na Ilha Grande do Maranhão. A construção de um novo Terminal Portuário privado (porto multimodal), pela empresa WPR – São Luís Gestão de Portos e Terminais LTDA, que conta com a parceria do governo do estado com empresas multinacionais da China.

institucional não-oficial presentes nas relações sociais difusas e informais e ‘aparelham’ as instituições oficiais”.

Nas pesquisas de campo, ouvimos e apreendemos que o território reivindicado pelos povos e comunidades tradicionais é entendido como lugar de subjetividades e de cosmologias não ocidentais que extrapolam os limites do capital. E como bem pontuou Horácio Antunes no seminário de Geografia citado acima: “os conflitos ambientais envolvem disputa entre duas concepções de natureza, na qual a primeira concepção envolve um espaço a ser dominado e a segunda a natureza é lugar de construção de relações sociais e de solidariedade”. Nesse sentido, temos um lado que agride e um lado que resiste a essa guerra ideológica, de disputa por territórios e modernizadora do Brasil. Por isso, o debate crítico sobre o que vem acontecendo com os povos e comunidades tradicionais no Maranhão se faz importante na conjuntura atual do país.

3.2 ELES ESTÃO SE AFASTANDO! Desenvolvimento econômico e a perda de lugares sagrados

A chegada de grandes empreendimentos dentro no território quilombola, ao impactar a natureza, interfere drasticamente no modo de viver das pessoas desse lugar. Das mudanças sociais e ambientais que já afetam o território percebemos nas relações cotidianas relações outras atividades que aparecem agora como necessárias, mas que antes não eram, como ir na cidade para comprar arroz.

Os prejuízos que são quantificáveis são aqueles que aparecem nos documentos ambientais oficiais, não transparecendo assim a dimensão maior dos danos inerentes a passagem/chegada de algum empreendimento dentro da terra quilombola.

Com a morte/assoreamento dos igarapés e com a supressão das matas, segundo os moradores de Santa Rosa, estão em risco tanto as pessoas como os encantados. Esse dado não entra nos cálculos das grandes empresas, não porque eles não sabem, mas porque eles não reconhecem esse fato como sendo parte importante no jogo capital.

Tratar a encantaria como sobrenatural, nesse cenário, onde se disputa o direito de ter direito a terra é negar a existência das entidades que nela habitam, pois, os encantados os verdadeiros donos da terra, são tão reais como nós. Eles têm agência, ou seja, eles fazem coisas/orientam as pessoas em como devem agir. A mãe de santo dona Maria baixinho nos contou que seu Zezinho, desce nela e vai fazer sua roça, para no dia da sua festa não faltar comida.

O medo da encantaria se mudar, que aparece nas falas das pessoas do quilombo, está relacionado aos prejuízos e desmonte dos recursos naturais para interesses meramente particulares, de alianças geopolíticas que obrigam os quilombolas e seus territórios a circularem como moeda de troca, de intercambio das relações estatais.

O pessoal do terreiro está com muito medo da encantaria mudar, ou seja, deixar de existir dentro da comunidade por conta dessas mudanças, desse desenvolvimento que está acontecendo dentro da comunidade. Pois, chega a empresa Vale, por exemplo, e acha que está tudo normal derrubar, desmatar e assorear os igarapés e diz que nenhum impacto foi causado à comunidade (Dona Dalva, entrevista concedida em 11 de março de 2017).

Nos projetos modernizadores que estão se ampliando no Maranhão, não entra nos cálculos econômicos o que não se pode mensurar, a encantaria. Nem as árvores frutíferas que alimentam muitas famílias do quilombo como os pés de azeitonas pretas, manga, caju, goiaba, pequi etc., nada disso entra nos cálculos dos empreendimentos, sejam eles estatais ou privados. Uma palmeira que se derruba é uma família que deixara de ter alimento na sua mesa. Não são raras as situações em que com ordens judiciais, com documentos oficiais, o Estado e as empresas exterminam a possibilidade de as pessoas viverem bem, destruindo suas roças, derrubando suas casas e afetando as nascentes de água.

O INCRA, a Fundação Cultural Palmares, a SEMA, o ITERMA e o Ministério Público Federal, são cientes dos danos ambientais, dos assassinatos em massa de lideranças comunitárias, e em muitos casos silenciam em relação a isso, enquanto superintendentes, vereadores, senadores, governadores e o presidente do país negociam e decidem a vida e milhares de brasileiros assinando principalmente acordos multinacionais, como foi o caso do Flávio Dino em 2017 que assinou um acordo com a empresa China Communications Construction Company (CCCC) para a construção de um novo Porto Privado em São Luís/MA dentro da comunidade tradicional de pescadores do Cajueiro, com o objetivo de desenvolver a economia do país. Nem que para isso milhares de famílias sejam deslocadas compulsoriamente de seus territórios/lugares.

O Maranhão deu mais um passo rumo ao desenvolvimento das suas potencialidades portuárias na noite de quinta-feira (06). Em evento realizado em São Paulo, a empresa China Communications Construction Company (CCCC) – que acaba de desembarcar no Brasil – assinou acordo de investimento para construção de um Terminal de Uso Privado (TUP), em São Luís, com a WPR, braço do Grupo WTorre. O governador Flávio Dino

acompanhou a solenidade e destacou os benefícios desejados ao estado com os investimentos⁸².

Nessa relação de intercâmbio comercial, os valores capitalistas se sobrepõem aos valores democráticos e assim povos inteiros são exterminados. O genocídio em massa é para com os povos e comunidades tradicionais, que ao reafirmarem quem são incomodam os defensores e implementadores dos projetos de desenvolvimento.

A encantaria não é um mundo de papeis e tão pouco pode ser resumida em um. Segundo a compreensão dos mineiros, ela é natural e está em nós porque nós somos natureza e estamos/ vivemos na/da natureza.

Com as mudanças no cotidiano da comunidade mudou também as formas de manutenção da Mina.

A gente tá muito preocupado com isso, porque tem vez que os grandes fazendeiros, a grande VALE tem o exemplo, mais não se sente ofendido, porque pensa que aquilo tinha que acontecer, porque da Mina quem só entende é quem se assume, quem frequenta. Quem se assume sabe quando está acontecendo uma coisa de errado com ele, mas quem não frequenta, quem num sabe, não se sente, acha que aquilo é uma coisa comum, acha que aquilo ali tinha que acontecer... nós temos muito medo, eu pelo menos tenho muito medo. Medo da encantaria mudar, ir daqui pra outro lugar, porque ela muda!

(Dona Dalva, entrevista concedida em 11 de março de 2017).

Das ontologias que orientam e circundam o mundo quilombola, somente quem entende são os quilombolas, só eles podem dizer o que estão sentindo com a morte dos satubas, dos igarapés e das matas. A fala do quilombola não é facilmente entendida porque ela o tempo todo é violentada, pois não é ouvida. Não é ouvida porque as linguagens, as filosofias que orientam o mundo atual são aquelas que tomam o Ocidente como sujeito (SPIVAK, 2010).

Os lugares importantes/sagrados e de sociabilidade entre as famílias do território que foram desaparecendo por conta dos danos provenientes dos empreendimentos são ainda rememorados pelos mais velhos, com saudade de um tempo em que se ouviam as árvores cantarem ao som dos vários machados das quebradeiras de coco babaçu dentro da antiga Mata do Simauma. Mãe Severina nos disse que essa Mata era tão linda, tão grande, tinha tantas palmeiras e árvores que era difíceis duas pessoas se encontrarem se não saíssem juntos para a mata.

Outro lugar de sociabilidade, na Mina, era uma lagoa, que era usada por Severina para fazer os trabalhos no terreiro, mas que secou. Segundo ela secou por

⁸² Informação disponível em: < <https://www.ma.gov.br/empresa-chinesa-assina-acordo-de-investimento-para-construcao-de-porto-em-sao-luis/> > Acesso em: 02/03/2019.

causa da construção da Estrada de Ferro Carajás em cima do igarapé Simauma. Essa lagoa ficava na Matinha. “Ela secou, é tão verdade que nem no inverno⁸³ cria mais água”, como afirmou dona Dalva: “secou, por via dessa estrada, a lagoa não secava, era verão e inverno, cansei de limpar a lagoa, nem todo mundo descia lá pra limpar”. E logo assim que a lagoa secou o caboco Cearense ficou muito bravo, pois ele era o dono dela.

mas quando começou essa Vale aterrar a água ela foi diminuindo, diminuindo até secar. Esse ano eu limpei ela lá, varri por dentro, sequinho, sequinho, sequinho e empoeirado, nem no inverno ela não criou mais água, então nós aqui do quilombo tem que respeitar, como nós sempre respeitamos a mãe natureza que é a maior mãe que existe (entrevista realizada em 11 de março de 2017 com dona Dalva).

Mesmo com esses impactos e mudanças que ocorreram e estão ocorrendo na comunidade ainda tem lugares sagrados como o igarapé do Satuba, tem a Matinha de seu Cearense, tem outros lugares com pontos de água dentro do território e na Matinha, tem os dois poços de onde se tira a água para fazer os banhos, para os pajés tomarem e para fazer remédio.

Santa Rosa dos Pretos é um território de resistência. Nesse sentido, é que estamos discutimos expressões outras que permitem pensar a relação entre processos políticos e religiões de matriz africana como uma das formas na qual se lê o/no chão/território como expressão fiel do corpo quilombola.

Atualmente Santa Rosa dos Pretos vem lutando contra a duplicação da BR-135 no Maranhão que, com uma série de irregularidades, vem ameaçando a derrubada de 345 casas dentro do território quilombola. Dentre essas casas, estão a igreja centenária no qual se festeja em duas etapas o Divino Espírito Santo, a casa de farinha, o terreiro de mina Tenda Nossa Senhora dos Navegantes, fora as casas de lideranças como seu Libânio, dona Dalva, Anacleto, Elias, filho de Benedito Belfort e muitos outros moradores que estão com suas casas ameaçadas pelo desenvolvimento.

Nesse contexto, uma série de reportagens feitas pela repórter investigativa Sabrina Felipe no que diz respeito aos impactos provocados pela duplicação da BR-135 que vem sendo feita pelo DNIT de Miranda do Norte à Bacabeira no Maranhão, aponta que isso ocorre sem a execução de procedimentos básicos, como a *escuta dos moradores* assegurada pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Dessas reportagens, destacamos que,

Voltando ao Incra: o coordenador geral de Regularização de Territórios Quilombolas do Incra do Distrito Federal disse que a duplicação da BR não

⁸³ No Maranhão tem apenas duas estações durante o ano: inverno, período de chuvas, e verão, período de seca.

interfere na titulação das terras quilombolas. O que você acha disso do ponto de vista legal? (Sabrina Felipe pergunta).

Dr. Yuri, Defensor Público, responde: do ponto de vista legal, ele deveria ter um esclarecimento melhor dessa fala. É claro que afeta, porque se uma parte [a parte ocupada pela BR duplicada] não vai ser mais regularizada, já afetou. A duplicação pode não extinguir o processo, porque o processo continua na área não afetada pelas desocupações ou desapropriações. Mas se você reduz o tamanho do território a ser titulado, você já afetou⁸⁴.

Quando fica colocado que a parte em vias de ser duplicada da Rodovia BR-135 não vai mais ser regularizada, pois o território quilombola a ser titulado foi afetado/impactado podemos concluir que a não titulação faz parte do não-dito racista. Segundo Sales Jr (2006, p. 236), “o racismo tem em geral, o seu próprio léxico, mas o que há de mais ideológico nele são os interesses de poder a que serve e os efeitos políticos que gera”.

Assim, quando Sabrina Felipe destaca que *existe uma política de não fazer a regularização*, ela nos ajuda a constatar um racismo institucional presente na implantação de projetos desenvolvimentistas no Maranhão, como vem sendo o caso da duplicação da BR 135, da construção de um porto privado, da duplicação da Estrada de Ferro Carajás e muitos outros projetos em curso no estado.

A titulação quilombola é feita numa área que vai se tornar inalienável [que não pode ser vendida ou cedida], é uma área que vai sair do mercado.... Foi falado claramente que **não tem dinheiro (para fazer regularização) porque existe uma política de não fazer a regularização quilombola**, mas sim a comum, individual, cada um com seu pedaço de terra⁸⁵ (grifos nossos).

Nesse processo de duplicação que vem sendo feito pelo Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte (DNIT), segundo Sabrina Felipe nem o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), nem o Centro de Cultura Negra (CCN) ou a Fundação Cultural Palmares foram consultados, e mesmo com as irregularidades na duplicação, ela está quase pronta, pois iniciaram as obras nas duas pontas do trecho a ser duplicado e deixaram a área das comunidades quilombolas e com processos abertos no INCRA por último.

Segundo Sabrina Felipe, os agentes do DNIT querem colocar o povo contra o povo porque o empreendimento se apresenta como sendo a favor da melhoria dos municípios vizinhos a Itapecuru-Mirim, se apresenta para beneficiamento par o povo.

⁸⁴ Notícia disponível em: <<https://viasdefato.jor.br/2018/01/12/sem-participacao-quilombolas-perdem-protagonismo/>> Acesso em: 15/01/2018.

⁸⁵ Notícia disponível em: <<https://viasdefato.jor.br/2018/01/12/sem-participacao-quilombolas-perdem-protagonismo/>> Acesso em: 15/01/2018.

Nessa forma, mascara interesses econômicos diversos de investidores nacionais e estrangeiros circundados por relações de poder.

Na comunidade, hoje, uma série de empreendimentos estão em estágio de duplicação, colocando em xeque assim a continuidade de existência do território e fazendo morrer, como destacou dona Neta, do quilombo de Canelatúia em Alcântara, o povo, o povo que é expulso de seus territórios e deixando viver a ilusão do progresso, o capitalismo na esteira da globalização.

Segundo conversas com os moradores do quilombo, o DNIT diz que é dono de 35 metros de cada lado da BR-135 totalizando 70 metros e mais uma área de proteção que a BR tem que ter de 15 metros de cada lado, totalizando 30 metros. Em uma ida à sede do DNIT (dia 06/12/2017) de São Luís para pegar os documentos referentes a duplicação da rodovia, um grupo de estudantes e uma docente da UFMA puderam ouvir que o DNIT considera os quilombolas como sendo invasores de uma faixa de domínio que é do órgão público. Por isso, eles falam de desocupação e não desapropriação, pois segundo o pessoal do DNIT “a construção dentro da faixa de domínio é crime”. Porém, os quilombolas, que hoje são considerados invasores são os mesmos que vivem há muito tempo, antes da chegada da estrada nessa área que hoje o órgão público reivindica como sua.

No dia 11 de dezembro de 2017, ocorreu na igreja do Divino uma reunião com algumas lideranças de Santa Rosa dos Pretos para debater sobre a duplicação da rodovia BR-135. Seu Gregório, morador da comunidade, disse que “os primeiros invasores são eles que chegaram por último e não a gente que nasceu e se criou aqui”. Josicléa Pires, filha de Anacleto, disse que:

Indenização nenhuma paga o valor de uma árvore e não paga nada do que a gente já têm construído...pois, para a gente, não se trata simplesmente de uma casa que será derrubada, é toda uma história dentro de nossa casa...a exemplo disso, é o caso do acidente de Mariana⁸⁶ que até hoje eles não fizeram nada, porque, para eles, a gente não tem valor nenhum, a nossa vida não vale nada (anotações do caderno de campo do dia 11 de dezembro de 2017).

Quando Josicléa afirma que “indenização nenhuma paga o valor de uma árvore”, ela dialoga com outras formas de ler, sentir e estar no mundo, com as diferentes concepções de natureza sobre as quais o professor Horácio Antunes de Sant’Ana Júnior falou durante o seminário de Geografia na UFMA e que citamos

⁸⁶ Refere-se à ruptura de uma barragem de rejeitos de minério de ferro que ocorreu no município de Mariana, no estado de Minas Gerais, em 2015, que matou 19 pessoas e provocou o maior desastre ambiental no Brasil, afetando toda a bacia do Rio Doce, com mais 800 km.

acima. O processo que a comunidade enfrenta é contra o processo de desterritorialização do território, pois segundo Anacleto:

Mesmo no escuro a gente consegue andar no nosso território, mas quando ele está impactado, quando se coloca outras coisas dentro dele você fica com medo de andar à noite...no nosso tem 5 linhões, 3 estradas de Ferro, 1 BR, 1 assentamento, tem o problema com a falta de água, tem os fazendeiros (anotações do caderno de campo do dia 11 de dezembro de 2017).

Um exemplo disso que Anacleto revela na citação acima foi destacado por dona Neta de Canelatiua que relatou no seminário de geografia que “indo para a roça as pessoas chegaram a se perder, porque a área dele foi toda cortada, muitos babaçuais foram jogados a baixo, a natureza destruída...quando se mexe na nossa terra se muda o nosso modo de produção, já que o território é a nossa identidade”.

8km, esse é o tamanho da área em que querem duplicar a BR-135 no território de em Santa Rosa, uma área que nunca teve engarrafamento, mas que já teve vários acidentes de carro, atropelamentos, alguns seguidos de morte. Nos questionamos para quem de fato a duplicação da rodovia (BR 135) é necessária, nos interrogamos sobre a forma como ela quer passar nas áreas dos quilombolas. Segundo Almeida (1996, p. 31) o deslocamento compulsório cria espaços chamados como “refúgios” que “privam pessoas de suas fontes tradicionais de sobrevivência e as levam a competir com outras por recursos mais escassos”.

Consideramos que os impactos da duplicação da BR 135 estão para além da área que será mitigada ou na qual o empreendimento vai se instalar, assim:

Los efectos derrames se despliegan mucho más allá de la localización espacial de cada emprendimiento. Su énfasis no está em los impactos locales em un sitio, sino em esas afectaciones que a su vez tienen consecuencias que se pueden repetir em muchas otras zonas del país (GUDYNAS, 2016, p. 28).

Se pensarmos reflexivamente, podemos perceber que a rodovia faz parte do projeto de modernização do Maranhão, nem que para isso se tenha que colocar em risco famílias inteiras.

A natureza, por um lado, é usada como espaços globais para a expansão do capital transnacional, o que Santos (2003, p. 435) chama de globalismo localizado com “desmatamento e destruição maciça dos recursos naturais... artesanato e vida selvagem, postos à disposição da indústria global”. Por outro lado, a natureza faz parte da identidade da população local. Isso fica evidente quando o pescador da comunidade

tradicional do Cajueiro⁸⁷ diz que, “a área da praia que eles querem tomar da gente é nosso emprego”, quando Neta afirma que “quando se mexe na nossa terra se muda o nosso modo de produção, já que o território é a nossa identidade” e quando Josicléa, filha de Anacleto, destaca que “indenização nenhuma paga o valor de uma árvore”.

O não-dito racista na instalação desses projetos no Maranhão ocorre quando as comunidades locais enfrentam a falta de acesso à justiça, quando a consulta prévia não ocorre, quando lideranças locais são ameaçadas de morte por se manifestarem e lutarem para permanecer em seus territórios. Por meio das leituras de Mbembe (2016, p. 129) e do acompanhamento dos casos de conflitos ambientais envolvendo povos e comunidades no estado do Maranhão, podemos depreender que, os “projetos de morte” ou a “industrialização da morte” intensificam ainda mais as desigualdades sociais existentes no Brasil, pois exercem o direito de matar ou deixar viver por meio do campo jurídico e em nome da soberania nacional.

3.3 REESCRITAS SUBALTERNIZADAS: o corpo quilombola e o corpo da terra

Os problemas territoriais dos quilombolas não vão se expressar em sua totalidade em nenhum papel do Estado ou da academia, não da forma como a comunidade escreve junto com os encantados no chão da sua terra, porque é como se aquele chão fosse o testamento quilombola. Então, se é para ler do ponto de vista dos subalternos falando, você não vai ler no papel porque o papel não fala o que os subalternos falam de forma absoluta, porque o problema dos subalternos se inscreve nos corpos.

Segundo Spivak (2010, p. 85-86), no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar. O sujeito subalterno não pode falar,

⁸⁷ “Situada na Zona Rural II do município de São Luís/MA e vem, desde o primeiro semestre de 2014, sofrendo ameaças de deslocamento compulsório. A comunidade do Cajueiro, também conhecida como Vila Cajueiro ou Sítio Bom Jesus do Cajual, constitui-se de cinco pequenos núcleos assim denominados: Parnaçu, Andirobal, Guarimanduba, Morro do Egito e Cajueiro. Portanto, quando aqui nos referimos ao Cajueiro, o fazemos considerando o conjunto desses pequenos núcleos, que os próprios moradores reconhecem como sendo o que constitui essa comunidade em termos de configuração físico-geográfica e de representação comunitária, através da União de Moradores Proteção de Jesus do Cajueiro. Portanto, o desapossamento ou desapropriação de qualquer desses núcleos descaracterizará essa comunidade” (GEDMMA, 2014, p.11). Desde 2004 os moradores enfrentam uma luta constante contra a instalação de um novo porto privado pela empresa WPR – São Luís Gestão de Portos e Terminais LTDA., em seu território. Atualmente a situação é de muitas violações de direitos, pois mesmo sob muitas irregularidades uma grande área já foi desmatada, uma parte da área de praia cercada e muitas casas já foram jogadas a baixo sem nenhuma indenização, as obras avançam despeito das leis ambientais e de acordos internacionais. As famílias locais se organizam na associação para continuarem vivendo em suas terras e para não serem simplesmente removidas.

porque suas concepções, filosofias, costumes e seu corpo são desqualificados, principalmente por conta da divisão do mundo em países de primeiro e de terceiro mundo no constante jogo do imperialismo territorial.

Assim, dentro e fora do circuito da violência epistêmica o desenvolvimento do subalterno é complicado por conta desse projeto imperialista.

O mais claro exemplo disponível de tal violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se constituir o sujeito colonial como Outro. Esse projeto é também a obliteração assimétrica do rastro desse Outro em sua precária Subjetividade (SPIVAK, 2010, p. 60).

No contexto social indiano o sacrifício das viúvas foi uma ação hegemônica que limitou e enquadrou por muito tempo as mulheres. A mulher indiana, que não consegue falar não tem espaços, sua fala não é válida nas relações de poder, para questionar a estrutura de opressão na qual as mulheres estão submetidas, usa seu corpo para falar por ela.

Quando,

Uma jovem de 16 ou 17 anos, Bhuvanewari Bhaduri, enforcou-se no modesto apartamento de seu pai no norte de Calcutá, em 1926, o suicídio se repercutiu de várias formas e quase uma década depois se descobriu que ela era membro de um dos muitos grupos envolvidos na luta armada pela independência da Índia. Ela tinha finalmente sido incumbida de realizar um assassinato político. Incapaz de realizar a tarefa e, não obstante, consciente da necessidade prática de confiança, ela se matou (SPIVAK, 2010, p. 162).

O que a jovem Bhuvanewari Bhaduri tinha para falar é tão expressivo que somente poderia ser lido no corpo, com sua morte. Ninguém pode falar por ela de fato, a potência da sua fala explode no seu corpo quando ela se mata no dia em que está menstruada, para mostrar que não tem nada a ver com algum ritual de purificação do suicídio sati⁸⁸. A questão aqui é o fato dela não poder falar, politicamente a sua fala está situada em áreas silenciadas, assim, seu suicídio foi uma reescrita subalterna.

Consciente do que tinha que fazer, a jovem se suicida, mas calcula a data em que estaria menstruada, pois sabe também do ritual do sacrifício das viúvas⁸⁹ em honra a seus maridos, no qual, por ser mulher, também está enquadrada. A mulher subalterna indiana não poderia falar, não há valor algum atribuído à “mulher”, para aquele além de um item respeitoso nas listas de prioridades globais (SPIVAK, 2014).

⁸⁸ “É também um nome próprio de mulher bastante difundido na Índia hoje em dia. Dar o nome a uma criança do sexo feminino de ‘boa esposa’” (SPIVAK, 2010, p.158).

⁸⁹ “A viúva impura deve esperar publicamente, até o banho purificador do quarto dia, quando ela não está mais menstruada, para reivindicar seu dúbio privilégio” (SPIVAK, 2010, p.163).

Dialogamos com a filósofa indiana dos estudos subalternos por meio do seu famoso livro “Pode o subalterno falar”, para tensionar o contexto e a estrutura de opressão no qual se insere os problemas da não titulação das comunidades quilombolas no estado do Maranhão e para questionar como ela mesma pontuou analisando um contexto social diferente (indiano) e a si mesma como teórica, o próprio lugar de onde se teoriza.

Outras reescritas subalternas. Como fazer com que o sujeito inserido em uma condição subalterna quando fale, sua fala seja ouvida nos espaços de poder?

Tomamos aqui os quilombolas não como subalternos, mas como sujeitos que foram violentamente colocados em uma condição subalternidade, principalmente quando se fala em garantir direitos a esses grupos.

Do mesmo ponto de vista de não poder falar é o que vem acontecendo com os territórios de povos e comunidades tradicionais no Estado do Maranhão. De certa forma, nas mediações com o Estado os quilombolas perdem a possibilidade de poder dizer o que sentem, de poder falar, de representar a realidade adequadamente, quando são simplesmente representados.

O artigo 68⁹⁰ do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988, por si só não assegura mais o direito a terra. A autodeclaração está hoje mais do que nunca sob suspeita, porque o desejo dos poderes estatais é de administrar as riquezas do país e a terra (recursos naturais) é uma das maiores riquezas que temos.

Nos processos de mediação com o estado no processo de regularização do território, em muitos casos ocorre uma desautorização das falas tornadas subalternas, que são desautorizadas por agentes estatais oficiais, como os juízes. Mas, a potência das falas dos quilombolas continua lá.

Um exemplo ocorreu em uma audiência realizada no município de Itapecuru-Mirim no Maranhão, em meados de 2017, na qual os quilombolas de Santa Rosa dos Pretos tinham menos de 20 minutos de fala e Anacleta disse,

A juíza disse que a gente só tinha 19 minutos pra falar, e ainda reclamou do meu tom de voz dizendo que eu estava alterada. Daí eu disse que o meu tom de voz ia ser esse e eu falei o tempo necessário para dizer o que está acontecendo na comunidade, as humilhações e violências, mesmo ela não querendo nos ouvir (anotações do caderno de campo de maio de 2017).

90 Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.

A presença da fala quilombola está sempre sendo expressa no corpo, no tom de voz, na forma como as lideranças se vestem ou falam e, em muitos casos, também, está presente no silenciamento, porque o silêncio também comunica algo.

Segundo Peirano (2014, p. 386) “palavras *fazem coisas*, trazem consequências, realizam tarefas, comunicam e produzem resultados. E palavras não são o único meio de comunicação: silêncios comunicam”. O silenciamento também é uma forma de resistir e há muito foi usado com estratégia para que os povos e comunidades tradicionais continuassem existindo, como bem destacou o indígena Kum’Tum Gamela, Inaldo⁹¹,

a sabedoria está em saber o tempo de fazer lugar, como, onde e quando fazer, pois o levante em si é uma luta já que todos os dias temos que provar que existimos. A exemplo, falo que há 6 meses estávamos conversando com o pessoal do estado sobre a situação da escola, até que a senhora depois de 2 horas de conversa, perguntou se índio comia como gente... Aí, você vê, **a gente estava há duas horas falando e ela não nós via**, e eu pergunto o que fazer uma hora dessa? (Fala retirada das anotações do meu caderno de campo no dia 24/11/2017 da XII Semana de Geografia que ocorreu na UFMA de 11 a 16 de dezembro de 2017).

É por conta da negação do corpo indígena, quilombola, sertanejo, pescador, quebradeiras de coco babaçu, camponês enquanto sujeitos de direito que se entra em processo de insurgência e se começa a debater sobre território e identidade como uma forma de continuar existindo e resistindo.

Sendo assim, Inaldo destaca que “na fronteira da luta é o corpo que está lá é ele que é o escudo na hora da bala, mas a gente faz a luta pensando que nós somos sementes de pau d’arco, pois vamos continuar existindo e fazendo luta em algum lugar”.

É por conta da negação do corpo indígena, quilombola, sertanejo, pescador, de quebradeira de coco babaçu, camponês enquanto sujeitos de direito, que se entra em processo de *insurgência* e se começa a debater sobre território e identidade como uma forma de continuar existindo e resistindo.

Uma outra forma de lutar depois de muitos anos de silenciamento é a *insurgência* na qual Inaldo pontua que,

A gente se descobre com uma identidade que é coletiva, a insurgência traz de volta uma identidade que é coletiva com um povo e se relaciona com outras identidades que também são coletivas e, assim, **eu não estou mais sozinho na luta, pois existe uma rede de povos que estão na luta pelo território** (Fala retirada das anotações do meu caderno de campo no dia 24/11/2017 da XII Semana de Geografia que ocorreu na UFMA de 11 a 16 de dezembro de 2017 – grifos nossos).

⁹¹ Como consta no Jornal Vias de Fato de dezembro/janeiro de 2018: O indígena Kum’Tum Gamela (Inaldo) é referência na luta social do Maranhão e do Brasil. Ele é um dos Gamela que se encontra ameaçado de morte.

A retomada⁹² é também uma outra forma de pensar a relação entre o corpo quilombola e o corpo da terra, pois segundo Inaldo a retomada ocorre porque,

procuramos uma religião dos territórios roubados pelos latifundiários... esses são lugares onde estão enterrados os nossos umbigos e estão também dentro de nós como forma de uma ligação espiritual na qual mesmo quando somos levados para outros lugares, eles nunca saem de dentro de nós e pensando assim são lugares dos quais nós nunca saímos, lugares que a cerca do latifúndio não conseguiu tomar (fala retirada das anotações do meu caderno de campo no dia 24/11/2017 da XII Semana de Geografia⁹³ que ocorreu na UFMA de 11 a 16 de dezembro de 2017 – grifos nossos).

Segundo dona Anacleta, as comunidades quilombolas não são diferentes dos povos indígenas, no sentido de que “a retomada de uma área é uma esperança de continuidade para o nosso povo”, e assim, destacamos que Santa Rosa fala incorporada quando conecta suas ações com o cuidado com a natureza, que também está nas pessoas. No sentido de dizer que, faz parte de quem a pessoa é, e por isso, quando se está cuidando da natureza, a pessoa também está cuidando de si mesma, pois segundo dona Anacleta, “as inspirações, as orientações quem traz pra gente principalmente para meu pai, Libânio, são os donos das matas, as donas das águas e mesmo sem ver direito, ele tem uma orientação para andar dentro do território e para falar da comunidade” (anotações do caderno de campo em 04 de junho de 2018).

A *retomada*, o *silenciamento* e a *insurgência* são os meios pelos quais pessoas de povos e comunidades tradicionais estão falando/denunciando/resistindo em meio às ações violentas de empresas, polícia e do próprio Estado do Maranhão. Observamos que as comunidades estão em um *Tempo de Fazer*, fazer greve de fome, retomadas, embates, demarcação para fazer viver o território.

No encontro da Teia dos Povos e Comunidades Tradicionais que aconteceu na comunidade sertaneja de Gostoso, em Aldeias Altas na cidade de Caxias no estado do Maranhão, entre 07 a 10 de junho de 2018, observamos a forte ligação entre o cuidar do território como parte do cuidar de si mesmo, de um grupo étnico. A exemplo, temos a fala de um indígena Gamela que destacou que, “hoje não é mais o historiador que vai dizer quem você é, nós é quem vamos dizer, porque quando se corta uma árvore é mesmo como se estivesse cortando um de nós é como um jovem que não aprendeu com a memória dos mais velhos” (anotações no caderno de campo de 9 de junho de 2018).

⁹² Retomada de terras que foram anteriormente expropriadas.

⁹³ Disponível em: < <http://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=50474> > Acesso em: 04/03/2018.

Em uma conversa com dona Anacleta realizada no dia 04 de junho de 2018 na cozinha de sua casa, sobre como se deu a escolha do lugar onde hoje é sua residência, ela nos falou que: “eles (os encantados) estavam aqui, antes mesmos deu vim morar aqui, eles são os verdadeiros donos dessas terras”.

Seu Libânio também coloca que, “o verdadeiro corpo do território está relacionado com os lugares sagrados, de força e de sustentabilidade da comunidade, porque somos parte da natureza e aí temos a fortaleza do espírito que devemos preservar com luz, ponto e reza” (anotações do caderno de campo 22 de setembro de 2018). Sobre isso é que mãe Severina nos colocou que “enquanto uns estão lutando outros estão rezando para que nós vença e tenha o título dessas terras” (falas tiradas das anotações do caderno de campo de fevereiro de 2018).

Nesse sentido,

o verdadeiro corpo da Santa Rosa dos Pretos contém artérias e veias. Ele é um corpo com lagoas, córregos, igarapés, matas e assim tem várias partes. O coração desse corpo são as áreas que são entendidas como sagradas como o Baixo do Engenho, a Matinha e cada uma dessas partes tem sua importância (entrevista realizada com dona Anacleta, no dia 04 de junho de 2018).

É pensando os territórios como não lugares ou zonas intermediárias para o reconhecimento, nos quais o auto reconhecimento e o reconhecimento por parte de outros são precários ou mesmo evasivos, lugar do não sujeito reconhecido e do quase sujeito reconhecível, que concordamos com Butler (2003, p. 236) quando destaca que,

Se alguém não quer reconhecer certas relações humanas como parte do humanamente reconhecível, logo, esse alguém já as reconheceu e busca negar aquilo que, de uma maneira ou de outra, já foi compreendido. “Reconhecimento” se torna um esforço de negar o que existe e, assim, se torna um instrumento da recusa do reconhecimento.

O papel onde se inscrevem os problemas dos quilombolas, do povos e comunidades tradicionais é o próprio chão, é o dia-a-dia e na relação com os encantados. E não tem como fazer uma tradução adequada daquilo que os quilombolas estão escrevendo no chão de demandas pelo direito de continuarem existindo com as nossas possibilidades expressivas oficiais e acadêmicas na folha do papel.

Então, temos ciência que qualquer esforço de tradução é limitado, porque para se entender o problema dos quilombolas só indo fazer essa leitura no território, com eles.

O subalterno aqui mais uma vez não consegue falar, porque esse esforço de escrita que estamos fazendo, de teorizar como os quilombolas teorizam, ainda está preso

a uma estrutura de educação que limita e enquadra os sujeitos e a forma de produzir conhecimentos válidos, pois a universidade ainda é um lugar privilegiado e de poder.

Essa dissertação é produto do conhecimento científico, mas, não acreditando em neutralidade científica escrevemos a partir de um lugar de fala, no qual, esta pesquisa é fruto de uma reflexividade crítica. Sendo escrita com os quilombolas, é uma forma de representar a realidade, de reescrever os problemas dos quilombolas adequadamente, pois esse trabalho foi escrito, lido e ouvido por eles.

Os territórios são os lugares de fala dos quilombolas, porque nenhum papel, nem da Fundação Cultural Palmares nem do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) são capazes de mostrar a problemática das comunidades em sua complexidade.

3.4 TERRITÓRIO, ENCANTADOS E LUTA

Nessa parte do trabalho, tornamos visíveis as leituras e pensamentos críticos de três lideranças quilombolas do território Santa Rosa dos Pretos, formados pelo curso de licenciatura em Pedagogia da Terra fornecido pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) – UFMA do município de Bacabal e de outras que foram formadas na prática cotidiana, no saber fazer a roça, tocar o tambor, chamar as entidades, pescar de esgote, benzer contra mal olhado e muitos outros saberes que fazem parte da manutenção de grupos inteiros.

Gostaríamos de informar ao leitor que, nessa parte do texto, optamos por usar o nome das/os autoras/os por completo, não colocando somente o seu sobrenome como exigido pelas regras de produção desse tipo de trabalho acadêmico. Os autores aqui citados foram também alguns de nossos principais interlocutores para a realização deste trabalho. São teóricos de dentro, produzindo teoria nativa, conhecimento insurgente. Temos certeza que esse detalhe, essa escolha de formatação, essa rebeldia epistêmica não diminui a profundidade reflexiva sobre os problemas ambientais tecidas até aqui.

Entendido isso, continuemos...

Que tipo de leituras seriam possíveis se deixássemos que os quilombolas falassem por eles mesmos? O que Josicléa, Joércio, Severina, Libânio, Dalva e Anacleta tem em comum quando falam? De que forma o território, a luta e os encantados aparecem em suas falas e textos?

Em seu trabalho monográfico, “A Riqueza e a Pobreza ao Longo do Corredor Carajás: os impactos dos Projetos de Mineração nos Territórios Quilombolas Santa Rosa dos Pretos e Monge-Belo”, Josicléa Pires da Silva (2017c) toma como base uma realidade concreta pouco observada e discutida, da qual ela faz parte como moradora do território Santa Rosa dos Pretos (MA).

Segundo Josicléa Pires da Silva (2017c, p. 13),

A realidade a qual me refiro é o cotidiano de comunidades que há mais de cinco séculos já haviam sido “aquilombadas”⁹⁴ por negros escravizados, ou seus descendentes, comunidades que desde a década de 1970 vêm sofrendo impactos diretos por conta da mineração da antiga Companhia Vale do Rio Doce, atual Vale S.A e de seu pacto com o Estado.

Diante desse cenário é que se interroga sobre se há de fato um desenvolvimento, como e a quem realmente ele beneficia. Estamos cercados pela extração de minério, mas será que ela beneficia a população dos territórios quilombolas atingidos?

Josicléa Pires da Silva (2017c, p. 16c) com seu olhar crítico sobre os impactos gerados pelo desenvolvimento econômico no Maranhão continua falando que,

Os resultados em longo prazo dessa modernização capitalista conservadora (ou podemos dizer, autoritária) podem ser evidenciados a partir dos indicadores socioeconômicos do Maranhão nessas últimas décadas, os quais atestam o quadro de violência, miséria, analfabetismo, enfim, caos social, em que sempre tem vivido a população maranhense. Assim, o projeto modernizante, ao propor a “subversão da desordem” e a “morte da pobreza”, funcionou na verdade como mantenedor da “ordem” política (contra os “subversivos” da esquerda) e catalisador do caos social no Maranhão, acelerando ainda mais a entropia inerente ao sistema capitalista, “subdesenvolvimento” em drásticas condições, do dito desenvolvimento (o real interesse do Estado).

E, para dialogar com seu pensamento, Josicléa Pires da Silva (2017c) traz para primeiro plano as ideias de Sant’Ana Júnior (2005) segundo as quais a modernidade é um processo que corresponde às necessidades dos colonizadores, para invadir e incorporar áreas cada vez mais amplas.

De acordo com estas reflexões e com as experiências adquiridas na prática cotidiana no quilombo é que Josicléa Pires da Silva (2017, p. 16c), diz que,

o processo de modernização, na verdade é uma ação genocida que busca aniquilar as culturas das sociedades nativas englobando a isso as suas particularidades, suas expressões e principalmente sua fé e ancestralidade. Na lógica desse mundo moderno, as formas de envolvimento dos territórios quilombolas, como: Tambor de Mina (Matriz Africana), Tambor de Crioula, Festejo do Divino, Dança do Coco, Terecô de Caixa do Divino, Bumba Boi, dentre outras, formas de expressão, comunicação e mobilizações, não se

⁹⁴ O termo nativo “aquilombado” designa o processo de resistência pelo qual o espaço foi ocupado e transformado culturalmente pelos negros que haviam sido escravizados.

assemelham as monoculturas globalizadas, por tanto não servem ou cabem no moderno, pois são formas únicas e diferentes, ou seja são sociedades que detêm de conhecimentos e entendimentos próprios, constituídas de seu protagonismo e autonomia.

Assim, segundo Josicléa Pires da Silva (2017c), o *envolvimento*⁹⁵ é uma possibilidade de continuar resistindo contra o avanço do desenvolvimento econômico, é a terra livre em primeiro lugar. Pois, para ela, o envolvimento é que assemelha, aproxima e unifica a todos os povos, como um só povo e isso por exemplo vem acontecendo com maior força nos encontros da Teia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão.

Nesse sentido, o envolvimento é também político, pois possibilita aos subalternos poder viver. Já o desenvolvimento econômico significa não um avanço/melhoria, mas um retrocesso de fato.

Des-envolvimento, enquanto visto que este distância cada vez mais os seres, e afasta suas semelhanças, deixando em vista somente as diferenças e os *mono-comportamentos* de cada sociedade, esse des-envolvimento é um colonizador de relações e aparências, que tem como eixo central a globalização das coisas e a monopolização dos homens, buscando a todo modo um comportamento universalizado e igual, tentando dessa maneira findar todas as formas de descolonizações e emancipação dos povos que se insurgissem a esse pensamento clássico colonizador, e constroem suas bases políticas, princípios, autodeterminação e principalmente a valorização de suas culturas e de sua verdadeira história, tendo autoconsciência de que, o que de fato funciona não é o *des-envolvimento* (SILVAc, 2017, p. 51).

Segundo Anacleto Pires “no movimento a gente se encontra, e a gente se encontra se ouvindo, se olhando e discutindo os problemas dos nossos territórios, porque os territórios são lugares partilhados em coletividade” (entrevista realizada em 4 de junho de 2018). E é por meio da luta que se vem conseguindo barrar as cercas dos latifundiários, das empresas e do Estado.

Na criação do mundo, a terra também era disputada, quando alguém perguntava a Jesus: o que eu faço Senhor para ganhar o reino da glória, Jesus simplesmente disse; venda os seus bens e reparta com os pobres.

O que me levou a lutar, foi a necessidade de não aceitar a expulsão, minha e do meu povo da terra tão querida e respeitada por mim, não sair da terra, pra mim também foi mais do que um intercâmbio, que me levou a reconhecer a terra como a melhor mãe, que dá todos os direitos cabíveis e me acho no direito de lutar porque me sinto parte da terra, muitas pessoas dizem que não lutam e nem brigam pela terra, essas pessoas não tem sentido, a terra têm um grande valor (entrevista realizada com

⁹⁵ “Envolvimento é: bem viver, está no território livre, com alimentos na mesa do povo, da nossa agricultura familiar, pena que quase não dá pra pescar, a Vale entupiu o nosso Garapé, e ainda tem os latifundiários que acabaram com as reservas, centros de lavoura e babaçuais, isso é esse sistema capitalista nos matam para sustentar esse progresso moderno, pra mim, na realidade pra nós quilombolas dos Territórios em geral, envolvimento mesmo é a terra livre em primeiro lugar” (SILVAc, 2017, p. 51).

Libânio Pires no ano de 2016 – retirada do trabalho monográfico de Josiclêa Pires da Silva, 2017c - grifos nossos).

Um exemplo disso, segundo Anacleto foi quando,

A gente interditou a ferrovia Carajás em 2014, outro foi no dia 17 de abril de 2017 quando teve o golpe contra a presidenta Dilma e a gente aqui do quilombo fomos para a BR manifestar e na interdição com mais de 150 pessoas incluindo crianças e idosos, quando a polícia chegou jogando gás na gente. Aí, minha filha, eu perdi o controle, vi eles jogando pimenta fiquei com os olhos pareciam que ia pegar fogo. Aí, eu fiquei doída, porque com quem eles deveriam fazer isso, eles não fazem e querem tirar um direito nosso (entrevista realizada Dona Anacleto em 04 de junho de 2018).

Em seu trabalho de monografia, “Resistência e Trajetória de Luta pela Regularização Fundiária do Território Quilombola Santa Rosa dos Pretos”, Anacleto Pires (2017a) pontua que é a partir do aprofundamento e testemunho da resistência e da luta que podemos demonstrar as capacidades e habilidades de se construir estratégias a serem utilizadas como armas para encerrar os desafios propostos pela vida e pela malícia dos opressores.

Desafios esses que podem ser visualizados quando Anacleto Pires(2017a) traz à tona a fala de seu Libânio, seu pai, por meio de uma entrevista que ela realizou em 2016, na qual ele diz que “nós fomos várias vezes no cartório do 2º Ofício, e quando conversava com a dona do Cartório, ela sempre dizia que o cupim comeu as folhas do livro aonde podia ter alguma coisa escrita a respeito das terras de Santa Rosa”.

Quando a responsável pelo cartório em Itapecuru-Mirim diz que o cupim comeu as folhas do livro aonde podia ter alguma coisa escrita a respeito das terras de Santa Rosa, ela segundo Anacleto Pires (2017a, p. 42), nos permite visualizar uma lógica de negação de um direito que se perpetua até hoje com a concentração de terras. Tal concentração é a verdadeira responsável pela falta de condições humanas dos povos camponeses e pelo aumento de assassinatos de lideranças no campo.

Um racismo silencioso que é perceptível na forma como as empresas estão se instalando dentro de territórios historicamente ocupados.

Desta forma, faz-se necessário ressaltar que a maioria dos territórios, quilombos e comunidades quilombolas, vivem a base da opressão pelas empresas que vem a tempo se instalando de forma ilícita, ou seja, invadindo as áreas, pelo outro lado os grileiros ou fazendeiros adentrando ampliando a sua apropriação com suas cercas de arames isolando as populações, interditando os caminhos centenários que seriam a passagem livre de ir e vir dos povos. **É importante perceber, como a exploração e opressão vêm perpetuando-se no Município por meio da desvalorização e discriminação humana, principalmente quando se trata da cor da pele** (SILVA, 2017a, p. 43 – grifos nossos)

Assim,

As violações dos direitos humanos oprime e intimida o sujeito tornando-o invisível, incompetente, diante desta sociedade preconceituosa, discriminadora e subordinadora, que com seus atos opressores mata o sujeito de forma lenta e abusiva. **A morte e o lucro são os verdadeiros frutos deste estado capitalista que mata os pobres para dá vida aos ricos.** Desta forma, quem fica rico rouba o trabalho do outro, quem trabalha não fica rico (SILVA 2017a, p. 43, grifos nossos)

“A morte e o lucro são os verdadeiros frutos deste estado capitalista que mata os pobres para dá vida aos ricos”. Contra isso é que a insurgência e o sentimento de raiva florescem, contra essa violência, contra a morte dos povos e comunidades tradicionais.

Anacleta sentiu a luta do povo negro, expressa/inscrita no seu próprio corpo. Um exemplo foi a ocupação da Ferrovia que ocorreu em 2014, na qual os quilombolas tiveram que se amarrar nos trilhos e fazer greve de fome para poderem serem ouvidos pelo Estado.



Fotos 56: Manifestação feita sobre a ferrovia Carajás em setembro de 2014

Fonte: Acervo Santa Rosa dos Pretos

Durante essa ocupação⁹⁶, pessoas de 35 comunidades quilombolas do Maranhão estavam presentes totalizando um número de cerca de 500 pessoas que reivindicavam do governo Federal uma série de medidas que assegurem o direito aos territórios. Questionaram o processo de consulta em relação à duplicação da ferrovia e sua falta de transparência.

O quilombola Joércio Pires da Silva (2017b, p. 42), sobre esse momento destacou que,

O Tambor de Crioula é fortaleza que se ergue permanentemente na consolidação de espaços de autonomia. É música, é dança, é brincadeira, é pagamento de promessa, é comunicação, é luta. Joia lapidada em processos de resistência e de luta que se forjaram durante os fluxos de irmandades no sistema escravista, o tambor faz parte dos baús de “riquezas de Santa Rosa”. Como diz Libânio, “a gente tem história, a gente tem a cultura, não desprezou, não largou... morreram, apanharam, mas não largaram. Essa é a riqueza de Santa Rosa, porque também, se não fosse ela, com certeza, não estávamos aqui”. É arma poderosa nos processos de afirmação identitária e territorial. Presente em protestos, ocupações, fechamentos de ferrovias.



Foto 57: tambor de luta sobre a ferrovia Carajás Carajás em setembro de 2014
Fonte: Acervo Santa Rosa dos Pretos

⁹⁶ “De 23 a 27 de setembro de 2014, cerca de 500 moradores do Território Quilombola Santa Rosa dos Pretos encontravam-se às margens da ferrovia Carajás, na altura do km 81, junto de moradores dos territórios quilombolas vizinhos para reivindicarem seus direitos e demandas asseguradas por lei. Sabendo que a empresa VALE S.A “estava com os pés em cima dos processos” de titulação dos territórios das comunidades quilombolas, a manifestação tinha por objetivo chamar atenção do Governo Federal para o (não) andamento dos mesmos. Carregando faixas, cartazes e uma carta de reivindicações, o grupo iniciou a ocupação dos trilhos. Na carta, as demandas indicavam a morosidade dos processos, a falta de técnicos e da expedição de portarias e decretos, e colocava a exigência de transparência na Consulta Pública prevista no PBA-Vale” (JOÉRCIO PIRES DA SILVA, 2017b, p. 43-44).



Foto 58: tambor de luta sobre a ferrovia Carajás - Fonte: arquivo de Santa Rosa dos Pretos (2014)



Foto 59: tambor de promessa para São Benedito na Barreira Funda no território quilombola de Santa Rosa dos Pretos
Fonte: Dayanne Santos (20 de novembro de 2017).

Sobre o último dia de ocupação⁹⁷ na ferrovia, Joércio Pires da Silva (2017b, p. 50) disse que,

Lembro-me claramente das pessoas chorando ao verem e sentirem toda aquela força e energia ali presentes, tanto no espaço, quanto nas pessoas – ora era tambor de crioula, ora tambor de mina, ora dança do coco. Foram por volta de uns 50 minutos só de “apresentação” ou protesto. Em um determinado momento, todos pararam de cantar e levantaram as mãos pra cima, fez-se um silêncio por dois longos minutos, até que Anacleto puxou a música:

Eu sou roceiro, vivo de cavar o chão, as minhas mãos são calejadas meu senhor,

Me falta terra, falta casa e falta o pão, vivo bem longe do Brasil do lavrador

O meu país é do tamanho de um continente, mais não tem terra pra fazer o seu roçado

De norte a sul, do nascente ao poente, vivo a procura de um lugar pra fazer roça

Eu sou roceiro, vivo de cavar o chão, as minhas mãos são calejadas, meu senhor,

Me falta terra, falta casa e falta o pão, vivo bem longe do Brasil do lavrador

Só tenho enxada e o título de eleitor para votar no seu fulano educado

Que nada faz pelo pobre agricultor, que não tem terra pra fazer o seu roçado (Música cantada no protesto, 2014).

Assim, o tambor de crioula, segundo Joércio Pires da Silva (2017b), nas manifestações, assume a forma de tambor de luta. O tambor é uma forma de reescrita dos quilombolas, pois ao expressar o cotidiano da vida no território nos permite entender as dimensões e as filosofias que não são ditas ou escritas, mas sentidas.

O tambor de crioula, o Tambor de Mina, a dança do coco, a capoeira e muitos outros batuques de pretos são expressões de reescritas que permitem romper silêncios em prol das demandas sociais e dos valores democráticos que asseguram aos quilombolas o direito ao território e de se identificarem etnicamente.

Falar incorporado de si mesmo, é estar em um processo constante que provoque rupturas em formas hegemônicas, racistas e colonizadoras. Falar incorporado de si mesmo é saber que somos *Ubuntu*, ou seja, “sou quem sou porque somos todos nós”, em relação uns com os outros, pessoas, natureza, território e encantados.

Atravessados pelo progresso, questionamos a forma e onde as ferrovias, empresas, termelétricas, barragens e rodovias estão se instalando em terras como as de Santa Rosa dos Pretos, que já sofre com os vários impactos sociais e ambientais, inerentes aos empreendimentos que já estão sobre o território quilombola.

⁹⁷ Segundo Joércio Pires da Silva (2017b) uma das conquistas dessa ocupação foi a criação da Mesa Quilombola no INCRA composta por representantes das comunidades, representantes do governo, das entidades apoiadoras das comunidades e defensores dos direitos dos negros. A mesma se reúne de forma permanente para tentar fazer cumprir as reivindicações dos quilombos.

“No processo da duplicação da BR-135 aonde eles não estão aterrando os igarapés eles estão colocando tubos de concreto que vem a ser o mesmo que aterrar se analisarmos bem” (Libânio Pires, anotações do caderno de campo de abril de 2018).

O Programa Grande Carajás ainda é um problema para muitos povos e comunidades tradicionais. Como já dissemos anteriormente, a BR-135 que está em vias de duplicação do trecho que vai do município de Bacabeira a Miranda do Norte coloca em risco sete territórios quilombolas (Cariongo, Vila Fé em Deus, Santa Rosa dos Pretos, Colombo, Oiteiro, Pedreiras e Joaquim Maria) que hoje encontram-se em diálogo juntamente com uma equipe técnica composta por pessoas do GEDMMA, Centro de Cultura Negra, Comissão Pastoral da Terra, jornalistas do Jornal Vias de Fato a ONG e Artigo 19, a fim de abrirem espaços de falas para que se possa comunicar as irregularidades que vêm marcando o processo de duplicação da BR 135 no Maranhão.

A duplicação da rodovia que se apresenta em nome de melhoria para o povo é na verdade para facilitar e acelerar o transporte das mercadorias até o complexo portuário existente no município de São Luís/MA. O DNIT, um órgão do estado excluiu desde o início de todo o processo de duplicação da rodovia, um direito básico das comunidades, a Escuta. A Escuta é fruto das lutas sociais e é assegurada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT).

O tempo das comunidades não pode jamais ser o tempo das empreiteiras, das empresas, partidos políticos e muito menos o tempo do Estado. Tendo em vista que o projeto de duplicação da BR é parte dos projetos de morte, que desde o governo Sarney⁹⁸ continuam sendo executados no Maranhão.

Nesse sentido, Anacleto pontua que “Carajás é um problema aqui para Santa Rosa e essa BR está relacionada com Carajás, porque Carajás era o futuro e essa BR também é” (conversa informal realizada em novembro de 2017). Assim, depreendemos que o Programa Grande Carajás está em relação com projetos modernizadores que provocam a desincorporação da comunidade quando causam a perda das matas, dos igarapés/rios/córregos.

O corpo da terra é afetado, segundo o povo indígena Tupinambá da Aldeia Serra do Padeiro, Terra indígena Tupinambá de Olivença, no sul da Bahia no documentário

⁹⁸ Sobre esse período assistir o documentário “Maranhão 66” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hDRtFYjOtCY>. Acesso em: 04/02/2019.

“Tupinambá: o retorno da terra”⁹⁹, “ com a degradação ambiental do nosso território, nem o canto dos pássaros se ouvia mais, porque a mata vai sumindo e com a retomada e com a luta pela permanência no nosso lugar se conseguiu curar áreas que foram danificadas”. Assim, observamos que com o retorno das partes do corpo que compõem o território se tem novamente a força e ajuda das entidades e a possibilidade de continuar (re) existindo mesmo com os sangrentos e violentos projetos de morte. Porque, como é colocado no documentário por uma indígena, logo na abertura do filme, “terra não se troca, não se faz comércio com terra não, terra é pra viver é pra trabalhar, plantar e colher e viver bem nela”.

Com o retorno da terra, das matas se tem força para as pessoas das comunidades. Assim, sobre manifestar/lutar com ajuda das entidades, mãe Severina nos relatou que:

É grande, já foi grande, já foi arriscada pro pessoal que luta, muito arriscado. A gente reza todos os dias para que tudo dê certo, pra não ficar em vão porque se não desse certo não der certo será uma queda muito grande pra nós, porque enquanto eles estão lutando tem alguém criticando pra luta não dar certo. Então, eles tão lutando e a gente tá pedindo pra que nós vença e receba o título dessa terra... (entrevista realizada em 28 de junho de 2016).

Quando Severina destaca na citação acima que “a gente reza todos os dias para que tudo der certo”, observamos que a fé está presente não só no cotidiano das festas para os encantados e santos católicos, mas se manifesta no contexto de luta antes, durante e depois, porque se reza para pedir proteção, se age sobre a proteção dos santos e dos encantados e se agradece por essa proteção, respeitando o que os mais velhos dizem e principalmente o que os encantados orientam fazer.

A não titulação do território coloca em risco a existência das pessoas e consequentemente a própria existência do lugar. Segundo Severina a não titulação do território coloca em risco a existência das pessoas, das entidades e da natureza. Nesse contexto, observação uma série de relações de interesses e de poder que perpassa por aquilo que há de mais sagrado na comunidade que é o direito de existir e der ter reconhecido sua identidade étnica (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006).

⁹⁹ Reunindo depoimentos e imagens de arquivo, o documentário focaliza a luta dos Tupinambá da Serra do Padeiro (sul da Bahia, Brasil) pela recuperação de sua terra. Há dez anos os indígenas esperam a conclusão do processo demarcatório. Disponível em: < <https://vimeo.com/126566470> > Acesso em: 10/06/2018.

Quando perguntamos para mãe Severina se os encantados¹⁰⁰ se manifestam nesse momento de reivindicação, de cobrança, na luta pelo território ela nos respondeu que:

Se manifestam, não cobrando a nós seres humanos, nós que bota os joelhos no chão e bota as luzes pra eles, e nós pedimos pra eles, pra eles nos ajudar e ajudar o nosso povo que tão lutando. Então porque, nós não temos força quem tem força é Deus e Nossa Senhora e Deus e Nossa Senhora dá força pra eles, porque eles pra nós não tem que cobrar nada, nós que temos que colocar os nossos joelhos no chão carinhosamente, com fé em Deus, Nossa Senhora e eles, porque mais do que Deus não tem e abaixo de Deus os Guias, que são os espíritos de luz. Então, eles é que tem que... nós pedimos pra eles encarecidamente, com muito carinho, muito respeito, plantando os joelhos no chão, com a vossa luz divina e nós pede pra eles e eles vão e ajudam a gente (entrevista realizada em 28 de junho de 2016).

A relação das pessoas com os encantados é primeiro permeada por respeito e depois por laços de carinhos, que levam os encantados até se tornar padrinhos, compadres e pai das/os filhas/filhos das pessoas.

Segundo mãe Severina Santa Rosa é um lugar de encantaria, há quem não acredite, mas não pode dizer que não existe.

Não é de agora que os guias tão nessa luta com a gente, porque acredito eu cumpade Libânio que é mais velho, Binidito, Elias, cumade Ana...toda vez que eles vão pra essas lutas eles rezam para os nossos santos daqui: Divino Espírito Santo, Nossa Senhora da Conceição, Santa Barbara, São Sebastião, Santo Expedito, São Benedito que acompanhe eles e os guias. Eu tenho certeza que eles não esquecem os guias, porque sabe que existe principalmente aqui dentro do quilombo, eles sabem que existe, eles têm muita fé, nós temos muita fé em Deus, Nossa Senhora e os Santos do Céu e os Guias de Luz (entrevista realizada em 28 de junho de 2016).

Saber que os guias existem principalmente dentro do quilombo é ter ciência que os encantados visitam algumas pessoas em suas casas em dias comuns, que eles vigiam o território e informam em visitas (incorporados nos filhos e na mãe de santo) ou em sonhos sobre coisas que dizem respeito ao cuidado com a natureza. Que eles podem bater/punir as pessoas, você pode apanhar sem saber quem está te batendo, que eles lavam/costuram suas roupas de Mina e até fazem roça.

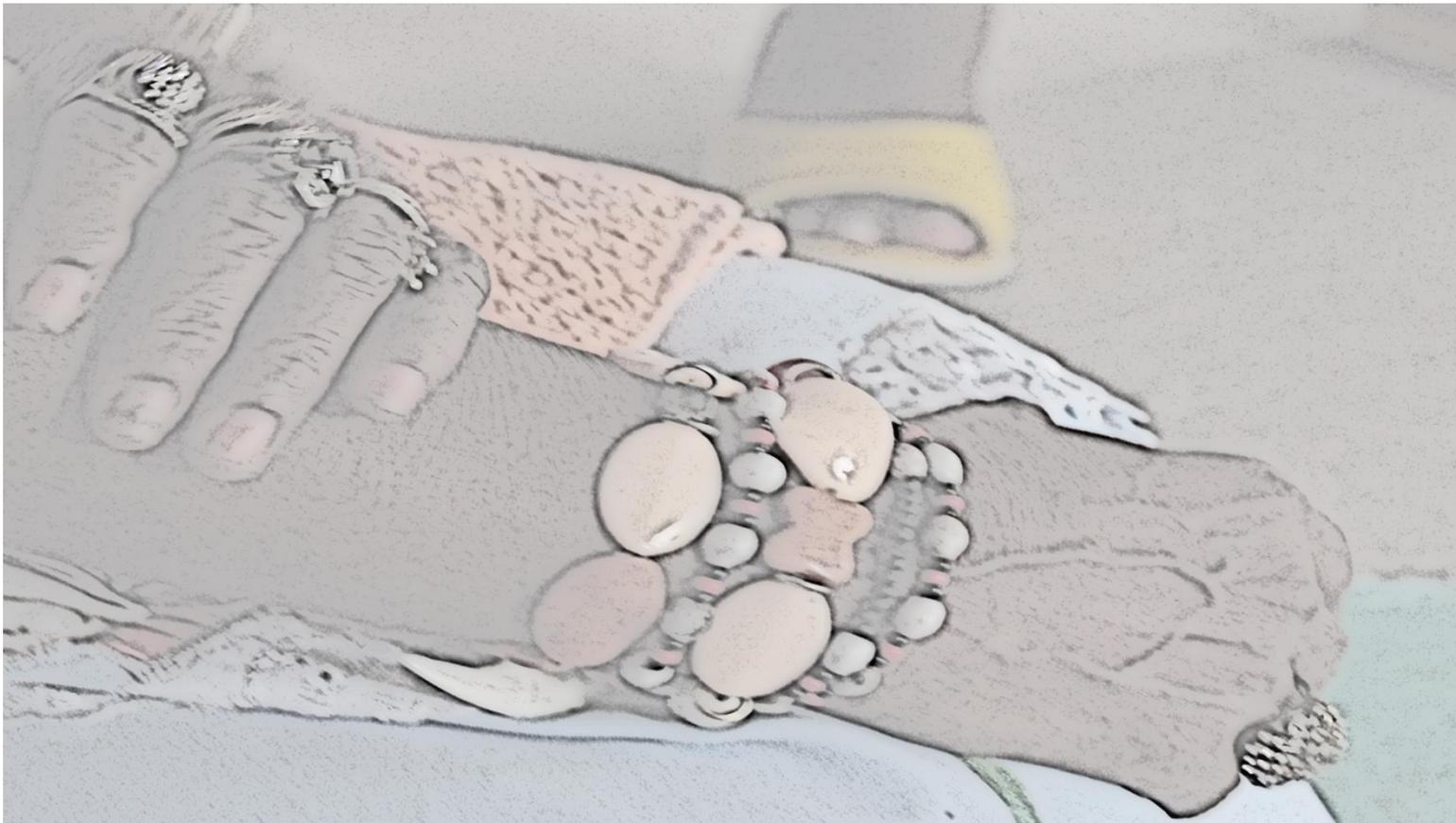
Uma doutrina cantada na Tenda que retrata muito essa relação das pessoas com os encantados é:

Andar no mundo sem rezar não é bom não (2x)
Ei mamãe Boa, bota seus filhos pra rezar (4x)

¹⁰⁰ Os guias são os Pajés, o povo de luz são os encantados.

A ééé caboclo quem manda no mundo é Deus (2x)
A ééé caboclo a dona daqui sou eu (2x).

Entendemos assim, que as pessoas da comunidade buscam orientações para agir tanto do aprendizado das relações com outras pessoas (principalmente com os mais velhos), como do respeito e obrigação para com os encantados (verdadeiros donos da terra). No quilombo se diz que a mãe que coloca desde pequeno seu filho/filha para rezar sabe que andar no mundo sem proteção de Deus, dos santos e dos encantados não é bom e lembra às crianças do respeito para com os mais velhos, para as coisas da Mina e do respeito para com o lugar/território.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos interrogamos qual o lugar da brasilidade na nação em meio a esse cenário de violência – queremos explorar uma perspectiva de questionar a nação que emerge das margens – particularmente experimentamos a matriz de pensamento das religiosidades afro-brasileiras (DOS ANJOS - aula conferida em 2016 ao programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UFMA).

Dos Anjos, na conferência da qual retiramos a citação acima, parte da figura do Preto Velho para mostrar como o Estado-nação vem se reconfigurando por meio da violência legítima e produzindo novos espaços de exceção, que deslocam para o fim da fila as pessoas que são colocados como subalternos no processo contínuo de modernidade/ colonialidade. Assim, dos Anjos nos provoca a entender esse quadro de violência que se expande no Brasil, por meio de um olhar crítico sobre as dimensões de natureza, sagrado e pessoa de modo a entendermos como a escravidão permanece na modernidade.

Nessa perspectiva, outras ontologias...

Acionamos Seu Libânio como um Preto Velho¹⁰¹ que, na experimentação do passado, desloca a contemporaneidade, fazendo entender dimensões de tempo nos espaços do território, revelando, assim, acontecimentos da escravidão no presente bem como as formas de violência da co-extensividade da modernidade/colonialidade do Estado-nação sobre agentes e a acontecimentos ontológicos múltiplos.

Durante uma entrevista realizada com Seu Libânio Pires, ele nos relatou que,

“O Itapecuru hoje está se tornando comercial, mas ele era cultural, era não, ele é cultural. Porque o Itapecuru é negro. Antes chamavam o Itapecuru de cidade de macaco e teve alguém que veio, tá com uns dias, me fazer uma procura aqui sobre a Casa da Cultura, hoje lá onde era a delegacia, rapaz! Aquilo ali pra mim eu desteto muito aquilo, que hoje é a Casa da Cultura, como que ali pode ser Casa da Cultura? Ali era uma prisão, ali teve tanta perversidade com os nossos irmãos (quilombolas) que dormiam e que foram mortos lá e esfregados no sal, ali é a “casa do sofrimento”. No Itapecuru, os negros de lá tinha negro que não tinha cabelo como o coronel Feliciano, Carlos Bezerra, Raimundo telegrafista, e outros mais negros que eram alfaiates, que eram os negros do Itapecuru e hoje não, o Itapecuru é comercial” (Entrevista concedida em 22 setembro de 2018).

Quando seu Libânio chama a “Casa da Cultura” do município de Itapecuru-Mirim de “casa do sofrimento”, ele nos permite questionar uma estrutura de violência e de racismo que é tão sutil que invisibiliza a dor dos negros no processo de construção da sociedade brasileira. Ele faz com que nos interroguemos sobre quem escolhe e como são escolhidos os lugares e os dias para se homenagear o povo negro. Tanto as ruínas de Alcântara – MA, como os velhos casarões de São Luís – MA eram moradas de senhores de escravos, locais de maus tratos. O que esses lugares e essas datas significam de fato para os negros/quilombolas e o que significa para o homem branco? Quem escolhe esses lugares? Como o grupo homenageado olha para esses lugares, o que sentem? Em algum momento esses grupos são consultados sobre quais lugares de fato os representam?

Acreditamos que lugares como os casarões, as ruínas e a Casa de Cultura de Itapecuru-Mirim são escolhidos por homens brancos e continuam, talvez sem se dar conta, reafirmando o lugar dos negros como escravos, presos a um passado que se faz presente nesses lugares.

¹⁰¹ “Quando um preto velho chega no terreiro parece que está vindo de longe e carrega as marcas da proximidade com o Estado de cativo – o passado pode não ser um tempo que se rememora na medida em que deixou efetivamente de ser, mas que possa ser um tempo presente e expressivo aos sofrimentos atuais, que os sofrimentos das minorias possam ser lidos como atualização do passado – a escravidão na perspectiva temporal do passado no presente e abre pistas para a centralidade da diferença da escravidão para a modernidade” (DOS ANJOS - aula conferida em 2016 ao programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UFMA).

A rememoração desses lugares traz de volta toda uma história de muita dor e sofrimento, que nega as outras formas de ser dessas pessoas, que podem existir sem que necessariamente se acione o tempo do cativo. Até que ponto a rememoração desses lugares não é uma exaltação ao processo colonizador que continua erguendo estatuas de homens brancos e preservando os lugares desses mesmos homens para homenagear o povo negro, com a finalidade de fazer com que a única possibilidade possível de existir enquanto quilombola/negro seja na rememoração desses lugares de opressão? Nos questionemos.

Seu Libânio nos ajuda a entender a persistência da opressão no presente. Ele também nos fornece elementos para ver um Itapecuru-Mirim povoado por negros que foram, em muitos lugares desse município, escravizados e tratados enquanto mercadorias. O Itapecuru cultural dessa narrativa mostra que, além dos negros escravizados, também tinham os negros libertos que exerciam ofícios como coronéis, alfaiates e telegrafistas que, assim como os escravizados, fomentavam a cultura e economia local.

É importante destacar que os quilombos já existiam muito antes do atual sistema de leis que, desde os anos de 1980 vem aprisionando territórios para “melhor” serem administrados/gestados pelo o Estado. Neste sentido, quilombolas são obrigados a comprovar as suas existências por meio do campo jurídico que, por sua vez é permeado por categorias jurídicas e relações de poder que exigem que eles comprovem o que são.

O campo jurídico brasileiro que se aciona nos processos de regularização de terras quilombolas/terras de negro é atravessado por relações de interesses e acordos multinacionais, que, com leis voltadas para a privatização de terras, faz uso da ideia de justiça para agir sobre os processos de negociações/mediações que determinam, limitam e oprimem as diferentes formas de ser quilombola. Ser quilombola no sistema capitalista é carregar as marcas da proximidade com o estado de cativo que insiste em se fazer presente no tempo atual.

“Os quilombos já existiam lá, agora só que era senzala. Mas, hoje eles não querem aparecer com essa nossa história. Por cade de quê? Porque os quilombolas não têm direito de nada pra eles (governantes do país), só tem direito de taca” (Seu Libânio Pires, entrevista concedida em 22 de setembro de 2018).

As terras dos negros, segundo seu Libânio, era até onde seus pés iam, até onde suas famílias iam se estabelecendo em núcleos familiares de parentes, nos quais juntos colocavam mais de 10 linhas de roça, tiravam baldes de coco babaçu, as mulheres

quando iam pescar e chegavam a pegar, de tanta fartura, os peixes nas barras das saias, sem contar a quantidade de animais de caça que se pegava para comer e de frutas que se tinham, antes as terras eram livres.

Agora eu não sei porque o sistema, as leis permitem que as terras, as terras dos quilombolas sejam vendidas, onde é minha terra?...Existe um tropeço de vida que está nas mãos dos fazendeiros, aqui não tinha um grau de arrame, no Itapecuru não se via uma perna de arrame, era uma coisa comunitária e hoje, depois de um certo tempo, mudou para arrendatária (Seu Libânio Pires, entrevista concedida em 22 de setembro de 2018).

Seu Libânio denuncia a forma violenta como as terras de preto foram e estão sendo tomadas no Maranhão, o grande número de desmatamento para a passagem e instalação de projetos de desenvolvimento econômico que, desde a década de 1980 impactam diretamente a vida de milhares de pessoas.

O Estado continua firmando acordos com empresas privadas nacionais e multinacionais. Esse processo, fornece possibilidades para o saque, mutilação, assassinato, expulsão e exploração tanto de pessoas como dos recursos naturais. A disputa por terra no Maranhão está atrelada a ideia desenvolvimento econômico que assegura a manutenção do “Estado-nação”.

Para Gil, liderança do quilombo Nazaré no município de Serrano do Maranhão, procurar uma religação dos territórios roubados pelos latifundiários é:

pensar a importância/proteção do território com a espiritualidade e não pensar a proteção somente por meio do Estado. A gente vem perdendo essa luta por conta que a gente tá esquecendo que é nas matas, nos nossos caboclos que está a nossa proteção, pois tudo tem seu dono, tudo tem proteção (anotações do caderno de campo feito durante o Encontro da Teia em 2018 na comunidade Sertaneja de Gostoso no interior do Maranhão).

Assim, pensar na proteção dos territórios tradicionalmente ocupados segundo os quilombolas de Santa Rosa dos Pretos e as demais comunidades que se encontram duas vezes ao ano no “Encontro da Teia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão”¹⁰², é romper com o Estado de uma vez por todas, porque a proteção dos povos/comunidades está na ligação com os encantados (na espiritualidade) no território que é sagrado, e não com o Estado.

Muitas comunidades estão perdendo isso, porque estão muito atadas como o Estado e quem sabe de nós somos nós, assim, a gente rompe e recupera a

¹⁰² “O ano de 2018 marca o sétimo ano de existência da Teia do Maranhão, que tem como base a luta pela manutenção dos princípios do Bem Viver, soberania alimentar e a preservação das mais diversas práticas culturais, que se manifestam de maneira ancestral” informações tiradas do: <https://cimi.org.br/2018/06/teia-de-povos-e-comunidades-tradicionais-do-ma-denuncia-empresas-durante-8a-edicao-do-encontro/>

nossa educação, porque nós é quem sabemos o que a gente quer e vamos para o embate pela defesa do nosso território¹⁰³.

É pensando os territórios como lugares dos quais os quilombolas nunca saíram, “lugares de religação” que a cerca do latifúndio não conseguiu tomar, que a encantaria dá forma tanto aos problemas ambientais quanto aos problemas da titulação das comunidades quilombolas.

A relação homem/natureza aparece como relação de coproteção, “porque quando se corta uma árvore é mesmo como se estivesse cortando um de nós” (LIBÂNIO PIRES, 2017), relação essa que nos permite entender que se as pessoas deixarem de proteger o território elas não conseguirão ter proteção para o seu próprio corpo.

O corpo quilombola e o corpo da terra estão intrinsicamente vinculados pelos encantados, porque é nas matas, árvores, folhas, águas, igarapés, rio, poços que eles estão e é nos tambores, nos cantos, doutrinas, nas festas, nas trocas, no cuidado/proteção das filhas/filhos, mães/pai de santo para com seus guias que eles se manifestam. Pois segundo seu Libânio, “o homem é natural, ele só existe na e da natureza”.

É assim que nesses últimos dois anos eu venho para o exercício da elaboração da dissertação me dedicando a entender o Tambor de Mina no território quilombola, com eles, principalmente observando, estando lá.

Apresentamos aqui uma das várias formas da encantaria, que não pode ser apreendida em seu todo, pois seus mistérios fazem parte do que os encantados/pajés são em contexto de Tambor de Mina. E é aí que a encantaria se fortalece e se reinventa para continuar reexistindo dentro de lugares sagrados, como é o caso do território quilombola de Santa Rosa dos Pretos, que hoje, mais do que nunca está sendo fatiado em nome de um ideal de inspiração europeia uropeu de desenvolvimento econômico, que traz para os territórios tradicionais projetos de morte (MBEMBE, 2011).

Ainda estamos junto com outros colegas somando com os estudos que levam para a academia, para a produção do conhecimento outras ontologias que emanam das relações entre quilombolas e encantados e que dão sentido à vida e a manutenção dessa relação no quilombo, nos territórios étnicos. A saber, o Tambor de Mina/a encantaria não podem ser facilmente quantificados, ou entendidos somente pelos meios racionais que a academia exige.

¹⁰³ Fala de Gil quilombola - Anotações do caderno de campo no dia 09 de junho de 2018 durante o VIII Encontro da Teia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão realizado na comunidade sertaneja de Gostoso em Aldeias Altas Caxias/Maranhão).

Essas questões nos fizeram pensar e nos questionar como ou quais foram as formas de sentir a Mina dos interlocutores, como foram construindo uma visão de mundo com forte orientação da religiosidade afro-brasileira, mas também de suas experiências cotidianas com a família, escola, trabalho, sexualidade e outras experiências que são embaladas por diferentes sentimentos, mas fazem parte do *sentir, ser ou pertencer* a um lugar ou grupo e que são marcas dinâmicas de múltiplas identidades do que somos.

O entendimento tanto dos conflitos ambientais como do território quilombola Santa Rosa dos Pretos e da encantaria, só foi possível por conta das conversas e das concepções que emanam das relações entre pessoas e encantados. O Tambor de Mina existe por causa da união e do compartilhamento de múltiplas experiências entre pessoas e pessoas – pessoas e encantados – encantados e encantados.

Assim, a encantaria é também um espaço de reivindicação de uma identidade e de direitos fundamentais, bem como lugares de encontros, troca e aprendizagem. É um lugar onde é possível reexistir enquanto pessoa individual e coletiva, porque as cercas do latifúndio não conseguiram chegar, mesmo com as ameaça constantes de projetos globalizantes que violentam múltiplas cidadanias quando negam o reconhecimento jurídico de territórios negros.

Pois,

A produção de uma invisibilidade para o sistema de direito torna possível a restauração do sistema colonial como um passado que insiste em se reencarnar nos corpos quilombolas, nas comunidades não brancas. Os projetos de desenvolvimento se apresentam para as minorias como uma sociedade do terror articulada a poderosos interesses de multinacionais com os poderes policiais do Estado passíveis de varrer as minorias dos mapas do desenvolvimento. O Estado, é apenas uma peça de onde se deflagra a violência física (DOS ANJOS - aula conferida em 2016 ao programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UFMA)¹.

Reexistir com eles...

Como no filme “Besouro¹⁰⁴”, tanto o mestre Alípio, como Besouro (guerreiro negro capoeirista) lutavam contra o sistema de opressão de sua época - com a ajuda de

¹⁰⁴ Filme disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NhrSIxqDSEw>

Em uma época na qual os negros ainda não tinham conquistado sua liberdade, embora formalmente fossem considerados livres, alguns ex-escravos encontraram um caminho para lutar pelos seus direitos, uma estranha coreografia que mesclava luta e dança, conhecida como Capoeira. É neste cenário que surge um dos heróis mais lendários do Brasil, **Besouro**. Nascido na Bahia, este símbolo do movimento negro logo se tornou um mito quando as pessoas, incapazes de explicar de outra forma suas constantes vitórias contra os policiais e as autoridades constituídas, passaram a atribuir este sucesso ao seu dom de voar. **Manoel Henrique Pereira** se transformou então no invencível **Besouro**. Informações disponíveis em: <https://www.infoescola.com/cinema/besouro-filme/>

Exu e dos encantados, e mesmo com a morte de Besouro, o ideal de liberdade permaneceu. O território quilombola é regado com sangue dos antepassados que também resistiram a um sistema escravista, às torturas e às chibatas. A possibilidade de reexistir está no sangue derramado, na terra com as entidades e no corpo negro incorporado por pessoas e pelos encantados.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Marilande Martins. **Um olhar sobre a tradição**: relacionando campo religioso e campo intelectual. São Luís: EDUFMA, 2009.
- ACSELRAD, Henri (Org.). **Conflitos ambientais no Brasil**. Rio de Janeiro: RelumeDumará: Fundação Heinrich Böll, 2004.
- ACSELRALD, Henri (Org.). **Cartografia Social, terra e território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2013.
- AHLERT, Martina. **Cidade Relicário**: uma etnografia sobre o terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão). Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Universidade de Brasília, 2013.
- Alfredo Wagner Berno de. et al. (Orgs). **Capitalismo Globalizado e recursos territoriais**. Rio de Janeiro: Lamparina: 2010.
- ALMEIDA, Alfredo W. B. de. Os quilombos e as Novas Etnias. In: O'DWYER, ElianeCantarino [Org.] **Quilombo**: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: EdFGV, 2002.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner. [Org.]. **Terras de preto no Maranhão**: quebrando o mito do isolamento. São Luís: Projeto Vida de Negro/CCN-MA, 2002.
- ASSUNÇÃO, Matthias R. Quilombos maranhenses. In: REIS, João José & GOMES, Flávio dos. [Orgs.]. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BARTH, Fredrik. Etnicidade e o Conceito de Cultura. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política*. — n. 1 (2. sem. 95). Trad. por: Paul Gabriel Hiul da Rocha Pinto. Niterói: EdUFF, 1995.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Tratado de sociologia do conhecimento. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis, Vozes, 2004. Cap. II e III.
- BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Trad. de Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Loriatti; Marcelo Macca. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. 11^a. ed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2007.

BOYER. Véronique. O PAJÉ E O CABOCLO: de homem a entidade. **Revista MANA** 5(1):29-56, 1999.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 6.040**, de 07 de fevereiro de 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm>. Acesso em: 17 fev. 2007.

BRUSTOLIN, Cíndia; DOS ANJOS, José Carlos Gomes; SANTOS, Dayanne da Silva. Um corredor para exportações: o território de Santa Rosa dos Pretos nas v(e)ias abertas da mineração. SANT'ANA JÚNIOR, Horácio Antunes de; TEISSERENC, Maria José da Silva Aquino; BRUSTOLIN, Cíndia. (Orgs.) **Desenvolvimento em questão: projetos desenvolvimentistas, resistências e conflitos socioambientais**. São Luís: EDUFMA, 2018.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** Trad. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão; Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 2015.

CARVALHO, Benedito. “De que Família você é?” A “família Cearense”: distinção, símbolos e poder. *Revista de Ciências Sociais* V.30 N. ½. 1999.

CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8^a ed.. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

DOS ANJOS, José Carlos Gomes. A filosofia política da religiosidade afro-brasileira como patrimônio cultural africano. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 9, n. 13, p. 77-96, jan. /jun. 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/Gedmma_02/Desktop/5248-16687-1-PB.pdf> Acesso em: 02/12/2015.

DOS ANJOS, José Carlos Gomes. **No território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Fundação Cultural Palmares, 2006.

ESCOBAR, Arturo. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?. In: Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciencias sociais. Perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. LANDER, Edgardo. 2005. pp.133-168.

ESCOBAR, Arturo. **Senti pensar com la tierra: Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia**. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014.

ESTEVA, Gustavo. Desenvolvimento. In: SACHS, Wolfgang (editor). **Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder**. Trad. Vera Lúcia M

JOSCELYNE, Susana de GYALOKAY e Jaime E. CLASEN. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 59-83.

FERREIRA, Euclides Menezes. **ITAN de dois Terreiros Nagô**. São Luís: Casa Fanti-Ashanti, 2008.

FERREIRA, Euclides Menezes. **Tambor de Mina em Conserva**. São Luís: Casa Fanti-Ashanti, 1997.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **Maranhão encantado**: Encantaria maranhense e outras histórias. São Luís: UEMA Editora, 2000.

FERRETTI, Mundicarmo. As religiões afro-brasileiras no Maranhão. São Luís: **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, nº22, 2002.

FERRETTI, Mundicarmo. Lugares sagrados e encantarias maranhenses. Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, nº 40, junho 2008, pp. 3-4.

FERRETTI, Mundicarmo. **Maranhão Encantado**: encantaria maranhense e outras histórias. São Luís: UEMA Editora, 2000.

FERRETTI, Mundicarmo. O cabloco do Tambor de Mina e no processo de mudança de um terreiro de São Luís: a Casa Fanti-ashanti. São Paulo:USP,1991. Tese de Doutorado.

FERRETTI, Mundicarmo. Repensando o turco no Tambor de Mina. **Afro-Ásia**, Salvador, CEAO/UFBA, n.15, abr. p. 56-70, 1992. Apresentado originalmente no CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE ESCRAVIDÃO, São Paulo, USP-FFLCH, jun. 1988.

FERRETTI, Mundicarmo. **Terra de Caboclo**. São Luís: SEC-MA, 1994.

FERRETTI, Mundicarmo. **Terra de Caboclo**. São Luís: SEC-MA. 199.

FERRETTI, Sérgio. **Querebentã de Zomadônu**. 3ª ed. São Luís: EDUFMA, 2009.

FERRETTI, Sérgio. **Repensando o sincretismo**. São Paulo: EDUSP; São Luís: EDUFMA, 1995.

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso não é um caso**: pesquisa etnográfica e educação. Caxambu: XXI Reunião Anual da ANPEd, 1998. Disponível em: < https://poars1982.files.wordpress.com/2008/03/rbde10_06_claudia_fonseca.pdf > Acesso em 27/04/2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio São Paulo: LOYOLA, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978.

GOLDMAN, Marcio. “Quinhentos anos de contato”: por uma teoria etnográfica da (contra) Mestiçagem. **Mana** 21 (3), 2015. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/mana/v21n3/0104-9313-mana-21-03-00641.pdf> > Acesso em 27/04/2017.

GOLDMAN, MARCIO. Contradiscursos Afroindígenas sobre Mistura, Sincretismo e mestiçagem Estudos Etnográficos. **Revista de Antropologia da UFSCAR**. 2017. pp 11-28. Disponível em: < http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2017/12/introdu%C3%A7%C3%A3o_dossi%C3%AA.pdf > Acesso em: 13/02/2019.

GOLDMAN, MARCIO. Os Tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, 2003. V. 46 n° 2. (p. 445-476).

GONZÁLEZ, Ricardo Trujillo. **Território quilombola Santa Rosa dos Pretos: a produção do comum às margens do desenvolvimento**. São Luís: DESOC/ UFMA, 2016. Dissertação de mestrado. Mimeo.

GUDYNAS, Eduardo. Extractivismo em América del Sur y sus efectos derrame. La **Revista, Boletín da Sociedad Suiza Americanistas**. 76: 13-23; 2015.

LENOIR, Remi. “Objeto sociológico e problema social”. In: Champagne, Patrick (org). **Iniciação à prática sociológica**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1989. pp.59-105.

LENOIR, Remi. “Objeto sociológico e problema social”. In: CHAMPAGNE, Patrick (org). **Iniciação à prática sociológica**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1989, pp.59-105.

LUCCHESI, Fernanda. **Relatório Antropológico de identificação de Santa Rosa, Itapecuru-Mirim, MA**. São Luís, 2008. Mimeo.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica seguido de El gobierno privado indirecto**. Madrid: Melusina, 2011.

MIGNOLO, W. **Historias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MONTEIRO, PABLO GABRIEL PINTO. **ENCANTARIA, PAJELANÇA E PRÁTICA DE PARTO: A trajetória de Benedita Cadete**. São Luís. 2016. Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão.

MOURA, Glória. **Batuque no quilombo**. Brasília: FUNTEVÊ, 1988. Nascentes Negras da Música Brasileira – vídeo

MUNIZ, L.M; SANT’ANA JÚNIOR, H. A. Desenvolvimento sustentável: uma discussão crítica sobre a proposta de busca da sustentabilidade global. In: SANT’ANA JÚNIOR, H. A; PEREIRA, M. J. F; ALVES, E. J. P; PEREIRA, C. R. A (Orgs.). **Ecoss dos conflitos socioambientais: a RESEX de Tauá-Mirim**. São Luís: EDUFMA, 2009. pp. 255-274.

O’DWYER, Eliane Cantarino. Os quilombos e as fronteiras da antropologia. **Revista antropológica**, n°, 2005.

PEREIRA, Hellen Jacqueline Pires Belfort. **Biografia de Vó Severina**. Itapecuru-Mirim/MA. 2017. Manuscrito.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PORANTIM: Em defesa da causa indígena. Brasília – DF: Qualyta, maio de 2017, XXXVIII.

Relatório 2013-2016. **Teia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão**. Ford Foundation.

SACHS, Wolfgang (editor). **Dicionário do desenvolvimento**: guia para o conhecimento como poder. Trad. Vera Lúcia M JOSCELYNE, Susana de GYALOKAY e Jaime A. CLASEN. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SANTOS, Dayanne da Silva. **Se o Território não está livre nós também não estamos: processo de titulação e formas de resistências em Santa Rosa dos Pretos – MA**. São Luís/MA, UFMA, 2017. Monografia de Graduação do Curso de Ciências Sociais.

SANTOS, Dayanne da Silva; RODRIGUES, Anne Caroline Cunha. Caminhos e Estradas: processos de territorialização e conflitos socioambientais em Santa Rosa dos Pretos/ MA. Disponível em: <http://www.30rba.abant.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=421> Acesso em: 30/01/2017.

SANTOS, Dayanne da Silva; RODRIGUES, Anne Carolinne Cunha; BRUSTOLIN, C. Filhos de Santa Rosa: resistências e estratégias de luta na afirmação de direitos territoriais no quilombo Santa Rosa dos Pretos/MA. In: **Encontro Comemorativo dos 30 anos do NEAB/UFMA / IV Encontro Nacional do CONNEABS / II Jornada Internacional de Ciências Sociais**. Diálogos Diaspóricos: Diversidade e Identidade? 2015, São Luís/MA. EDUFMA, 2015.

SANTOS, Dayanne da Silva; SANTANA JUNIOR, Horácio Antunes de. **Se papai sai daqui, pra onde eu vou?** Projetos desenvolvimentistas, deslocamentos compulsórios e conflitos territoriais em São Luís/MA. 2016. In: LIMA, Rosirene Martins; SHIRAISHI

NETO, Joaquim; SOUZA FILHO, Benedito (Orgs.). **Dinâmicas Territorias e Conflitos Socioambientais**. São Luís: EDUEMA, 2017. pp. 54-72.

SANTOS, Milton. **Território, territórios: ensaio sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

SILVA, Anacleto Pires da. **Resistência e trajetória de luta pela regularização fundiária do Território Quilombola Santa Rosa dos Pretos**. Bacabal/MA, UFMA, 2017a. Monografia de Graduação do curso de licenciatura em pedagogia da terra pelo organizado pelo PRONERA.

SILVA, Joécio Pires da. **TAMBOR NÃO É SÓ TRADIÇÃO, É TAMBÉM FORÇA E RESISTÊNCIA: O Tambor de Crioula no Território Quilombola Santa Rosa dos Pretos**. Bacabal/MA, UFMA, 2017b. Monografia de Graduação do curso de licenciatura em pedagogia da terra pelo organizado pelo PRONERA.

SILVA, Josicléa Pires da. **A RIQUEZA E A POBREZA AO LONGO DO CORREDOR CARAJÁS: os impactos dos projetos de mineração nos territórios quilombola Santa Rosa dos Pretos e Monge-Belo**. Bacabal/MA, UFMA, 2017c. Monografia de Graduação do curso de licenciatura em pedagogia da terra pelo organizado pelo PRONERA.

SOUZA FILHO, Benedito. **Os Pretos de Bom Sucesso: terra de preto, terra de Santo, terra comum**. São Luís: EDUFMA, 2008.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar**. Trad. de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ZHOURI, Andréa; LASCHEFSKI, Klemens; PEREIRA, Doralice Barros (Orgs.). **A insustentável leveza da política ambiental – desenvolvimento e conflitos socioambientais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Documentários

- *A Cor da Cultura em:* <http://www.acordacultura.org.br/>
- *Coleção História Geral da África em:* <http://www.dominiopublico.gov.br>.
- O mundo preto tem mais vida - <https://www.facebook.com/fundobrasil/videos/o-mundo-preto-tem-mais-vida/2203987106340840/>
- *Os guardiões de Santa Rosa* (Canal Futura) em: <https://www.youtube.com/watch?v=16n4h9R09fA>
- Terra de quilombo: uma dívida histórica em: <https://www.youtube.com/watch?v=63ys-OqFDEE>

ARQUIVO FOTOGRÁFICO

Fotos: Maria Padilha – Seu Lourenço Légua e Lita – Seu Cearense e Lita



Fotos: Banzeiro Grande – Seu.Tabajara e Elizalda – encantada dona Zumira



Fotos: Seu João Cigano – terreiro de mãe Luzia (Rosário/MA) – mãe Luzia e seu Pedro Légua (setembro de 2018)



Fotos: seu Pedro Légua – noite da festa de seu Pedro – mãe Luzia e Fabíola (filha de seu Pedro) – setembro de 2018



Fotos: Seu João Guará - Menina do Maracujá – Raimundo Légua



Fotos: mesa de São Lázaro (fevereiro de 2018)



Foto: caboclo Tupinambá – Edinael (Seu Mineirinho)



Foto: 25/08/2018 abertura da festa de seu Cearense



Fotos: Mãe Marinete (Barreira Funda) – abateiro e filho de santo Gaga



Foto: Terreiro de mãe Marinete (dono seu Manezinho)



Foto: Mãe Maria e Anacleto



Foto: amanhecendo com caboclos no quintal da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes



Foto: A fila no bolo na festa de Mina



Foto: São Benedito da casa do forno de Santa Rita



Foto: dona Maria



Foto:



Foto: Seu Diquinho segurando a bandeira de São Benedito na festa de seu Cearense em agosto de 2018



Foto: Dona Tereza Légua

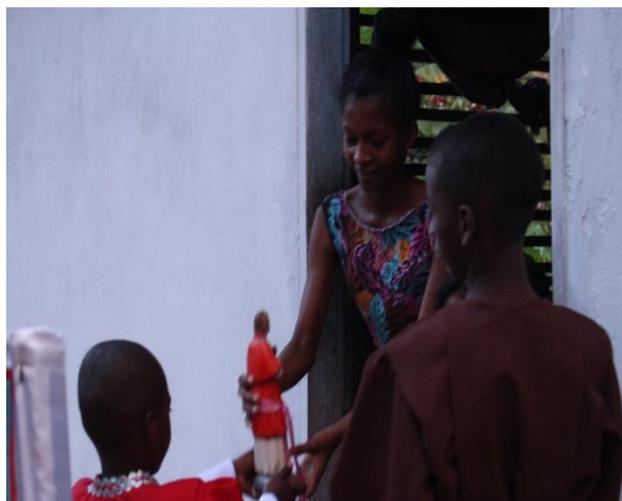




Foto: Seu Libânio – Ribamar e Dona Severina



Foto: Seu Juvêncio e seu Lusitano



Fotos: Anacleta e São Benedito e São Francisco - A visita dos santos nas casas durante a festa de seu Cearense em agosto de 2018



Fotos: Dona Francisca – Maria Luiza (Pixita) - os homens (abatazeiros) tocando de cantando no tambor de crioula na festa de seu Cearense em agosto de 2018



Foto: A Matinha



Foto: Entrevista realizada no fundo do quintal de dona Anacleta com DPU, lideranças do quilombo e pesquisadores em setembro de 2018.



Foto: Felipe neto de abatazeiro neto de dona Marisinha



Foto: manhã da festa de João Guará em fevereiro de 2019.



Foto: Yuri e seu Mineirinho



Foto: Walison, Juliana e Yuri na festa de seu João Guará em fevereiro de 2019.



Foto: Aparecida e seu Mineirinho



Foto: Família Pires – Leleco, Anacleta, Jorge, Josiane, Yandro e Zica



Foto: Mãe de santo dona Maria Baixinha



Foto: mãe de santo Maria de Felício com a coroa do Divino Espírito Santo nas mãos



Foto: Festa do Divino Espírito Santo em santa Rosa dos Pretos em novembro de 2018



Foto: seu Lourenço Légua



Foto: seu João Cigano